

ELIZABETH BEZERRA

VINGANÇA *dourada*

LIVRO I
NOS BRAÇOS DA MÁFIA



bezz
EDITORIA



VINGANÇA *dourada*

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 1

VINGANÇA *dourada*

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 1

ELIZABETH BEZERRA
Autora da Série New York e O Agente

Copyright © 2018 Elizabeth Bezerra
Copyright © 2018 Editora Bezz

Título: *Vingança Dourada*

Revisão: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação das autoras. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito das autoras.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Disclaimer](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Nota da Autora](#)

[Sinopse](#)

[Nota](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Nota](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

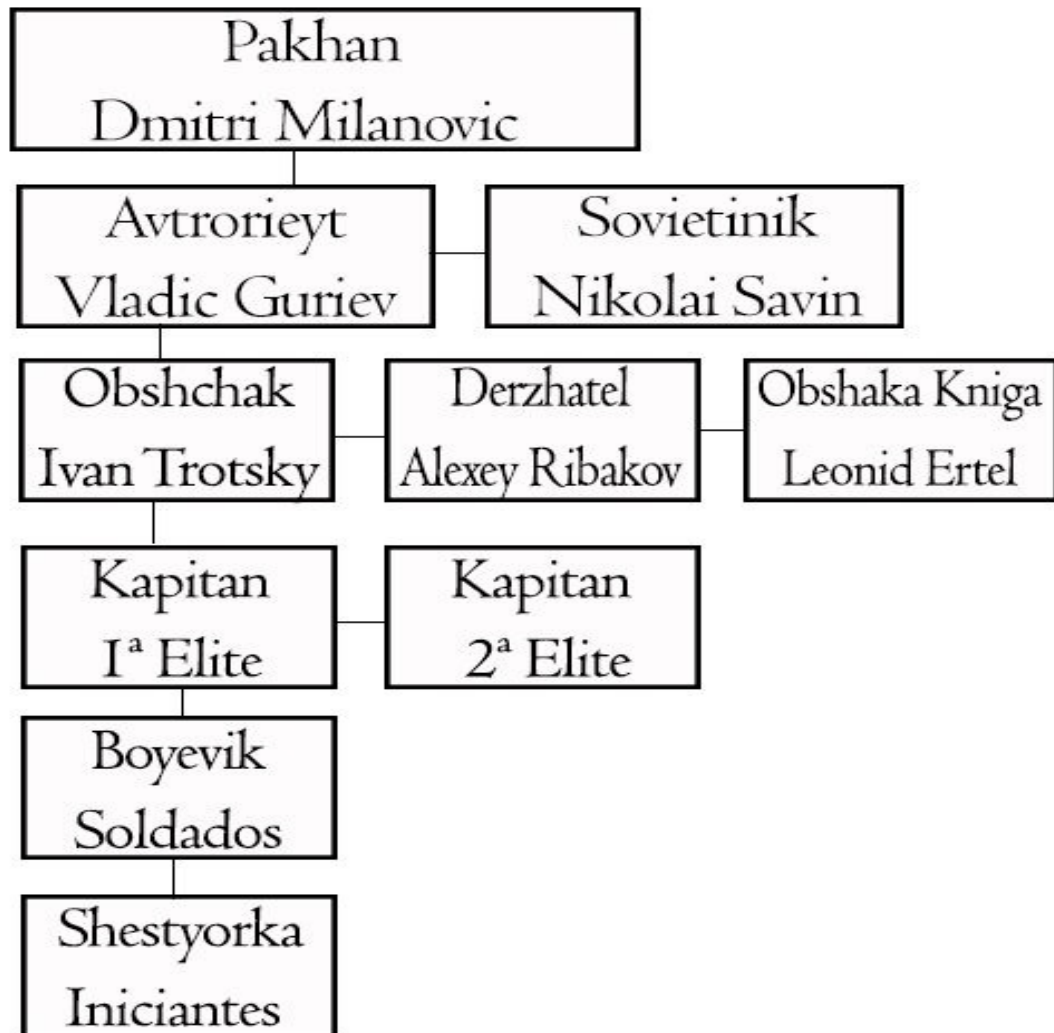
Disclaimer

Está é uma obra de ficção apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, verbal e linguajar indevido. Indicado para maiores de 18 anos.

Como a história se passa na Rússia, o significado das palavras estrangeiras encontram-se num glossário oferecido no início do livro.

Sobre *trademark* TM, a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-las pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Personagens e sua ordem de importância



As famílias importantes no livro:

Milanovic

Mikhail Milanovic - Otets
Nathasha Milanovic - Mat'
Dmitri Milanovic - Sinochek

Guriev

Vera Guriev - Mat'
Vladic Guriev - Sinochek

Kamanev

Fjodor Kamanev - Otets
Olenka Kamanev - Mat'
Boris Kamanev - Sinochek
Sonya Kamanev - Doch

Smirnov

Aslan Smirnov - Otets
Lara Smirnov - Mat'
Kyara Smirnov - Doch

Glossário

Otets: Pai.

Mat': Mãe.

Beret: Boina.

Blagadaryú: Agradeço.

Daragáya: Querida.

Mílaya: Querida (sentido romântico).

Bratstvo prezhde vsego: *A Irmandade acima de tudo* (Juramento e lema da irmandade)

Kheruvim: querubim

Suka: Cadela (**suki:** cadelas)

Zavtrak: Café da manhã.

Ne: Não

Da: Sim

Sinochek: Filho.

Doch: Filha.

Bolotnik: Uma besta imunda que vive no pântano, disfarçada de monte, devorando suas vítimas.

Svolach: Idiota.

Vot eto pizdets: *Que droga!*

Pizdets: *Droga!*

Idi na hui: *Vá se foder!*

Mudak: Homem que se comporta de forma imprudente

Gandon: A palavra é usada em referência a uma pessoa desagradável, mas é bastante vulgar, pode ser usada como nome de rua para preservativos.

Zhizn 'ebet meya: *A vida está fodendo comigo.*

Ye-bat: *Porra!*

Suchka: Cadela, ou uma forma carinhosa das mulheres se xingarem tipo: Sua cretina. A palavra é mais usada entre as mulheres.

Gavno: *Merda!*

Pakhan: Chefe/Papa

Avtoriyet: Segundo em comando.

Sovietinik: Conselheiro

Derzhatel: Apoio

Obshchak: Grupo de segurança.

Obschaka kniga: secretário/livreiro.

Boyevik: Guerreiros/soldados

Shestyorka: iniciantes/associados

Pidoras: gay

Kisca: gatinha

Sirniki: sobremesa, a massa pode ser frita ou assada, recheada com queijo cottage.

Chak-chak: É feito com massa de farinha de trigo e ovos crus em forma de palitos e bolas. Os chak-chaks prontos são colocados em um prato e regados com um xarope quente feito à base de mel.

Bili: um tipo de massa de panqueca.

A Irmandade acima de tudo



Capítulo 1

Dmitri Milanovic

Moscou, Rússia

Preto. Branco. Cinza.

Era final do inverno e não apenas por estarmos saindo de uma estação fria que essas cores davam o tom ao meu dia hoje. Eu via o preto nos ternos caros dos homens que seguiam a procissão, nos vestidos de suas mulheres, nos carros elegantes que iam parando em fila no cemitério, no caixão agora lacrado, sendo conduzido ao meu lado. Via o branco nas camisas engomadas, nos lençinhos colhendo as lágrimas que as damas levavam ao rosto, nas flores nos túmulos por onde passávamos. O cinza estava no céu cada vez mais escuro e nublado. Nas folhas secas e mortas, formando um tapete no chão. O cinza estava no sentimento que carregava dentro de mim, na despedida. No adeus ao Pakhan que por cinquenta anos, manteve nossa Bratva forte, segura, protegida e próspera, e que agora cabia a mim, como seu filho, continuar o legado.

— Estamos aqui esta tarde para... — o cerimonialista iniciou as homenagens finais, mas meus pensamentos estavam bem longe de suas palavras.

Estava em duas noites atrás, quando visitei o quarto do meu pai, após uma indisposição que o levou para a cama depois do jantar. Na presença do seu *sovietinik*, de um lado de sua cama, e do médico da família na cabeceira, tive a impactante notícia que ele se encontrava fraco demais para resistir até o clarear do dia. Então, ajoelhei do outro lado de sua cama e com sua mão fraca e envelhecida agarrada à minha, recebi seu anel e fiz meu juramento como novo *Pakhan*.

“Bratstvo prezhde vsego.” A irmandade acima de tudo.

Esse era o nosso lema. Essa era a minha vida. O meu destino.

Só que diferente de uma pessoa comum, viver o luto não era uma opção para mim. Não era mais o príncipe herdeiro em treinamento, sendo preparado com exaustão, agora eu era o imperador.

Ouvi o homem finalizar, e como as pessoas em volta de mim, eu repeti as últimas palavras dele: — Que assim seja.

Pouco a pouco as pessoas foram saindo, suspiros foram diminuindo,

murmúrios cessaram, o silêncio e os seguranças em torno de mim e às minhas costas tornaram-se minha única companhia diante do mausoléu que agora abrigava os meus pais.

“Finalmente juntos”, dizia a lápide que ele mandou fazer assim que os equipamentos que mantiveram minha mãe viva por meses, após ela ter sofrido um acidente de carro quando eu tinha vinte e oito anos, foram desligados. Ela esteve guardada todo esse tempo, esperando o momento em que eles estariam juntos pela eternidade.

Mikhail Milanovic foi um *Pakhan* de pulso firme, inteligente e admirável, um marido íntegro e um bom pai. Ele foi um homem honrado tanto na Bratva como no seu lar. Era meu dever seguir seus passos. E como que para cingir a profundidade desses últimos pensamentos, um raio riscou o céu, iluminando-o forte, gotas de chuva reforçaram a umidade em meu rosto.

— *Pakhan*? — um guarda-chuva foi aberto sobre minha cabeça e Vladic se colocou ao meu lado.

Vladic Guriev. Nós crescemos juntos, fomos treinados juntos e temos um laço forte de confiança, respeito e amizade. Agora ele era meu *avtoriyet*, o que faria as minhas ordens serem cumpridas e executadas. Ele também teria o poder de comandar tudo, sempre que houver a necessidade de eu me ausentar. E eu era agora o seu *Pakhan*. O chefe de tudo.

— Não é seguro ficar muito tempo — alertou ele em um tom firme, mas respeitoso.

Havia um esquema rígido de segurança para me manter protegido e homens dispostos a entregar a vida para assegurar a minha, mas ficar em um local aberto me transformava em um alvo fácil para que atiradores acertassem em cheio o centro de minha testa. Como novo *Pakhan*, podia ser tanto grandiosamente amado quanto odiado.

— Nós já podemos ir, Vladic.

Uma limusine negra me aguardava na rua quando saímos do cemitério. Não era o carro que gostava de usar. Normalmente usaria o *Lada Kalina*, mas correr por aí com um carro esportivo não era algo que poderia continuar a fazer quando quisesse. Além disso, era preciso que me portasse como a ocasião exigia.

— Como andam os preparativos para amanhã à noite? — perguntei a Vladic assim que entramos no carro.

— Nikolai garantiu que está tudo seguindo como o planejado — disse ele, buscando algo dentro do bar.

Nikolai Savin foi por anos o *sovietinik*, o conselheiro, do meu pai, agora eu quem contaria com seus serviços e lealdade. Tinha muita experiência e seus conselhos seriam tratados com respeito, como seriam bem-vindos de acordo com a necessidade, mas ao colocar no dedo o anel com nosso símbolo, as estrelas de quatro pontas, sobrepostas, bicolores em alvinegro, eu deixei bem claro que tinha minhas próprias ideias de como governar.

— Todos os *kapitany* foram convocados para a cerimônia de juramento — ele me entregou uma dose de vodka, servindo-se em seguida — Nikolai partiu mais cedo para acertar os últimos detalhes.

Toda Bratva sabia que por direito eu assumiria o papel de *Pakhan*, mas só estaria consolidado quando cada *kapitan* de Primeira e Segunda elites fizessem o juramento para mim no dia seguinte. Por hoje, lamentariam e dariam o devido respeito à morte de meu pai.

— E o que o chefe *obshchak* averiguou até o momento?

— Ivan garante que tudo continua sobre controle — respondeu ele — Todos sabem que passou anos se preparando. O posto é seu por direito e merecimento.

O que ele dizia fazia sentido racionalmente. Mas tudo estava calmo demais. Quando a coroa é passada para frente, sempre há alguns insatisfeitos e com filosofias próprias. O dever de meu *obschaka* é observar a ação dos *kapitany* de primeira e segunda elites, garantir sua lealdade e que nenhum se tornasse poderoso demais.

— Diga para que continuem a observar.

— Como quiser, Dmitri — ele reabasteceu minha dose de vodka, servindo-se um pouco mais em seguida.

Em público, sob os olhares atentos de todos, eu sempre serei seu *Pakhan*, mas nos momentos como este, que poderíamos ser apenas nós mesmos, éramos apenas Dmitri e Vladic, os garotos que cresceram juntos e se tornaram homens com grandes responsabilidades caindo sobre seus ombros.

— *Bratstvo* — disse Vladic erguendo o copo.

— *Prezhde vsego* — ergui o meu.

Tudo hoje foi branco, cinza e preto. Mas sei que em breve a cor que mais verei, a cor que mais apreciávamos ver, seria o vermelho.

Sangue.

Capítulo 2

Kyara Smirnov

Já fazia mais de quatro horas que Sonya tinha escapado pela janela do meu quarto para ir ao seu encontro furtivo e romântico. E ela tinha jurado que não levaria mais do que duas horas para ir e voltar. Eu já deveria saber que quando se tratava de Gregori Pavlov, ela nunca conseguia manter a palavra por muito tempo. Sonya sempre me colocava em confusão desde que éramos criança. Eu era mais do que ingênua por ainda acreditar nela. Era muito burra.

Então, depois de passar os últimos vinte minutos andando em círculo pelo quarto, decidi buscar algo no bar que havia no escritório na esperança de que pudesse me acalmar. Se nós duas fôssemos levar uma surra do *otets* Fjodor Kamanev, quando ele e Boris retornassem do enterro de *Pakhan* Milanovic, que pelo menos meu corpo estivesse anestesiado.

Andei pelo corredor vazio e caminhei rapidamente até a escada. Desci cautelosamente por ela, não queria encontrar algum empregado circulando, tampouco, esbarrar com Boris caso retornasse em breve.

Cresci com Sonya e Boris e fui criada por seus pais, Fjodor e Olenka Kamanev, enquanto ela esteve viva, já que meus pais foram executados por engano ao saírem de visita realizada ao casal. A casa dos Kamanev foi atacada quando eu tinha oito anos. Fui a única sobrevivente porque meu amado pai me protegeu com seu corpo dentro do carro. Eles não mereciam morrer assim. Nunca tiveram nada com a máfia. Minha mãe era pediatra e meu pai, engenheiro. A única coisa que os ligava à família Kamanev era uma amizade antiga.

E nos anos seguintes, que cresci observando como esse mundo da máfia girava, aprendi algo muito importante: você não pode estar nos dois lados. Estava dentro ou fora da Bratva. A indecisão poderia custar sua vida. Por isso que, após completar meus 21 anos e receber o dinheiro que meus pais deixaram para mim, iria embora de Moscou. Iria para a Inglaterra ou quem sabe a França. Teria uma casa pequena, mas confortável. Talvez me tornasse professora e, o mais importante de tudo, seria dona da minha vida.

Já tinha falado com *otets* Kamanev há algumas semanas, e embora ele tivesse me criado como sua filha, sabia que meus pais gostariam que eu tivesse o direito de escolha. Pela memória deles ou pelos sentimentos que sempre os

ligaram, ele tinha prometido pensar em considerar meu pedido de ir embora, quando, na verdade, esperava me ver casada em breve com algum *kapitan* de Primeira Elite. Os Kamanev eram de Segunda Elite e somente pelo casamento conseguiriam mudar sua hierarquia. E isso acontecia muito nesse meio, casamentos eram tratados como negócios. E era tudo o que eu não queria, um casamento Bratva, para isso havia Sonya e Boris. Eu nem mesmo levava o nome Kamanev.

Estava tão perdida nesses pensamentos que só me dei conta que a porta do escritório estava entreaberta e havia pessoas lá dentro quando ouvi o primeiro grito ao me aproximar.

— Eu ainda sou o *kapitan*! — *otets* Kamanev berrou. Aproximei-me um pouco mais do vão e vi suas mãos baterem contra a mesa. Ele estava de costas para mim, mas o tremor em seus ombros evidenciava o suficiente como estava nervoso — Fará o que eu ordenar, Boris!

Olhei para Boris, que estava de frente ao pai, quando se afastava, indo para a janela. O olhar frio, cheio de ódio e rancor que dirigiu antes ao pai, fez meu sangue cair alguns graus.

— Você é fraco. Todos os Kamanev são fracos — disse ele rangendo os dentes — Por isso nunca deixamos de ser Segunda Elite e nunca chegaremos a *Pakhan* se continuamos subservientes.

— Existe uma hierarquia, *sinochek*, porque toda organização precisa de suas leis e regras — disse Fjodor em um tom mais brando — Dmitri é o herdeiro e como jurei lealdade ao pai dele há cinquenta anos, fará o mesmo com ele amanhã à noite. Está entendendo?

— *Da, otets* — ele acatou, mas os olhos ainda estavam ardendo de raiva — Como quiser. Afinal, o senhor ainda é o *Kapitan* Kamanev.

Senti algo como um pressentimento ruim envolver meu coração ao ouvir as últimas palavras amargas. E foi esse sentimento ruim que fez eu me afastar da porta, correndo de volta em direção ao meu quarto. Abri a porta atrapalhada e me encostei contra ela.

— O que aconteceu? Você parece ter visto um *Bolotnik* — Sonya surgiu da cama, onde retirava suas botas pretas — *Otets* descobriu que fugi?

— Não, mas foi por pouco — resmunguei saindo de contra a porta — Duas horas, Sonya. Você disse que só levaria duas horas.

Ela sorriu e foi até debaixo da cama pegar suas roupas escondidas. Tinha fugido pela janela vestida toda de preto, usado um *beret* para esconder a

cabeleira. Nós tínhamos a mesma altura e quase o mesmo porte físico, contudo, eu tinha curvas mais generosas do que ela. E os cabelos poderiam facilmente nos entregar. Enquanto Sonya possuía os fios prateados na altura dos ombros, os meus eram longos e dourados. E os olhos dela também eram de um tom mais escuro de azul.

— Gregori não me deixava ir embora.

— E você não quis que ele te deixasse.

— Um dia se verá apaixonada e — resmungou ela — entenderá como é se sentir assim.

Conhecia a força de amar alguém, vi isso em meus pais e por acreditar em algo tão grandioso como o amor, sempre cedia e ajudava Sonya. Mas ela se apaixonava e desapaixonava mais rápido do que trocava de roupa. Na verdade, eu via isso mais como uma forma de se rebelar. Ela sabia que chegaria o momento que seu pai selaria o destino dela. E por isso eu sentia pena.

Se Gregori Pavlov fosse mesmo o grande amor da vida dela, como proferira nas últimas semanas, jamais teria permissão para pedir sua mão em casamento. Ele não passava de um *boyevik*, um soldado recebendo ordens de seu pai, o *Kapitan* Kamanev.

— Se ama mesmo Pavlov, sabe que logo você terá que fazer uma escolha — eu a alertei porque estava preocupada com o que pudesse acontecer se seu romance proibido fosse descoberto.

— Papai já não é o mesmo, Kya — disse ela com total segurança em suas palavras — Está velho e o coração mais maleável.

— Mas e Boris? Ele nunca permitiria isso, Sonya.

O irmão de Sonya era ambicioso, violento e cruel. Boris seria capaz de qualquer coisa para ter seus objetivos alcançados, notei esse traço nele desde criança. Embora há pouco mais de dois anos viesse me tratando com muito mais gentileza do que tratava na infância, preferia ficar sempre o mais longe possível dele. Havia algo no olhar de Boris e, principalmente, na forma como olhava para mim, que eu não gostava.

— Eu posso negociar com ele. Se ajudá-lo a ter algo que ele quer, pode me dar o que quero em troca.

Amei Olenka como uma *mat'*, foi eu que cuidei dela durante a doença que a tirou de nós o ano passado. E Fjodor, do seu jeito, foi um bom *otets* para mim. Também tinha um carinho especial por Sonya, mas não podia fechar meus olhos, os Kamanev tinham uma forma extremamente egoísta de conseguir o que

queriam.

Senti mais uma vez algo como um pressentimento ruim. Barganhar com Boris seria o mesmo que convidar um *bolotnik* para um chá no jardim.

— Não brinque com seu irmão, Sonya. Ouvi Boris discutindo com o pai agora há pouco — informei a ela — Discordavam sobre o juramento de amanhã à noite.

— Boris acha errado que Dmitri Milanovic seja o novo *Pakhan* — disse ela, deixando-me surpresa.

Sonya nunca foi muito chegada ao irmão, pois ele sempre exerceu sobre ela o direito de controlá-la. Por que agora andavam trocando confidências? Boris dizer que era contra o *Pakhan* Milanovic era uma transgressão gravíssima, punível com a morte.

Eu nunca cruzei com o herdeiro Milanovic e nem sabia como ele era, mas vi seu pai algumas vezes. Um homem bonito de olhar frio, mas corria a notícia que conseguia ser justo com quem era leal à irmandade. Dmitri Milanovic seria a terceira geração de *Pakhan* e, ao que tudo indicava, todos os *kapitany* estavam satisfeitos que assim continuasse.

— Meu irmão disse que ser *Pakhan* deve ser por merecimento e não hereditário — continuou Sonya ao desfazer a trança em seus cabelos.

— Pelo que sei, Milanovic passou anos se preparando para isso.

— Mas não é o que o Boris pensa — disse ela, vindo até mim com olhar preocupado — Nunca conte isso a ninguém, entendeu, Kya?

A quem eu poderia contar? Não tinha muitas amigas fora de casa. Roman, o filho do jardineiro, o único rapaz que um dia confessei interesse, Boris mandou executar, fazendo parecer um acidente. E o jovem só tinha confessado seus sentimentos por mim e beijado meus lábios em meu aniversário de dezesseis anos. Depois desse dia, evitava todos os homens, temendo que outro pudesse ter o mesmo fim. Apesar de não ter sido minha culpa, que Boris fosse o insano, eu a sentia. Foi depois disso que comecei a olhar Boris de uma forma diferente e passei a evitá-lo sempre que podia. Mas vivendo na mesma casa, isso era impossível.

E esse era um dos maiores motivos para desejar que Fjodor me libertasse ao completar meus vinte e um anos. Ele não ficaria entre nós para sempre. Era isso ou me casar com algum *kapitan* que ele escolhesse.

— A quem eu diria, Sonya? — caminhei trêmula até a cama — Isso só pode terminar em um banho de sangue. Se você ama mesmo o Gregori, acho que

devem fugir. Posso ajudar vocês.

— E vivermos nos escondendo ou sendo caçados? — ela riu amargamente, continuando a insistir no assunto — Não, Kyara. Se há algo que aprendi com meu pai foi a negociar. Ajudo Boris no que ele quer e, em troca, tenho a permissão de ficar com Gregori.

— E como você planeja isso? — indaguei cada vez mais alarmada, o que Boris tinha de crueldade implacável, Sonya tinha de imprudência — Seduzir Milanovic e o matar quando estiver dormindo? Assim Boris ocupa o lugar dele?

— Não tinha pensando sobre isso — Sonya abriu um sorriso que me deixou consternada — Até que poderia ser uma boa ideia, embora tivesse imaginado outra coisa.

— Subir ao comando por traição não é melhor e mais digno do que a hierarquia — tentei alertá-la — Muito menos honroso. E todos sabem como os Milanovic são em relação a isso. Se Dmitri for igual ao pai cinquenta por cento, será o fim da família Kamanev e qualquer um que se aliar a essa ideia estúpida.

Ela enrolou suas roupas uma na outra e sacudiu os cabelos caindo nos ombros.

— Isso não me importa — disse ela, indo em direção à porta — *Pakhan* por direito ou pela força, não é uma decisão que compete a nós. O que me interessa é o que eu posso conquistar com essa guerrilha idiota. Não temos direito a nada, Kyara. Somos apenas princesas trancadas em lindos castelos como esse. E luto com as armas que me são dadas.

Ela tinha razão sobre como as mulheres dentro da Bratva eram enxergadas. Ou como as mulheres dentro da família dela eram enxergadas. Éramos bem cuidadas e tínhamos quase tudo o que poderíamos desejar, menos liberdade e direito de escolha. Éramos como joias polidas, sendo tiradas e colocadas de volta à caixa após o uso.

Bonitas. Frias. Caras.

Eu não queria ser assim. Eu não era assim. Meu corpo, coração e alma seriam oferecidos ao homem que eu viesse a amar e escolhesse para ficar ao meu lado. Precisava ter uma nova conversa com Fjodor Kamanev e ter garantida a promessa sobre a minha partida, antes que fosse tarde demais para mim.

Capítulo 3

Dmitri Milanovic

O salão estava pronto e eu via, da minha janela, que começava a encher. Dezesete *kapitany* de Primeira Elite e doze da Segunda. Em breve, todos eles ficariam de joelhos diante de mim, beijariam meu anel e fariam seu juramento de fidelidade eterna. Nossas leis foram fundadas dentro do *Vory v Zokone*, ladrões dentro da lei. Quebrar esse juramento era cobrado com a vida. Ele era o código mais importante da Conduta entre os Ladrões.

— *Pakhan*? — Nikolai surgiu em meu quarto — Estamos todos prontos quando você estiver.

Afastei-me da janela com vidros à prova de bala onde passei o último minuto observando o pátio movimentado e encarei o homem parado à porta do meu quarto. Seus cabelos estavam completamente grisalhos, o rosto enrugado denunciava sua vivência e experiência. Olhos claros que pareciam ser bondosos, mas quando preciso, sabiam ser glaciais. O terno escuro cobria boa parte das tatuagens que ele tinha abaixo do pescoço. Os Bratva eram conhecidos por sua força, ferocidade, julgamento implacável e muitas tatuagens pelo corpo, sendo a principal, o símbolo com o nosso lema em volta dela. Ao se tornar *Vor*, você conquistava o direito de ter a sua.

— Vamos — disse a ele, que prontamente me seguiu.

Desci as escadas e atravessei dois corredores, entrando em meu escritório por uma porta privativa. Vladic já estava lá me esperando. Embora eu tivesse certeza sobre sua lealdade e comprometimento à irmandade, como homens da minha confiança, Nikolai e ele fariam seu juramento primeiro. Ocupei minha cadeira alta e aguardei que eles se ajoelhassem diante de mim.

— O coração da Bratva é o *Pakhan*. O meu corpo será sempre o seu escudo — disse Vladic proferindo suas menções honrosas — Juro lealdade a Dmitri Milanovic e a minha vida te pertence. *Bratstvo prezhdde vsego*.

Ele levou meu anel aos seus lábios, finalizando seu juramento.

— Eu o honro como *Avtoriyet* — disse a ele.

Nikolai prosseguiu realizando o mesmo juramento e o tornei oficialmente meu *Sovietinik*. Ele se colocou ao meu lado quando Vladic seguiu para a porta dupla, abrindo-a para que os *kapitany* e seus segundo em comando entrassem e

honrassem a Irmandade, fazendo seus juramentos a mim. Primeiro, os 17 *kapitany* da Primeira Elite, devido à sua importância na hierarquia. Depois, os 12 da Segunda Elite, totalizando 29 *kapitany* sob meu comando.

— *Pakhan* Milanovic — disse o homem mais velho, por volta dos setenta anos, e ao seu lado direito há um jovem na faixa dos vinte e cinco.

Sacha Ribakov, não tinha herdeiros homens e seu braço direito era seu sobrinho Alek Ribakov. O garoto cumpria bem seu papel, encerrando os juramentos, os dois saíram silenciosamente, após meu sinal de que estavam dispensados. Os Ribakov administravam as entradas e saídas das armas negociadas com os ucranianos, assim como impressos falsos de licenças para comprar armas de fogo e as oficinas clandestinas.

— Os Avdeev — sussurrou Nikolai ao meu lado, segundos antes das portas serem abertas.

Os Avdeev cuidavam do gado, e quando falava em gado, eu me refiria às pessoas. Distribuíam-nas por nossas fábricas, mulheres jovens e bonitas para entretenimento nos cassinos e casas, os outros com menos habilidades, tornavam-se serviçais.

Depois que *Kapitan* Avdeev e seu filho saírem, entraram os Lúkin (suborno), os Kireev (lavagem de dinheiro), os Baranov (fraudes e apropriações) e os doze *kapitany* de Primeira Elite que restavam, todos eles lidavam com alguma atividade dentro da Bratva.

O *kapitan* de Segunda Elite, Fjodor Kamanev, e seu filho, Boris, foram os últimos a entrar.

— *Pakhan* — o velho fez uma mesura respeitável, mas o filho, por alguns segundos, o suficiente para que eu notasse, parecia resistente ao se curvar.

Estudei Boris atentamente enquanto seu pai fazia o juramento que não parecia deixá-lo muito feliz. Até certo ponto, conseguia entendê-lo, jovens eram idealistas. Eu também fui quando ainda em treinamento, expunha e discutia acaloradamente com meu pai sempre que desejava que ele colocasse em prática alguma ideia nova que poderia nos beneficiar. Mas eu também sabia ouvir e esperar o momento certo para cada ação. Ser cauteloso não era sinônimo de fraqueza. Mikhail Milanovic ensinou muito a seu filho e novo *Pakhan*.

— *Bratstvo prezhdde vsego!* — disse o velho, olhando duro para o filho — Boris?

— *Pakhan* — disse o jovem que curvou-se a mim — *Bratstvo prezhdde vsego*.

Eles se retiraram e as portas foram fechadas por Vladic. Eu me permiti respirar normalmente. Afrouxei o nó da gravata, soltei os botões da camisa em meu pulso e arranquei o elástico que manteve meus cabelos severamente presos.

— O que achou? — indagou Nikolai, enquanto Vladic buscava uma garrafa no bar.

Eu conhecia todos os *kapitany* de Primeira e Segunda elites pessoalmente, e a maioria dos homens de sua confiança, os estudei cuidadosamente através do dossiê com mais de quinhentos nomes que o *derzhatel* tinha me enviado logo após o falecimento de meu pai.

Ser um *Pakhan* não era apenas sentar em uma cadeira para dar ordens. Eu tinha que conhecer pessoas dentro e fora da Irmandade; conhecer e falar muito bem outras línguas; ter um corpo saudável e forte, conseguido com treinamento diário e rígido; ser um bom atirador; um excelente lutador e um impecável estrategista. Fui treinado como um soldado e doutrinado como um espião.

— Nada muito diferente do que eu esperava — respondi a Nikolai, ignorando o copo que Vladic oferecia — O que você sabe sobre Boris Kamanev?

Ele não foi o único a ter certo “receio” com minha nova posição. Eu sabia ler pessoas e o problema era que sentia algo mais em Kamanev do que simples resistência. Ele não parecia odiar apenas minha posição como *Pakhan*, o homem parecia *me* desprezar.

— Ambicioso e tem suas próprias maneiras de resolver as coisas — disse Vladic sentando na quina da mesa, ao meu lado — Mas o pai tem o mantido na linha.

— Acha que pode ser um risco? — indagou Nikolai — Os Kamanev sempre foram muito leais.

— Não custa nada manter os olhos bem abertos — ordenei a ele — Deixe os *obschak* atentos.

A segurança e inteligência saberiam o que fazer caso qualquer risco apontasse.

— O carro está pronto? — perguntei a Vladic quando saímos.

Ele assentiu e os três *boyevik* ao seu lado me seguiram até a saída. Atravessei o pátio agora quase vazio, tendo apenas a *staff* trabalhando silenciosamente. Cada um deles fazia um tipo de reverência respeitosa e sútil.

— O *sovietinik* acha que esse é o momento de você se assentar — disse

Vladic ocupando o banco ao meu lado no carro.

Um soldado fechou a porta e deu o sinal para o que motorista iniciasse a corrida.

— Me assentar quer dizer escolher uma esposa, eu presumo?

Antes de morrer meu pai já havia sugerido o assunto.

— De acordo com ele, o fará parecer ainda mais respeitável.

— Minhas ações e forma de administrar é o que me farão mais respeitável.

— Você sabe o que ele quer dizer, Dmitri.

Um *Pakhan* também tinha que ter uma vida social, e isso cabia à esposa. Aceitar os convites devidos; organizar festas e jantares; ter uma dama exuberante ao meu lado com um sorriso cativante enquanto a exibia arrogantemente em meu braço. Uma esposa traria muitas vantagens, além de herdeiros, o problema é que eu nunca mantinha o interesse na mesma mulher por muito tempo. Passar a vida toda ao lado de uma, que em meses iria me aborrecer, não me animava nem um pouco.

Mikhail Milanovic foi conhecido na juventude por ser um homem de muitas mulheres, isso mudou quando conheceu minha mãe. Só houve olhos para ela enquanto esteve viva, e mesmo depois de morta, jamais ouvi falar em uma amante. É claro que como *Pakhan* ele poderia ter muitas, mas eu via verdade em seus olhos ao dizer que Nathasha Milanovic foi a única mulher que ele amou. Eu era como meu pai na juventude, mas poderia ser como ele e ser fiel à mulher que escolhesse para estar ao meu lado?

Um sorriso lascivo surgiu em meus lábios.

Jamais!

— Pensando em Tereza? — provocou Vladic, confundindo meu sorriso com desejo de foder — Logo estaremos lá.

Tereza Castilho era a minha amante atual. Eu a conheci em um dos cassinos da irmandade, entretendo *kapitany* há pouco mais de seis meses. Ambiciosa, sabia que atrair a atenção do filho do *Pakhan* traria muitas vantagens a ela, e trouxe. Coloquei-a em uma casa, tendo-a exclusiva para mim, quando e onde eu a desejasse. A casa; as joias, e o dinheiro generoso que eu lhe dava semanalmente ficariam com ela quando me cansasse de fodê-la, o que já não estava tão longe assim. Foi divertido no início a forma que fazia de tudo para me agradar, mas sentia falta de algo, como ser surpreendido, por exemplo. Sabia que meu físico e meu jeito brusco de fodê-la a atraía, mas não era tolo, meu dinheiro

e o poder que exalava a atraíam muito mais.

— Não creio que haja uma mulher específica que me faça perder tempo pensando nela — confessei a ele, estando bem longe da empolgação que Vladic pudesse estar imaginando que eu sentia — Gostaria de ficar com ela?

Passar Tereza adiante evitaria muitas lamentações das quais não teria paciência e acabaria resolvendo o caso de um jeito mais duro.

— Sou capaz de conseguir minhas próprias putas — resmungou apesar do sorriso — Mas não posso ser ingrato e deixar de admitir que as suas putas sempre mantiveram o meu pau bem feliz.

Vladic era um verdadeiro canalha. As amantes o adoravam, os maridos e namorados, nem um pouco. Enquanto eu preferia exclusividade e nada de confusão, o prazer perverso dele era encontrar jovens infelizes em seus relacionamentos para mostrar como um pau eficiente deveria foder. Eu diria que ele era viciado no risco. Eu, mesmo na adolescência, nunca quis ir muito longe por uma boceta. Não precisava fazer muito para que sempre caíssem na minha cama.

— Qualquer boceta deixa seu pau feliz — provoqueei-o e vi o carro parar em seu destino — Mas esta noite apenas o meu irá sorrir. Mantenha a guarda.

Um soldado abriu a porta e outro me entregou uma caixa preta de veludo. Não sabia o que continha, tampouco quanto havia custado, esse era um problema para o meu *derzhatel* resolver. Tudo o que importava era que seria a única peça que Tereza usaria enquanto a fodesse.

— Dmitri — ela me deu um sorriso largo e sedutor ao abrir a porta.

O laço em seu robe de seda vermelho vinho pendia ao lado de seu corpo. A peça aberta exibia a cintura fina, mas os longos cabelos castanhos encobriam o par de seios generosos. A bela vista continuava com as pernas longas, como gostava, e entre suas coxas, a calcinha rendada e minúscula escondia a boceta convidativa.

— *Pakhan* agora — comentei ao entrar e fechar a porta atrás de mim — Seu senhor.

O sorriso se ampliou e notei seus olhos brilharem de excitação, e não era apenas pela caixa com a joia que trazia comigo.

— Fique nua.

Ela alisou os laços do robe com lentidão, depois, deslizou a peça suavemente por seus ombros, fazendo-o cair em seus pés. Apreciava um corpo feminino como um escultor admirava sua obra. Gostava do formato dos seios, a

curva que fazia na cintura, os montes que um traseiro perfeito podiam formar. E gostava de cair de boca em uma boceta molhada. De enfiar meu pau tão fundo, enquanto a ouvia implorar por mais.

— Coloque isso — era um conjunto delicado de brincos e gargantilha de brilhantes e ouro branco — E suba na bancada.

Enquanto Tereza seguia minhas ordens, retirava o sobretudo preto cobrindo o terno, a gravata havia deixado no carro. Tereza já está sentada na bancada na sala quando retirei a camisa e seus seios arfavam ao encarar meu peito nu, e ela umedecia os lábios.

Tirei a última peça em meu corpo e caminhei até ela, enquanto esfregava o meu pau com uma mão, levando o preservativo na outra.

Coloquei a embalagem sobre a madeira e toquei o brinco pendendo em uma de suas orelhas, eles brilhavam conforme a luz refletia neles. Passei o dedo pela gargantilha e envolvi seu pescoço com a minha mão. Tudo isso enquanto continuava a me masturbar.

Tereza passou a mão em meu peito, as unhas pela minha pele. Sua mão alcançou a minha, querendo tomar o lugar dela, mas a impedi, fazendo-a deitar na bancada.

— Abra as pernas — ela me obedeceu oferecendo a boceta para que eu fizesse o que desejasse com ela.

Sua respiração já estava descompassada e ela estava ansiosa pelo o que viesse a fazer. Abri um pouco mais suas coxas, deslizei dois dedos dentro dela, que estava cada vez mais molhada. Ela gemeu, contorcendo-se ao meu toque.

— Dmitri — ela choramingou, mordendo os lábios.

— Dmitri?

Parei o que estava fazendo até que ela abrisse os olhos e olhasse para mim.

— Meu senhor — ronronou e mexeu o quadril.

Retirei os dedos de dentro dela e os levei à sua boca, fodendo-a com meus dedos. Curvei para chupar os seus seios. Mordisquei os mamilos, um de cada vez, chupando-os até vê-la delirar de prazer.

— Me fode! — Tereza implorou, em um tom alucinado — Meu senhor.

Meu pau estava duro para atendê-la, mas era eu quem dava as ordens aqui. Eu conduzia tudo. Então, fiquei de joelhos para ter livre acesso a boceta implorando pelo meu pau. Belisquei seu clitóris inchado, antes de levá-lo à

minha boca. Isso a fez gritar, gostei do resultado e repeti o processo mais duas vezes. Ela já estava bem molhada, mas chupei seu clitóris como se fosse capaz de fazê-lo derreter em minha boca. E quando vi que estava perto de fazê-la gozar, busquei o preservativo, colocando-o rapidamente.

— Ahhh — ela curvou as costas quando entrei nela em uma arremetida dura.

As estocadas entravam duras e secas. Tereza ronronava meu nome alegando que estava próximo de gozar. Agarrei-a pelos cabelos, desta vez deslizando meu pau lentamente por sua boceta, fazendo-a estremecer. Segurei sua cintura e a coloquei no chão virando-a de costas para mim. Deitei seu tronco contra a bancada e puxei seus quadris para trás. Arremeti de novo para dentro dela.

— Aiii... eu vou gozar — ela anunciou.

Arranhei suas costas com meus dentes e agarrei a gargantilha em seu pescoço, socando mais fundo e duro em sua boceta lambuzada. O aperto e pulsar em meu pau começavam a se intensificar, fazendo o corpo dela estremecer. Ela desfaleceu na bancada, exaurida, mas eu não estava nem perto de terminar.

Esfregando minha mão entre suas pernas encharcada, lubrifiquei seu traseiro, que já abrigou meu pau muitas vezes, então, eu não perdi tempo, entrei duro.

— Isso! Rebola no meu pau, *suka* — gemi quando seu buraco apertado e quente me recebeu — Ahh que porra!

Eu me movimentava devagar no início para que se acostumasse a ter meu pau a preenchendo. Fui acelerando as arremetidas gradativamente até que me vi fodendo-a com força.

— Vou gozar de novo... — ela se engasgou com as palavras — Dmitri! Dmitri!

Cravei minhas mãos em seus quadris, trazendo-a mais para mim, fodendo-a com mais força e velocidade. Sete ou oito estocadas profundas depois, deixei o gozo ser liberado na camisinha.



Duas horas depois e muito sexo ao redor da casa, eu me encontrava vestido e pronto para ir embora.

— Agora que é o *Pakhan* — disse Tereza passando os dedos dos pés sobre minha calça — Andei pensando, nada me impede de ir para a mansão com você.

Terminei de abotoar as mangas da camisa e não me preocupei em olhar para ela.

— Por que isso aconteceria?

— Seu pai morreu tem apenas um dia, mas está comigo agora — respondeu ela — Sempre soube que não queria me levar em respeito ao que ele pudesse pensar.

Não consegui controlar a risada. Meu pai nunca se importou com as mulheres que pulavam em minha cama.

— Eu poderia ter um harém em meu quarto que meu pai não teria se importado — agora a beneficiava com meu olhar — Não foi por ele que não a levei para casa. Quanto ao luto, vocês, estrangeiros, veem isso de outra forma. Não é assim que demonstro meus sentimentos por ele. Não vim buscar um ombro para chorar.

Segurei seu queixo com firmeza e observei sem compaixão os olhos rasos d'água. Era uma pena Tereza ter desenvolvido algum sentimento por mim. Agora, com certeza, tinha que dispensá-la.

— Honrei Mikhail Milanovic em vida sendo um bom filho — soltei seu queixo e fiquei de pé — Continuarei honrando sendo um *Pakhan* ainda melhor do que ele foi. Não tem nada a ver com você, Tereza. E acho que chegou a hora de dizer adeus.

Um soluço angustiado escapou de seus lábios e ela se ajoelhou aos meus pés. Foi sobre isso que pensei no carro. Não havia desafio aqui.

— Esqueça o que eu disse — implorou ela — Não vá embora.

Com isso, ela não pedia apenas que eu não atravessasse a porta. Segurando firme seus ombros a fiz a se levantar. As estrangeiras sempre deixavam a ruptura mais difícil.

— Não dificulte isso, Tereza — toquei os meus lábios em sua testa — Tenho certeza que não irá gostar do resultado.

— Como vou conseguir te esquecer? — ela agarrou minha camisa quando comecei a me afastar.

— Esse é um problema que você terá que lidar sozinha.

Eu fui generoso e claro com ela. Seu único papel em minha vida estava

ligado ao sexo, embora tivesse sido bom, já não me atraía como antes. Precisava encontrar outra boceta que deixasse meu pau novamente interessado.

E uma esposa, como disse Vladic.

Capítulo 4

Kyara Smirnov

Eu sabia que pela manhã era o melhor momento para falar com *otets* Kamanev. Depois do *zavtrak*, ele sempre ia para o escritório fumar seu charuto, um dos poucos momentos que conseguíamos vê-lo relaxado. Por isso, acordei muito cedo, fiz a refeição com ele, mantendo a conversa trivial. Kamanev não gostava de discutir coisas importantes à mesa. Esperei que ele se dirigisse ao escritório e aguardei alguns minutos para ir até ele. Bati delicadamente na porta e aguardei.

— Entre.

Vi seu charuto pela metade e soube que agora podia levantar o assunto que não me deixou dormir à noite.

— *Otets* Kamanev, podemos conversar?

Ele deu uma longa tragada, olhando fixamente para mim quando soltou a fumaça densa. O cheiro me incomodou, mas mantive-me firme no lugar.

— Não fizemos isso durante o *zavtrak*?

Minhas pernas estavam um pouco trêmulas e agarrei forte o espaldar da cadeira com uma postura ereta.

— Eu gostaria de falar sobre o que conversamos antes — disse com suavidade, mas com firmeza — Em sua promessa de pensar em relação ao meu pedido.

O silêncio que se seguiu foi enervante. Fjodor Kamanev era um homem difícil de ler ou nunca fui uma leitora de pessoas muito boa.

— Sente-se, *daragáya*.

Enquanto eu sentava, ele ficou em pé e foi até a janela para observar o extenso quintal em frente à casa.

— Sua *mat'* ainda estava viva quando conseguimos trazê-los para dentro de casa. Seu último pedido não foi apenas que cuidássemos de você — disse ele, e embora já tivesse escutado muitas vezes sobre essa história, esse pequeno detalhe era novo para mim, de que havia algo mais — Ela pediu que a levássemos para longe e a mantivêsemos em segurança.

— Minha *mat'* não queria que eu ficasse aqui? — indaguei atordoada —

Por que me mantiveram?

— Senti que era meu dever — explicou ele, sem nem um pinga de arrependimento por não ter feito exatamente como minha mãe pediu que fizesse — Depois, Olenka se afeiçoou a você. Então, sobre seu pedido, se for mesmo o que você deseja, *daragáya*, eu acho que posso atender. Eu já estou velho, como Boris costuma dizer. Não poderei protegê-la para sempre.

Isso era algo que eu já havia refletido muito. E estava entre aliviada e triste por partir. Fjodor Kamanev tinha sido bom para mim. De certa forma, era minha família, dizer adeus seria triste.

— Decida para onde quer ir e verei quem eu tenho de contato — ele virou para mim quando me levantei correndo até ele — Não vou deixá-la completamente desprotegida.

— E quando posso ir, *otets*?

— Depois da sua festa de 21 anos.

— Não quero uma festa.

A maioria dos convidados não seria meus amigos. Isso era uma invenção de Boris, apoiado por Sonya que adorava se exhibir.

— Faça isso por mim. Quero carregar uma doce lembrança sua — disse ele — Talvez seja a última.

— Não diga isso! — eu o proibi ao abraçá-lo forte — Não está velho e viverá mais uns quarenta anos.

Ele riu, fazendo meu rosto sacudir em seu peito.

— Acho que Boris tem razão. A velhice está me enfraquecendo.

— *Ne!* — ri junto com ele.

Fjodor Kamanev ainda era um homem forte. Talvez não vivesse por mais quarenta anos, mas eu arriscaria pelo menos trinta e rezava para que fosse assim. Queria que ele me visitasse e presenciasse a minha felicidade com a família que eu viesse a construir.



Olhei-me na frente do grande espelho em meu quarto. Usava um vestido império em um estilo bem romântico. Era todo branco com bordados em fios de ouro na saia. Inicialmente considerei um pouco exagerado, afinal, era só a minha festa de aniversário, mas foi um presente de *otets* Kamanev e não quis desapontá-lo, colocando algo mais simples como realmente gostaria. Meus

cabelos foram presos em uma trança grega, com pequenos brilhantes salpicados. A minha única exigência foi para a maquiadora, que ela aplicasse o mínimo de maquiagem possível.

Agradei as duas mulheres que ajudaram a me arrumar e as dispensava no mesmo momento que Sonya entrava em meu quarto. Ela carregava uma caixa quadrada preta com detalhes prateados, mas não dei muita importância, provavelmente necessitava de ajuda para colocar o colar, que certamente poderia ter pedido para uma das cinco mulheres em seu quarto.

— Você está linda, Kya — ela se colocou às minhas costas, a mão com a caixa preta em meu ombro e a outra em meu braço — Ele não irá conseguir desviar os olhos de você essa noite.

Ele?

Olhamos uma para outra através do espelho. Sonya também estava muito bonita. Ela usava um vestido balonê soltinho na cor rosa quartzo, o tecido se fechava em direção à barra como um balão, e fazia os seus quadris parecerem um pouco maiores do que realmente eram. Já os cabelos estavam torcidos do lado esquerdo do rosto, a maquiagem estava mais marcada e escura que a minha. De certa forma, combinava com ela. Sonya era a típica mulher que se impunha na forma sexy de se vestir e se comportar.

— Você também está muito bonita, Sonya — retribuí o elogio com um sorriso gentil — Mas quem não irá tirar os olhos de mim?

Seria algum amigo de Gregori? Alguém que estivesse interessado em mim sem que eu tivesse notado? Eu não podia pensar em ter um relacionamento agora. Não quando estava tão perto de conquistar minha liberdade.

— Boris — disse ela, fazendo meu sorriso se desfazer — E pediu que te entregasse isso. Quer que use esta noite.

Olhei para a caixa em sua mão, se fosse uma serpente a olharia com menos horror.

— Não quero nada que venha do Boris — afastando-me dela, fui em direção à janela.

Vi mais pessoas e carros chegando. *Otets* Kamanev ou Sonya — era mais provável ter dedo dela nisso — sabia como dar uma festa. Nós fomos educadas muito bem para isso.

— Por que não? — sua voz estava próxima, então, soube que me seguiu — Ele é seu irmão.

— Boris não é meu irmão, Sonya!

Ouvi seu bufar e apostava que revirou os olhos para mim.

— Bem, não de sangue. E é melhor que não seja mesmo, seria no mínimo estranho se ele fosse — virei-me para ela, confusa, às vezes achava que Sonya falava por incógnitas — Em todo caso, não acredito que isso iria impedi-lo.

Enquanto falava, ela abria a caixa e vi um lindo colar surgir, muitas pedras e sem dúvida muito caro. Vindo de qualquer outra pessoa, eu teria ficado encantada, mas sendo de Boris, não passaria de uma coleira fria presa ao meu pescoço.

— Eu vou usar o colar que foi da minha *mat'* — disse a ela, indo até minha cama onde uma caixa de joias se encontrava — Ela ganhou quando eu nasci.

Peguei um lindo colar trançado de ouro branco de uma das divisões na caixa e o ergui no ar. A peça era simples e delicada.

— Pode devolver o colar ao Boris — instruí-a, colocando o colar de minha *mat'* em meu pescoço — Ou fique para você.

Seus olhos brilharam, mas logo a apreensão veio ao seu rosto.

— Sempre que for usar, diga que emprestei a você — resolvi o assunto que pudesse estar deixando-a receosa — Problema resolvido.

Sonya fechou caixa e não voltou a insistir. Sempre fui mais dócil e pacífica que ela, mas quando tomava uma decisão, nada me fazia mudar de ideia. Eu não precisava de joias vindas de Boris. Tinha as aplicações que meus pais fizeram para mim e *otets* Kamanev também fez um fundo de pensão que passei a ter direito ao completar vinte e um, há dois dias.

— Você é bem crescida e deve saber o que faz — disse ela caminhando para fora do quarto e quando chegou à porta parou, girando em minha direção — Só lembre-se do seu próprio conselho, provocar ou irritar Boris não é uma coisa boa.

Senti seu alerta como uma profecia e quando fui questioná-la sobre o que queria insinuar, Sonya saiu apressada. Levei a mão ao colar em meu pescoço, desejando que ele tivesse o poder de me proteger.

Posterguei dentro do quarto o máximo que pude antes que *otets* Kamanev, ou até mesmo Boris, mandasse alguém me buscar, ou pior, ele mesmo viesse ao meu quarto.

Cheguei à grande sala onde muitas pessoas circulavam, conversavam, comiam e bebiam, vendo alguns rostos conhecidos de quando eu estudava. Um

deles era de Irina Novitsky, ela era filha do *Kapitan* Novitsky, de Primeira Elite, e era quem cuidava de toda a área educacional dentro da Irmandade. De escolas a universidades, que não deixavam nada a desejar às melhores instituições do mundo. Nas universidades eram formados nada menos que profissionais excelentes. Sonya e eu concluímos os estudos no Centro Educacional Novitsky com Irina e outras garotas da Bratva.

— É bom ver você de novo, Irina — cumprimentei ao me aproximar dela — Soube que está estudando algo sobre inteligência.

Sempre gostei de Irina porque apesar de ela vir de uma família importante e absurdamente rica, ela era na dela e passava mais tempo enfiada nos livros do que exibindo seu *status* de garota privilegiada.

— Contrainteligência Corporativa — explicou ela, com orgulho na voz — E espionagem industrial.

— Eu acho que nem sei pronunciar isso — rimos juntas da minha tentativa de piada — Mas fico feliz por você. Isso quer dizer que um casamento em breve está fora de questão.

No dia a dia, Irina se vestia de forma bem casual e sem nenhuma afetação. Alguém que a olhasse sem interesse a consideraria uma pessoa comum, com seus olhos e cabelos claros, escondidos em óculos de grau, mas vestida para uma ocasião como esta, ela ficava encantadora e linda para quem observasse com olhar mais atento suas singularidades. Fomos boas amigas no colégio, pena ter acontecido o que se acontecia sempre, o tempo e objetivos opostos afastavam os amigos. Ela seria uma das poucas pessoas que levaria em meu coração quando fosse embora.

— Esse é um momento que devo agradecer pelos meus pedidos para ter irmãos na infância nunca terem sido atendidos — confessou baixinho — Eu não conseguiria ter convencido meu pai a deixar que fizesse o que realmente quero se tivesse um. Claro que tive que fazer um acordo.

Isso era natural. Muitas vezes, para conseguir algo além do que se esperavam das mulheres, tínhamos que ser inteligentes e barganhar. Eu não conseguia ser tão astuta como Sonya e Irina.

— E o que prometeu ao *Kapitan* Novitsky?

— Que me casaria quando concluísse o curso — ela me deu um sorriso maroto.

— Que você não irá cumprir, eu suponho.

— Após a graduação há a pós-graduação, mestrado, doutorado...

— E o que mais você puder usar a seu favor e prolongar isso.

— Eu sempre achei você uma garota muito inteligente, Kyara.

— Não tanto quanto você, Irina.

Eu gostaria de continuar conversando com ela, mas a boa educação exigia que falasse com todos pelo menos uma vez. Circulei por todos os ambientes abertos aos convidados, falando com algumas pessoas mais do que com outras. Havia muitos que só conhecia por nome ou de vista.

— Aqui está ela — *otets* Kamanev me chamou assim que me viu entrar em uma sala onde a maior parte dos homens estava — Aproxime-se, *daragáya*.

Fui avisar que o *uzhin* seria servido em alguns minutos, e após ele, a pista de dança montada para os mais jovens no lado de fora da casa, próximo ao jardim, seria aberta. Enquanto isso, os mais velhos jogariam, conversariam, e os anciões se recolheriam mais cedo.

— Bonita, não? — notei pelos seus olhos brilhando que ele já havia bebido o suficiente.

O que não me incomodava. Se havia algo que *bratva* sabia fazer bem era beber e brigar muito.

— Qualquer *kapitan* ficaria orgulhoso em recebê-la no seio de sua família, não acham?

A pergunta dirigida aos outros homens me deixou nervosa e amedrontada. Não queria me sentir uma pedaço de carne em exposição, mas era exatamente assim que me sentia. Passei muito tempo ficando nas sombras, não apenas por timidez, mas porque não queria que algum *Kapitan*, ou filho de *Kapitan* de qualquer elite, prestasse atenção em mim. Causaria um desconforto muito grande para Kamanev se precisasse recusar alguma oferta de casamento. Mesmo não sendo uma Kamanev, fui criada e amada por ele como uma.

— Esse não é o momento de falar sobre isso, *otets* — disse Boris que estava ao seu lado — Hoje, Kyara está aqui apenas para se divertir.

Foi irônico, mas não gostei de ter a defesa de Boris, sentia como se existisse algo oculto nisso. Seu tom de voz e brilho no olhar estavam mais para um garotinho que não queria dividir o brinquedo.

— Você tem razão, *sinochek*. Além disso, o destino de Kyara já está bem resolvido — acrescentou *otets* Kamanev.

— Com certeza está, pai — disse Boris, agora olhando com atenção para o meu pescoço — Com certeza, está.

Levei a mão automaticamente à minha garganta. A forma que ele me olhava e me estudava inteira, me deixava desconfortável.

— Bem, amigos, vamos ao salão de jantar — disse Fjodor Kamanev, tendo o grupo de homens o seguindo.

Estava pronta para ir atrás deles quando Boris segurou o meu braço, forçando-me a voltar para dentro da sala com ele.

— Onde está o colar que lhe dei? — indagou, fechando a porta às suas costas.

Já que não podia fugir sem causar um pequeno escândalo, caminhei para longe dele o máximo que consegui.

— Não gostou? — ele caminhou até mim, colocando os dedos frios em meu pescoço — Não tinha pedras o suficiente?

Ele era uns dez centímetros mais alto que eu, e isso era bom, porque não precisava olhar em seus olhos ao dizer a mentira necessária que impediria sua ira cair sobre mim quando todos os convidados tivessem ido embora.

— Ele é lindo, *blagadaryú* — agradei da forma mais subserviente que consegui — Você foi muito gentil, meu irmão.

Irina e Sonya podiam usar estratégias e acordos para conseguirem o que queriam, eu usava o que fosse possível para me manter em segurança física e emocional. Conhecia Boris o suficiente para saber que a melhor forma de lidar com ele era deixar acreditar que sempre estava no controle de tudo. Se tivesse tido essa sabedoria aos dezesseis anos, Roman ainda estaria vivo, e seus pais não chorariam a morte de seu único filho, o jovem que um dia sonhara se tornar *Vor*, enchendo-os de orgulho e dando a eles uma vida melhor.

— É que recebi as joias da minha *mat'*. Eu queria de alguma forma homenageá-la esta noite.

Eu era muito apegada à memória dos meus pais, então, ele não tinha como refutar minha declaração. Sobre isso, estou sendo completamente sincera. Usar as joias da minha mãe fazia com que sentisse ter um pouco dela de volta.

— É justo — ele abriu um sorriso que consideraria bonito se chegasse a seus olhos frios — Você pode usar o meu colar quando oficializamos tudo entre nós.

Boris era um homem até que bonito. Tinha os mesmos cabelos prateados Sonya e o tom de olhos que Sonya. Seu corpo era completamente tatuado do pescoço para baixo. Gostava de tatuagem, embora nunca tivesse tido coragem para fazer alguma, mas homens com exagero como Boris, não me atraíam.

— Oficializarmos?

— O nosso noivado, *mílaya*.

Não era sua querida e não acreditava que ele havia colocado em palavras o meu maior temor.

— Não podemos ficar noivos, Boris — eu o alertei, tensa — Nós somos irmãos.

Eu não sabia que seu olhar poderia ficar mais frio do que o habitual, e isso me causou medo. Do meu pescoço, suas mãos se fecharam em meus braços. A força com que me agarrou fez com que eu ficasse nas pontas dos pés.

— Não somos irmãos e nunca seremos, Kyara — proferiu, e a calma com que disse isso me deixou ainda mais aterrorizada do que se tivesse gritasse — Achei que tinha deixado isso claro desde que veio morar com a gente.

— Sim, você nunca gostou de mim, embora eu nunca tenha entendido a razão.

Como Boris podia estar propondo um noivado agora?

— Quando criança achava que roubava a atenção dos meus pais de mim, senti ciúmes — confessou, pondo mais força nos dedos em volta do meu braço, isso me fez retorcer e gemer — Mas eu cresci e você também. Meus sentimentos por você mudaram, *mílaya*.

— Boris, nós não somos irmãos de sangue — tentei falar, apesar da dor que começava a sentir onde ele apertava — É o que você e Sonya significam para mim. Tudo bem, irmãos nem sempre se dão bem na infância, podemos mudar isso agora construindo uma relação melhor. Eu acho que é isso que você sente e está confundindo as coisas.

— Não estou confundido nada, Kyara. Sei o que sinto por você e o que quero desde que fez dezesseis anos.

Agora fazia sentido ele ter mandado eliminar Roman. No fundo, sempre soube que isso não foi um gesto de um irmão mais velho ciumento, mas preferi enterrar as suspeitas, quando *otets* Kamanev afirmou que isso era coisa de irmão tentando proteger a irmã de um jovem sem futuro. Na máfia muitas coisas eram resolvidas com sangue. Eliminava-se o inimigo e o problema estava resolvido.

— Não posso me casar com você, Boris. E não posso retribuir os seus sentimentos. Não sobre isso.

Ele soltou um risinho debochado. Era como se ele fosse o gato e brincasse com seu ratinho preferido. Uma de suas mãos soltou o meu braço e ele segurou firme meu queixo, fazendo com que eu o encarrasse.

— Não está entendendo, *mílaya*. Não é um pedido. É um aviso. Tenho esperado todos esses anos por você, Kyara. Será minha. Isso é uma promessa.

Seu rosto se aproximou e seus lábios tocaram os meus. Fechei os meus olhos, não porque apreciava o beijo como ele poderia estar imaginando, mas para impedir que as lágrimas fossem convertidas mostrando minha fraqueza e repúdio.

Uma vida ao lado de Boris seria pior do que a vida levada pelas jovens traficadas por *Kapitan* Avdeev. Elas, pelo menos, teriam o direto à paz e tranquilidade dentro das comunidades criadas para elas quando seus trabalhos deixassem de ser requisitados. Só a morte me livraria de Boris se me casasse com ele. Uma vez sua esposa, teria que servi-lo e obedecê-lo.

— Mas conversaremos de novo em alguns dias — ele se afastou, finalmente me soltando — Preciso tirar outro empecilho do meu caminho antes. E, em breve, serei o homem que se orgulhará de estar ao seu lado, *mílaya*.

Mordi a língua a tempo para evitar perguntar se ele estava falando sobre eliminar o novo *Pakhan*, Dmitri Milanovic, mas recordei que Sonya pediu segredo sobre isso. Boris estava completamente insano se achava que poderia vencer um homem como Dmitri. Era como acreditar que um reles soldado pudesse vencer seu rei.

Tinha certeza agora. Precisava ir embora o quanto antes.

— Como quiser — disse, buscando toda a tranquilidade em mim.

Pelo visto *otets* Kamanev não disse nada nem a ele, nem a Sonya sobre minhas intenções de ir embora da Rússia. Isso mostrava que conhecia bem os filhos e, como disse, pretendia me manter protegida. Ficaria quieta até *otets* conseguir me tirar de Moscou, depois disso, não teria alternativa além de cortar todos os laços com qualquer membro da família Kamanev. Boris poderia tentar machucar Fjodor Kamanev, seu próprio pai, para tentar me encontrar. Não podia e nem iria suportar carregar a morte de mais alguém em meus ombros, principalmente, de alguém que aprendi a amar como pai.

— Agora, vamos nos unir aos outros para o *uzhin* — disse ele, colocando o braço em minha cintura — Afinal, você é a estrela da festa.

E também tinha que ser cínica e dissimulada. Para vencer Boris, precisava usar a inteligência e a paciência mais do que nunca.

— *Da*.

Sorrindo amavelmente para ele, o acompanhei para fora da sala. Para quem observava de fora, éramos apenas dois irmãos curtindo um momento

familiar com os amigos. Por dentro, eu estava fervendo de ódio.

Capítulo 5

Dmitri Milanovic

Passei vários dias visitando todas as nossas bases de negócios em Moscou, verificando como tudo estava caminhando. E apesar de não precisar realizar as visitas pessoalmente, esse era o trabalho de Leonid Ertel — manter os livros atualizados e em ordem —, quis que cada *kapitan* soubesse que o seu novo *Pakhan* estava de olhos bem abertos.

Embora tivesse trinta e seis anos e vinte deles tivessem sido gastos trabalhando e sendo instruído por Mikhail Milanovic, para alguns dos antigos e até jovens, incrédulos, eu poderia ser considerado novo demais para a função de *Pakhan*. Só que não seria de forma alguma enganado ou passado para trás.

E hoje visitaria um dos postos de armazenagem e distribuição das armas, que era uma das células mais importantes na Bratva e que ajudava a manter todas as outras funcionando bem.

— Dmitri?

Olhei no canto do espelho e vi Vladic parado à porta. Ele era silencioso, o que era bom para o trabalho, mas irritante quando invadia minha privacidade assim. Eu poderia estar fodendo alguma empregada que tivesse vindo ajeitar o meu quarto. Sorri cinicamente com a possibilidade. Esse não fazia meu estilo, correr atrás de serviçais como um velho decadente. Gostava de ter, mesmo que fosse com uma puta como Tereza, paga para me dar prazer, de o mínimo de sedução envolvida, já que amor estava fora de cogitação.

— Sim? — desviando o olhar dele, terminei de colocar o meu terno.

A grande parte das amantes que tive diziam que cinza prateado me fazia parecer mais sexy e letal.

— O Dr. Kushin deseja falar com você antes de sairmos.

O que o Dr. Kushin poderia querer falar comigo? Eu já tinha realizado meus exames trimestrais. Nunca me senti em tão completa saúde física e mental.

— Peça que me aguarde no escritório.

— Já fiz isso — comunicou Vladic, saindo tão silenciosamente quanto entrou.

Voltei a olhar para o espelho. Peguei as abotoaduras de ouro branco e as fixei nos punhos da camisa branca. Penteei os cabelos com os dedos e os preendi

em coque no alto da cabeça. Talvez eu devesse cortá-los, como também precisava aparar a barba. Ou talvez não fizesse nenhuma dessas coisas. Os dois faziam com que parecesse mais intimidante, ameaçador, como um Czar, e gostava de causar esse efeito nas pessoas.

Quando cheguei ao escritório tinha Marko Kushin sentado em uma cadeira em frente à minha mesa, com Vladic e Nikolai postados em cada lado dele. Era visível e divertido como o homem franzino se sentia desconfortável entre os dois.

— Dr. Kushin — cumprimentei-o ao ocupar minha cadeira do outro lado da mesa — Pediu uma audiência comigo? Eu espero que seja realmente importante.

O Dr. Kushin cuidava da família desde que meus pais se casaram e ele salvou a vida da minha mãe quando teve apendicite. Ela se afeiçoou ao jeito carinhoso com que a tratou, apesar de ser um médico iniciante e o manteve como nosso médico pessoal. Isso já durava mais de trinta anos.

— Sim. O que tenho a dizer é muito importante — ele se remexeu na cadeira, demonstrando seu desconforto e algo mais, um pouco de medo — Tive a ousadia de fazer algo em relação ao seu pai.

— Meu *otets*? — já fazia dias que o tínhamos enterrado. Que assunto poderia estar relacionado a ele?

— Fale de uma vez, Kushin — disse Vladic.

— Claro. Apesar do *Pakhan* Milanovic... — iniciou ele — O antigo *Pakhan* já estar em um estado de saúde delicado e com um coração frágil, ele se cuidava bem.

E ordenei que ficassem atentos a isso. Foi uma surpresa ter que visitá-lo em seu quarto àquela noite para me despedir.

— Aonde você quer chegar? — indaguei, ele torceu as mãos e me encarou com um olhar aterrorizado.

— Seja lá o que precise dizer doutor, garanto que não descontarei a minha ira em você — falei de forma calma e fria — Se não estiver envolvido, claro.

— Tive a ousadia de colher o sangue dele antes que você entrasse no quarto e também fiz alguns exames antes de liberar o corpo — ele engoliu em seco — Claro que a causa maior foi o coração parando de bater, não aguentou, mas o que desencadeou isso foi envenenamento.

Comprimi meus olhos e respirei fundo. Ser assassinado na Bratva não é

incomum, todos os dias podia ocorrer de ter uma arma apontada para a minha cabeça, a questão era como se morria ou se eliminava o inimigo.

— Está afirmando que meu pai foi traído e envenenado?

Não existia forma mais humilhante de matar alguém do que pelas costas ou envenenado. Você tira a oportunidade de seu opositor em ter uma morte honrosa. Não havia problema em tortura, em massacre de frente e não importava se a morte fosse limpa, violenta ou sangrenta, desde que olhasse nos olhos do seu inimigo e deixasse claro a ele quem ceifaria sua vida.

— Doutor, você tem certeza sobre isso? — Vladic faz a pergunta presa em minha garganta.

— Os exames não mentem. A substância fez parecer um ataque cardíaco, mas o veneno ficou por algum tempo presente no sangue — disse ele — Mikhail Milanovic foi envenenado e precisamos abrir investigação.

Era impossível não se sentir um pouco paranoico com uma revelação como essa, mas eu precisava manter o foco e, principalmente, a calma.

— Não! — silencieei a discussão que os três iniciaram enquanto eu absorvia tudo — Para isso ter acontecido foi alguém daqui de dentro.

Encarei os três por um longo tempo. Podia estar cometendo um erro gravíssimo, mas nenhum desses homens teve algo a ver com o assassinato de meu pai. Vladic era mais do que meu *avtoriyet*, crescemos junto, nos preparamos juntos e ele era o irmão que não tive. Nikolai Savin foi *sovietinik* de meu pai por quatro décadas e sua fidelidade nunca foi contestada. E o doutor Kushin não tinha motivo algum para envenenar o *Pakhan* e contar o feito em seguida.

— Ou alguém infiltrado — comentou Vladic.

Não havia muita rotatividade na casa. Os serviçais eram bem tratados e bem pagos para que sua lealdade a nós nunca fosse ameaçada. Mas sempre havia afastamentos médicos, aposentadorias e, em último caso, acerto de contas puníveis com morte.

— Nikolai, cancele as minhas vistas de hoje — ordenei a ele que saiu apressadamente — Vladic, reúna todos os empregados e mande cada um deles entrar. Ninguém sai desta casa hoje sem que eu descubra quem envenenou meu pai e a mando de quem. Cada um que sair desta sala, você tranca em outra sala, incomunicáveis e, de preferência, que não conversem entre si. Não quero que a notícia se espalhe. A cada um que for recrutado, diga apenas que é uma investigação sobre um roubo.

— *Da* — afirmou Vladic antes de sair.

— E eu? — indagou Kushin — O que devo fazer, senhor?

— Apenas fique em silêncio e observe. Eu posso precisar dos seus serviços.

Nem que eu tivesse que eliminar um a um, ou, todos ao mesmo tempo, o dia não acabaria sem que eu pegasse o assassino.



Dez exaustivas horas mais tarde, depois de ter interrogado uma fila que parecia interminável de possíveis suspeitos, tinha diante de mim o culpado. A culpada para ser mais específico.

Yasha Papsuev, uma ajudante de cozinha que tinha pouco mais de sete meses trabalhando na casa.

— Não foi só pelo dinheiro, Papa Milanovic, nem toquei nele ainda — ela soluçava enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto vermelho — Fui chantageada, contariam um erro gravíssimo que meu irmão cometeu, depois fui ameaçada. Juraram matá-lo se não fizesse o que me pediam. Somos tudo o que temos um para o outro.

Eu entendia sua necessidade de proteger o irmão, mas não que ela não tivesse vindo me procurar. Todos sabiam que o *Pakhan* estava velho e fraco, mas sem o veneno ele teria tido mais alguns meses de vida e uma morte justa.

— Eu juro que não sabia que era veneno — confidenciou Yasha, cada vez mais em pranto ao ver meu olhar frio e de desprezo intensificar — Disseram que era sonífero e que só queriam entrar na casa.

— E você não pensou que mesmo que fosse sonífero e entrassem na casa — disse em um tom ainda mais frio — a intenção seria matar o *Pakhan*?

Ela fungou, limpando o nariz escorrendo na manga da blusa. Um gesto tão repulsivo quanto o erro cometido por ela.

— É que ele já estava...

Fiquei em pé, olhando-a de cima.

— Velho? A vida do *Pakhan*, mesmo que doente, vale mil vezes mais do que de qualquer pessoa.

O novo soluço e choro estridente não tiveram forças para me comover. Estava sedento por justiça. Meu pai foi um *Pakhan* firme, um pouco duro às vezes, mas raramente agia com crueldade, nada justificava o fim que ele teve.

— O meu irmão está prestes a se tornar um *Vor* — ela lamentou.

Caminhei para trás dela e murmurei em seu ouvido: — Não irá mais.

Coloquei-me em frente a ela, queria estar olhando em seus olhos quando obtivesse a resposta.

— Quem ordenou o serviço?

— Eu não sei. Todos os contatos foram por telefone, ou deixavam bilhetes por baixo da minha porta — o choro se intensificou e eu segurei seu rosto molhado, seus olhos cada vez mais assustados aumentavam de tamanho — Juro pela minha vida que não sei.

— *Idi na hui!* — urrei alto, perdendo a calma pela primeira vez — A sua vida já não vale mais nada para mim.

Voltei a me erguer e encarei Vladic e Nikolai em guarda na porta.

— Qual punição você me sugere, Savin?

Ele olhou rapidamente para Vladic ao seu lado.

— Se me permite dizer, meu senhor — disse Nikolai — Acho que Vladic terá sugestões melhores que as minhas.

O problema era que Vladic também amava o pai, foi criado como um filho por ele. Assim como eu, as emoções estariam à margem. Nós queríamos que Yasha sofresse.

— Vladic?

Seu rosto estava duro como pedra, mas suas narinas encontravam-se dilatadas de ódio.

— A caixa — disse Vladic em um tom bem amedrontador — Que é exatamente onde o *Papa* está agora, em um caixão frio.

A caixa era uma punição com uma morte lenta e dolorosa. A pessoa era colocada dentro de uma caixa ou um baú, sem nenhum espaço para movimentação. Ficando lá por dias até a vida esvaír de seu corpo esgotado.

— Que seja a caixa, então — consenti, retornando à minha mesa.

A jovem imediatamente começou a gritar. Qualquer pessoa na Bratva, por menor que fosse o cargo, conhecia um dos meios de execução mais temidos. E a morte de Yasha Papsuev serviria como lição para todos.

— Deixem que todos ainda acreditem que está relacionado a um roubo — ordenei a Vladic e Nikolai quando um a segurava e o outro passava a fita em sua boca.

Usamos de paciência, frieza e inteligência para que os interrogados soubessem que os acusávamos de algo, mas não dissemos exatamente do quê. Foi o nervosismo e as respostas contraditórias de Yasha que a entregaram a nós.

— Quem é capaz de trair também é capaz de roubar.

Talvez não despistasse o mandante, mas quanto menos pessoas soubessem do que e o quanto sabíamos, melhor seria para pegarmos o desgraçado que envenenou o meu pai, porque Yasha tinha sido apenas um instrumento.

Vladic abriu a porta e dois *boyevik* entraram. Eles arrastaram a garota que se debatia para fora e logo a sala ficou em completo silêncio. Foi um dia exaustivo porque nossas mentes estavam ligadas emocionalmente, o que geralmente não acontecia em um acerto de contas.

Girei a cadeira em direção à janela.

Estava escuro lá fora.

Estava escuro dentro de mim.

Na Bratva, ser um *Pakhan* era uma honra, mas era sombrio também. Você nunca podia ser misericordioso, sempre tinha que ser firme e duro. Havia dois em mim. O *Pakhan* dando o castigo merecido e o filho sedento por justiça. Só que a justiça ainda não estava feita. Não até encontrar o verdadeiro culpado. Agora, sabia que minha vida estava em risco direto e não iria descansar até acabar com o maldito com minhas próprias mãos.

— Eu imagino que deseje um momento para digerir as coisas — disse Nikolai se aproximando de mim — Mas há duas questões que quero ressaltar.

Não tinha tempo para digerir as novidades como não tive para lamentar o luto.

— Hoje é a festa de aniversário da filha do *Kapitan* Kamanev, sua presença tinha sido confirmada.

Olhei para o relógio, passava da meia-noite. A parte que menos me agradava em ser um *Pakhan* era ter que socializar. E hoje tinha menos vontade ainda para festas.

— Faça com que o presente chegue à jovem — orientei, erguendo-me da cadeira — Depois envie uma missiva com minhas sinceras desculpas a Kamanev. Talvez possamos oferecer um jantar a ele aqui em casa. Peça que o Ribakov cuide de tudo.

— Se me permite dizer — ele baixou o olhar em gesto respeitoso — Esse é o segundo assunto. Você precisa de uma esposa, *Papa*.

Eu era o Pakhan. O chefe de tudo, mas Nikolai insistia que precisava ter uma mulher ao meu lado. Soava, no mínimo, ridículo.

— Ok, Nikolai. Faça uma lista com todas as filhas dos *kapitany*. Deve ter alguma entre elas que seja apropriada e adequada para estar ao lado do *Pakhan*.

Só que diferente do que meu pai fez com a minha *mat'*, não daria à mulher qualquer oportunidade de se enfiar nos negócios. Esse não seria um casamento por amor. Assim faziam os antigos.

— Cuidarei disso — informou ele antes de se curvar e sair.

— Você também está dispensado, Vladic.

Eu sabia que ele também precisava de um tempo sozinho para absorver tudo. E depois do sinal respeitoso, ele partiu sem emitir ruídos.

Fiquei por muito tempo na sala vazia e silencioso de meu pai. Sala que agora pertencia a mim. Lugar onde muitas decisões importantes seriam tomadas. Mas, no momento, minha mente estava inundada por lembranças. Desde a minha infância subindo em seus joelhos até os dias que passei ao seu lado ouvindo e aprendendo com sua sabedoria.

Carreguei uma garrafa de vodca para o meu quarto quando subi. Observei a lua prateada através do vidro da janela enquanto bebi até pegar no sono.

Capítulo 6

Kyara Smirnov

Consegui me livrar de Boris assim que terminou o *uzhin* e a pista de dança do lado de fora foi aberta. Ele podia ter jurado naquela sala que me amava, mas não se importava nem um pouco em ser discreto e se infiltrar com garotas dando em cima dele, nos cantos escuros da casa. Já dava para imaginar como seria um casamento com ele, nada diferente do que eram os casamentos arranjados na Bratva. Apenas acordos comerciais.

Não que tivesse ficado chateada em vê-lo com outras. Se eu tivesse muita sorte, alguma delas poderia conquistar seu coração. Só que Boris não tinha um coração para ser conquistado. E eu não acreditava em nada sobre seu amor por mim. Talvez ele me desejasse e tivesse colocado isso na cabeça, mas eu não conseguia sentir nada por ele, nem mesmo um carinho fraternal. Foi horrível comigo na infância e conforme fomos crescendo, comecei a nutrir por ele apenas medo e cautela.

Esgueirei-me pelos corredores menos movimentados. Eu não era a estrela da festa como Boris disse ao pai. Sonya cuidava de entreter as pessoas, principalmente os jovens. Eu não estava em um clima para festa. Para começar, eu nem desejava essa festa, por isso, escondi-me em meu quarto.

Estava sentada transversalmente em uma poltrona em frente à janela, com as cortinas abertas. Minhas pernas apoiadas sobre o braço fofo da poltrona e meus pés, vez ou outra, balançavam no ar.

A festa ainda duraria muitas horas, isso me impediria de dormir, por isso estava com um livro em meu colo, o que passava entre as páginas que virava era muito mais interessante do que a música estridente que vinha do lado de fora e dos jovens bebendo, provavelmente fazendo coisas que não deveria ou se arrependeriam no dia seguinte.

Estava imersa em um grande momento do suspense que lia quando o primeiro grito me fez duvidar se estava imaginando coisas. O quarto estava escuro com apenas a iluminação que vinha de fora e da lua, através da janela, para clarear as páginas. Ela estava bonita e redonda, parei algumas vezes para observá-la, era como se me sentisse conectada a ela.

Meu pensamento romântico com a lua foi novamente interrompido quando outro grito se repetiu, ainda mais forte no corredor.

Pulei da poltrona, o livro caiu aos meus pés machucando meus dedos. Não calcei os sapatos, saí descalça, mancando levemente até a porta.

— Ei, o que há? — perguntei à empregada chorando no final do longo corredor.

Ela dizia coisas desconexas e apontava para o quarto de Fjodor Kamanev. Tive um sentimento muito ruim, mas caminhei lentamente até a porta aberta. Se eu não tivesse ficado aterrorizada de choque, acho que minha reação seria similar a da empregada.

Na cama de travesseiros e lençóis brancos estava o *Kapitan* Kamanev. Os olhos sem vida arregalados e o pescoço rasgado jorrando o pouco sangue que lhe restava. Sem dúvida, morto.

— Meu Deus! — comecei a chorar e levei a minha mão trêmula à garganta de forma instintiva — *Otets?* Quem fez isso com você?

Nesse momento, outras vozes foram surgindo. Eu caminhei tropeçadamente até a cama e peguei o pulso sem vida, levando a mão dele em meus lábios. Não conseguia parar de chorar e de acreditar no que presenciava. Assassinararam meu querido *otets*, de forma violenta e cruel.

— Pai! — Sonya gritou ao entrar no quarto — Não!

Ela arrancou a mão dele das minhas e ajoelhou-se diante do corpo imóvel. Eu me ajoelhei ao lado dela, abraçando-a, e juntas choramos, sem nos importar com o murmurinho que começava intensificar ao nosso redor.

— Saiam do caminho! — ouvi a voz de Boris sobressair às outras — *Ye-bat!*

As pessoas foram abrindo caminho para ele que passasse e quando se uniu a nós perto da cama, não conseguia enxergar em seus olhos nenhuma manifestação de dor. Além disso, Boris parecia extremamente calmo para alguém que acabou de se deparar com um ente querido morto em uma cama coberta de sangue.

— Ninguém sai da casa — disse o *Kapitan* Eremeev — Até que cada pessoa seja investigada. E o *Pakhan* seja avisado.

Eremeev é um *Kapitan* de Primeira Elite e também comandava uma das células de inteligência. Se alguém poderia ser capaz de saber quem invadiu o quarto de *otets* Kamanev, tirando sua vida, era ele.

— Caro Eremeev. Eu sou o novo *Kapitan* Kamanev agora — disse Boris em um tom duro — E eu cuidarei de tudo, do meu jeito. O *Pakhan* Milanovic não tem que gastar o seu precioso tempo, nesse caso.

— Mas... — protestou Eremeev, sendo impedido pela mão erguida de Boris.

— Ele não estava aqui, estava? Aliás, acho melhor que não se envolva mesmo. Podemos descobrir coisas que não queremos.

— Está insinuando que...

— Não insinuei nada — disse Boris — Mas essa é uma questão de família. E como tal será resolvida.

Ficou muito claro que Boris não queria que o assunto ganhasse a atenção do *Pakhan*. O parricídio não era incomum na Bratva e nem é considerado uma falta grave se, como Boris ressaltou, for resolvido entre os membros da família. Apenas Sonya poderia exigir acusar o irmão e todos nós sabíamos que ela não faria isso. Então, não havia nada que o *Pakhan* pudesse fazer, a não ser que Boris representasse perigo para ele.

— Como quiser, *Kapitan* Kamanev — afirmou Eremeev.

— Todo o restante pode sair — ordenou Boris — A festa acabou.

As pessoas foram se retirando e o burburinho no quarto foi diminuindo até cessar completamente. Eremeev foi o último a se retirar, não sem antes dar mais uma olhada no corpo jogado sobre a cama e outra, que parecia descontente, para Boris.

— Já chega de lágrimas, as duas — disse Boris agarrando o braço de Sonya, fazendo-a se levantar.

Ergui-me do chão antes que ele fizesse um movimento para vir até mim, só de pensar em Boris me tocando sentia náuseas fortíssimas.

— O pai já estava velho, sua morte chegaria de um jeito ou de outro.

Em uma reação de raiva e desespero, Sonya pigarreou e cuspiu no rosto de Boris que deu uma bofetada tão forte, fazendo o rosto dela virar. Quando voltou ao lugar, notei um filete de sangue escorrer dos seus lábios. Mas ela sorriu sem humor ao invés de chorar. Tinha que admitir, ela era corajosa.

— Você o matou! — acusou Sonya.

Ele avançou sobre ela, agarrando seu pescoço, fazendo-a caminhar para trás nas pontas dos pés, prendendo-a contra a parede.

— Não a machuque, Boris! — tentei puxar a mão do pescoço dela, e o rosto começava a ficar vermelho por falta de ar — Não a machuque, por favor.

Bati nos ombros dele e em seu braço. Só consegui que ele socasse meu peito com a outra mão, o impacto, além de me tirar o ar, me jogou no chão sobre

a poça de sangue que tinha se formado.

— Nunca mais me desafie, Sonya — urrou Boris, pelo que eu via de meus olhos embaçados, estrangulando-a ainda mais, seus pés sacudindo no ar — Ou terá o mesmo destino de *otets*, você me entendeu?

Ela bateu fracamente em seu braço e fechou os olhos. Acredito que estava prestes a desfalecer quando Boris finalmente a soltou. Engatinhei até o corpo dela, que deslizou para o chão. Sonya massageava a garganta, o rosto coberto de lágrimas quando a abracei.

— Isso é um aviso às duas — murmurou Boris — Agora vão para os seus quartos. Tenho muito que cuidar. Quando for necessário, eu as chamarei.

Eu queria ajudar a cuidar do corpo de *otets* Fjodor como fiz com a *mat'* Olenka quando a perdemos. Penteei os cabelos dela e escolhi um lindo vestido para que fosse enterrada, mas estava claro que Boris não iria permitir que Sonya e eu chegássemos perto dele antes de ser colocado no caixão. Ele queria encobrir todos os seus rastros, mesmo que não tenha ficado dúvida para ninguém o que ele fez.

— Vão! — ele berrou.

Estremeci com seu grito, mas consegui encontrar forças em mim para me erguer e levantar Sonya. Nós duas praticamente nos arrastamos para fora, apoiadas uma na outra pela cintura.

Ela vivia dizendo que Fjodor Kamanev estava ficando velho e o coração mais maleável. E apesar de achá-la muitas vezes ardilosa, não acreditava que tivesse desejado a morte do próprio pai. Sua reação a Boris provava isso.

— Ele o matou, Kya — ela chorava e se agarrava a mim quando chegamos ao corredor — Só para ser o novo *kapitan*.

A morte de Fjodor Kamanev doeria em nossos corações por muito tempo, mas o que nos angustiava ainda mais era que agora, literalmente, nossos pescoços estavam em risco.

— Cada uma em seu quarto — ele surgiu na porta assustando a nós duas.

Despedi-me de Sonya com um olhar pesaroso e cada uma foi para o seu aposento. Quando entrei em meu quarto, a primeira coisa que fiz foi trancar a porta, embora eu soubesse que isso não impediria a invasão de Boris.

Depois, segui vacilante até o banheiro quando me dei conta das mãos e pés manchados de sangue. Levei um tempo considerável para tirar a roupa e ir para debaixo do jato do chuveiro. Minhas pernas estavam fracas, por isso, não consegui me manter em pé, por muito tempo. Encolhi-me no chão, as lágrimas

misturando-se à água caindo em meu rosto. Eu sentia que a dor em meu coração estava crescendo tanto que seria incapaz de conseguir suportar.

Perdi meus pais muito cedo e Fjodor Kamanev, o único que protegia e cuidava de mim. Estava me sentindo completamente sozinha no mundo.



Eu sabia que meu tempo estava se esgotando e correndo de um lado contrário ao relógio. Estava cada dia mais vulnerável e com a minha liberdade em risco, mas não conseguia abandonar a letargia e tristeza do luto.

Boris só nos deixou chegar perto de *otets* durante o velório e enterro e, mesmo assim, havia dois *boyevik* ao nosso lado para impedir que fizéssemos qualquer coisa imprudente. Isso tinha sido há três dias. Não podia continuar assim. Embora meu coração doesse por deixar tudo para trás, a minha vida e segurança dependiam disso. Eu só precisava elaborar com calma e precisão como seria a minha fuga.

Boris praticamente nos mantinha presas. Nossa sorte era que mal o corpo de *otets* Kamanev foi enterrado, ele começou a agir como um *kapitan*. Saía todos os dias para encontros de negócios e retornava bem tarde. Eu mantinha minha porta trancada, mas sabia que essa medida não duraria muito tempo.

— Kyara?

Estava no quarto de Fjodor Kamanev quando Sonya veio me procurar.

— Eu estou perdida — disse ela, começando a chorar — Boris quer que eu me case.

Isso era algo bem previsível. Desci da cama de Fjodor onde estive por toda manhã, olhando uma foto dele com a esposa. Era bom que *mat’* Olenka tivesse partido cedo, pois, morreria de desgosto ao saber o que o filho fez.

— Ele exige que eu faça um exame ginecológico — continuou ela, claramente nervosa — Provando que nunca tive relações sexuais.

— Mas você não teve, não é?

Era algo bem bárbaro exigir que as filhas se mantivessem virgens até o casamento, mais bárbaro ainda que os candidatos a noivos e seus pais exigissem tal documento, mas as coisas funcionavam assim. Éramos usadas como um meio de negociação. Ninguém queria uma mercadoria avariada.

— É claro que tive — Sonya confessou me deixando chocada.

Eu não precisava realmente me preocupar com isso porque eu não era

uma Kamanev de verdade. E depois de Ramon, meu desejo de ir embora intensificou, mantendo-me longe dos rapazes, mas Sonya? Ela sempre soube que o destino dela um dia seria casar com um *kapitan* formando novas alianças e fortalecendo o nome de sua família. E, diferente de Irina Novitsky, ela nunca foi uma garota estudiosa.

— Sonya! — tentei fracassadamente manter a calma diante de sua estupidez — Foi com Gregori?

Ela deveria realmente amá-lo muito.

— Antes dele — murmurou olhando para o chão — Com Igor Chertkov, no último ano do colégio.

Não cheguei a proferir nada, mas meu olhar dizia muita coisa. Para alguém que se gabava de ser esperta e conseguia dar um jeitinho para ter tudo o que queria, Sonya tinha sido muito burra.

— Ele dizia que me amava. Que pediria a *otets* para se casar comigo, e sendo filho de um *kapitan* de Primeira Elite, acreditei que isso faria todos felizes. Mas Chertkov não cumpriu o que prometeu. Ele riu de mim no dia seguinte diante dos amigos. E nada poderia fazer além de me calar para não manchar o nome da família, que se casaria com uma mercadoria arruinada.

Quanto mais eu pensava na forma que os casamentos eram feitos, mas me revoltava contra isso. Homens podiam tudo, simplesmente porque eram homens. Sonya teve relações com Chertkov como ele teve com ela e um bando de outras garotas que conseguiu enganar com sua lábia fácil, mas eram elas a pagar o preço por esse erro.

— Agora, Boris quer um exame para me casar com o filho do *Kapitan* Larionov — seguiu ela — Se eu não provar que sou virgem, me casará com o pai dele.

— Mas ele tem quase setenta anos!

— Kirill não é nem de perto um homem bonito — ela choramingou — Mas é melhor que um velho decrépito.

— E o Gregori? Vocês ainda podem fugir.

Talvez pudéssemos fugir todos juntos. O dinheiro que tinha no banco, com as joias que herdei da minha *mat'*, ajudaria a nos manter por um bom tempo.

— Não dá para continuar sonhando com ele, Kyara — protestou ela, voltando a me deixar chocada — Kirill Larionov não é bonito, mas tem muito dinheiro. Gregori é apenas um *boyevik* que nunca conseguiria dar a vida que eu

estou acostumada.

Grande parte da culpa de sermos tratadas como somos, um pedaço de carne em exposição, era porque muitas mulheres agiam e pensavam como Sonya. Era como se passassem a vida tendo lavagem cerebral. Tudo o que importava era o status e o máximo de luxo que conseguiam ter.

— E também ouvi dizer que é um *pidoras* — e as revelações de Sonya não paravam de me chocar — Gregori pode ser meu amante, no fim de tudo.

Se Sonya não era fiel ao homem que dizia amar, não podia contar a ela meus planos de ir embora. Se ela fosse comigo, qualquer dificuldade que enfrentássemos no futuro a faria entrar em contato com Boris, denunciando onde nos escondíamos em troca de perdão e sua vida luxuosa de volta. Eu amava Sonya, mas conhecia bem seus defeitos. Ela era capaz de trair a própria sombra para conseguir o que queria.

— E como pretende resolver isso?

— Com a sua ajuda — ela buscou minha mão, levando ao seu rosto — Vai me ajudar, Kyara? Salvar a sua irmãzinha do Boris?

Não sabia que plano maluco passava pela cabeça de Sonya, mas poderia dizer não a ela?

Eu não conseguiria passar os anos seguintes lembrando que me recusei a ajudá-la.

— O que você quer que eu faça?

Sempre foi assim, mas eu esperava que essa fosse a última vez que colocava meu pescoço em risco para socorrê-la.

Capítulo 7

Dmitri Milanovic

Quando desci para o *zavtrak*, Vladic já estava a postos ao lado da mesa. Seu rosto e cabelos um pouco desgrehados me diziam duas coisas: assim como eu, ele teve uma noite difícil ou passou a madrugada em claro com alguma mulher, tendo uma noite difícil. Conhecendo-o bem, acreditei nas duas possibilidades.

— O que Ivan tem a dizer sobre ontem? — sondei ao me sentar.

Ordenei que a investigação ocorresse de forma sigilosa. Desejava que quem matou meu pai, continuasse a acreditar que eu estava no escuro. Em algum momento, um passo em falso seria dado e, então, eu pegaria o desgraçado.

— A garota não mentiu — disse Vladic, ocupando a cadeira à minha direita à mesa — Ela não sabe quem a contratou. As ligações foram realizadas de celulares descartáveis e nada foi encontrado nas cartas, todas foram impressas, sem nenhum sinal de digitais.

Eu já considerava essa resposta. Yasha teria usado essa informação, se tivesse, para tentar barganhar a própria vida. Ela era apenas uma ajudante de cozinha e não um soldado bem treinado disposto a sofrer qualquer tortura antes de trair a irmandade.

— Os *obshchak* continuarão investigando incansavelmente — avisou Vladic — Vamos descobrir quem matou seu pai.

A forma que ele disse isso foi muito intensa.

Vingança por um homem que considerou como um pai ou tentativa de me proteger?

Não importava, ambos desejávamos a mesma coisa. Pegar o verdadeiro assassino.

Nikolai não tardou a chegar. Se ele notou que iniciamos o dia um pouco diferente do habitual, foi inteligente em ignorar. E enquanto ele narrava minha agenda para o dia, observava a farta mesa de café da manhã. Coloquei dois ovos fritos no prato, torradas e alguns pedaços de linguiça. Estava avaliando quantos pedaços *sirniki* conseguiria comer quando Nikolai retornou avisando que o *Kapitan* Eremeev desejava ter uma audiência comigo. Fui para o escritório entrando pela porta privativa, depois, autorizei que o *kapitan* entrasse.

— Papa — Eremeev cumprimentou da forma mais informal quando a porta foi aberta, fez um sinal para que ele se aproximasse — Vim para comunicar que *Kapitan* Fjodor Kamanev está morto.

Olhei para Vladic e seu erguer de sobrancelha anunciava que pensou o mesmo que eu.

— Acidente, velhice ou doença? — arrisquei mesmo desconfiando que a resposta seria outra.

— Tudo leva a crer que foi o Boris.

A resposta não nos surpreendeu. Nossa organização era agora bem menos bárbara do que foi com nossos ancestrais, mas um filho executar o pai, em busca de ocupar seu lugar não era incomum. Um pouco menos usual, mas não incomum.

— A garota deseja retaliação? — perguntei a ele — Nomeou você para fazer isso? É o que veio me comunicar?

— Não. A irmã, até o momento que deixei à casa deles, não deu sinais de querer julgamento — disse Eremeev — Como geralmente acontece, será resolvido em família. Apenas achei certo que soubesse disso imediatamente.

Como as famílias resolviam as intrigas entre si era problema delas. Minha intromissão só seria necessária em dois casos: a jovem exigir um julgamento para o irmão, e nesse caso eu avaliaria se alguma punição era cabível, ou Boris se mostrar um risco à minha vida ou ao meu reinado como *Pakhan*.

— Eu devo me preocupar, Eremeev?

— Sabemos que o novo *Kapitan* Kamanev é capaz de qualquer coisa — disse ele — É melhor manter os olhos e os ouvidos abertos.

Já estávamos fazendo isso.

— Ficarei de olho em Kamanev até que me prove que seu juramento foi verdadeiro.

E eu não poderia esquecer o olhar que Boris tinha ao fazer seu juramento a mim ao lado do pai.

— *Blagadaryú, Kapitan* — fiz o sinal de dispensa e a porta foi aberta — Sua fidelidade será bem recompensada.

Assim que ele saiu, os dois homens da minha extrema confiança se colocaram ao meu lado.

— Sonya Kamanev pode não querer denunciar o irmão — disse aos dois

— Mas ela pode ter informações interessantes a nos dizer.

— Quer vê-la imediatamente? — indagou Nikolai.

— Não. Deixe Boris curtir seu reinado por alguns dias e ela, o luto —
informei ao me erguer — Depois, a tragam cordialmente para um café.

Vladic sorriu amplamente. Ele me conhecia o suficiente para saber o que se passava em minha cabeça. Às vezes era necessário soltar a linha para enforçar o inimigo com sua própria corda.

— Como quiser, *Papa* — disse Nikolai ao sair.

— E você pensou que seria muito fácil, Vladic? — o relembrei de muitas de nossas conversas quando imaginávamos eu como *Pakhan*.

Ele sorriu debochadamente antes de responder: — O fácil não é divertido.

Sobre isso, eu era obrigado a concordar com ele.

Capítulo 8

Kyara Smirnov

Conferi a mala e os documentos dentro da bolsa mais uma vez, para ter certeza que não estava esquecendo nada que precisava. Não poderia lembrar no meio do caminho que esqueci algo importante. Quando fosse fugir essa noite, seria para sempre, sem olhar para trás. Eu já deveria estar muito longe a essa altura, mas havia algo que precisava fazer primeiro. E não conseguia acreditar que embarquei em mais uma das loucuras de Sonya, e menos ainda que esse plano maluco pudesse dar certo, mas prometi ajudá-la.

Contudo, minha consciência me dizia que o que devia fazer era pegar a mala, a bolsa com meus documentos que tenho mantido escondida debaixo da cama e andar alguns quarteirões antes de pegar o taxi, que me levaria ao aeroporto Internacional Sheremetyevo, fugir enquanto ainda dava tempo.

Eu tinha estudado esse plano durante toda a noite anterior, e apesar de arriscado, me pareceu muito mais viável do que as artimanhas de Sonya para hoje.

— Você está pronta, Kya? — ela surgiu no quarto no momento em que colocava o edredom sobre a cama. Peguei os sapatos para disfarçar o motivo de estar ajoelhada no chão e fiz uma prece para que ela não tivesse visto nada.

— Você tem certeza sobre isso, Sonya?

Se havia um momento para desistir dessa estupidez seria agora. Eu não estava muito preocupada comigo, pois, já que Boris tinha confessado seus sentimentos, contava com eles para que o castigo sobre mim, se fôssemos pegas, fosse mais brando. Já Sonya, não conseguia nem imaginar o que ele seria capaz de fazer a ela.

— Vai dar tudo certo, Kyara — alegou ela fechando a porta — O fato de Boris exigir que o exame seja feito pelo médico escolhido por ele, até que irá nos ajudar. O médico não nos conhece. E usei o colar que você me deu para pagar a enfermeira, ela trocará nossas fotos na ficha quando for te atender.

Eu deveria ter perguntado por que Sonya não vendeu uma das joias que tinha, em vez da que o Boris me presenteou, mas como o objeto não me importava nem um pouco, deixei a questão para lá, pelo menos estava sendo usado para algo necessário.

— Você só tem que entrar na sala e deixar que o médico faça o exame em você. Depois do resultado pronto, a enfermeira irá trocar as fotos novamente e enviar para Boris, ela disse que sempre acontece assim.

— E se o médico notar?

— Por isso disse para nunca ficar encarando-o — lembrou Sonya — Se faça de tímida e envergonhada, e ele não tem por que imaginar alguma coisa. E lembre-se, vou mantê-lo distraído o máximo que puder.

Eu ainda tinha medo. Se Boris sequer suspeitasse o que estávamos prestes a fazer, ficaria furioso.

— Agora nós temos que ir — comunicou ela — O carro já está pronto e há dois *boyevik* nos esperando lá embaixo.

A cada passo que dava, meu coração parecia bater mais forte e mais rápido em meu peito, às vezes sentia que poderia sair pela minha boca. Os dois homens vestindo negro, com olhar de poucos amigos nos esperando na sala não ajudaram muito a me tranquilizar.

Fomos escoltadas até o carro e seguimos mudas por todo o caminho. Eu, tentando controlar um olhar angustiado, e Sonya sorrindo, vez ou outra ela enviava mensagens no celular dizendo que daria tudo certo.

“Quando descer, coloque a mão na barriga e finja estar doente, depois, entre no prédio e vá para o banheiro, não saia até que eu chegue.”

Olhei para ela com olhar interrogativo. Não tínhamos falado nada sobre aquilo quando refizemos seu plano pela manhã. E nem tive tempo de perguntar, o carro parou e a porta foi aberta.

Fiz o que Sonya pediu, mas nem estava representando. Todo o perigo da situação me fazia sentir nauseada. Caminhei às cegas para a entrada do prédio, acionei o elevador e escondi-me no banheiro assim que desci no andar do Dr. Sorokin.

Não devia ter levado mais do que alguns minutos para que Sonya batesse na cabine onde me encontrava, mas para mim pareceu que tinham se passado horas.

— Consegui dar um jeito no *boyevik* que subiria com a gente — alegou ela, entrando e fazendo o local ficar ainda mais apertado do que já era — Mas temos que ser bem rápidas.

— O que disse a ele?

— Que você estava passando mal e precisava dos seus remédios.

— Ele acreditou em você, Sonya?

— Ele não quis arriscar que você piorasse e Boris ficasse irritado. Todo mundo sabe o que meu irmão sente por você — diante de meu olhar surpreso e assustado ela sorriu — Menos você, né?

— Ele contou no meu aniversário — confessei a ela — Isso é errado. Fomos criados como irmãos.

— Só que o Boris não vê as coisas assim. E já se olhou no espelho, Kyara? Ficou uma mulher muito bonita.

— Mas...

— Ai, Kyara para de fazer perguntas, já disse que temos que ser bem rápidas. O outro homem ainda está lá embaixo.

Em parte, sabia que ela tinha razão, eu só não conseguia ser tão fria quanto Sonya.

— Coloque a peruca — disse tirando uma que era bem parecida com seus cabelos e diante da interrogação em meu rosto respondeu: — Comprei quando negocieei com a enfermeira.

Ela realmente pensou em cada detalhe. Eu não sabia dizer se Sonya era esperta demais, ou fria em um sentido que deveria começar a me preocupar.

— Trocamos de roupa, eu entendo — disse ao começar a tirar meu vestido —, mas acha mesmo a peruca necessária?

— Se Boris tiver uma conversa com o médico, ele pode citar você — disse ela colocando um gorro na cabeça — Ou, no caso, eu. Seria muita burrice a cor dos nossos cabelos nos denunciarem, não acha?

Ela tinha razão. Boris sabia que eu acompanharia Sonya no exame, eu pedi de uma forma muito gentil que ele permitisse isso, mas ele não era um completo idiota. Não podíamos deixar rastros pelo caminho que nos denunciasses.

— Você tinha outra escolha, Sonya — lembrei-a mais uma vez.

— Vamos conversar sobre isso depois — sussurrou ela e saímos juntas do banheiro.

Cruzamos com duas desconhecidas no corredor. Eu só vi os sapatos e a roupa de uma enfermeira, segui andando olhando para o chão até o consultório. O Dr. Sorokin, após me fazer as perguntas usuais, pediu que eu assinasse alguns papéis. Escrevi o nome de Sonya, que já havia preenchido as mesmas folhas antes, assinadas com o nome dela e a enfermeira que nos recebeu trocaria no

momento certo.

— Tire a roupa naquele biombo, vista aquela camisola e, depois, deite na maca — disse ele.

— *Da.* — respondi, e escondendo o rosto com a peruca, fiz o que me pediu.

Cobri meu rosto com o braço quando me deitei na maca. Sonya seguia fazendo perguntas que me constrangiam, mas o mantinha surpreendentemente distraído sobre mim.

É claro que se fôssemos colocadas juntas lado a lado, ele poderia nos distinguir para Boris, mas em uma conversa sozinha com ele, era pouco provável.

— Pode se vestir, senhorita — disse ele e rapidamente voltei para trás do biombo — Enviarei ao exame para o *Kapitan* Kamanev em breve, mas não precisa continuar receosa, está tudo certo. Fará um bom casamento.

Ergui brevemente a cabeça, agradecendo com um sorriso. O médico tinha imaginado que o teor do meu quase “*falso nervosismo*” se devia a preocupação que a minha virgindade me colocasse em apuros. Ele não poderia estar mais longe da verdade.

Saímos da sala de exames do Dr. Sorokin e seguimos direto para o banheiro. Destrocamos as roupas e Sonya colocou a peruca de volta na bolsa.

— Sonya — a chamei quando escovava com os dedos os cabelos que havia soltado do gorro —, espero sinceramente ter ajudado você.

Ela me olhou através do espelho. Acho que pensou que eu era maluca ao me ver abraçá-la forte.

— E que seja feliz com suas escolhas.

Acontecia dessa ser a única despedida que poderíamos ter. Hoje à noite pretendia fugir pela mesma janela que muitas vezes ela saiu para ver Gregori e outros garotos em nossa adolescência. Talvez eu nunca mais visse ou falasse com Sonya de novo.

— Obrigada pelo o que fez, Kya — murmurou ela, retribuindo o abraço — Mas sei bem o que escolhi. Serei feliz do meu jeito.

Era isso que importava. Sentia ter que ir deixando-a para trás, mas Sonya era forte. Achava que tinha chegado a hora de eu também ser.

Apesar de o pior ter passado, não conseguia me livrar da sensação angustiante que me acompanhou o dia todo. E quando o elevador parou no térreo

e dois homens muito altos e fortes entraram, nos impedindo de sair, entendi o porquê.

— Qual das duas é Sonya Kamanev? — o mais carrancudo perguntou.

O segundo fez um gesto afastando o terno, fazendo uma pistola preta surgir, com o intuito de nos amedrontar, o que deu muito certo.

— Senhoritas, meu amigo fez uma pergunta.

Olhei rapidamente para Sonya que se manteve muda. Não sei se estava assustada como eu, ou pensando em algo para escapar do castigo iminente. O irmão dela nos descobriu, foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça. Eu tinha que ganhar tempo e dar uma chance para que Sonya salvasse sua vida. Tentaria acalmar Boris.

— Sou eu — disse ao homem que continuava a mostrar sua arma — Eu sou Sonya Kamanev.

E quando a porta do elevador abriu na garagem, empurrei o homem armado contra o amigo dele, gritando para Sonya: — Irmã, fuja!

Foi tudo muito rápido. Sonya correu entre os carros, conseguindo alcançar uma porta, por onde entrou.

— Deixe-a! — gritou o amigo do *boyevik* que me mantinha agarrada pelos cabelos contra o seu peito forte — Estamos com quem precisamos ter. A outra não nos interessa.

O *boyevik* que correu atrás de Sonya retornou vociferando e olhou feio para mim. Tentei escapar das garras deles, mas foi inútil. Além de serem dois contra um, eram muito mais fortes e mais altos do que eu. Não adiantava lutar, não agora. Eu precisava ter calma e pensar no que dizer a Boris quando estivesse frente a ele.

Eu tinha chegado tão perto de fugir.

Pensar sobre isso me fazia querer chorar.



Depois de quase uma hora presa dentro do carro preto que me obrigaram a entrar, paramos em frente ao um imenso portão. Uma casa suntuosa foi surgindo diante de mim conforme íamos avançando no portão que fora aberto. A casa era duas vezes maior do que a que morei nos últimos treze anos. Muito mais imponente e bonita. Quando Boris tinha comprado esta casa? E pior, por que me trazia até aqui?

— Saia do carro — ordenou o homem ao abrir a porta — Vamos!

Não conseguia me mover, então, ele me puxou para fora. Nós não fomos em direção à entrada principal, contornamos a casa e andamos por vários corredores.

— Por que me trouxeram aqui? O que o Boris deseja?

Parei no lugar exigindo respostas. Minha vontade era gritar, xingar, espernear ou chutá-los para conseguir fugir, mas não era preciso ser muito esperta para saber que não daria certo. Parecia que tínhamos entrado em uma fortaleza.

— Não é a mim que deve fazer suas perguntas — disse ele de forma rude. Seu aperto ficou mais firme em meu braço, mas não o suficiente para me fazer contorcer — E não é a você que devo dar as minhas respostas. Agora ande.

Ele deu um leve empurrão em minhas costas, fazendo com que eu voltasse a andar. Cruzamos com algumas mulheres uniformizadas, mas elas abaixaram o olhar diante dos *boyevik* e nenhuma ousou olhar diretamente para mim.

— Já estamos na casa com a garota, Ivan — disse ao telefone o que estava ao lado do homem que me segurava quando chegamos em frente à porta — Sim, vamos entregar.

Após desligar, ele bateu na porta que foi aberta em seguida. Inutilmente tentei me afastar, o homem me segurou e me empurrou para dentro da sala. Só não caí como uma fruta podre no chão porque vacilei contra a parede mais próxima, onde apoiei minha mão.

— Senhorita, desculpe a indelicadeza do *boyevik* — uma voz grave fez com que eu erguesse a cabeça lentamente.

Eu vi primeiro os dedos longos, tamborilando contra uma pasta fechada sobre a mesa. Depois, o terno cinza escuro cobrindo o peito e os ombros muito largos. Subi o olhar para o pescoço grosso, o queixo quadrado coberto por uma barba aparada e, em seguida, me deparei com um dos rostos masculinos mais fortes e bonitos que eu já vi na vida.

— Deveria ter deixado mais claro que é minha convidada — a voz grossa finalmente ganhou um dono — Sonya Kamanev, certo?

Eu não era Sonya e não fazia ideia de quem era esse homem de olhar marcante que fazia meu coração disparar. Dizer que eu sentia medo era a única explicação que eu conseguia para justificar meu tremor. Mas o sorriso que me deu ao se erguer, fez com que ele parecesse ainda mais sexy e menos assustador

do que parecia antes: — Sou Dmitri Milanovic.

O Pakhan!

Capítulo 9

Dmitri Milanovic

Sonya Kamanev era bem diferente do que eu imaginava. A começar pelos cabelos, eram bem diferentes do seu irmão, enquanto os de Boris eram em um tom branco, quase prateado, os da jovem à minha frente eram dourados como fios de ouro. Os olhos também eram de um azul mais claro. E ela é muito, muito bonita. Linda e delicada como um *kheruvim* que certa vez vi desenhado em um quadro no museu.

— Sente-se, por favor — indiquei a cadeira em frente à minha mesa.

Observei seu olhar fazer uma breve analisada da sala. Ela estudou Nikolai e encarou Vladic por um tempo maior, até seu olhar assustado e confuso voltar a cair sobre mim.

— Sente-se, Sonya! — dessa vez não foi um convite e ela entendeu isso pela forma que seus olhos brilharam e apertaram levemente — Esse é Nikolai Savin, meu *sovietinik*.

Iniciei as apresentações.

— E Vladic Guriev, o *avtoriyet*.

Ela continuou a me olhar firme. *Hum...* É arisca. O rosto delicado escondeu isso muito bem. Foi uma reação quase que imperceptível se eu não estivesse atento a cada respiração dela. A jovem estava dividida entre a raiva e o respeito que sabia dever a mim como seu *Papa*, e eu me perguntava em que momento ela deixaria seu verdadeiro eu vir à tona.

— Você deve estar se perguntando o que está fazendo aqui?

Obviamente essa não era a única questão rondando sua cabeça. O interesse sobre nós mostrava-se genuíno em cada mudança em sua expressão.

— Nikolai... — voltei a ocupar a minha cadeira, abrindo todos os botões em meu terno para me deixar mais confortável —, peça que alguém traga uma bebida para a Srt^a Kamanev.

É claro que ele já havia cuidado desse detalhe, mas a intenção era ganhar tempo, deixando a Srt^a Kamanev cada vez mais ansiosa sobre o *convite* para vir até mim.

— Acho que deve nos desculpar — lamentei, abrindo um pequeno sorriso — Normalmente tratamos melhor as nossas visitas.

— É um alívio saber isso — ela retrucou, empinando levemente o queixo — Pensei que sequestrar as pessoas e trazê-las contra a sua vontade fosse o normal.

Ouvi um pigarrear ao meu lado e olhei rapidamente para Vladic, que tentava segurar o riso. A garota era atrevida e, pelo visto, isso o divertia. Era bem diferente da imagem que tinha do seu pai, sempre servil, aliás, ela não se parecia em nada com Fjodor e o filho dele, Boris.

— Lamento pelo seu pai — também perdi o meu há pouco tempo e estava sendo sincero sobre isso — Ele era um excelente *kapitan*, foi uma perda lastimável, tenho certeza que deve ter sido um bom pai também.

— Ele foi — disse tristemente.

Vi sua altivez diminuir um pouco e um brilho de dor passar rapidamente em seus olhos.

— Foi por isso que me chamou, *Papa*? — indagou mostrando um leve desconforto que a fez se remexer na cadeira — Expressar suas condolências? Poderia ter enviado um cartão ou ter aparecido no enterro, retribuindo a gentileza que ele fez ao seu pai.

Abri a boca para responder à altura, mas minha atenção foi desviada para Nikolai retornando à sala ao lado da empregada, uma jovem que empurrava um carrinho, que posicionou na lateral da mesa, entre mim e a Srt^a Kamanev.

Deixaria sua petulância ignorada por um momento e usei breves minutos para observar minha convidada em silêncio. Prestando atenção em cada detalhe dela.

Dos fios de cabelos caindo sobre as bochechas pálidas, que inutilmente ela afastava com os dedos longos e delicados, o lábio inferior um pouco mais carnudo que o superior, e quando os dentes branquíssimos morderam o delicioso pedaço de carne, não pude evitar de imaginar ter outra coisa em sua boca.

Um sorriso agradecido e gentil surgiu em seu rosto ao ver a empregada colocar sua xícara na torneira do *samovar*^u, enchendo-a. Notei que quando sorria, isso a fazia parecer mais jovial, quase uma menina num corpo bem esculpido de mulher, eu não podia deixar de admitir, me atraía muito.

Ela se inclinou para acrescentar baunilha em seu chá e a minha atenção foi para os seios redondos e generosos na medida certa. Seu corpo era curvilíneo e sensual, exatamente como eu apreciava, vi isso quando entrou tropeçando na sala.

Desviei o olhar colocando a xícara que me foi servida em algum canto da

mesa, depois, dispensei a empregada com o olhar. Não foi para ficar meditando sobre o corpo de Sonya Kamanev e como ele me atraía que a chamei aqui. Desejava saber que tipo de perigo Boris poderia representar a mim agora que era o *kapitan* de sua família.

— Há algumas semanas, nesta mesma sala — olhei em volta, encontrando o olhar calmo de Nikolai e o quase impaciente de Vladic —, o seu pai e seu irmão, Boris, fizeram seu juramento a mim.

Ela afastava a xícara dos lábios quando tornei a encará-la. A ponta da língua passou rapidamente por seus lábios e minha calça diminuiu alguns centímetros.

Eu queria foder essa boca com o meu pau, foi o pensamento que me veio à cabeça.

— Você acredita que posso confiar que seu irmão continuará a honrar isso? — Indaguei sem desviar os olhos dos seus — *Bratstvo prezhde vsego*.

Observei que ela segurou mais forte a xícara que apoiava em seu colo pela forma que os nós em seus dedos tornaram-se rijos e brancos.

Nervosismo ou medo? Precisava saber qual dos dois.

— Eu acho que sim, *Papa* — sussurrou ela.

Seu olhar desviou para o chão. Estava mentido. Algumas pessoas conseguiam olhar nos olhos da outra enquanto mentiam descaradamente, mas algo em mim dizia que podia afirmar de mãos unidas, que a Srt^a Kamanev não era uma delas, seu rosto era perigosamente transparente. Encarei Vladic e ele balançou levemente a cabeça, deixando claro que pensou o mesmo que eu.

Levante e caminhei até ela. Podia sentir a tensão que emanava dela. Via isso na forma que respirava e tensionava o corpo ao me ver aproximar. Parei bem ao seu lado, admirando por alguns segundos o pescoço delgado.

— Normalmente costumo ser justo, Srt^a Kamanev — coloquei minha mão em seu ombro e a senti estremecer levemente sob meus dedos — Mas não sou muito paciente e piedoso com quem me trai. Você acha que Boris é leal a mim ou não tem certeza?

Vladic estava de olho nela e pela forma que sorriu para mim, tinha dele uma resposta mais honesta à pergunta que fiz.

— Tenho certeza que o Boris é...

Inclinando sobre ela, respirei fundo em seu pescoço. O perfume suave e floral fez meu corpo se manifestar um pouco mais, e acabei irritado comigo mesmo, não podia e não iria me distrair.

— Sinto cheiro de medo e de mentira — sussurrei em seu ouvido, reparando a pele a mostra em seu ombro arrepiar — O que esconde, Srt^a Kamanev? Tem medo do seu irmão ou está unida com ele contra mim?

— Eu... eu na-ão sei o que quer que eu diga — gaguejou, mas recuperou a fala rapidamente — Realmente não sei o que deseja saber, senhor.

— Ah, você sabe sim, minha querida, mas darei alguns minutos para que reflita um pouco mais sobre o assunto — passei o dedo delicadamente em sua orelha, não sei se causou desconforto ou o mesmo prazer que senti — Talvez lembre de algo que ache que tenha esquecido.

Voltei a me erguer, não sem antes passar levemente as costas dos meus dedos pelo rosto assustado, minhas mãos formigariam as horas seguintes se não tivesse feito isso. Foi um prazer e um novo erro, dos muitos que esta jovem vinha me fazendo cometer em alguns minutos na minha presença, pois eu tive um breve vislumbre de sua pele macia e desejava sentir mais.

Droga! Eu nunca colocava meu pau antes dos negócios.

— Lembre-se que paciência não é o meu forte! — disse em um tom mais duro que pretendia. A ideia era atrair Sonya Kamanev e não deixá-la como uma *kisca* assustada — Enquanto isso, aprecie o seu chá.

A porta já estava aberta quando me dirigia a ela. Nikolai seguiu à minha frente e Vladic, atrás.

— Mantenha as portas trancadas — ouvi-o dizer aos *boyevik* na porta.

Passamos por algumas saletas até chegarmos à biblioteca. Após verificar que se encontrava vazia, Vladic fechou a porta.

— O que você acha? — Nikolai foi o primeiro a se manifestar.

— Que ela está mentindo, está muito claro — Vladic respondeu.

— A pergunta é por quê? — cocei meu lábio enquanto meditava — Ou por quem?

Ficou muito transparente que ela amava o pai e que a morte dele ainda a machucava. Então, por que proteger o Boris? O homem que tirou a vida do próprio pai para ocupar o lugar dele.

— Não temos nada contra o Kamanev — avisou Nikolai em um tom calmo e irritante — Nenhum rumor, nenhum sinal que possa estar arquitetando algo. Apenas sua desconfiança. Se ele planeja algo é de forma muito silenciosa.

E eram tipos como ele, que se movimentavam calculadamente e com precisão, os mais perigosos. Agindo como serpentes rastejando pelo chão.

— Acredita mesmo que o Kamanev tem algo contra você? — perguntou Nikolai.

— Não gostei do que vi em seus olhos.

Não era supersticioso, mas sabia ler bem as pessoas. Foi mais do que rebeldia juvenil contra o pai, vi repúdio e ódio em Boris. Nós vacilamos deixando que alguém contra meu pai se infiltrasse na casa e tirasse sua vida. Não cometeria o mesmo erro duas vezes.

— Sonya Kamanev não sai daqui até que eu descubra tudo o que esconde, porque sei que ela esconde algo, de nós ou de Boris — informei aos dois — E até que tenha certeza se Kamanev é confiável ou não, ela fica.

Agora, Sonya sabia o suficiente sobre mim. Protegendo ou odiando o irmão, poderia dizer a ele o que eu andava investigando e isso daria vantagem a Boris, que ficaria mais cauteloso.

— E o que diremos a ele? — indagou Nikolai.

Penso rapidamente e um sorriso cínico veio aos meus lábios.

— Estou à procura de uma noiva, certo? Sonya Kamanev apresenta todos os requisitos necessários — expus a ideia a eles — Será minha convidada por alguns dias.

— Boris não será contra a um convite tão honroso — comentou Vladic — Inteligente.

Todos os *Kapitany* com filhas jovens e disponíveis arrancariam um braço pela oportunidade de alguma delas vir chamar atenção do seu *Pakhan*. Sendo Boris de Segunda Elite, qualquer manifestação de protesto vinda dele seria vista como uma ofensa.

— E quanto a garota? — questionou Nikolai.

— Vamos dar algumas horas para que ela possa pensar.

— Como quiser — disse ele antes de se retirar.

Fui para a janela observar a grama verde e aparada no lado de fora. Havia um senhor cuidando do jardim, dois seguranças passando, patrulhando a casa. Alguns empregados entravam e saíam de forma discreta. Normalmente eu não veria nada disso. Tudo giraria de forma que eu não precisasse saber como as coisas eram feitas.

— Isso é só pelo Boris? — indagou Vladic ao se aproximar de mim — Ou há algo além?

Continuei de costas para ele, mas sei que deveria existir um sorriso

divertido e nada contido em seu rosto.

— O que quer dizer?

— A moça é bonita — disse ele, ficando ao meu lado agora — Muito bonita.

— Conheço muitas mulheres bonitas — informei a ele — Tão bonitas quanto Sonya.

— Tão? — olhei para Vladic e a forma que ergueu a sobrancelha me deixou irritado — Normalmente você diria mais bonita.

Ninguém com quem já estive era tão bonita quanto Sonya, pelo menos, não para mim. Nem mesmo Tereza, a espanhola de seios fartos e sangue quente com quem estive fodendo.

— E daí, Vladic? Eu não sou cego — disse irritado.

Pelo visto, demonstrei estar atraído pela garota mais do que queria ter denunciado. O problema era que havia muitas coisas em jogo, eu não podia simplesmente arrastá-la para o meu quarto e fodê-la até que o desejo fosse embora. Ela não era uma puta; mesmo sendo de Segunda Elite, era filha de um *kapitan*.

— É só uma garota gostosa — esperei que minha declaração rude colocasse fim à história — O que ela sabe é o que mais me interessa.

— Se é o que diz — ele deu de ombros e sua atenção caiu sobre a vista na janela — Você não está realmente pensando em...

— Não quero ter o sangue sujo dos Kamanev misturado ao meu — disse quase cuspiendo isso — Não vou me casar com ela. Nunca.

Vladic me olhou atentamente e não se mostrou muito convencido em relação à minha resposta, talvez eu tivesse sido enfático demais. Eu odiava que ele me conhecesse tão bem.

— O que faremos enquanto a jovem dama aprecia o seu chá?

— Uma visita a Eremeev. Eu quero ouvir com mais detalhes tudo o que presenciou na casa dos Kamanev — informei a ele — Talvez tenhamos deixado algo escapar.

Fragmentos tirados de Eremeev com o que Sonya poderia nos dizer juntariam peças de um quebra-cabeça que eu sabia não existir apenas em minha cabeça.

Quando chegamos à residência de Eremeev, fomos levados a uma sala privativa por seu serviçal.

— Então, além do que presenciou no quarto, não viu nada que deveria ter dado mais atenção? — perguntei colocando meu drink intocado em cima da mesa — Boris conversou com alguém?

Difícilmente eu beberia algo servido fora de casa que não tenha sido selecionado por alguém da minha confiança. E depois do que soube sobre meu pai, não mesmo. Por isso, na maior parte das vezes apenas segurava o corpo, levava aos lábios algumas vezes sem realmente beber e deixava as pessoas tão focadas em manter minha atenção que não percebiam que não estava acompanhando-as.

— Antes do jantar parecia tenso com o pai — ele deu o último gole em sua bebida — Mas agora sabemos o real motivo, não é mesmo?

A morte de Fjodor foi passional ou premeditada?

— Está investigando a morte de Fjodor ou é outra coisa? — ele se inclinou para frente com interesse.

— Procuro uma esposa. Parece que meu conselheiro acredita que preciso de uma. E estou tendo o prazer de hospedar a irmã de Kamanev em minha casa por um tempo — seu olhar desconfiado mudou para um de surpresa — Diante disso, acho que entende que preciso ser cauteloso. É uma moça bonita, mas estou apenas analisando as opções.

— Ah, claro — ele se aprumou e reclinou contra a cadeira — Por falar nisso, minha esposa e filha desejam convidar o Papa para um jantar aqui em casa um dia desses.

Sua esposa e filha?

De repente me sentia como o príncipe encantado rumo a um baile para escolher a princesa perfeita. Logo a notícia de que procurava uma esposa se alastraria e todos ficariam eufóricos se perguntando nos pés de qual jovem eu colocaria os sapatos de cristal. E enquanto pensassem que estava ocupado tentando encontrar a esposa perfeita, peças do jogo iriam ser movimentadas. E eu ficaria atento a cada uma delas.

Se Boris, de alguma forma, planejava algo contra mim, iria saber. Se quem tirou a vida do meu pai tentar me atacar, estaria pronto.

— Claro que sua hóspede também está convidada — disse Eremeev entendendo meu silêncio como um pedido de extensão ao convite.

— Será um prazer, *Kapitan* Eremeev — respondi ao ficar de pé — Avise o dia e Nikolai cuidará de tudo.

Não prestei muita atenção no que Eremeev disse ao nos acompanhar até a

saída. Deixei sua ladainha aborrecida aos cuidados de Vladic, minha mente estava em Sonya e se as horas que dei para que refletisse melhor em ser honesta comigo já haviam surtido algum efeito.

— Você não estava apenas interessado em saber o que Eremeev poderia ter deixado de fora aquele dia — afirmou Vladic assim que entramos no carro — Quis jogar seu anzol.

— E ele mordeu. Boris é jovem, mas não parece tão tolo. Não se arriscaria com a casa cheia de olhos e ouvidos.

— Ele matou o pai — comentou ele — Naquela noite.

— Sim, mas aquilo foi coisa de pavão — expliquei a ele — Impressionar as damas e mostrar aos *kapitany* que é capaz de tudo.

— E é esse “capaz de tudo” que o faz manter a atenção nele.

— Exatamente — disse a Vladic — Um jovem rebelde é como uma bomba relógio.

— Tic-tac — ele estalou a língua.

Retornamos à minha casa. Os dois *boyevik* que deixamos à porta continuavam parados no mesmo lugar. Eles relataram que excluindo algumas vezes que a maçaneta foi movida, nada mais alarmante aconteceu. A Srt^a Kamanev não esperneou ou chorou como acreditamos ao sairmos.

Ela me deixava curioso. Nunca sabia qual reação iria ter.

Os dois homens se afastaram da porta e Vladic a abriu. A garota estava sentada no mesmo lugar em que a deixamos, com a diferença que agora os seus pés estavam sobre a cadeira, e ela estava abraçada aos joelhos.

Sonya levantou rapidamente aos perceber que entramos. Nossos olhares se encontraram. O olhos e rosto vermelhos delatavam que esteve chorando, mas ela olhou firme e com segurança para Vladic e eu.

— Você tem razão, estava mesmo mentindo. Eu não sou quem vocês pensam — olhou para cada um de nós, depois, respirou fundo antes de continuar — Não sou Sonya Kamanev. Meu nome é Kyara Smirnov. Filha de Aslan e Lara Smirnov. Trouxeram a pessoa errada.

Que merda essa garota estava dizendo?

Capítulo 10

Kyara Smirnov

Compreendi que havia acontecido um grande engano quando descobri quem o homem à minha frente era. Inicialmente eu acreditei que tinha sido Boris enviando aqueles soldados para me sequestrar, que ele tinha descoberto o plano maluco de Sonya e que iria punir a nós duas.

— O que você disse? — indagou Milanovic.

Não foram apenas as mãos deles segurando firme os meus ombros que me libertou do pequeno transe que mergulhei, mas todo ele, se agigantando em cima de mim. Alto, forte e... sedutor, isso eu não podia negar, por mais que, no momento, estivesse entre o pânico e a vontade de sair correndo.

Como eu podia me sentir amedrontada e, ao mesmo tempo, perceber tudo isso em Dmitri Milanovic? Eu só podia alegar esse pequeno momento de surto a toda tensão, não apenas das últimas horas, mas dos últimos dias.

Primeiro, tive Boris confessando seus sentimentos por mim. Depois, a morte de *otets* Fjodor, os planos mirabolantes de Sonya e, agora, deixei de ser refém de um homem maluco para me ver de outro visivelmente furioso e com assustadora mania de perseguição.

Certo. Eu tinha que ser mais justa com Milanovic. As desconfianças dele em relação a Boris não eram tão infundadas. Meu irmão, se é que poderia continuar chamando-o assim, não estava nada contente com seu posto como *Pakhan* e estava sim, tramando algo contra ele. Contudo, isso era tudo o que eu sabia.

— Diga!

Dmitri sacodiu meus ombros exigindo uma resposta.

— Já disse, não sou a Sonya — disse a ele — Sou a irmã dela.

— Irmã? — ele me encarou desconfiado.

— De criação — atrás de Dmitri, seu *avtoriyet* respondeu por mim — Você mandou o colar no aniversário dela.

Eu me lembrei do colar escondido em minha mala, tinha gostado bastante da peça. Ter o homem que me presenteou, diante dos meus olhos, fazia a joia ter um novo significado agora.

Totalmente confuso.

— Você está mentindo! — disse ele a mim.

— Não estou — tentei controlar o nervosismo em minha voz ao responder — Podemos voltar para casa e você pode falar com a Sonya. E ela deve estar em pânico esperando notícias minhas. O Boris...

— Fique quieta! — urrou ele, passando a mão nos cabelos, onde alguns fios escaparam do coque que os prendiam — Vladic, chame o Nikolai agora!

Dmitri me soltou e caminhou até a estante de livros, segurando-a com as duas mãos. Suas costas já largas pareciam se esticar ainda mais sob o terno.

— Se você mentiu sobre quem era — murmurou ele, respirando fundo — Pode estar mentindo sobre tudo.

Caminhei até ele. Senti vontade de tocar seus ombros tensos, de deslizar minha mão sobre as costas amplas e até cheguei a erguer minha mão, que recolhi rapidamente quando ele se virou.

— Pensei que fosse o Boris querendo castigar a mim e a Sonya — retruquei — Por isso não desfiz o engano até o momento.

Ele me encarou com intensidade. Seus olhos pareciam chocolate derretido. Pareciam não apenas querer despir minha mente em busca de respostas, mas a mim, completamente.

— Por quê?

Engoli em seco. Não tinha ideia do que era seguro revelar, então, decidi não dizer nada.

— Fizemos algo que poderia deixar o Boris muito zangado.

— O que seria isso?

— Esse é um assunto nosso!

Ele deu dois longos e rápidos passos até mim. Sua mão segurou firme o meu queixo, fazendo todo o resto do meu corpo tremer. Contudo, o contato não foi agressivo, não tanto como a fúria que via nos olhos dele. Como se estivessem em chamas.

— Se estou interessado, o assunto é meu.

Ele se aproximou mais, um pouco mais. Tinha seu rosto bem rente ao meu. Sentia sua respiração morna em mim. Um suave cheiro de eucalipto e menta. Passei a língua pelos meus lábios ressequidos e seu olhar acompanhou meu gesto. Sua mão espalmou em meu rosto e o polegar deslizou suavemente pela curva abaixo dos meus olhos, fechei-os, absorvendo melhor a sensação que

o toque dele me causava.

A última vez que fui beijada por alguém tinha dezesseis anos. Eu nem me lembrava mais qual a era sensação ou talvez não tenha sido tão importante para que me recordasse. No entanto, aqui, sozinhos, tão colados um no outro, com seu dedo acariciando meu rosto, desejei que ele me beijasse.

Era um desejo completamente insano e tolo, mas...

— Senhor?

Abri os olhos rapidamente e pisquei algumas vezes, sentindo-me confusa. Dmitri ainda me encarava e continuava com sua mão em meu rosto, mas já não estávamos tão próximos como antes.

— O que aconteceu, Nikolai? — ele me soltou e procurei a estante para ter onde me apoiar — Ela diz não ser quem imaginávamos.

O que estava acontecendo comigo? Meditei, apoiando às costas contra os livros, enquanto meus olhos vagueavam de um para o outro.

— Disseram que era a garota certa — Nikolai olhou para mim — Ela confirmou que é Sonya Kamanev.

— E os imbecis não verificaram isso? — Indagou Dmitri com raiva.

Encolhi no lugar. Estava claro que Dmitri Milanovic não era alguém que você quisesse irritar, não apenas por ele ser o *Pakhan*. O homem era como fogo, bonito de se ver, quente o suficiente para desejar se aproximar e muito perigoso.

— Vou conferir o que aconteceu — disse Nikolai ao se retirar.

Enquanto Dmitri conversava com Vladic em um canto da sala, uma conversa bem acalorada, por sinal, olhei para a porta entreaberta. Minha rota de fuga se não fossem os dois *boyevik* parados em frente a ela.

— Isso não muda nada! — ouvi Dmitri dizer em um tom duro — Segue como antes.

Ele me encarou firme, seus olhos de raposa sobre mim, fizeram-me encolher um pouco mais.

— Agora, Kyara Smirnov — como um leão rugindo ao sair da jaula em que esteve aprisionado, ele veio até mim — Conte-nos tudo o que você sabe.

Tudo o que sabia era que Boris não aceitava o novo *Pakhan* e que andou bastante estranho nos últimos dias, saindo cedo, chegando tarde. E, também, presenciei um telefonema tenso ao passar pelo seu quarto, mas fui impedida de continuar a ouvir sobre o que ele conversava quando seu segurança raivoso surgiu no corredor.

Acontece que isso seria suficiente, não apenas para deixar Milanovic de sobreaviso, como para que ele invadisse a casa, acusando os Kamanev de traição, eliminando todos que pudesse acreditar estar contra eles. A essa altura eu não ligava muito para o destino de Boris, tudo isso era culpa dele, mas me preocupava com o que viesse a acontecer a Sonya. Não podia dizer nada a Dmitri até que minha irmã estivesse longe e em segurança.

— Já disse que não sei de nada — afirmei, buscando manter minha voz firme — Mas eu posso descobrir o que quiser. É só me deixar ir embora.

— Já disse que sinto o cheiro de mentira de longe, Kyara. E você fede a mentira!

E ele tinha razão mais uma vez. Se me fosse permitido voltar para casa, o que eu realmente faria era esperar escurecer, pegar minha mala e fugir na primeira oportunidade que tivesse.

— Muito bem. — disse ele em um tom calmo, que me pôs mais medo do que sua irritação de antes — Terá muito tempo para decidir colaborar comigo. Ficaré em um quarto de hóspedes no andar de cima. Sem água e sem comida, até que decida falar.

Meus olhos turvaram, tanto de raiva quanto de medo.

— Não! — empurrei seu peito, mas ele agarrou firme meus pulsos — Não pode me manter aqui, contra a minha vontade!

Tentei me soltar, mas suas mãos em mim eram como garras.

— Não pode me fazer prisioneira! — berrei mais uma vez.

Ele sorriu. O maldito desgraçado sorriu, irritando-me ainda mais.

— Posso fazer o que quiser, minha *kisca* arredia. Sou o seu *Pakhan*.

Não era a gatinha dele. Aliás, não queria ser nada. Como pude ter desejado que esse carrasco tivesse me beijado? Não importava o quão atraente e bonito ele era. No fundo era igual a Boris, pegavam o que queriam sem se importarem com o que ou de quem tomavam.

Você é burra, Kyara!

— Pode ser o diabo que eu não ligo — pisei em seu pé e a risada que deu em resposta fez parecer como se tivesse apenas feito cócegas nele.

— Vladic? — ele chamou seu braço direito que se colocou às minhas costas, agarrando firme meus braços — Leve-a.

Sabia que era inútil esperar e lutar contra Vladic. Ele era ainda mais alto e tinha os braços ainda mais musculosos que Dmitri. Essa era uma guerra

vencida, mas eu tinha que tentar lutar.

— *Svolach!* — berrei com eles, enquanto era arrastada para fora da sala e pelos corredores.

As poucas pessoas que cruzaram com a gente, ignoraram meus protestos e pedidos de ajuda, assim como as que cruzei ao chegar aqui.

Já estava sem fôlego e com a garganta queimando ao pararmos em frente a uma porta no andar superior. Vladic a abriu, mas em vez de me jogar para dentro do quarto, entrou nele comigo.

— Não adianta lutar, *daragáya* — sua gentileza não me amansava — O Papa irá conseguir o que quer. Lutar só a deixará mais fraca e a ele, furioso.

— Enfia seus conselhos no...

Ele colocou os dedos em minha boca, silenciando minha resposta arredia e sorriu. Não me atrevera a dizer algo como isso a Dmitri. Não só porque devia respeito a ele como *Pakhan*, mas porque no fundo, sabia que não iria gostar do resultado de tal ousadia. Mas com Vladic? Bom, também estava sendo tola, se considerasse a importância dele dentro da Bratva e todos os seus músculos. Só que o sorriso divertido em seus lábios, e que refletia em seus olhos, não me deixavam sentir medo dele.

— Descanse, *daragáya* — ele se afastou e piscou os olhos — Foi um longo dia para você.

Bati exaustivamente contra a porta que ele trancou, forcei a maçaneta e gritei inutilmente para que me soltassem, até não aguentar mais. Desabei no chão, as costas contra a parede, as lágrimas molharam e secaram em meu rosto enquanto o quarto saía da penumbra para a completa escuridão.

Já estava escuro lá fora quando a porta foi aberta me arrastando pelo chão frio.

— Está pronta para falar? — vi a sombra de Vladic na porta.

Ao lado dele havia uma mulher que carregava uma bandeja. Achava ser a mesma que serviu o chá na sala de Dmitri, mas a escuridão não me ajudava a ver muito bem.

— Não tenho nada a dizer.

Vladic esticou a mão acendendo a luz, o que me fez fechar os olhos por um momento enquanto me acostumava à claridade.

— Pensei que estivesse com fome — disse Vladic em uma voz amaciada — Ou com sede.

Não tinha sede, pois, bebi água da pia algumas vezes, mas fome sim, só tinha tomado café da manhã e um pouco de chá na sala de Dmitri. Estava tão nervosa que não provei nada que havia sido servido junto.

— Não tenho sede — retruquei, indo em direção à cama pela primeira vez desde que fui trancada no quarto.

Vladic olhou em volta e seus olhos pararam na porta do banheiro aberta.

— Claro que não — afirmou com o ar divertido e encarou a empregada parada ao seu lado — Pode retornar e peça que alguém da manutenção suba.

Minutos depois, um senhor entrou com uma caixa de ferramentas e Vladic explicou que queria trancas na porta. Eu o encarei com olhar mortal, mas, como sempre, ele apenas sorriu.

— Você é o *avtoriyet* ou o bobo da corte? — perguntei com raiva.

Não sei o que deu em mim para agir com tanta coragem. Talvez tenha desistido de viver, já que estava sendo privada, seja lá por quanto tempo, da minha liberdade.

Minha pergunta o fez rir ainda mais. Tinha que admitir ele era diferente dos homens que Boris mantinha ao seu lado. Eu não duvidava que Vladic pudesse ser implacável se necessário, mas havia algo nele que me fazia sentir confortável.

— Gosto de você, *daragáya* — respondeu pegando a chave que o senhor entregou a ele — Essa casa está bem mais divertida agora.

— Você mora aqui?

Por que diabos estava tendo uma conversa amigável com ele?

Porque podia usar isso para me beneficiar, minha consciência respondeu. Se gritar, espernear e chorar não estavam ajudando para me tirar daqui, quem sabe conquistar a amizade de Vladic ou até mesmo seduzi-lo ajudasse. Estava na hora de pensar como Sonya e Irina, e jogar com as armas que tinha.

— Estou onde o *Papa* está.

— Parece que são bem amigos — disse em um tom casual, passando os dedos sobre o colchão.

— Não vai funcionar, *daragáya* — ele girava a chave na mão — Sei o que está tentando fazer. Quando uma mulher usa essa voz e olhar manso, querem nos dobrar.

Bufei cruzando os braços. Sentia como se fumaças saíssem dos meus ouvidos e nariz ao olhar raivosamente para ele. Era claro que eu não conseguiria

facilmente enganar um *Vor* inteligente e bem treinado como Vladic, foi idiotice até ter tentado.

— Vai dizer algo a Dmitri? — ele perguntou.

— Por que é tão difícil acreditar que não faço a menor ideia do que vocês estão querendo de mim? — exasperei, sentindo uma imensa vontade de chorar.

— Porque esconde algo, tolo ou muito importante, mas você esconde. E o *Pakhan* irá descobrir, pode ser com sua ajuda ou sacrifício. A escolha é sua.

Ele saiu trancando a porta e mais uma vez fui deixada sozinha. Pensei em minha casa, em Sonya e o que ela podia ter dito a Boris. Será que já sabia que fui sequestrada? Deveria ter sondando com Vladic, buscado respostas.

O que Boris faria agora? Negociaria com o *Pakhan* ou encontraria uma forma de me pegar de volta, debaixo dos olhos dele? Eu sabia que ele era capaz de qualquer coisa.

Estava presa e não apenas a esse quarto, mas ao *Pakhan* e à verdade que exigia de mim, mas que não podia confessar a ele. Ficar presa aqui me deu muito tempo para pensar. Roman foi assassinado por minha culpa. O mesmo aconteceu a Fjodor Kamanev, sei que o motivo maior foi Boris querer ocupar o lugar dele, mas ele seria contra nós dois nos casarmos e Boris sabia disso. Ele me disse que só precisava eliminar uma pessoa do seu caminho. Se algo acontecesse a Sonya, porque revelei o pouco que sei, nunca poderia me perdoar.

Mesmo que não houvesse motivo algum para continuar a protegê-la, afinal, Sonya ficou calada quando nos confundiram, ela era minha irmã. Esparramei-me sobre a cama olhando para o teto. Minha mente era uma grande confusão.



Na manhã do dia seguinte, Vladic retornou com o café da manhã.

— Vai dizer algo, Kyara? — era a primeira vez que dizia meu nome.

Apenas virei de lado dando as costas a ele.

No decorrer do dia, senti sede e uma fome que fazia meu estômago se contorcer, além do cansaço mental, que começava a me abalar e ganhar forças. Andei sem rumo pelo quarto e planejei fugir pela janela inúmeras vezes. Não era apenas loucura, pois, poderia escorregar e a queda era alta o suficiente para me fazer quebrar o pescoço, como havia sempre dois *boyevik* de guarda do lado de fora.

No avançar da noite, deitei, chorei silenciosamente contra o travesseiro e olhei para lua no céu até conseguir pegar no sono. Em algum momento da madrugada entre a sonolência e um breve despertar, notei uma presença masculina parada aos pés da minha cama.

Não sei dizer o que foi sonho ou realidade. Mas havia um sentimento forte em mim que dizia que enquanto eu dormia alguém esteve em meu quarto.

Capítulo 11

Dmitri Milanovic

Passei a caneta suavemente contra a mesa enquanto a conversa que eu deveria estar prestando atenção se desenrolava. As vozes de Vladic e Irina Novitsky eram as que mais se destacavam no ambiente.

— Parece perfeito, mas... — disse Vladic em um tom irônico — Sempre tem um *mas*, não é mesmo? O que você acha, Papa?

Circulei a mesa com a caneta mais uma vez, formando asas invisíveis de um anjo sobre ela.

— Papa? — Vladic me chamou novamente.

Desde que saímos de casa para a reunião com Irina e sua equipe na célula de inteligência, meus pensamentos estavam aéreos.

Encarei Irina, não ia admitir que não prestei atenção em uma única palavra sobre o que ela e Vladic pudessem estar discordando, até porque esse é o passatempo preferido dele sempre que nos esbarramos com ela.

— Você sugere o quê, Irina? — perguntei.

Eu esperava que ela não viesse dizer que gostaria de mais recursos para o projeto dela. Já tinha me tirados milhares de dólares.

— Estamos falando de alta inteligência artificial, Papa, poder invadir os governos sempre que precisarmos, sem sermos detectados — explicou com a mesma paixão que me fez convencer meu pai a financiar o projeto dela — Mas ainda passa por algumas falhas. Há um homem em Chicago...

— Hum... então, admite que precisa de um homem para concluir o trabalho — Vladic voltou a cutucá-la.

Ele detestava a frieza de Irina, principalmente com ele, por isso, a atacava das formas mais ridículas e irritantes possíveis.

— Traga o homem e pague o que ele quer, Irina — dei o sinal verde a ela — Não pode ser mais caro do que já me custou até agora.

— O problema não é esse, Papa.

Claro que o problema não poderia ser financeiro. Irina ou o pai dela, o que dava no mesmo, tinham o suficiente para comprar uma pequena cidade inteira nos Estados Unidos se quisessem.

— Ele não quer vir até Moscou. Preciso que Ivan o recrute para nós.

— Nós ou você? — indagou Vladic exaltado — Depois do que aconteceu no mês passado, é realmente fácil sequestrar um americano e trazer para cá.

— É sim, muito fácil se for feito por profissionais treinados e com o mínimo de inteligência — rebateu ela.

A verdade é que, depois que fizemos um favor a um de nossos aliados contra os americanos, entrar e sair de lá estava bem complicado para um russo, levar um cidadão americano contra a vontade dele, então, era ainda mais difícil.

— Irina tem razão. É complicado, mas não impossível. Peça a Ivan que cuide disso.

— Não seria mais fácil recrutar um dos nossos? — insistiu ele, olhando duro para o sorriso vitorioso de Irina — Você e seu pai não cospem aos quatro ventos que formam os melhores profissionais possíveis?

— Ele é filho de um espião russo com uma americana — disse Irina a mim — Tem metade do nosso sangue.

— Mas tem a outra metade ianque — cuspiu Vladic.

Ele odiava americanos, pois, foi um americano que enganou a mãe dele e a deixou sozinha, doente e com um filho pequeno para morrer antes de ter levado todo o dinheiro que tinha. É o que se acontece quando abandona a Bratva, não há quem possa te proteger.

— Ninguém é perfeito, não é, Guriev? — disse Irina ajeitando seus óculos — Se fosse assim, você seria inteligente em vez de ter só músculos.

O desenho de um pequeno sorriso surgiu nos lábios dela, a *provocação* era uma via com cruzamento que os dois adoravam ultrapassar.

— *Idi na hui!* — ele se zangou batendo na mesa, ficando de pé.

— É melhor que eu mesma me foda do que deixar que você faça isso.

Eles travavam uma briga com o olhar que divertia o restante na sala, a mim só deixava entediado.

— Ah, eu não a foderia nem que fosse a última mulher em Moscou — retrucou ele.

Houve risinhos na sala, mas olhei duro para todos os presentes.

— A reunião está encerrada — informei fechando a pasta que sequer analisei o conteúdo que havia — Vamos, Vladic. Há aquele assunto importante para tratar.

Não adiantava continuar negando a mim mesmo, enquanto Kyara

Smirnov representasse uma incógnita, arrancá-la da minha cabeça estava impossível.

— Garota presunçosa — resmungou Vladic ao entrarmos no elevador — Não sei por que dá tanto crédito a ela. Deveria estar brincando de enxoval ou fazendo bebês em vez de computadores.

O que incomodava mesmo Vladic não era Irina ser uma mulher ocupando o cargo de um homem, mas que ela tivesse se mostrado imune a seus sorrisos sedutores desde que se viram a primeira vez. Mexer com o orgulho de um russo era perigoso. Mexer com o orgulho de Vladic não era nada bom. Ele podia ser tão rancoroso como uma mulher feia ao ser abandonada.

— Irina é mais inteligente que muitos homens que temos e você sabe disso — comentei arrancando um novo resmungo dele — E estou mais interessado nas pessoas que possam trazer benefícios a Bratva do que o que elas carregam entre as pernas. E quem deve se preocupar com o estado civil de Irina é o pai, e não eu.

O nome de Irina estava no topo da lista de candidatas à esposa que Nikolai preparou para mim. Era herdeira de uma das linhagens mais antigas de *Kapitany* de Primeira Elite, além de muito rica, influente e respeitada. Seria uma escolha confortável se eu decidisse continuar a manter minhas amantes e a deixasse brincar com seus computadores.

— Como está a nossa hóspede?

Esperei até chegarmos ao carro para perguntar isso.

— Ainda não abriu o bico — respondeu Vladic — Quer saber o que eu acho?

— Você vai dizer mesmo se eu recusar.

— Exatamente — ele buscou a garrafa de vodca e nos serviu — Está protegendo alguém e não mentindo.

— O Boris?

Pensar em Kyara protegendo o Boris fosse lá por qual motivo, me causou irritação.

— A irmã. Soube de algumas coisas antes de seguir para a sala de reuniões.

Ele realmente tinha se atrasado para entrar comigo, pois, atendeu uma ligação de última hora. Acreditei que tinha feito isso apenas para irritar Irina, como sempre.

Encarei-o com dureza: — E só agora vem me contar? O que descobriu?

— Boris deseja casar Sonya com o filho do *Kapitan* Larionov. A verdadeira Sonya, digo — esclareceu ele — Àquele dia, houve a troca porque as duas estavam juntas, uma se passou pela outra.

— Isso já sei, Vladic.

Foi confirmado na mesma noite, quando os meus homens pegaram as duas no elevador e sem se preocupar em verificar quem cada uma era, uma falha que custou uma dura medida corretiva.

— Sonya precisava fazer um exame médico para provar que... — ele finalizou seu drink antes de concluir — Você sabe, provar sua pureza.

Considerava a prática antiga ridícula e não pretendia sujeitar minha futura noiva a isso. Via as coisas de outra maneira.

— Acontece que foi Kyara que fez o exame no lugar dela.

Não me surpreendia que Sonya Kamanev não fosse mais virgem, mas era uma grata surpresa descobrir que Kyara ainda era pura e intocada.

— Acha que é isso que ela esconde? — perguntei incrédulo — Um exame de virgindade? O que eu poderia querer com isso?

— Você nada, mas o Boris — Vladic destacou — Se ele quer subir, o casamento é uma boa saída. E vamos lembrar que ele degolou o próprio pai.

Fazia sentido esse temor em Kyara. Boris Kamanev agia como um boçal.

— E é possível que esteja temendo você — disse Vladic e fez a pergunta cuja resposta ele já sabia — Qual a medida a seguir se Boris for mesmo um traidor?

Só havia uma resposta para essa pergunta estúpida.

— Eliminá-lo e todos os que estão com ele.

— É isso que Kyara protege — disse ele — A irmã. Embora, alguma coisa ela sabe. Só está com medo de dizer.

Hoje fazia três dias que tinha Kyara Smirnov como minha “*hóspede*”. Sua recusa em falar me admirava tanto quanto me mantinha irritado. A minha paciência estava no limite.

— Fazê-la passar sede e fome não está funcionando — retruquei incomodado.

— Água apenas durante o banho — disse Vladic — E com supervisão para que não tome do chuveiro.

Fui ao quarto dela durante a madrugada enquanto dormia, pelas duas noites seguidas. Já deveria começar a ficar fraca e debilitada, mas continuava lutando.

— Ela é durona — elogiou Vladic.

— E você gosta dela.

— Bastante — ele sorriu — Ela é corajosa.

E Vladic era um juiz de caráter tão bom quanto eu, suas impressões dificilmente falhavam sobre alguém. Ele gostar de Kyara dava alguns pontos a ela.

— Com todo respeito, acho que está movendo as peças de forma errada, Dmitri — ele olhou com diversão para mim — Não se doma um cavalo arisco montando sobre ele.

— O que está sugerindo, Vladic?

— Conquiste a garota e ela dirá tudo o que você deseja saber.

Já tinha pensado sobre isso e a ideia parecia cada vez mais tentadora. Desde que mantivesse na cabeça que tudo era apenas um jogo e Kyara Smirnov era apenas uma peça que precisava movimentar.

Enquanto Vladic seguia para o escritório para fazer sua ligação a Ivan, fui em direção ao segundo andar. Os dois *boyevik* parados em frente ao quarto me cumprimentaram de forma silenciosa e se afastaram. Movi lentamente a maçaneta da porta e quando a abri, não encontrei a jovem na cama e nem na poltrona ao lado da janela. Olhei para o banheiro trancado e novamente para janela aberta.

Não podia acreditar que tinha conseguido fugir por ali, pois não havia sinal de cordas e os homens estavam lá fora quando chegamos à casa. Comecei a virar para a esquerda quando fui empurrado contra a porta, que se fechou com um baque às minhas costas.

— Fique calado.

Encarei Kyara e me perdi em seus olhos azuis por alguns segundos. Havia raiva e medo brilhando neles.

— Kyara... — comecei a dizer, mas ela pressionou um pedaço de ferro pontudo em meu pescoço.

Tinha arrancado de um dos cabides que só agora vi caído no chão.

— Já disse para ficar quieto — ordenou ela — Cadê o Vladic? Por que não foi ele que veio me ver.

— Decidi fazer as honras por ele.

Ela baixou os olhos, erro grave, com um movimento rápido poderia desarmá-la antes que voltasse a erguer o olhar, mas decidi continuar deixando-a pensar que estava em vantagem.

Era como o escorpião carregando o sapo.

— Então, será você a me ajudar a fugir daqui — disse ela, apertando a arma improvisada um pouco mais em meu pescoço.

Sorri e isso a deixou mais contrariada e nervosa.

— Pare de rir! — sussurrou irritada — Vocês dois só sabem fazer isso? Parecem dois bobos. Eu posso furar seu pescoço, sabia?

Não, ela não podia, e a graça maior era que no fundo Kyara sabia, e isso tornava tudo mais divertido. Primeiro, sua mão fraca mal conseguia sustentar o objeto que usava como arma. Segundo, tinha certeza que não era capaz de ferir nem mesmo a um inseto, se fosse preciso, ou já teria perfurado minha jugular e pegado os homens na porta de surpresa, como tinha feito comigo ao entrar no quarto. Terceiro, seu corpo frágil só ainda estava de pé porque se apoiava contra o meu.

— É mesmo? — passei as costas da mão em sua bochecha acalorada pela raiva — Seria lamentável isso.

Seus lábios estavam ressecados, mas essa fragilidade nela não diminuía meu desejo de tomá-los nos meus, pelo contrário.

Inclinei um pouco para frente e segurei sua cintura. Encostei minha testa na dela, seu nariz delicadamente arrebicado contra o meu.

— É isso mesmo que deseja, Kyara? — inclinei um pouco a cabeça e passei a ponta da língua em seus lábios ressequidos — Fugir de mim?

Querer beijá-la era como estar perto de um orgasmo e desejar prolongar a sensação um pouco mais. Ela me olhou languidamente. Talvez fosse só fraqueza, talvez fosse o desejo começando a nascer.

— Nunca vou deixar que fuja de mim — murmurei rouco — Nem que custe a minha vida.

Algo no que disse foi como um gatilho sobre ela. Sua mão levantou, mas segurei o seu pulso no ar. Ela tentou me atacar com a outra mão, que preendi uma na outra.

— Odeio você! — ela lutava fracamente enquanto a empurrava em direção à cama — Dmitri Milanovic. Odeio!

— O ódio é um sentimento muito forte, *kisca* — sorri da forma que sabia que iria desestabilizá-la — É melhor do que não sentir nada.

— *Bolotnik!* — ela gritou buscando alguma parte em mim que pudesse cravar os dentes e a boca afiada.

Kyara continuou gritar e se contorcer enquanto a empurrava em direção à cama, caímos juntos sobre o coxão. Ela tentou me chutar, mas encaixei meu quadril contra o dela, dificultando os movimentos de suas pernas. A luta não durou muito, já tinha gastado toda a energia que tinha. Fiquei imaginando tanta vivacidade durante o sexo.

Apesar de que teria que ser cuidadoso na primeira vez. Ser o primeiro homem de uma mulher nunca passou por minha cabeça, mas seria o primeiro homem a afundar na maciez intocada de Kyara, apenas imaginar isso, já me deixava excitado.

— Vladic está errado — murmurei, mantive seus pulsos presos com uma de minhas mãos acima de sua cabeça e com a outra livre, toquei com os meus dedos os lábios comprimidos rachados — Dá sim, para amassar uma potranca subindo sobre ela.

— Está me comparando a um cavalo? — a respiração ficou ainda mais acelerada com sua indignação.

— A uma égua — corriji me divertindo como nunca me diverti ao lado de uma garota — Você me chamou de *Bolotnik*, *mílaya*.

— Não me chame de querida ou de sua gatinha, não sou nada sua — retrucou ela — E você é mesmo uma besta.

— *Kheruvim?* — sugeri com humor — Talvez *printsesa?*

Ela urrou e fechou os olhos irritada, remexeu de novo sob mim, deixando nosso contato íntimo mais patente.

— *Ye-bat!* — rangi meus dentes — Porra!

Caí enfraquecido sobre ela. Esfreguei o nariz em sua bochecha e fui em direção ao pescoço. Queria desvendar todos os segredos dela, mas a desejava muito também. E eu iria tê-la.

Mas não à força. Iria conquistar Kyara dia a dia. Até que sua única e mais profunda necessidade fosse meu pau fodendo-a duro. Que eu fosse mais importante que água, comida e até mesmo o ar que ela respirava. Teria Kyara Smirnov gemendo meu nome como uma *kisca* implorando para ser possuída, ou não me chamava Dmitri Milanovic.

Esfreguei o nariz mais uma vez sobre o pescoço dela e deposei um beijo

na veia pulsante. O carinho refletiu nos seios endurecendo e na pele que se arrepiou. Kyara poderia gritar aos quatro ventos que sentia ódio por mim, mas seu corpo sentia exatamente o oposto.

Iria dobrar essa garota.

— Vamos jantar juntos essa noite — retirei o arame que tinha entre os dedos, guardando em meu bolso.

— Não tenho nada a contar para você.

— Sei o suficiente, *mílaya*. Sei que estava fazendo o exame de virgindade no lugar de Sonya — suas bochechas ganharam cor ao ser pega desprevenida — Mas isso é só uma das coisas que tentou me esconder, não é mesmo?

— Como você...

— Nada pode ser mantido em segredo de mim, minha *kisca* arisca. Exatamente nada.

Ficamos por um momento presos um nos olhos do outro. Poderia beijá-la se eu quisesse, poderia possuí-la agora mesmo, via em seu olhar que ansiava por isso. Aproximei o meu rosto do seu, meus lábios resvalaram suavemente nos dela, que se abriram como um botão de rosa para mim. Seus olhos voltaram a se fechar e vi a expectativa em seu rosto. Admirei seu rosto de querubim um pouco mais, então, me levantei.

— E faremos todas as refeições juntos de agora em diante — informei, indo em direção à porta — Vou ordenar que alguém suba para ajudá-la a ficar pronta.

Esse jogo de gato e rato começava a me divertir.

— Seu bastardo!

Agachei a tempo de evitar que o vaso que ela pegou sobre a mesinha de cabeceira e arremessou contra mim, atingisse minha cabeça. Ele bateu contra a porta e estilhaçou no chão.

Senti a fúria correr contra as minhas veias.

— Vai limpar tudo isso antes de descer — indiquei a sujeira no chão próximo aos meus pés.

Fechei a porta tendo alguns xingamentos nada adequados a uma dama, soando às minhas costas. Apesar de puto com ela e com uma vontade ferrenha de esganar seu pescoço como ave no Natal, sorri.

— Ora, ora — encontrei Vladic no corredor — Há quanto tempo não o

vejo sorrir dessa forma?

— Acho que nunca, Vladic — respondi, buscando dentro do bolso o arame que Kyara usou como arma para me enfrentar — Mas começo a acreditar que seu plano inicialmente imbecil, possa se tornar interessante.

— Quem disse que homens perfeitos não existem... — ele elogiou a si mesmo, referindo-se ao insulto de Irina.

Mas minha mente já estava trabalhando em outra coisa.

Em Kyara Smirnov.

Capítulo 12

Kyara Smirnov

Olhei para os cacos espalhados pelo chão por um longo tempo. Ainda estava surpresa comigo mesma por ter feito algo como aquilo. Não costumava ser uma pessoa violenta, e nunca fui agressiva com ninguém, nem quando Boris, na infância, me beliscava e puxava meus cabelos me fazendo chorar.

Acontece que Dmitri Milanovic conseguia me levar ao extremo. Eu o odiava por me manter trancada feito um animal e por me dar ordens feito uma serviçal, mas o que mais me incomodava é que ele me fazia sentir coisas, despertava certas sensações em mim ao me tocar, que não eram certas.

E eu tinha que lembrar que apesar do rosto lindo e sorriso sexy, ele era tão mal quanto Boris e ainda mais perigoso e muito mais poderoso. Um sinal dele e a vida de todos nós seria destruída. Então, era melhor que eu comesse a me controlar e não o irritasse tanto, pelo menos até encontrar uma forma de escapar desta casa, que apesar de bonita, a mim parecia mais como uma fortaleza. E meus problemas nem terminavam por aí. Depois de fugir daqui, teria que ser rápida para retornar à mansão Kamanev, recuperar minha bolsa com documentos e as minhas joias; a mala de roupas poderia ser deixada para trás, mas como sairia do país sem meu passaporte?

Tinha que pensar muito bem sobre o que fazer de agora em diante. Para começar, levantaria da cama e recolheria os cacos de vidro no chão. E estava prestes a fazer isso quando a porta foi aberta e uma empregada acompanhada por um *boyevik* entraram. Ela trazia um mop, um balde e um aspirador de pó, que já vi serem usados, mas não fazia a menor ideia de como funcionavam.

— Vai ficar olhando? — disse a mulher em um tom rude — O *Pakhan* disse que era para você limpar tudo.

Olhei um momento para a mulher com cara de poucos amigos. Ela era bem mais velha e rabugenta do que a jovem que tinha me atendido das outras vezes.

— Garota, eu não tenho o dia todo, não, já viu o tamanho dessa casa? — disse em um tom mais irritado com minha demora — Vai limpar ou devo dizer ao *Pakhan* que está contrariando as ordens dele?

Eu não queria ter Dmitri tão cedo de volta ao meu quarto, tão ou mais furioso do que quando saiu, então, pulei rapidamente da cama, mas uma tontura

me fez balançar no lugar. Ficar sem comer e beber água começava a castigar o meu corpo, no entanto, tentei andar firme até a mulher e ajoelhei em frente a ela. Sob o olhar deles, recolhi os cacos de vidro maiores, jogando-os dentro do balde. Peguei o mop para juntar os cacos menores quando a mulher rudemente puxou o cabo das minhas mãos, fazendo-me cair de bunda no chão.

— É elétrico — disse sem paciência, fazendo-me sentir uma completa imbecil — Precisa usar dessa forma.

Eu nunca precisei me incomodar com trabalhos domésticos em casa, mas eu não era um inútil como a senhora fazia parecer. Só precisava entender como aquilo tudo funcionava. E ela começou a me mostrar justamente quando Dmitri surgiu na porta.

Ele olhou friamente entre mim e a senhora.

— Acho que eu fui muito claro sobre quem deveria limpar a sujeira que você fez — disse ele avançando no quarto.

Por instinto, recuei enquanto ele se aproximava.

— Eu... — olhei para a empregada em um pedido de ajuda, mas ela simplesmente olhou para o chão.

— Eu disse isso a ela, Papa — disse a mulher em um tom servil — Mas eu sou somente a empregada. Não posso obrigar ninguém.

Encarei a mulher com incredulidade. Bruxa dissimulada.

— Vá! — ele disse à empregada, que não precisou de outro convite para fugir do quarto — Kyara...

Virei para Dmitri esperando o momento que sua mão viria à minha face. Ele caminhou em direção a mim, até me deixar encurralada entre ele e a parede às minhas costas. Depois, segurou firme minhas bochechas, me fazendo encará-lo.

— Não confunda a amenidade que tive com você até agora com fraqueza — seu olhar era duro ao falar — Nunca se esqueça que sou o *Pakhan*. Se eu disser dance, você dança. Se eu disser cante, você canta. Seu eu disser pule?

Engoli em seco e lágrimas vieram aos meus olhos.

— Se eu disser pule? — repetiu ele — Você pula, entendeu?

Movi a cabeça mansamente. Ele suavizou os dedos em meu rosto e passou o dorso da mão em minha bochecha.

— Assim é bem melhor, *mílaya* — ele sorriu e ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha com gentileza — Agora que sabemos as regras,

teremos uma convivência bem melhor.

Não mesmo, pensei com raiva. Não enquanto meu desprezo por ele só tendesse a aumentar.

— Depois que terminar de limpar, Darya irá ajudá-la a ficar pronta para o jantar.

Somente agora notei a jovem simpática de sempre parada à porta. Ela entrou timidamente no quarto, após Dmitri dar o sinal.

— Vejo você logo mais — disse ele, exibindo o odioso sorriso presunçoso ao sair.

Avancei até a porta quando ele a fechou, mas antes de chegar até ela, Darya segurou o meu pulso.

— Não faça isso, senhorita.

Eu não sabia se ela estava temerosa que eu fizesse algo estúpido que prejudicasse a minha segurança ou a dela, no entanto, recuei.

— Você nunca deve enfrentar o *Pakhan* — ela aconselhou.

— Claro, esqueci que vivemos na Idade Média — retruquei amarga — Ele bate em vocês?

Não me surpreenderia se a resposta fosse positiva. Isso era algo que já presenciei Boris fazer, descontar suas frustrações nos empregados quando nada saía à sua maneira.

— O Papa nunca levantou a mão para gente — disse ela — Nem o filho, nem o pai. Mas se faz algo grave que precisa de correção, ele pune, no mais, são justos e bons.

Eu não conseguia entender quem era Dmitri Milanovic. Ele me mostrava uma coisa, relatos sobre suas ações diziam outra.

— Gostaria do seu banho agora, senhorita? — Darya perguntou, afugentando meus pensamentos sobre Dmitri.

— Acho que sim.

E enquanto ela seguia para destrancar a porta do banheiro, uma ideia me surgiu rapidamente. Já que não conseguiria usar Vladic para escapar, alguém menos meticoloso poderia. Uma mulher geralmente sentia empatia pelo sofrimento da outra. Eu só precisava tornar Darya minha amiga. Talvez não conseguisse fugir com a ajuda dela, mas poderia enviar um recado a Sonya. A essa altura, ela já deveria estar sabendo que não foi Boris que me sequestrou. Sim, Sonya pensaria em uma forma de me ajudar a fugir daqui.

Mais animada, segui em direção ao banheiro. Assim que entrei e comecei a retirar minhas roupas, Darya começou a se retirar.

— Não ficará na porta enquanto tomo banho?

Ela sempre ficava me vigiando tomar banho para que eu não bebesse água do chuveiro ou torneira, e apesar de seu olhar pesaroso, cumpria bem a missão dada a ela.

— O Papa disse que não é necessário mais — disse antes de sair e fechar a porta.

A primeira coisa que fiz foi ir até a pia, abri minhas mãos em conchas enchendo-as de água, bebi até meu estômago começar a estufar. Depois, fiz um coque usando uma mecha de cabelos para prendê-los no alto da cabeça e fui para debaixo do jato quente do chuveiro.

Quando retornei ao quarto, fui pega de surpresa com Darya colocando um vestido preto e um par de sandálias em cima da cama.

— O que é isso? — indaguei apertando a toalha com mais força em volta de mim.

— O Papa mandou entregar — disse ela com um sorriso luminoso — Não é bonito, senhorita?

Assenti, era realmente um vestido muito bonito e elegante.

— Volto mais tarde para buscá-la — disse Darya indo em direção à porta.

Ignorei as peças, pegando as mesmas roupas que usava desde que cheguei. Se Dmitri me manteria como prisioneira, agiria como tal. Escovei calmamente as longas mechas de cabelo e um sorriso divertido refletia no espelho enquanto imaginava a cara que Milanovic faria ao me descer com a roupa amassada.

— Senhorita, ainda não trocou de roupa? — Darya ressurgiu, encontrando-me em frente à janela — Precisa de ajuda?

— Eu já estou pronta.

A forma que os olhos de Darya saltaram esbugalhados foi tão cômica que foi preciso muito esforço para que eu não comesse a rir.

— O Papa não irá gostar disso — disse alarmada quando me uni a ela na porta — Não vai mesmo.

Então, eu teria meu objetivo alcançado, meditei ao sair do quarto. O *boyevik* na porta nos acompanhou pelo corredor. Enquanto caminhávamos, ouvia os sussurros de Darya se lamentando. Descemos a escada e chegamos no centro

do *hall* em frente a ela, viramos à esquerda, passando pela ampla sala de estar com uma lareira impressionante, depois, por um arco na porta, que nos levou a uma elegante sala de jantar.

No topo da mesa estava Dmitri olhando algo em seu telefone e no lado direto dele encontrava-se Vladic que foi o primeiro a me ver. Assim como Darya, em um primeiro momento ele mostrou um olhar surpreso, que logo foi substituído por um sorriso divertido. Ele pigarreeu para chamar a atenção de Milanovic ou para abafar sua risada.

— O que é isso? — indagou Dmitri, ficando de pé.

— Um jantar? — disse indicando a mesa.

Eu achei que seria divertido ver o *Pakhan* contrariado, e uma parte maquiavélica dentro de mim, se divertia muito, mas a forma que ele apoiou as mãos sobre a mesa e olhou duramente para mim, fez esse pequeno lado rebelde em mim se encolher.

— Você não está indo comer com os porcos — esbravejou ele.

— Ela o chamou de *bolotnik* — disse Vladic com um sorriso na voz — Então, acho que caí...

— Vladic, se não tem algo útil a dizer — Dmitri o interrompeu, dando a ele um olhar que agradei não ser direcionado a mim — Fique calado!

De repente, não estava mais tão divertido. Principalmente, porque eu estava com muita fome e o cheiro que vinha da mesa era divino. Se Dmitri me enviasse para o quarto novamente com a barriga vazia, porque eu tinha sido infantil em meu desejo em desafiá-lo, jurava que estapearia a mim mesma.

— O que eu disse sobre pular? — indagou ele em um tom arrogante.

Cravei as unhas nas palmas das minhas mãos e olhei para o chão, derrotada: — Eu pulo.

— Agora, suba e coloque o vestido que ordenei que usasse — a impaciência em sua voz me fez reerguer o olhar — Ou eu mesmo faço isso por você.

Pensar em Dmitri me despindo, causou um estranho arrepio por meu corpo, minhas bochechas queimaram e pelo sorriso que me deu, notei que havia pensado o mesmo que eu, meu corpo nu diante dos seus olhos.

— E já que está querendo ser muito útil, Vladic — disse ele voltando a se sentar — Acompanhe a dama até o quarto e não saia de lá até que ela esteja pronta.

Vladic não retrucou, apesar do *boyevik* poder fazer isso no lugar dele. Comigo andando na frente, fizemos o caminho de volta ao meu quarto. O vestido e a sandália estavam no mesmo lugar que Darya havia deixado. Comecei a tirar minha roupa quando dei por Vladic parado na porta, as mãos unidas atrás de suas costas.

— Vai ficar aí me olhando? — resmunguei, podendo, pelo menos, jogar minha raiva e frustração em alguém.

— Estou apenas cumprindo ordens.

— E você sempre cumpre as ordens do Dmitri.

— Dmitri? — ele ergueu uma sobrancelha.

— Não sou uma súdita da máfia — peguei o vestido e a sandália em cima da cama — Meu mundo não é esse.

— É uma Kamanev — retrucou ele.

— Sou uma Smirnov — respondi ao seguir até o banheiro — Kyara Smirnov. Nunca esqueça isso, Vladic.

Fui criada nesse mundo, mas não queria pertencer a ele e encontraria uma forma de, em breve, me ver muito longe da *Bratva*, era só uma questão de tempo. Em algum momento, Milanovic se cansaria desse jogo idiota e baixaria a guarda, seria o momento propício para fugir.

— Acho que não sou eu que devo lembrar disso — murmurou ele antes que eu fechasse a porta.

Fechei a porta do banheiro e terminei de me despir. Joguei as roupas no cesto onde deveriam ficar as peças sujas. O vestido tinha uma textura suave e gostei de como ele deslizava sobre a minha pele. Coube perfeitamente em mim, analisei, passando o dedo no delicado bordado abaixo dos seios. Depois, soltei os cabelos, deixando-os cair solto por minhas costas. E para finalizar, apertei algumas vezes a bochecha de leve, dando um pouco de cor à minha pele clara e pálida.

Por que estava me importando tanto em parecer bonita para Dmitri? Por que colocar o vestido e sandálias delicadas me fizeram desejar me sentir bela?

Ele só me via como um adorno da casa que pudesse admirar até se sentir enjoado. Eu era uma prisioneira, mantida contra a minha vontade, não podia nunca abaixar a guarda e esquecer isso.

Nunca, Kyara!

Após meditar com meu reflexo no espelho, decidi sair. Vladic ainda

estava no mesmo lugar na porta, as mãos para trás, como um bom soldado em guarda. Ele me analisou atentamente, mas o olhar de admiração que me deu não surtiu o mesmo efeito que os olhares de Dmitri sobre mim. E eu deveria estar desenvolvendo alguma síndrome em relação ao meu carrasco porque ter sentimentos em relação a ele que não fosse raiva e ódio não seria normal.

— Dmitri ficará muito mais feliz agora — disse ele abrindo a porta para mim.

— Não estou aqui para fazer a felicidade dele — disse aborrecida, mas era mais comigo mesma ao constatar como a declaração dele me deixou alentada — Se quer saber, eu o odeio.

Dizer isso a Vladic me fazia sentir que o sentimento era mais real.

— Interessante. Normalmente as mulheres começam amando-o — disse ele quando começamos a caminhar — É somente no fim que elas passam a odiar.

Apesar na ironia em sua voz, não consegui evitar me incomodar com isso. Saber que havia uma fila de mulheres a quem Dmitri tinha deixado um coração desiludido.

— Olha só, *daragáya* — ele sussurrou pegando meu braço ao chegarmos na escada — Só se atrai as abelhas com flores.

Vladic pegou minha mão abrindo todos os meus dedos.

— Faça isso e terá Milanovic na palma de sua mão.

Por algum motivo o conselho sábio dele me incomodava. Podia mesmo acreditar que estivesse me ajudando? Ele nunca foi grosso ou violento comigo, mas isso não queria dizer nada. Boris, por exemplo, sabia machucar mais meu coração do que meu corpo.

Dessa vez, quando cheguei à mesa os olhos de Dmitri me encontraram. Ele apreciava o que via, era algo bem claro em seu olhar tão intenso, que fez minha pele formigar.

— Sente-se ao meu lado, *kiska* — ele indicou o lugar vago à sua esquerda, atento a cada passo que dava.

Assim que me acomodei, qualquer pensamento que não fosse comida e a mesa farta não teve lugar em minha cabeça. As minhas mãos tremiam ao segurar os talheres buscando um pouco de tudo o que era servido. Meu prato estava rudemente mais cheio de comida que os dois homens ao meu lado da mesa, mas sinceramente? Eu não me importava. Eles não tinham passado fome por três dias, eu sim.

— Vá com calma, *mílaya* — aconselhou Dmitri quando me viu colocar a

terceira garfada de comida em seguida e agarrar um *sirniki*, despedaçando-o no prato — Nós não queremos que você passe mal.

Com duas bolas de comida em cada bochecha, olhei para os dois. A forma que ataquei a comida fazia com que eu parecesse uma esfomeada no deserto, temendo que o banquete fosse apenas uma miragem que a qualquer momento iria desaparecer. Terminei educadamente de mastigar a comida em minha boca, passando os minutos seguintes me alimentando como uma pessoa bem-educada que era.

— Vinho? — Dmitri indicou com os olhos a taça que eu havia esvaziado na primeira garfada que dei.

Aquiesci envergonhada e um empregado usando um uniforme formal encheu novamente a minha taça. Tomei um longo gole, mas de forma mais civilizada desta vez. Pelo canto dos olhos, percebi que ainda divertia aos dois. Meio aborrecida, voltei a me concentrar na comida e no vinho delicioso sendo servido.

— Você tem liberdade para explorar a casa quando quiser — Dmitri chamou minha atenção — Desde que, claro, tenha sempre um *boyevik* junto com você.

Abaixei o talher olhando-o com irritação.

— Liberdade desde que dance conforme a sua música — retruquei.

Ter me alimentado e recuperado boa parte das minhas energias me dava outra vez a parcela de atrevimento que eu deveria saber controlar.

— É isso ou continuar trancada no quarto — disse ele, voltando a ter um olhar gelado — A escolha é sua.

Que irônico. Como se realmente eu tivesse alguma escolha nessa prisão que ele me mantém. Mas isso ainda era melhor que nada. Para tentar uma fuga era preciso que eu conhecesse o lugar.

— Eu gostaria de conhecer a casa — disse em um tom baixo.

— Depois do jantar, posso levá-la para conhecer a estufa — sugeriu ele.

— Sim, a Srt^a Smirnov adora flores — disse Vladic, fazendo menção ao seu conselho antes do jantar.

Olhei furiosa para ele e se não estivesse tão longe de mim, teria chutado sua canela por debaixo da mesa. Vendo as possíveis intenções em meu olhar zangada, Vladic sorriu para mim, piscando um olho.

Não sabia dizer se sentia mais raiva por Dmitri ou vontade de torcer o

pescoço do amigo dele. Só podia dizer que esses dois homens acabavam com a paz de qualquer garota.

— Então, irá gostar das flores que meu pai cultivava.

Quase engasguei com o vinho quando ouvi sua declaração.

— Seu pai cultivava flores? — indaguei incrédula.

Eu não conseguia imaginar o antigo *Pakhan* cercado de flores delicadas e coloridas.

— A mãe do Dmitri cuidava da estufa, ela gostava de passar muito tempo por lá — respondeu Vladic, desfazendo o mal-entendido que tinha me deixado chocada — Quando ela faleceu, Mikhail a manteve exatamente como a esposa gostava.

Foi impossível não me sentir tocada pela revelação. Havia bastante crueldade dentro da *Bratva*, mas havia amor também. O amor era algo tão grandioso que nascia nos lugares mais improváveis, como uma flor ganhando vida em um deserto escaldante.

— Eu vou adorar conhecer a estufa — e por mais inacreditável que pudesse parecer, minha resposta foi sincera.

Meu olhar cruzou com o de Dmitri. Senti desta vez um tipo de conexão diferente com ele, e não sabia exatamente explicar o que era. O contato que foi quebrado por Nikolai Savin, que eu nem tinha observado se aproximar. Ele se curvou para Dmitri trocando com ele algumas palavras praticamente inaudíveis.

Procurei minha taça de vinho com as mãos nervosas e tornei a erguer meu olhar deparando-me com o rosto impassível de Dmitri e um olhar duro e gelado.

— Parece que seu irmão Boris decidiu nos fazer uma visita — disse ele erguendo-se da mesa.

O Boris estava aqui?

Busquei apoio na mesa para me levantar, mas a grande mão de Vladic em meu braço, manteve-me no lugar. Seu olhar firme para mim e gesto de cabeça me indicaram que esse não era o melhor momento para me rebelar.

Dmitri trocou um rápido olhar com Vladic antes de partir com Nikolai atrás dele.

— É melhor terminar seu jantar, Kyara — disse Vladic em um ar absurdamente calmo.

— O Boris veio me buscar?

Minha cabeça começou a girar com a possibilidade. Eu não queria deixar essa casa ao lado do meu irmão de criação, mesmo que essa significasse minha única oportunidade de escapar. Sentia que seria como trocar um cativeiro por outro. E no caso de Milanovic, ele só exigia de mim resposta. Boris desejava meu corpo e a minha alma. E diferente de Dmitri, não trataria sem tanta violência as minhas recusas.

— Ele vai me levar embora?

— Acalme-se, *daragáya* — ele buscou minha mão por cima da mesa — O *Pakhan* jamais iria permitir.

Por que Boris não podia ser exatamente o que eu precisava dele nesse momento, um irmão protetor e amoroso?

Perdi completamente o apetite, mas Vladic continuou a comer como se em uma sala próxima a nós não estivesse acontecendo uma conversa, no mínimo, tensa. Boris não gostava de Dmitri e agora que ele tinha algo que ele queria, sua raiva por ele devia ter se multiplicado.

O encontro entre eles poderia terminar em um banho de sangue e era exatamente isso que eu queria evitar. Três dias privada de água e comida não podiam ter sido em vão. E o que seria de mim e Sonya se o irmão não saísse vivo dessa casa hoje?

Eram tantos os pensamentos rondando minha cabeça que a fez começar a latejar.

Boris. Sonya. Dmitri.

Eu me sentia como um peão sendo empurrada de lá para cá pelas mãos deles. Balancei a cabeça, fechando meus olhos. Talvez eu tivesse bebido demais. Ou, quem sabe, minha vida tinha se transformado exatamente nisso, uma trágica e drástica confusão.

— Kyara? — abri os olhos, confusa, quando Vladic apertou os meus dedos.

Nikolai se encontrava atrás dele, seu olhar sério concentrado em mim.

— O Papa deseja que se junte a eles no escritório — disse ele, e ao me mover da cadeira, disse algo que me deixou alarmada — Pediu que avisasse para lembrar o que lhe disse no quarto mais cedo.

Eu deveria dançar, cantar e pular exatamente quando e como ele quisesse.

Ir com Boris, mesmo que ele não fosse a pessoa cruel que eu sabia que era, nunca tinha sido uma opção para mim.

Dmitri Milanovic era o *Pakhan*, o desejo dele viria acima de todo o resto.

Capítulo 13

Dmitri Milanovic

Eu não sabia dizer se Boris Kamanev era um jovem tolo e audacioso ou apenas ingenuamente imprudente. Já esperava por sua visita em algum momento, afinal, sua irmã estava sob meus cuidados e a forma que a trouxe para debaixo do meu teto não foi feita de um modo muito gentil.

Era natural que Boris viesse conferir pessoalmente como Kyara estava sendo tratada. O que eu não entendia ainda foi o porquê de trazer a outra irmã, mas estava prestes a descobrir a razão muito em breve.

— O que você acha que eles possam estar querendo, Nikolai? — indaguei ao ocupar minha cadeira.

Observei-o buscar a garrafa de vodca e colocar o copo em minha mesa enquanto meditava sobre a minha pergunta.

— Ter notícias da irmã? — respondeu me fazendo outra pergunta — Afinal, você mandou sequestrar a garota.

— Apenas a acolhi com a intenção de conhecê-la melhor. Em outros tempos o *Pakhan* a tomaria e faria dela sua amante — disse girando o copo suavemente na mesa — Parece que meu recado não foi claro o suficiente. Deixe-os entrar e vamos descobrir o que desejam de uma vez por todas.

Boris foi o primeiro a entrar. Usava um paletó escuro e uma camiseta por baixo, também negra e de gola baixa que deixavam as tatuagens do peito ao pescoço a mostra, o dorso de suas mãos também eram cobertos por tatuagens sombrias.

— Papa — ele curvou diante de mim e não foi possível ler o que seus olhos diziam ao ter que me saudar respeitosamente.

Sonya, a garota que meus soldados deveriam ter enviado até mim, surgiu logo depois. Usava um vestido de pele marrom e botas escuras. Seu olhar me varreu e um sorriso apreciativo surgiu em seus lábios pintados de um vermelho vivo.

Analisando seu olhar interessado em mim, tive a certeza que teria todas as respostas que desejava em relação a Boris há muito tempo se os *boyevik* comandados por Ivan tivessem feito o serviço direito.

— Boris Kamanev — saudei-o e dei meio sorriso à jovem receptiva à

minha frente — Sonya.

O sorriso enrijecido de Boris e o olhar surpreso, seguido por um decepcionado de Sonya, responderam parte de minhas perguntas. Os dois não sabiam que Kyara já havia revelado a verdade sobre quem ela era.

— Papa — ela se curvou a mim, colocando-se ao lado do irmão rapidamente.

Indiquei as cadeiras em frente à minha mesa para que eles se acomodassem. E num gesto nada discreto, a Srt^a Kamanev subiu alguns centímetros a saia do vestido ao cruzar as pernas.

— Peço desculpas por solicitar uma audiência tão tarde — iniciou Boris —, mas de acordo com o que venho escutando nos últimos dias, acho que teve um pequeno mal-entendido.

Levei o copo com vodca à minha boca, mas apenas umedecei os lábios enquanto o observava atentamente.

— Soube que busca uma noiva.

— As notícias correm muito rápido, não é, Nikolai?

— Certamente, senhor.

— Mas continue — disse a Boris.

Eu podia imaginar o que ele estava prestes a dizer, mas queria ter a certeza se ele realmente me considerava tão estúpido.

— Estou verdadeiramente honrado com seu interesse em um Kamanev — iniciou quase que crivelmente cordial — Mas acho que deve saber que Kyara não é Sonya, ela nem é uma Kamanev.

A informação não causou efeito algum sobre mim.

— Sua família verdadeira nem mesmo pertencia a Bratva — continuou Boris.

Na escolha de uma real esposa, essa observação teria um peso. Nikolai não teria sequer cogitado inserir o nome de Kyara Smirnov na lista de possíveis candidatas que me entregou.

A lista apenas sugeria quais as alianças possíveis e vantagens políticas conseguiria ao escolher uma delas. Não existia qualquer lei na Bratva que me obrigava a ter como esposa a filha de um *Kapitan*.

— Por isso, eu e Sonya viemos até aqui para...

— Alertar sobre o pequeno engano. Mas não há motivo algum para a sua preocupação, Boris. Seu pai criou e educou Kyara muito bem, ela é uma

Kamanev por direito — completei e olhei para sua irmã em seguida — Laços afetivos são tão importantes quanto os de sangue, não acha, Sonya? Eu tenho certeza que amam Kyara como uma verdadeira irmã. E Sonya já foi prometida ao filho do *Kapitan* Larionov, e a união tem a minha benção, claro.

Eles acharam mesmo que essa informação ficaria escondida de mim?

— Desculpe, Papa, mas Kyara nunca quis fazer um casamento Bratva — insistiu Boris. A cordialidade que sustentou desde que havia chegado começou a fenecer — Não acredito que isso tenha mudado em três dias.

De forma sutil, Boris estava me desafiando e isso não me agradava nem um pouco, mas iria jogar o jogo dele. Eu era o *Pakhan*, qualquer possibilidade de interesse em uma das irmãs dele seria uma honra para Boris.

A não ser que seu interesse em Kyara não fosse tão fraternal como ele fingia transluzir.

— Então, acredito que ouvir da própria Kyara que está bem em relação a isso, irá deixá-lo mais tranquilo.

Seu maxilar enrijeceu um pouco mais, contudo, ele assentiu com a cabeça. Fiz um sinal para que Nikolai se aproximasse e sussurrei um recado para que ele desse a Kyara antes de trazê-la. Tudo isso, enquanto observava Sonya e Boris trocarem farpas rapidamente.

Boris não era apenas contra eu ser o *Pakhan*, ele me considerava estúpido, não havia outra explicação para sua visita.

— Não há nada oficial entre mim e Larionov — diz Sonya atraindo minha atenção para ela — Mesmo que houvesse, tenho certeza que Boris...

Ergui a mão interrompendo seu discurso empenhado. Soava-me patético a forma como ela se oferecia a mim.

Não podia negar, Sonya Kamanev era uma mulher bonita e sensual, mas eu perderia o interesse por ela mais rápido do que havia perdido por Tereza.

— Boris seguirá com sua palavra a Larionov — disse a ela, mas minha atenção estava voltada para seu irmão — E Kyara ficará comigo.

Se eu tinha dúvidas em relação aos sentimentos de Boris sobre a irmã de criação, foram todas respondidas por sua reação corporal ao meu comunicado.

Nariz dilatado, olhos em chamas, veias nas têmporas e pescoço saltadas ou rígidas, as mãos fechadas ao lado do corpo, e nós embranquecidos em seus dedos.

E eu tinha um novo motivo para alimentar a raiva e o ódio de Boris

Kamanev em relação a mim.

Kyara Smirnov.

A mesma entrou na sala acompanhada de Nikolai e Vladic.

— Sonya! — a forma que correu para recepcionar a irmã foi a única emoção verdadeira que vi acontecer nesta sala desde que a dupla entrou.

O abraço durou mais do que eu esperava e menos do que Kyara gostaria, com gentileza, mas firme, Vladic a afastou da irmã, trazendo-a até a mim. Ela mal olhou para Boris quando passou ao seu lado.

— *Mílaya*, seus irmãos demonstram uma compreensiva preocupação em relação a sua estadia aqui — disse ao tê-la parada ao meu lado, agarrei seu pulso que a mesa deixava escondida dos olhares à nossa frente e pressionei-o levemente — Achei melhor que os tranquilizassem.

Aguardamos em silêncio por sua resposta e quando prolongou-se por mais tempo que o aceitável, voltei a apertar meus dedos em volta de seu pulso delicado, um pouco mais de pressão e eu poderia torcê-lo.

— Eu... eu estou bem — ela balbuciou fracamente, deslizei meus dedos até a palma onde fiz um carinho suave — Estou muito honrada de contar com o convite e hospitalidade do *Pakhan*.

— Se foi um convite tão amável — indagou Sonya com olhar questionador — Por que praticamente a arrastou até aqui?

A garota era realmente inconsequente, como Ivan informou. Olhei duramente para ela que se encolheu, buscando a cadeira para se acomodar.

— Está questionando seu Papa? — disse Vladic em um tom tão frio quanto meu olhar, fazendo a jovem se encolher ainda mais.

Kyara entrelaçou os dedos nos meus, apertando-os levemente, o gesto me fez erguer o olhar para encontrar o dela. Havia um pedido mudo para que eu mantivesse as coisas mais calmas.

— Vladic? — chamei pela atenção dele, depois, desviei minha atenção para os irmãos — Estamos todos entre amigos. Pedi aos meus *boyevik* que trouxessem a Srt^a Kamanev e mostrassem respeitosamente minhas condolências, e bom, meus homens não sabem ser delicados.

Era óbvio que a justificativa não convenceria a ninguém, mas outra manifestação vinda de qualquer um deles seria considerada insubordinação. Por muito menos o antigo *Pakhan* teria buscado punição imediata. Mas eu não desejava manter os Kamanev na linha por algum tempo, eu queria saber quais eram os planos de Boris e, principalmente, quem eram ou se tornariam seus

aliados. Soltar e puxar a corda no momento exato.

— Você planejou tudo isso — os olhos frios de Sonya agora caíram sobre Kyara — Por isso havia as joias, documentos e uma mala escondida debaixo da sua cama. Usou o que te contei para...

— Como poderia ter planejado isso, Sonya? — a voz de Kyara não escondia sua surpresa e lamento com a acusação que recebia.

No entanto, algo teve mais impacto sobre mim. Por que Kyara mantinha uma mala com documentos escondidos debaixo da cama?

— Sempre precisou ser melhor do que eu — acusou ela — A preferida da mamãe. A garota perfeita do papai e a...

— Chega, Sonya! — Boris a fez ficar em pé, puxando-a pelo braço.

Também me levantei, Vladic e Nikolai posicionaram-se em guarda ao meu lado. Sutilmente, levei Kyara para trás de mim, protegendo-a com meu corpo.

— Agradeço por deixar as coisas muito claras, *Pakhan* — proferiu Boris — Não vamos incomodá-lo mais. Vemos que Kyara parece estar muito bem. Iremos aguardar ansiosamente seu retorno para casa.

Isso não ia acontecer.

— Vladic irá acompanhá-los até a saída — avisei — E Nikolai fará as medidas necessárias para que as coisas da Srt^a. Smirnov sejam entregues a ela.

— Como quiser, Papa — acatou Boris, arrastando a irmã para fora da sala com ele.

Soltei a mão de Kyara encerrando o contato entre nós e busquei o copo sobre a mesa, tomando a bebida em um único gole. A “visita” de Boris me trouxe algumas respostas, mas me deu novas dúvidas.

— Você estava fugindo? — a pergunta soou mais como a afirmação que era.

Ela se afastou alguns passos de mim. A expressão de coragem que via nela sempre que ousava me enfrentar, ganhou força em seu rosto.

— Eu já disse que a *Bratva* não é o meu mundo.

Estranhamente começava a acreditar nisso.

— Responda a minha pergunta.

Ela respirou fundo e mordeu o canto esquerdo dos lábios. Nunca conseguiu ser imune ao gesto inocentemente sensual.

— Sim, estava fugindo — respondeu em um tom cansado — Não quero um casamento Bratva.

— Não quer um casamento *Bratva* ou não quer um casamento com Boris?

Eu havia cutucado em um ponto sensível.

— O Boris é meu irmão — seus lábios emitiam uma coisa, mas seus olhos assustados diziam algo completamente diferente.

— Não acho que ele pensa assim — insisti no assunto me aproximando enquanto ela se afastava — Iria fugir aquele dia. Fugir do Boris. O que a Sonya quis dizer com...

— Eu não sei! — suas costas bateram contra a parede e eu pressionei o meu corpo contra o dela — A Sonya está chateada porque queria que ela fosse sua escolha.

Isso só era parte da verdade. Eu queria saber tudo, cada pequeno fragmento de pensamento dela.

— Por que não confia em mim, Kyara? — estiquei minha mão alisando a maçã de seu rosto.

Gostava da textura da sua pele e da forma que sempre reagia ao meu toque.

— Não me deu razão alguma para que eu possa confiar em você — apontou ela, o queixo erguido só me fazia ter vontade de puxar os lábios com os dentes.

Era justa sua acusação. Confiança é algo que se conquista e não, tomada a força.

— Por que não me deixa ir embora?

A pergunta me fez recuar colocando espaço entre nós dois.

— Eu vou para qualquer lugar do mundo longe do Boris — disse com a voz suplicante — Já disse a ele o que quis que eu dissesse. Deixe-me ir.

Já não me importava muito o que Kyara pudesse dizer a respeito do irmão. A cada dia acreditava no que Vladic já tinha alertado a mim, ela não tinha conhecimento de muita coisa. Nada que eu já não soubesse. E, de qualquer forma, o resto descobriria mesmo sem a colaboração dela.

— O que importa é o que pode falar a ele agora — disse irritado.

Também não era verdade. Tinha que ser honesto ao menos comigo mesmo, mantinha Kyara comigo porque eu a queria.

Desejava-a. E tinha que tê-la.

— O que eu poderia dizer a ele? Que fiquei presa no quarto por três dias, passando sede e fome? — sua contrariedade e irritação quase se igualavam às minhas — Que fui obrigada a usar um vestido caro e bancar a hóspede feliz?

Geralmente desvarios femininos me deixavam aborrecido. Não tinha muita paciência para a ladainha sem fim, típico nas mulheres, com seus monólogos que pareciam nunca ter um momento para acabar. Mas até isso em Kyara me fazia interessado nela. Queria calar sua voz com beijos que a fizessem perder o ar. Ou ver até onde a coragem dela a levaria.

— Esqueceu de citar que comia como um demônio devorador de almas — foi como aticar uma tigresa com vara curta.

— *Svolach!* — ela avançou sobre mim e segurei seus pulsos antes que seus punhos tocassem meu peito.

Olhamos um nos olhos do outro e ela reafirmou em uma voz fraca: — Eu te odeio!

Não me contive e tive que sorrir para ela, sabendo que sempre que fazia isso acendia uma faísca em seus olhos.

— É mesmo, *mílaya*? — puxei-a para mais perto de mim, seus seios macios pressionaram meu peito.

Lentamente, desci suas mãos. Soltei-as e meus dedos subiram suavemente pelo seu braço. Havia uma fagulha de raiva em seus olhos, mas a cada centímetro de sua pele que meus dedos corriam, via esse brilho mudar.

— Eu te odeio — ela sussurrou em voz fraca.

Seu corpo tombou levemente contra o meu quando acariciei os lábios que tinham emitido seu desprezo por mim. Acariciei-os de ponta à ponta, sem jamais perder a conexão de meus olhos com os dela.

— Continue repetindo isso, *mílaya* — sussurrei bem próximo ao seu rosto acalorado — Talvez um dia consiga se convencer, pois a mim, seu corpo diz outra coisa.

Ela abriu a boca para protestar, usurpei o momento para cobri-la com a minha. Suas mãos cravaram em meu braço e eu deslizei as minhas para trás de sua cabeça, enroscando seus cabelos em meus dedos, trazendo-a para mais perto, aprofundando o beijo que desejei ter dado desde a primeira vez que nos vimos.

Um beijo intenso, selvagem e completamente apaixonado. Era como se estivéssemos fundindo um no outro, de longe a conexão mais quente que já compartilhei com alguém. Minhas mãos foram para a sua cintura pressionando

seu corpo ainda mais contra o meu. Puxei seus lábios com os dentes, arrancando um gemido rouco de sua garganta.

Colei minha testa na dela, pois, a sua necessidade por ar era impossível de continuar a ser ignorada. Seus olhos embriagados encontraram os meus.

Desejo puro e latente.

— Dmitri? — Vladic invadiu a sala, impedindo que a beijasse mais uma vez.

Rangi os dentes antes de dar a atenção que ele pedia. Vladic parecia conhecer os momentos perfeitos para quebrar o clima. Kyara se afastou e deixei que deslizesse para longe de mim.

— Irina está com problemas — disse ele ao colocar meio corpo na porta — Na verdade, Ivan está com problemas.

— Você resolve isso, Vladic?

— Quer mesmo que eu lide com a Novitsky? — indaga ele.

A forma cínica que ele sorriu por muito pouco não me fez revirar os olhos. Eu faria Irina e ele se tornarem os melhores amigos de infância, ou casaria os dois antes que algum deles me enlouquecesse.

Virei-me para Kyara encontrando-a com o quadril escorado contra a mesa.

— Volte para o quarto, *mílaya* — ordenei e vi o início do que poderia ser um protesto querendo escapar dos seus lábios — Nós terminamos essa conversa depois.

Meu olhar firme apontava que não haveria possibilidade de argumentação. Kyara era esperta o suficiente para saber até onde ela podia ir.

— Boa noite, *daragáya* — murmurou Vladic quando passou por ele.

— Boa noite, Vladic — para a minha surpresa, ela respondeu.

Olhei torto para seu sorriso convencido e fiz um sinal para que Vladic entrasse e explicasse por que de um minuto ao outro Moscou tinha se tornado um novo campo de guerra entre ele e Novitsky.

— Está me dizendo que o americano fugiu e está desaparecido em Moscou? — apesar de soar calmo, Vladic sabia que por dentro meu sangue fervia — Que tipo de *Boyevik* Ivan está recrutando? Ou talvez o problema de tudo seja ele.

— Olha, eu fui o primeiro a dizer que essa ideia era muito ruim — disse ele, depois fez uma enorme tentativa de colocar panos quentes — Mas eles

tiraram o cara de Chicago.

— Perdendo-o depois em Moscou.

Se o cara estiver sendo monitorado pela polícia, nesse momento, poderia estar dando com a língua nos dentes sobre o que sabia para as autoridades. Ele ainda não era um membro da irmandade, não devia fidelidade alguma a nós.

— O homem é filho de um espião — salientou Vladic — Russo. Sabe deslizar como maionese.

Foi quase um ano de pesquisa e muito dinheiro investido no projeto de Irina para que um meio russo-americano jogasse todos os esforços pela janela. Iria caçá-lo em cada canto da cidade, nem que eu mesmo tivesse que sair e procurar por ele.

— Encontre-o! — ordenei a ele.

— Vivo ou morto? — conhecia-o o suficiente para saber que ele preferia encontrar o americano morto — Porque a Irina...

Irina era inteligente, mas estava abusando da sorte e da minha resignação.

— Eu lido com a Novitsky, cuide do resto — informei a ele — E Vladic? Seja silencioso como sempre foi.

Em quase um mês como *Pakhan*, eu tinha um assassinato para investigar; um possível traidor desejando que meu posto caísse e um recruta perdido que, em mãos erradas, poderia trazer problemas significativos a nós.

— Vou reunir o *obshchak* e limpar essa bagunça — disse ele ao agarrar a maçaneta na porta, mas, em seguida, seu olhar curioso caiu sobre mim — Está irritado pelo homem perdido ou pela frustração sexual?

Levei de três a cinco segundos para compreender sua provocação.

— Você sabe, as coisas aqui pareciam quentes quando interrompi.

Alguns minutos a mais e ele teria presenciado algo muito mais do que quente.

— Vá para o inferno, Vladic!

— *Blagadaryú*, mas você já parece nele — a diversão em sua voz conseguiu me deixar ainda mais irritado — Não sinto que seja um lugar agradável.

Se definição de pecado mudasse para Kyara Smirnov, realmente esse tipo de inferno não seria um lugar muito agradável de se ficar, mas ela simbolizava uma tentação que valia a pena.

Aguardei que Vladic e seu sorriso presunçoso saíssem para ligar para Irina.

— Qual o problema? — indaguei assim que a ligação foi concluída.

— *Preciso que tragam o homem vivo, Papa.*

— Farei o que for necessário, Novitsky. E isso quer dizer o melhor para a Bratva.

Conseguia imaginar Irina tirando os óculos e esfregando a curva entre o nariz e a testa.

— *Eu entendo.*

Não, Irina não entendia. Apesar de se manter durona, sempre procurava resolver as coisas de forma diplomática. Às vezes, parecia se esquecer que não estava em uma base científica administrada pelo governo. Éramos foras da lei, na maioria dos casos atirar vinha antes de uma conversa.

— Vladic irá colocá-la a par de tudo depois.

— *Ah, claro, o Vladic.*

— Irina, terá que aprender a lidar com Guriev em algum momento. Nunca se esqueça que ele está acima de você.

— *Sim, Papa.*

Sua resposta humilde não me convenceu. Se Vladic trouxesse seu animalzinho novo de estimação como um felino entregando um ratinho morto a seus pés, ela encontraria alguma forma de se vingar dele.

Encerrei a ligação e fiz outra para Ivan. Fui atualizado sobre em que pé as buscas estavam e troquei algumas mensagens com Vladic. Saía do escritório quando Nikolai e um *boyevik* vieram em minha direção.

— Guarde as joias e os documentos no cofre — disse a Nikolai, depois orientei o homem ao seu lado — A mala da Srt^a Smirnov deve ser levada ao quarto dela.

Mas quando chegamos próximos à escada, pedi que o *boyevik* entregasse a mala a mim. Assim como das outras vezes que entrei em seu quarto durante a noite, encontrei-a dormindo. A cortina entreaberta, a meia-lua no céu refletia sua luz prateada sobre os cabelos dela.

Coloquei a mala no chão ao lado do *closet*. Sentei ao seu lado na cama e afastei com os dedos alguns fios que cobriam seu rosto. O que Kyara Smirnov possuía que me mantinha atraído a ela?

Não tinha uma resposta segura para essa questão agora. Mas sobre uma

coisa eu tinha a mais absoluta certeza, eu não poderia deixá-la ir embora.

Capítulo 14

Kyara Smirnov

Acordei me sentindo bem melhor do que no dia anterior, provavelmente porque eu tinha me alimentado muito bem e o vinho que tomei durante o jantar acabou surtindo efeito em meu organismo desgastado.

Espreguiceei-me na cama, erguendo as mãos acima da cabeça e quando olhei para o lado, vi minha mala apoiada na porta do *closet*. Afastei as cobertas saltando da cama, peguei a mala colocando sobre as cobertas bagunçadas. As roupas que separei para a viagem estavam dentro da mala, mas apesar de ter revirado cada centímetro dela não encontrei minhas joias, nem os documentos.

Fui até o banheiro na esperança de que minha bolsa estivesse lá, mas saí apenas com um sentimento de frustração. Claro que Dmitri manteria as joias e, principalmente, os meus documentos com ele, afinal, ainda era sua refém.

Voltei para o quarto sentando na cama ao lado da mala aberta. As lembranças da noite anterior começando a invadir minha cabeça. Eu estava em uma situação bem complicada, mas poderia ter acabado pior ainda se Dmitri tivesse me entregado a Boris e Sonya.

Primeiro, ele sabia que pretendia fugir dele e Sonya agora acreditava que estivesse agindo pelas costas dela. Depois de tudo que fiz por ela, como podia insinuar que ser a “escolhida” do *Pakhan* foi um plano ardiloso meu?

A ideia de trocarmos de identidade na clínica tinha sido dela. E também não tinha feito esforço algum para desfazer o engano quando os soldados de Dmitri tentaram sequestrar nós duas. Tudo que eu desejei foi ajudar Sonya àquele dia e fugir de Moscou na mesma noite.

Agora, estava presa com um homem que me via como uma ameaça e não me deixaria ir embora. De uma prisão luxuosa a outra. De um homem cruel que dizia me amar e que me teria a todo custo ao que me levava da raiva a uma atração da qual eu precisava resistir.

Pelo menos Dmitri Milanovic não tinha planos eternos comigo. Eu só precisava ver as coisas de um ponto de vista diferente. E embora o conselho de Vladic tenha sido mais no intuito de me dobrar, havia sabedoria nele. Enquanto eu estivesse com o *Pakhan*, estaria protegida e longe de Boris. E se eu não alimentasse as desconfianças dele contra os Kamanev, Sonya estaria segura. Depois de casada, ela seria uma Larionov e nada do que o inconsequente do

Boris fizesse recairia sobre ela. Nesse meio tempo, eu só precisava pensar e melhorar o meu plano de fugir daqui.

Dmitri tinha prometido que eu poderia conhecer a casa. Após o banho seria exatamente isso que iria fazer, conhecer cada canto da mansão Milanovic. Peguei um conjunto de *lingerie* branco, um vestido de linho cor de pele e o único par de botas em minha mala. Estávamos entrando na primavera, mas esses primeiros dias ainda faziam frio, reflexo do inverno rigoroso.

Segui para o banheiro e, dessa vez, optei por usar a banheira redonda em vez do chuveiro e até selecionei sais de banho, dando a mim esse pequeno luxo.

Enquanto sacudia as bolhas de espumas à minha volta, refletia em como era a minha vida, no que eu desejei que ela fosse e como estava agora. Dmitri Milanovic não era como Boris. Além de mais forte fisicamente e muito mais bonito, ele tinha maneiras de pensar bem diferentes. Boris era explosivo, violento, egoísta e cruel. Dmitri agia com mais frieza, inteligência e perspicácia, o que o tornava muito mais perigoso. O Boris tinha um ego inflado, bem mais fácil de manipular. Dmitri era arrogante, seguro de si e me irritava em um grau muito elevado.

Então, pensei no beijo intenso que nós trocamos e na forma que ele me segurou em seus braços. Eu tinha que me manter distante do perigo que representava Dmitri Milanovic.

Saí da banheira quando senti minha pele começar a ficar enrugada, soltei os cabelos após me secar e vesti minha roupa. Encontrei Darya parada na porta carregando uma bandeja.

— Bom dia, senhorita. Trouxe seu café da manhã — disse indo em direção à mesinha próxima a janela — Há alguém pronta para subir assim que estiver se alimentado.

Alguém? Será que Dmitri tinha mudado de ideia e chamado Sonya para vir me buscar?

— Não vejo motivo para fazê-lá esperar — disse a ela indo até a porta — É a Sonya?

Por favor, que não seja o Boris.

— A jovem que esteve aqui ontem? Não. É uma surpresa do Papa...

Minha euforia se encolheu. Segui desanimada até a bandeja que Darya me indicava.

— Vladic? — perguntei ao me acomodar.

— Ah não, saiu bem cedo com o Papa — servi chá com baunilha e

coloquei um pouco de ovos no prato enquanto ela falava — Estão sempre juntos desde crianças. E ainda mais agora que Vladic é o...

— *Avtorieyt* — completei por ela — Eu sei. Vladic mora aqui?

— Não, senhorita.

Isso era bom para os meus planos. Agora só tinha que ficar atenta às idas e vindas de Vladic na casa.

— E o *Sovietinik* Savin? Como é?

— Vinha mais quando o falecido Papa estava vivo — explicou ela — Mas está sempre à disposição do *Pakhan*.

— Ele confia nos dois?

Ela parou para pensar um pouco antes de responder. Acho que me analisava.

— O Sr. Guriev é como um irmão para ele. E o Sr. Savin, acho que vê como o pai que perdeu. O Papa é generoso com quem confia e é fiel a ele, mas se o trair... — ela fez um sinal da cruz com os dedos na testa — É melhor nem querer saber, senhorita.

Eu não sabia dizer se era um alerta verdadeiro de Darya ou um aviso ensaiado com o intuito de me intimidar. Decidi ignorar a última parte do que ela disse e me concentrar no café da manhã.

Quando ela saiu carregando a bandeja, notei parte do corpo do *Boyevik* parado ao lado da minha porta. Não demorou muito para a porta ser novamente aberta, uma mulher elegante e duas outras sob as ordens dela surgiram. Com elas, caixas, embalagens e araras de roupas entraram no quarto.

— O que é isso?

— Sou Olga. O *Pakhan* ordenou que o *closet* — disse a mulher olhando-me de cima a baixo, sua expressão denunciava que me via apenas como mais uma das muitas mulheres na vida de Dmitri que ela tivera que atender — deixe de ser... humm... tão vazio. Escolhi o de sempre. Pode provar algumas se quiser, mas eu sei do que o Milanovic gosta.

Observei atônita enquanto vestidos de couro, roupas cintilantes e uma variedade de roupas sensuais eram colocadas sobre a cama e em meus braços. Eram peças bonitas, mas não faziam nem o estilo *femme fatale* de Sonya quanto mais o meu.

— Esperem! — chamei alto o suficiente para que interrompessem suas idas e vindas e olhassem para mim — Não quero nada disso.

Entreguei as peças em minhas mãos a uma das mulheres confusas, juntei as da cama formando um bolo de roupas que entreguei à segunda, os cabides que arranquei entreguei a Olga que me encarava com olhar fulminante.

— Podem levar tudo isso.

— Mas o *Pakhan* disse que...

— Não estou interessada no que Dmitri Milanovic disse — retruquei, impondo-me a ela — Não sou uma de suas amantes e não vou me vestir como tal.

Aproveitando o olhar surpreso e falta de reação de cada uma delas, empurrei as três em direção à porta, batendo-a em suas faces embasbacados.

Pois bem, Dmitri Milanovic, poderia ser sua refém, mas jamais uma de suas prostitutas. Após ter me acalmado e ter esse pequeno problema fora do meu caminho, decidi fazer um *tour* pela casa. Como imaginei, o *boyevik* me acompanhou assim que saí pela porta.

— Não pode entrar aí — ordenou ele me assustando, quando toquei na porta do quarto um pouco mais à frente do meu — É o aposento do Papa.

Segui adiante entrando em mais dois quartos de hóspedes. Dispensei os demais e disse ao *boyevik* que queria explorar o andar de baixo. A sala de recepção e de jantar eu já conhecia. Como no quarto, fui impedida de entrar no escritório, mas pude entrar em uma sala de jantar para um número maior de convidados e a biblioteca.

Eram muita corredores para percorrer e salas para visitar, tudo isso ouvindo apenas a voz do *boyevik* ao meu lado dizendo “esse sim e esse não”. Às vezes sentia como se realmente estivesse sozinha explorando a casa.

Decidi ver um pouco da parte externa. Passamos pelo grande pátio onde alguns empregados circulavam e contornamos a casa até chegarmos às piscinas, havia duas. Sentei em uma espreguiçadeira absorvendo o pouco que havia de sol.

Olhei para a direita, mais além do lindo gramado, notei a construção de ferro e vidro, tinha o teto abaulado sobre a construção retangular. Levantei e caminhei em direção a ela.

— Senhorita...

— Deixe-me ver — o interrompi quando chegamos a enorme porta dupla trancada — Não posso entrar?

Ele não respondeu, mas dei seu silêncio como uma confirmação. O vidro era escuro, então, não dava para ver o que tinha dentro, mas eu sabia que se tratava da estufa que Dmitri tinha prometido me levar na noite anterior, antes de

Boris e Sonya surgirem com sua visita inesperada.

Retornamos para dentro da casa e Darya informou que a mesa para o almoço estava servida. Era uma pena que Dmitri não estivesse presente para observar que eu sabia me alimentar como uma dama. Vi-me sorrindo desse pensamento tolo e logo me repreendi ao perceber para onde meus pensamentos encaminhavam.

— Darya, será que me conseguiria papel e caneta — diante do olhar desconfiado dela, dei seguimento à parte de uma mentira — Quero escrever para minha irmã, Sonya. Não ficamos muito bem quando ela saiu daqui ontem.

— O Papa disse que não pode...

— Eu mesma vou pedir que ele entregue a ela.

Ela mordeu a boca ainda indecisa, mas ao encarar meu olhar suplicante, cedeu.

— Está bem. Acho que deve ter na biblioteca.

Lamentei não ter pensado nisso antes, mas a segui até lá. Darya procurou nas gavetas da mesa, entregando-me depois algumas folhas e caneta que havia encontrado. Busquei na estante um romance qualquer, informei a ela que subiria para o quarto para escrever a carta e ler um pouco do livro. Também pedi que só me incomodassem na hora do jantar.

Deitei na cama e iniciei um desenho da planta da casa, pelo menos o que me lembrava. De dia não era tão difícil de se locomover, mas à noite e no escuro, podia ficar um pouco difícil, havia cômodos que se interligavam dando a impressão de andar em círculos.

Eu começava a escrever a carta para Sonya quando a porta foi aberta e um Dmitri furioso entrou no quarto.

— Você dispensou a Olga?

— É, eu dispensei.

Ele andou até o *closet*. As únicas peças dentro dele eram as que tinham sido entregues com a minha mala. Dois vestidos, três pares de jeans, algumas blusas e camisetas, um casaco e um par de sapatos. O que achei suficiente para enfrentar a grande aventura que teria ao escapar de Moscou, principalmente de Boris.

— Essas são minhas roupas — olhei apontando para o *closet* em que ele se encontrava — Dê aquelas para uma de suas amantes, o que certamente, eu não sou.

— Sua estadia aqui será bem longa, *mílaya* — disse ele em um tom gentil que não me enganava — Precisarás de roupas.

— Para ir do quarto à sala de jantar? — apoiei minhas mãos na cintura — Ou da sala de jantar para a biblioteca?

— *Ye-bat!* — vociferou ele batendo uma das portas, vindo em minha direção, agarrando meu braço.

— *Svolach!* — rebati tentando me soltar.

Era melhor tê-lo com raiva. Eu sabia como reagir ao Dmitri com vontade de me matar, mas não sabia lidar com o que me analisava com olhos ardentemente apaixonados.

Se Dmitri tinha um poder incrível de me irritar, eu sabia que fazia o mesmo com ele, às vezes parecíamos dois gatos mostrando as garras. Duas chaleiras bufantes se bicando incansavelmente.

— O que fazer com você, *kiska* arredia? — murmurou em seu tom rouco que fazia minha pele arrepiar.

— Me soltar — sussurrei ao ser puxada para ele.

E eu não me referia ao direito de poder ir embora. Quando Dmitri me mantinha tão presa, aí, sim, me sentia cativa, e dos seus braços não sentia desejo de fugir. Ele encostou a testa na minha, inalei fundo sentindo seu perfume tontear meus sentidos já abalados por ele. Com Dmitri, não perdia o rumo porque eu nem sabia onde eles estavam. Era como saber que algo era muito ruim, mas desejar mesmo assim. Como uma droga pouco a pouco me fazendo ficar dependente.

— Não posso fazer isso, *mílaya* — então, sua bochecha resvalou na minha com suavidade, a barba tocando em minha pele fez meus olhos se fecharem.

Minhas pernas perderam a firmeza, a respiração tornou-se mais acelerada. Toquei em seu peito e senti seu coração pulsar forte sob minha mão. Movi os lábios esperando o momento que ele fosse tomar os meus, beijando-me como da última vez.

— Mas podemos fazer um acordo — tornei a abrir os olhos frustradamente quando percebi que o beijo que ansiava não aconteceria.

— Um acordo?

— Olga volta aqui e você escolhe as roupas que ambos possamos concordar. E eu te concedo um pedido.

— Qualquer coisa que eu quiser?

Ele ergueu a sobrancelha, depois, abriu um sorriso meio de lado. Eu gostava quando ele sorria. Parte de toda dureza que parecia carregar, suavizava.

— Qualquer coisa *possível*.

Eu tinha iniciado a carta para Sonya, lamentando estarmos zangadas uma com a outra, mas não poderia revelar muita coisa, pois, mesmo que Dmitri permitisse que eu enviasse a carta a ela, iria verificar cada linha, a menos que eu conseguisse fazer com que outra carta chegasse nas mãos de Sonya.

— Tem um restaurante em Moscou que eu gosto muito — deslizei a mão suavemente em seu peito e o presenteei com o sorrisinho adocicado — O *Tsikada*. A comida é excelente.

Seus olhos perspicazes me estudaram por um tempo. Temi estar exagerando demais na performance garota dócil e obediente.

— Eu sempre ia lá com os meus pais quando era pequena, depois, com *otets* Fjodor no meu aniversário — lembrar isso causou uma pequena pontada em meu peito — Mas esse ano...

— Tudo bem — ele segurou o meu queixo e passou o polegar sobre meus lábios — Se quer a comida do *Tsikada*, você a terá. E esse é um motivo justo para uma roupa nova.

Ele se afastou de mim, sacando o telefone para realizar a ligação que precisava. Eu me sentia meio culpada por usar uma memória tão importante para mim, no intuito de enganar Dmitri, mas essa era a única arma que eu tinha para lutar. Eu conhecia pessoas no restaurante que poderiam me ajudar.

— Certo, Olga, em vinte minutos estaremos aí — Dmitri olhou para mim sorrindo — Acho que terá mais do que o caminho entre o quarto e a sala de jantar.



Olga foi muito mais cordial comigo agora. Na presença de Dmitri, as pessoas se comportavam de outra maneira. Vladic parecia ser a única pessoa autêntica que eu tinha encontrado desde que fui sequestrada.

— Eu acho que já é suficiente — disse a Dmitri após sair do provador, o que quase podia garantir ser pela centésima vez.

Ele me fez desfilar para ele a cada vez que uma peça nova me foi

apresentada. Foi divertido no início, principalmente ao notar sua reação quando provava algo realmente bonito e sensual. Dmitri me devorava com os olhos e ter esse efeito sobre ele fazia com que me sentisse bonita e poderosa.

— Envie também aqueles três — disse ele a Olga, referindo-se aos vestidos que eu tinha selecionado na coleção, mas não tinha provado ainda.

Olhei para o balcão onde as sacolas foram acumuladas. Dezenas delas, nem mesmo Sonya e eu juntas em nossos melhores momentos “vamos estourar o cartão do papai” havíamos comprado tanta coisa. Além das roupas, Dmitri tinha solicitado toda a coleção de sapatos. E eu não usaria metade daquelas peças.

Se meu plano ocorresse como esperava, em breve estaria livre e muito longe.

— Espero vê-la em breve, Srt^a Smirnov — disse Olga com um sorriso falso dissimulado que respondi à altura enquanto Dmitri me conduzia para fora. Um *boyevik* nos esperava no carro com a porta aberta.

Não tive qualquer oportunidade de pensar em fugir. A loja foi fechada para nossa visita e só não havia soldados de guarda no provador.

— O que você está pensando? — indagou Dmitri após meu silêncio prolongado dentro do carro.

— Será que os pensamentos podem ser meus? — retruquei com ar provocativo que em vez de fazê-lo zangado como pretendia, trouxe um sorriso sensual em seu rosto.

— Desde que todo o resto me pertença — murmurou ele, deslizando a mão pelo meu braço.

No minuto seguinte e com um gritinho de surpresa, me vi sobre seu colo, suas mãos correndo por minhas costas, enquanto seu olhar atrevido me desafiava. Toquei seu rosto com as duas mãos, sentindo sua barba macia em meus dedos, passei-os em seus lábios e ele sugou meu indicador para dentro de sua boca. Fechando os olhos, ele movimentou os lábios para baixo e para cima em meu dedo, em um movimento tão erótico que me fez contorcer em seu colo.

Ele escorregou a boca mais uma vez pelo meu dedo molhado e me presenteou com um sorriso *sexy*. Fui agarrada pelo pescoço por suas mãos fortes. Seu rosto veio em minha direção, mas a boca caiu na curva esquerda do meu pescoço. A barba roçou em minha pele e sua língua deslizou por onde os fios pinicaram levemente. A soma dos dois causavam um tipo de frisson vertiginoso que fazia os pelos em meus braços arrepiarem.

E quando suas mãos cobriram meus seios, soltei um gemido rouco e

desesperado por algo mais que eu nem sabia dizer. Uma mão acariciou meu mamilo, fazendo-o ainda mais duro e a outra deslizou pelo meu ventre até chegar em minhas coxas. Dmitri esfregou a mão sobre ela causando um novo calor em mim. Eu remexi mais uma vez sobre seu colo e senti sua ereção crescer.

— Dmitri... — seu nome escapou pelos meus lábios e quando ele esfregou os dedos em minha calcinha e enfiou-os dentro dela, tombei a cabeça para trás.

— Toda molhada — ele sussurrou pressionando um ponto que me fez gritar — Toda molhada para mim. É isso que você é, *kiska*. Minha.

Neste momento, eu não estava nem um pouco preocupada com sua afirmação possessiva, Dmitri me levava ao céu com suas carícias e eu só desejava mais.

— Dmitri... por favor — segurei firme os seus braços enquanto ele intensificava o movimento e pressão no ponto que me dava prazer — Eu vou...

Meus olhos reviraram para o teto quando comecei a sentir o calor dentro de mim aumentar.

— Goze, Kyara — ordenou ele, soltando meu seio por um minuto para segurar meu queixo, trazendo meu olhar de volta para ele — Olhando para mim.

Os movimentos de sua mão em meu clitóris ficaram mais circulares e rápidos. Tentei fechar minhas pernas, mas sua mão em mim, me impedia. Cravei minhas unhas em seus braços e, então, um grande calor explodiu dentro de mim. Fui ao céu quando meu corpo sacudiu com o prazer intenso que estava sentindo. Jamais imaginei que pudesse ser dessa forma.

Ele uniu sua testa à minha e enquanto eu tentava regularizar a respiração, tirou sua mão de mim, levando os dedos molhados à boca, chupando-os um a um.

— Passei todos esses dias imaginando o gosto que você tem — disse lambendo os lábios — Não decepcionou.

Abaixei o olhar envergonhada. Há alguns minutos, eu estava fazendo planos de como fugir de Dmitri e, no minuto seguinte, ele me fazia gozar gritando em seu colo. Esse homem tinha o poder de me enlouquecer.

Para o meu alívio, o carro chegou à mansão. Ele me tirou do seu colo e me deu autorização para descer. Alegou que precisava resolver algumas coisas e que nos veríamos à noite para o jantar.

Caminhei meio trôpega para dentro da casa, tendo um *boyevik* atrás de mim. Nem vi como cheguei ao quarto. Caí sobre a cama olhando para o teto.

Como eu tinha permitido que Dmitri fosse longe demais? Como eu permiti que ele ganhasse espaço e importância dentro de mim?

Eu era uma prisioneira com quem ele sadicamente se divertia. Não podia me sentir atraído por ele dessa maneira.

Você é tão estupidamente burra, Kyara!

Dmitri Milanovic era meu algoz. Um inimigo de quem devia fugir.



Enquanto estava no banho, a maior parte das sacolas de compras foi entregue em meu quarto. Para esta noite, escolhi um vestido cor de gelo, confeccionado em cloqué, com um decote tipo canoa, dois elegantes laços o prendiam em minhas costas nuas. Prendi os cabelos em um coque elaborado próximo à nuca. Optei por apenas um batom claro e máscara de cílios.

Estava calçando os sapatos quando ouvi a batida na porta.

— Está pronta? — Vladic surgiu na porta após minha autorização para que entrasse.

— Nunca estive mais pronta — disse a ele e fui em busca da bolsa de mão que havia deixado na mesa de cabeceira.

A carta que escrevi estava cuidadosamente dobrada lá dentro.

— Deseja olhar? — perguntei a Vladic.

Ele encarou a bolsa em minha mão por alguns segundos. Eu temi que minha tentativa em não parecer suspeita fizesse exatamente o contrário.

— Existem armas bem pequenas — ele sorriu, tornando a abrir a porta do quarto — Mas não acho que exista uma dentro desta.

— Eu poderia ter uma faca — sugiri querendo morder minha língua e busquei o casaco em cima da cama.

— Aí, seria um jantar bastante interessante, *daragáya*.

— Seu papel não é defender seu *Pakhan*? — indaguei, o desafiando.

— Assim como dar minha vida por ele — disse ele pegando meu braço ao chegarmos à escada — Mas ele sabe lidar muito bem com uma tigresa de garras afiadas como você.

— Ele me chama de *kisca* e, às vezes, de querubim.

— Nada cairia mais perfeito.

Nós não saímos pela saída principal. Fomos em direção à piscina, depois,

para a estufa. Não esperava que fôssemos iniciar a noite por ali. Quando chegamos à estufa iluminada como árvore em dia de Natal, Vladic se adiantou a mim, ajudou-me a tirar o casaco, ficando com ele e abriu a linda porta de vidro para que eu entrasse.

— O Papa a espera lá dentro.

Velas iluminavam o ambiente conforme avançava. Eu não conseguia deixar de admirar as flores e plantas cultivadas por onde seguia. Percorri mais alguns metros até ver Dmitri parado com as mãos nos bolsos da calça. Ele usava um terno escuro e tinha um sorriso acolhedor direcionado a mim. Fiquei tão presa em seu olhar acalorado e intenso que levei algum tempo para notar a mesa posta ao lado dele.

— Eu trouxe o *Tsikada* até você — comunicou ele, indicando os dois homens desconhecidos usando o uniforme com o emblema do restaurante que ansiosamente esperei visitar esta noite.

Maldito Dmitri Milanovic!

Eu o odiava.

Capítulo 15

Dmitri Milanovic

Encarei seu olhar raivoso com um sorriso que eu sabia que deveria evitar, afinal, isso só parecia deixá-la mais colérica comigo. Mas se tornava difícil quando Kyara ficava ainda mais linda no vestido claro, que a deixava absurdamente mais *sexy*, realçando as bochechas coradas.

— *Svolach!* — retrucou ela pisando duro até mim — Você disse que me levaria para jantar fora.

— Iremos jantar fora — abri amplamente os braços, indicando toda a estufa, depois, aponte a mesa de jantar rebatendo a acusação.

— No *Tsikada*, Dmitri. Você me enganou da forma mais vil.

Kyara tinha que ser muito inocente por acreditar que a levaria a um restaurante movimentado, onde a qualquer momento ela encontraria uma forma de escapar de mim. Não que fosse conseguir, mas apenas a tentativa causaria um aborrecimento desnecessário.

— Você precisa prestar mais atenção no que as pessoas falam, *kiska*. Prometi que se era a comida do *Tsikada* que queria, então, seria isso que daria a você esta noite.

Seu olhar fulminante encarava o meu, e o fogo que via irradiar dela fazia o meu sangue esquentar.

— Não enganei você, fiz uma pequena adaptação ao pedido. Além disso, por que um restaurante cheio de desconhecidos quando podemos ter um serviço exclusivo só para nós dois? — corri as pontas dos meus dedos por seu braço e observei com prazer sua pele reagir — A não ser que tivesse planos que não me incluíam. Você tinha, *kheruvim*?

— Não sei do que está falando — ela desviou o olhar para o chão.

Encaixei minha mão em seu pescoço e trouxe seu rosto para bem próximo ao meu.

— Nunca me tome como um tolo, *mílaya* — afaguei seu rosto, enquanto estudava cada centímetro dele — Admiro muito sua ousadia, mas nunca a coloque acima da minha inteligência, entendeu?

A exaltação que ela sentia fez seus lábios tremerem. Isso me levou ao quase incontrolável desejo de jogar seu corpo sobre a mesa e mudar sua

expressão irritada por uma lasciva.

— Agora, sente-se — ordenei, indicando a cadeira que foi puxada para ela — Sente-se, Kyara, agora!

— Como quiser, meu senhor — o tom era obediente, mas a raiva brilhando em seus olhos dizia que furaria meu peito com a faca na primeira oportunidade que conseguisse.

Também me acomodei e dei a autorização para que comessem a nos servir.

— Mandeí que fizessem tudo o que você aprecia — disse ao vê-la ignorar a entrada, partindo direto para a taça de vinho, tomando tudo em poucos goles.

— Claro, Dmitri Milanovic ordena — disse ela erguendo a taça para que servissem mais uma vez — e os súditos se curvam.

— Na maior parte do tempo é assim — ignorei seu tom mordaz e indiquei o homem parado na lateral, entre nós dois — Mas nesse caso, custou uma pequena fortuna. O chefe Demninisky é um homem muito requisitado e ocupado. Nunca para mim, é claro — o comentário levou Kyara a revirar os olhos com sarcasmo.

— Dinheiro e poder. É isso que faz o mundo girar, não é mesmo? — disse ela, virando a taça mais uma vez — O problema é quando dão poder demais à pessoa errada.

— Fala sobre mim ou o Boris? — levei a taça aos meus lábios e encarei com divertimento.

— Há diferença?

— Muita. Mas farei com que descubra isso — levantei a taça fazendo um brinde — Mais rápido do que imagina.

Ouvi um resmungo baixinho, depois, um novo pedido para que sua taça de vinho fosse novamente servida. Eu degustava cada prato que era servido enquanto assistia Kyara beber sozinha quase toda a garrafa que foi colocada na mesa.

— Se eu fosse você iria com calma — disse ao cortar o filé de cordeiro em meu prato — É um vinho muito caro e não água do chuveiro. Pode se arrepender amanhã.

— Me arrepender amanhã? — seu olhar ébrio tentou me focalizar — Eu me arrependo agora. Sonya. Boris. Você...

Sua mão agitada bateu contra a taça, manchando a toalha branquíssima.

— A toalha — ela soluçou ao notar o estrago que fez — *Otets* Fjodor. Ele prometeu que...

Provavelmente nenhum homem sabia lidar com uma mulher chorosa, mas uma mulher bêbada e prestes a entrar em crise era um perigo.

Da taça, ela foi direto para o gargalho da garrafa e isso foi suficiente para mim. Queria que a bebida a tivesse ajudado a relaxar para aproveitar o jantar e não que a deixasse embriagada.

— Ok, já chega. Vou te mostrar a estufa — disse ao me erguer e circular a mesa indo até ela — Acho que andar um pouco irá fazer você se sentir melhor.

Ela recusou com a cabeça, mas a puxei pelo braço, encaixando-a em meu corpo.

— Esse foi o lugar preferido da minha mãe — começamos a caminhar, seus passos trôpegos tentando acompanhar os meus — E o refúgio do meu pai depois que ela se foi. As camomilas eram as preferidas dela.

Paramos em frente às flores de pétalas brancas, parecidas com a margarida, porém, menores.

— É uma das melhores coisas que unem o nosso país e está em quase todos os lares. E é possível ver as fronteiras da Rússia cheia delas — continuei e Kyara apoiou a cabeça contra meu peito, enquanto os dedos agarravam minha camisa.

— Gosto das margaridas também — ela confessou.

— Este lugar passou a ser especial para mim porque é uma parte dos meus pais, mantenho intocado — confessei a ela — Não precisei lamentar o luto, pois, vejo-os aqui sempre que preciso.

— Oh — ela ergueu a cabeça buscando meu olhar — Isso é bonito.

Colhi algumas flores, colocando entre a orelha e o cabelo dela.

— Agora, ficou perfeito — a admirei e um sorriso doce surgiu iluminando sua face. Afaguei sua bochecha e ela voltou a apoiar a cabeça contra meu peito.

— Algumas semanas antes do meu aniversário, pedi a Fjodor Kamanev que me deixasse ir embora de Moscou — disse ela ao voltarmos a caminhar — Ele permitiu. Disse que meus pais... que a minha mãe, antes de morrer, pediu que me mantivesse longe.

Os Smirnov não estavam ligados a Bratva. Se os pais de Kyara não

tivessem morrido, talvez nossos caminhos nunca tivessem se cruzado. Estarmos juntos hoje já tinha sido obra de uma grande confusão do destino que resolveu nos pregar uma peça.

Encostei o queixo em sua cabeça.

— E o que faria andando sozinha pelo mundo, *mílaya*?

— Eu não sei — confessou ela — Nunca realmente senti que pertencia a algum lugar. Eu só acreditei que precisava escapar, fugir de tudo isso.

— A Bratva às vezes é sufocante e assustadora. Temos nossas próprias leis, nossas próprias regras e, muitas vezes, precisamos ser implacáveis — segui conduzindo-a entres as flores — Mas cuidamos uns dos outros, protegemos os nossos. Não há um mundo mais bonito lá fora, *mílaya*. Você pode não ter nascido na irmandade, mas pertence a ela.

Pertencia a mim. Minha única missão era fazer com que ela se desse conta disso e logo.

Ela suspirou aconchegando-se mais a mim.

— E eu gosto do seu cheiro também — murmurou. A voz, as mãos e o corpo foram ficando moles — Também queria te odiar, mas não consigo.

A declaração me pegou de surpresa, mas eu sabia que boa parte era o vinho falando por ela. Kyara era orgulhosa demais para deixar que isso transparecesse, mesmo assim, mexeu em algo dentro de mim.

— Kyara? — sustentei seu corpo a tempo de escorregar pelo meu, evitando que desabasse no chão duro — Ótimo.

Peguei-a em meu colo e observei seu rosto sereno, enquanto ressonava baixinho em meus braços. Diante de sua vulnerabilidade, senti meu peito aquecer, como o sol surgindo em uma tarde de outono.

Com Kyara adormecida em meus braços, nos conduzi para fora. Vladic estava escorado contra a parede de vidro ao lado da porta e trocava algumas palavras com o soldado responsável pela ronda daquele perímetro. Dispensou-o assim que me avistou.

— Eu já ouvi dizer que as mulheres desmaiam aos seus pés — disse ele em um tom irritantemente bem-humorado — Mas é a primeira vez que eu presencio.

— A culpa é do vinho — disse indicando o casaco que ele havia colocado no suporte — Pode cobri-la?

Ele me encarou por alguns segundos antes de atender meu pedido, mas

não proferiu nada.

— Ela não apreciou a mudanças de planos, certo? — indagou ele quando iniciamos a caminhada em direção à casa.

— Ficou furiosa — sorri quando a lembrança veio à minha cabeça — E como viu, se embebedou.

— E você acha engraçado? — averiguou Vladic — Interessante.

— Não há nada de interessante. Você mesmo concluiu isso ao me ver sair com Kyara nos braços — contrapus, ajeitando-a melhor em meus braços quando ela se mexeu — Além disso, estou seguindo o seu conselho. Amansando a égua.

Ele estalou a língua e abriu a porta para que eu passasse.

— Que coisa rude de se dizer.

Encarei-o com pouca paciência. Se havia uma pessoa sem nenhum traço de delicadeza no mundo, esse alguém era Vladic.

— Está dispensado por hoje — disse-lhe dando as costas.

— Posso dar o último conselho da noite?

— Não!

Eu não o desejava em meu pé, me analisando. Já tinha uma longa e confusa noite para refletir.

— Evite o vinho da próxima vez — disse com o sorriso brincando em sua voz — Há outras formas de deixar uma mulher embriagada. Eu e eu não falo de drogas.

Esse tinha sido meu plano para esta noite, tê-la embriagada de paixão e luxúria em meus braços. O problema é que havia deixado Kyara muito irritada antes.

— Boa noite, Vladic — despedi-me, depois, fui em direção à escada.

O *boyevik* de plantão, parado no quarto dela, cumprimentou-me com um sussurro e abriu a porta para mim. Deixei o casaco que a cobria descer até o chão, depois, afastei as cobertas e a acomodei na cama, cobrindo-a em seguida.

— Boa noite, *kheruvim* — toquei sua testa com meus lábios e contemplei um pouco seu rosto delicado.

Não conseguia descrevê-la neste momento menos do que isso, um lindo querubim que prometia transformar tudo que há de seguro em minha vida em um verdadeiro caos.

Capítulo 16

Kyara Smirnov

Acordei com a sensação de que alguém dava machadadas em minha cabeça e precisei de muito tempo e muita coragem para conseguir abrir os olhos. A pressão em minha têmpora me cegava e meu estômago parecia remoído. Gemendo, afastei as cobertas e saí da cama tentando me arrastar até o banheiro.

Esperava que um banho relaxante me ajudasse a melhorar a ressaca. Eu não deveria ter bebido tanto. Na verdade, não deveria ter deixado que a trapaça de Dmitri me irritasse tanto ao ponto de descontar minha raiva na bebida. Eu deveria saber que ele não era uma pessoa confiável.

É que eu tinha ficado tão furiosa e frustrada por ver um dos meus planos indo por água abaixo mais uma vez que a única forma que achei que poderia me fazer suportar a longa noite ao lado dele seria bebendo muito. Só que agora eu que amargava as consequências disso. Dmitri afirmou que eu iria me arrepender e o desgraçado tinha razão.

— Trouxe seu café, senhorita — vi Darya ao lado da cama que ela arrumava — O Papa também pediu mais cedo que eu deixasse esse comprimido ao lado da sua cama. Acho que não viu.

Eu realmente não tinha notado o pires com o remédio e um bilhete ao lado dele.

“Eu poderia dizer ‘eu avisei’. Não, eu estou dizendo. Eu avisei.”

— Gavno! — estourei e massageei a têmpora que estalou de dor.

Peguei o suco de laranja na bandeja que Darya havia trazido e tomei o remédio sob seu olhar humorado.

— Sabe o que queria saber — disse sentando em uma parte da cama que ela já havia arrumado — É alguma coisa na água?

— Como, senhorita? — questionou ela, alisando o colchão, finalizando seu trabalho.

— Vocês rindo e sorrindo o tempo todo.

Seu ar de felicidade rapidamente se desfez e eu me senti mal por me comportar de forma tão rabugenta. Não era com Darya que eu estava furiosa. E eu tinha que me lembrar que se a intenção era fazer com que se tornasse minha amiga, me comportar como uma dondoca mal-educada só faria o oposto.

— Desculpe, Darya — fui sincera porque realmente me sentia envergonhada pela forma que falei — Acho que além da ressaca, acordei com um pouco de mau humor.

— Posso sorrir menos se quiser — disse ela tímida — É que me sinto feliz aqui, senhorita.

— Me chame apenas de Kyara ou Kya.

— Ah, acho que o Papa não vai gostar.

— Então, só não me chame assim na presença dele — pisquei o olho para ela e lhe dei um sorriso travesso — Um segredo nosso.

Primeiros dos muitos que pretendia compartilhar com ela.

— Certo, Srt^a Kyara.

Não corrija, levaria um tempo para que conseguisse quebrar o protocolo exigido a ela todos os dias.

— Por que não toma seu café da manhã e anda um pouco lá fora? Acho que faria bem à senhorita — sugeriu ela — Ou pode aproveitar um pouco do sol e a piscina. Se a achar um pouco fria, poderá pedir que seja aquecida.

Já que eu tinha um vislumbre de liberdade, achei a sugestão de Darya muito bem-vinda.

— Farei isso.

Ela andou pelo quarto cuidando da organização enquanto eu tomava o café. Ainda me sentia estragada para uma refeição reforçada, então, apenas finalizei o suco de laranja e comi uma fruta. Despedi-me de Darya logo depois, deixando-a sozinha para finalizar seus afazeres.

— Olá — disse ao *boyevik* que já me aguardava na porta.

Não obtive uma resposta, mas como o papel dele era apenas manter-se como uma sombra ao meu lado, não me importei. Ao chegar no andar inferior, segui direto para a biblioteca. Analisei alguns títulos antes de optar por um clássico romântico.

Depois, fui em direção ao jardim, me acomodando em um dos bancos de madeira espalhados. Contudo, não permaneci sentada ali por muito tempo, as rosas e outras flores me faziam lembrar da estufa. Eu tinha vagas recordações da noite anterior. Sei que estive prestes a chorar de frustração e que Dmitri me levou para uma caminhada entre as flores.

Ele me fez confidências sobre os pais e acabei também falando um pouco de mim. Eu disse que amava o cheiro dele e, depois disso, tudo é como um véu

escuro sobre a minha cabeça.

O que mais eu poderia ter confidenciado a ele levada pela bebida?

Uma coisa era certa, jamais poderia beber tanto na companhia de Dmitri. Isso me deixava vulnerável, tudo o que eu não poderia me permitir a ser. Os muros que ergui para me manter protegida dele não poderiam começar a ruir.

Fechei o livro e fui em direção à piscina. Movimentos na água chamaram minha atenção quando me aproximei mais dela. Subi os degraus e segui para a área onde estavam as espreguiçadeiras. Sentei em uma que cobria a lateral. Vi a cabeça e parte do ombro largo surgir com as braçadas enérgicas que ele dava.

Reconheci os braços e as costas largas mesmo antes de ter visualizado o seu rosto. A parte racional em mim dizia que deveria aproveitar que Dmitri ainda não tinha notado minha presença para ir embora. Só que eu não conseguia deixar de admirar os músculos distendendo, parecendo maiores e mais fortes a cada movimento que ele fazia. Sentia-me meio hipnotizada ao observá-lo nadar.

Não sei quanto tempo passou até que ele fosse para a borda e puxasse a touca que cobria seus cabelos. Eles caíram sobre seus ombros, ele passou os dedos molhados bagunçando os fios. Engoli em seco quando seu olhar caiu sobre mim. Um sorriso destruidor ganhou vida em seus lábios.

Pressionei minhas coxas uma na outra, tentando suavizar a pulsação que comecei a sentir entre elas. Isso não era justo, bastava que eu o visse, em toda a sua glória masculina, para que meu corpo reagisse como um maldito traidor.

Dmitri jogou a toca sobre o chão da piscina e usou as duas mãos para pegar impulso e sair dela. Vi como em câmera lenta os músculos nos braços estenderem e a única tatuagem de estrela bicolor em alvinegro em seu peito quando ele começou a sair de dentro da água. Gotículas escorregavam pelo peito amplo, passavam pelo abdômen trincado, desfazendo-se na boxer de natação escura, impressionantemente recheada. Eu não deveria pensar algo tão desavergonhado quanto isso, mas mulher alguma no mundo conseguiria evitar. O homem era um deus, desfilando entre nós, reles mortais.

E a tortura não parou por aí. A cada passo que ele dava em minha direção, meu coração dava um pulo gigantesco em direção à minha boca. Remexi na cadeira já que manter minhas coxas unidas não estava ajudando muito, pelo contrário.

Mordi o lábio quando Dmitri parou à minha frente. Engoli em seco outra vez quando ele se curvou. Mais para o meu desapontamento do que alívio, apenas pegou uma toalha que havia no suporte ao meu lado.

— Está se sentindo bem? — questionou esfregando a toalha pelos braços musculosos.

Passei a língua sobre os meus lábios ressequidos e ele acompanhou o movimento com o olhar. Vi o desejo brilhar dentro deles e fiquei feliz em saber que eu não era única a ter o autocontrole revirado.

— Tomei o remédio e... — fiz um grande esforço para afastar meu olhar do abdômen definido por onde ele passava a toalha. contei oito ondulações antes de desviar meus olhos para a roupa de banho molhada.

Um grande erro. Agora, bem de perto, tornou-se impossível ignorar o volume em sua calça que pareceu aumentar ainda mais. E Dmitri não mostrava pudor algum em tentar esconder isso.

— Não falei sobre a ressaca — disse segurando meu queixo para que o encarasse.

Como se podia desejar alguém e odiá-lo ao mesmo tempo?

— Gosta do que vê, *kiska*?

Jamais admitiria a ele, mas começava a gostar e a me acostumar com as formas amorosas que ele se referia a mim. *Mílaya, kiska, kheruvim e printsesa*. Todas elas, mesmo quando para me irritar, me faziam sentir especial.

— Deixa de ser convencido — a afronta escapou fracamente por meus lábios, mas foi o suficiente para fazê-lo rir.

— Kyara — ele me fez ficar em pé ao lado dele e tive que segurar em seus braços para me manter no lugar — Eu nunca sei o que esperar de você.

Ainda havia um resquício de divertimento em seus olhos, mas o desejo que via, sobressaía.

— Mas eu sei o que desejar — disse ele, suas mãos cravando em minha cintura.

O beijo começou de forma tão impetuosa, que minhas costas foram envergadas para trás. Sua língua invadiu minha boca. Ela me violentou, para ser mais exata, e isso causou um frêmito poderoso em mim.

Era difícil sair em busca de ar porque cada vez que tentava abrir um pouco mais os meus lábios, sua língua me invadia mais. Sua boca exigindo que eu me entregasse mais e mais a esse beijo.

— Dmitri — gemi fracamente entre um beijo profundo e outro — Eu preciso...

Ele me consumia como fogo queimando a madeira. Então, sua boca

finalmente liberou a minha e ele passou o rosto na curva de meu pescoço. Eu me sentia mais embriagada do que todo o vinho que tinha tomado durante o jantar. Inebriada por ele.

— Você me faz... — ele começou a dizer e esfregou o nariz em meu pescoço.

Estremeci, minhas pernas perderam um pouco mais de suas forças. Fechei os meus olhos degustando de toda as maravilhosas sensações que ele me causava.

— Dmitri? — a voz de Vladic me fez estacar no lugar.

— *Ye-bat*, Vladic! — esbravejou ele, mas passou a mão suavemente pelos meus cabelos — Que merda está fazendo aqui?

Escondi meu rosto ainda mais no peito de Dmitri e desejei que um buraco no chão se abrisse para me tragar.

— Irina já chegou — continuou Vladic como se ter nos flagrado em um momento quente não significasse nada para ele — Você vem?

Ouvi-o respirar fundo e seu peito se agitava em meu rosto.

— Entretenha-a, vou em alguns minutos.

— *Dá* — olhei de esguelha para Vladic e vi que ele não parecia muito feliz com a missão dada.

Nós continuamos abraçados um no outro até Dmitri decidir me afastar. Ele afagou o meu rosto como costumava fazer e afastou algumas mechas de cabelos para trás de minha orelha.

— Vamos ter que continuar depois — disse ele e a intensidade na promessa me fez recuar.

Isso estava total e completamente fora de controle.

— Até mais tarde, *mílaya* — disse ao se curvar sobre mim e beijar-me brevemente.

Ele pegou o robe no mesmo lugar onde havia as toalhas e após se vestir, partiu atrás de Vladic. Toquei os meus lábios com a mão vacilante e segui seu caminhar despreocupado sumindo em direção à casa.

Só quando consegui voltar ao meu estado normal que observei o *boyevik* em guarda a alguns metros de mim. Não tinha sido apenas Vladic a presenciar nosso momento tempestuoso. Senti as bochechas ardendo e como não havia outra alternativa além de cavar meu próprio buraco e me enfiar dentro dele, decidi considerá-lo nada mais do que minha sombra.

Resolvi retornar para casa, sentia-me suada e quente. Não pelo calor, estávamos no início da primavera, mas por Dmitri.

Estava chegando à sala quando vi Vladic passar e atrás dele uma mulher loira usando um terno feminino marrom.

Era Irina. Lembrei que Vladic tinha citado uma Irina, mas não imaginei que fosse a mesma que eu conhecia. Segui a dupla, mas eles entraram no escritório de Dmitri e a porta foi fechada logo depois. Os dois *boyevs* me encararam com o cenho fechado e não foi preciso mais do que isso para saber que não me deixariam entrar.

Corri de volta para o meu quarto tendo meu segurança bufando atrás de mim.

— Até logo! — Bati a porta em seu rosto descontente e fui em busca da minha bolsa no *closet*. Peguei a carta que havia escrito com a intenção de entregar a uma garçonete que eu conhecia no *Tsikada*. Risquei o nome dela e coloquei o de Irina.

Basicamente na carta eu contava o que tinha acontecido comigo e pedia ajuda. Talvez não ter entregue a carta para a jovem ontem podia ter sido o melhor. Ela poderia ter ficado com medo e me denunciado. Mas com Irina seria diferente. Ela conhecia esse mundo olhando da mesma perspectiva que eu.

Reli o conteúdo, modificando algumas coisas e acrescentei um pedido acalorado lembrando-a da nossa antiga amizade no colégio. Sorri ao dobrar o papel. Tinha certeza que Iria conseguiria me ajudar a fugir daqui.

Porém, quando me levantei da cama, senti uma leve pressão apertar o meu peito. Como se um pequeno vazio começasse a crescer e ganhar força. Tentei afastar essa sensação o mais rápido que consegui. Essa era minha grande e, talvez, única chance de escapar de Dmitri e tudo o que ele causava em mim. O que aconteceu na piscina nunca mais se repetiria. Eu tinha que ser mais forte.

Peguei o livro na cabeceira, colocando a carta dentro dele. Saí do quarto tendo o meu vigia em meu encalço. Entregar a carta a Irina na frente de Dmitri e Vladic seria algo impossível. Então, eu fiz um novo plano.

Voltei para o jardim, ocupei um banco e fingi estar concentrada na leitura. Quando acreditei ter passado tempo suficiente, coloquei o livro ao meu lado, dobrei meu corpo, abraçando minha cintura e comecei a gemer.

— Senhorita? — senti a mão do soldado em minhas costas — O que aconteceu?

Respirei fundo, enruguei a testa expressando dor e olhei para ele.

— Estou com muita cólica.

Falar sobre isso geralmente desconfortava a maioria dos homens e com ele não foi diferente.

— Preciso do remédio que está em meu quarto.

Ele me encarou com ar desconfiado, então, me encolhi mais uma vez e gemi alto.

— Nesse caso, é melhor eu levá-la para dentro.

— Não! — empurrei com a mão quando ele tentou se aproximar — Você só precisa buscá-lo para mim, por favor.

— Eu não sei...

— Olha à sua volta — indiquei outros soldados que patrulhavam em volta da casa — Nenhum deles me deixaria fugir. E para onde eu iria com tanta dor?

Curvei contra o banco e pressionei os meus olhos com os dedos. Não era atriz o suficiente para derramar algumas lágrimas, mas ao menos conseguia deixá-los irritados e um pouco vermelhos.

— Por favor — choraminguei.

— Está bem. Onde está o remédio?

— No gabinete do banheiro.

— Volto em um instante — disse ele saindo apressado.

Retirei a carta de dentro do livro e aguardei até que ele sumisse de minha vista, fazendo o caminho circulando a casa, oposto ao dele. Alguns *boyevik* olharam com curiosidade para mim, mas já que não dei qualquer manifestação de correr para o portão ou para o muro alto, ficaram apenas olhando de longe.

Eu reconheci um dos seguranças de Irina da minha festa. Ensaiei um sorriso sedutor que Sonya costumava dar aos soldados quando queria que eles fizessem algo para ela e me aproximei dele.

— Olá — ginguei sensualmente até parar ao seu lado — Você trabalha para a Srt^a Novitsky, não é mesmo?

— Sim, senhorita... — ele olhou para o seu braço que eu alisava e sorriu — Kamanev, não é mesmo.

Não desfiz o equívoco, isso até poderia me ajudar.

— Isso mesmo. Eu queria muito falar com a Irina, mas ela está muito ocupada com o *Pakhan* — corri o dedo por seu braço musculoso mais uma vez e

sorri — Poderia entregar uma carta a ela?

— Claro que sim, Srt^a Kamanev — ele pegou a carta que estendia a ele e retribuiu meu sorriso libertino.

— Você é muito gentil — fiquei nas pontas dos pés para dar um beijo rápido em seu rosto — Espero vê-lo de novo quando visitar Irina.

Ter visto Sonya muitas vezes em ação até que tivera sua utilidade. Mantive o andar requebrado ao me afastar dele, depois, andei rapidamente para o jardim, cheguei alguns minutos antes do *boyevik* retornar trazendo Darya com ele.

— Não achamos seu remédio, Srt^a Kyara — disse ela segurando uma caixa entre as mãos — Mas se não se importar de tomar o meu.

Sua generosidade me tocou. Trabalhava duro para se manter, mas estava disposta a dividir o que tinha comigo.

— Na verdade, já passou — sorri indo de encontro a ela — Acho que era sintoma da enxaqueca.

— Acho que a senhorita deveria comer alguma coisa — disse ela — Pedirei que adiantem o almoço.

— Seria ótimo. Vou esperar na biblioteca.

Seguimos juntas para dentro da casa.

Era para eu me sentir aliviada por ter entregue a minha carta ao *boyevik* de Irina, mas não era assim que eu me sentia.

Capítulo 17

Dmitri Milanovic

Eu a teria feito minha ali mesmo na piscina se Vladic não tivesse nos interrompido, mais uma vez. Tinha esquecido completamente que seria a primeira experiência dela, e agido como um maluco apaixonado, porque era isso que Kyara fazia comigo, deixava-me louco.

E estava sendo mais paciente do que já fui com qualquer mulher que tenha cruzado meu caminho. Só que Kyara também não era igual a nenhuma delas. Estar ao seu lado era sempre um desafio diferente, uma aventura diferente, e isso que me atraía como um ímã em sua direção. Quando nos tocávamos, íamos rumo a uma grande explosão.

— Não vai dizer nada, Vladic — indaguei um pouco antes de chegarmos à casa.

— Dizer o quê? — ele parecia bem mais distraído que eu.

E bem mais zangado também, e olha que era eu a estar sofrendo com as bolas roxas.

— Você sempre tem uma tirada mordaz — já que ele não iria me cutucar, faria as honras — É por causa da Irina.

Ele parou de caminhar e ambos paramos em frente à porta.

— Você irá se casar com ela?

A indagação me pegou de surpresa. O nome de Irina constava na lista de possíveis candidatas, averigui as vantagens que o enlace poderia trazer a mim, mas eu não tinha pensado no assunto com mais profundidade. Aliás, desde que Kyara entrou em minha vida, não pensei nas jovens selecionadas que pensava em cortejar.

— Por que me pergunta isso? — indaguei, encarando seu rosto contrariado — Savin disse algo.

— Não, foi a própria — ele rangeu os dentes — Com toda aquela pose, dizendo que possivelmente ocupava o posto alto da lista. Eu vou te dizer uma coisa, ela é uma megera metida a intelectual e se se casar com ela, será muito infeliz.

— As pessoas na Bratva não se casam para serem felizes — lembrei a ele — Na maior parte das vezes são negócios.

— Seus pais foram felizes.

— Eles foram uma exceção à regra. Mas se te incomoda tanto que eu me case com Irina...

Vladic era meu homem de confiança e o meu *Avtoriyet*, em muitas ocasiões passaria mais tempo trabalhando ao lado dele do que dando atenção a uma esposa. E se eu tinha que ter alguém infeliz ao meu lado, estrategicamente era melhor que não fosse ele.

— Não estou dando a mínima para onde você enfia o pau, Dmitri — resmungou ele socando a parede na lateral da porta — Só estou alertando-o sobre um fato incontestável.

O fato incontestável estava diante dos olhos dele, mas era arrogante e teimoso demais para admitir.

— Se é só isso que pensa em relação a Irina... — murmurei abrindo a porta.

— Quer saber mesmo o que penso dela?

Não tive a chance de responder, a própria surgiu na porta, diante de nós.

— Eu sei que eu — disse ela, abrindo um sorriso cínico, enquanto cruzava os braços — vou adorar saber, Vladic.

— Eu não ordenei para você esperar no escritório? — indagou ele, ainda mais furioso.

— Ordenou? — indagou Irina arqueando a sobrancelha.

Eu não tinha por que me intrometer nessa desavença entre eles, então, apenas sorri para Vladic e ignorei seu olhar suplicante por suporte. Ele era grandinho o suficiente para limpar suas próprias merdas.



Por experiência, sabia que a discussão sem sentido entre Irina e Vladic poderia durar o dia todo, então, aproveitei para tomar um banho rápido. Escolhi aleatoriamente um dos ternos no *closet* e cerca de meia hora depois desci para o escritório.

Os dois ainda trocavam farpas quando entrei, mas meu olhar de pai, repreendendo crianças briguentas, os fez calar.

— Então, Irina — ocupei minha cadeira e a encarei dando a ela os minutos de audiência que havia me solicitado — O que precisa desta vez?

— Como sabe, Tigran Jordan Voronov foi encontrado — disse ela.

— Eu o encontrei, você quer dizer — salientou Vladic.

Irina estava prestes a rebater quando a olhei duro. Existia um limite para sua audácia com Vladic, depois de mim, ele era a autoridade e isso ela nunca deveria esquecer.

— Graças a Vladic, o americano foi encontrado — a rigidez em seu maxilar revelava que não estava nada feliz em admitir isso — E como avisei antes, dinheiro não era o problema. Ele quer um favor, em troca de nos ajudar.

— Você sabe que eu posso conseguir o que eu quero sem dar nada em troca — alertei-a.

— Sim, mas eu prefiro um homem que queira colaborar comigo a um que seja obrigado. Isso é tecnologia e ciência, Papa, não um campo de treinamento de guerra.

Ergui-me da cadeira e caminhei até a janela, olhando para o pátio sem muito interesse.

— O que ele quer?

— Que resgatemos uma pessoa.

— De quem?

— *Tambovskaya Bratva* — foi Vladic que respondeu.

Os Tambovskaya eram nossos rivais mais próximos. O clima entre nossa Bratva e a deles andava calmo nos últimos anos, mas no passado houve guerras sangrentas. Atacá-los seria como mexer em um grande vespeiro. Estava prestes a me virar e dizer isso aos dois quando um movimento no pátio me chamou a atenção.

A tensão crescendo em mim começou a retrair quando a vi caminhar graciosamente pelo pátio. Kyara me levava da raiva e desejo intenso à paz que me fazia desejar ficar ao lado dela.

Ouvia os murmúrios às minhas costas, mas a maior parte da minha atenção estava focada nela, que se aproximou de um *boyevik* com um enorme sorriso no rosto. Fechei minhas mãos em punhos quando o observei retribuir. Ela alisou o braço dele e disse algo que o fez sorrir.

— *Vot eto pizdets!*

Que porra ela achava que estava fazendo, sorrindo e tocando o maldito *boyevik* daquela maneira? E onde, inferno, estava o segurança que coloquei ao lado dela?

— *Ne!* — me aproximei mais do vidro até que meu nariz o tocasse.

Vi Kyara entregar um papel dobrado a ele, alisá-lo mais uma vez antes de sair requebrando o quadril de forma bem sensual. Ensandecido, afastei-me da janela. Primeiro, eu daria um jeito no *boyevik*, depois, deixaria algumas coisas bem claras à Srt^a Smirnov. Ela não podia corresponder aos meus beijos como fez na piscina e alguns minutos depois trocar charme com um soldado qualquer.

— Não mesmo — disse ao me afastar da janela.

Vladic e Irina me encaravam como se eu tivesse enlouquecido subitamente. E eu me sentia realmente insano.

— Preciso resolver uma coisa — disse a eles, deixando-os de boca aberta enquanto saía as pressas.

Ninguém, exatamente ninguém, tocava no que me pertencia. E se eu precisasse dar essa lição no soldado com as minhas próprias mãos, com todo o prazer eu o faria.

— Você! — berrei, chamando sua atenção.

Ele trocava confidências com outro cara que havia se juntado a ele, os risinhos e os gestos que fazia com o corpo e mãos revelavam o suficiente do que e de quem ele estava falando.

— *Pakhan* — curvou-se a mim ao me ver aproximar e quando se reergueu meu punho foi certo em seu rosto.

Esperei que ele se recompusesse antes de acertar o seu rosto mais uma vez. Os nós em meus dedos, começaram a latejar, mas estava possesso demais para me importar com isso. Eu quebraria todos os meus dedos na fuça desse maldito.

— Aquela dama — disse rangendo os dentes como um animal raivoso, enquanto o homem fugia de mim — É minha. Entendeu?

Caminhei com passos largos até ele segurando a gola de sua camisa.

— Desculpe, Papa — seu olhar suplicava misericórdia — A dama só pediu que eu entregasse uma carta à Srt^a Novitsky.

Com as mãos atrapalhadas, ele buscou algo nos bolsos.

— Veja.

— Uma carta para Irina? — indaguei pegando a folha dobrada.

— Exatamente — respondeu ele, se afastando alguns passos quando o soltei — Eu não sabia que a Srt^a Kamanev pertencia ao Papa.

— Smirnov, Srt^a Smirnov — o corrigi, olhando em volta — E agora você

já sabe. Todos vocês já sabem. Ninguém toca nela. Nunca.

Os soldados fazendo a ronda, que tinham parado para assistir a briga, assentiram com a cabeça.

— Voltem ao trabalho, todos vocês.

Um a um foram seguindo seus caminhos. Olhei rispidamente para o *boyevik* de Irina antes de me afastar. Segui direto para o quarto de Kyara, mas ela não se encontrava lá. Encontrei Darya no meio do caminho, trazendo roupa de cama limpa e a pressionei contra a parede, o movimento brusco fez as peças brancas caírem no chão.

— Onde ela está?

— Na biblioteca — murmurou, o rosto ficando ainda mais pálido.

Eu tinha uma fera enjaulada dentro de mim. Uma fera muito difícil de conseguir domar. Avancei com pressa os corredores que me levavam à biblioteca. Chequei à porta o soldado em prontidão. Tarde demais para tentar fazer seu serviço de merda. Avancei sobre ele, as minhas mãos grudadas em seu pescoço.

— Você a deixou sozinha! — acusei, pressionando meus dedos em seu queixo com força.

— Senhor, eu...

Empurrei-o para longe de mim.

— Diga a Ivan que envie outro soldado — ordenei ao afastá-lo — Verei o que fazer com você depois. Vá!

Depois que o homem saiu apressadamente, apoiei minhas mãos tensas contra a parede. A carta amassada entre meus dedos. Abri sem muita paciência e o conteúdo não me espantou. Em algum momento, Kyara tentaria algo tolo como isso e até tinha levado bastante tempo para fazer. O que me incomodava ainda era a cena que presenciei.

Voltei a dobrar a carta e abri a porta. Procurei-a pela sala até encontrá-la em cima de uma escada na estante de livros.

— Kyara! — meu chamado a fez começar a se desequilibrar.

Joguei a folha amassada no chão e avancei até ela, por sorte eu estava bem perto e consegui evitar sua queda ao segurá-la em meus braços.

— Dmitri — ela sussurrou, depois me encarou com o olhar sobressaltado.

Ao fixar os meus olhos nos dela, por um instante, esqueci o motivo que

me fez procurar furiosamente por ela. Quando eu a tinha em meus braços era assim, o desejo sobrepunha a qualquer outro sentimento.

Talvez a razão por tanta irracionalidade crescendo em mim fosse exatamente isso, o desejo descontrolado por Kyara que a cada dia crescia. Precisava dar um fim a isso antes que verdadeiramente eu começasse a enlouquecer.

— *Gavno* — sussurrei, fazendo-a deslizar pelo meu corpo até que seus pés tocassem o chão.

Deis alguns passos à frente, fazendo-a recuar até suas costas baterem contra a estante, impedindo que tivesse qualquer possibilidade de escapar. Kyara representava a minha presa e eu adoraria brincar com ela.

Aproximei um pouco mais e pressionei meu corpo junto ao dela. Suas mãos delicadas vieram ao meu peito, onde meu coração pulsava forte. Toquei seus lábios com o polegar e o gesto a fez fechar os olhos. Minha respiração acelerada batia contra a dela. Flexionei levemente os joelhos e esfreguei meu quadril contra o dela para que sentisse a minha ereção e o poder que ela exercia sobre mim.

— *Kiska?* — sussurrei contra sua boca — Abra os olhos.

Lentamente, ela foi atendendo ao meu pedido e esse foi o fim para mim. Como uma sereia encantando seu marinheiro, deixei-me mergulhar em sua imensidão azul, mas foi em seus lábios que me vi afogar.

Capítulo 18

Kyara Smirnov

Virei gelatina com o beijo intenso e apaixonado que trocamos. Um vampiro, era isso que Dmitri era, só que em vez de sugar o meu sangue, ele absorvia minhas energias. Eu perdia as forças nos braços dele. Mais do que isso, parecia que perdia minha identidade. Não havia tempo ou espaço entre nós. Apenas eu... ele... esse desejo animalesco torturando a nós dois.

— Foda-se tudo! — rugiu e agarrou os meus pulsos, colocando-os nas laterais acima de minha cabeça.

Seus lábios desceram pelo meu queixo e eu inclinei a cabeça para o lado para que ele tivesse um melhor acesso ao meu pescoço, gemi enlouquecida quando sua boca tomou um dos meus seios, sobre o tecido fino do vestido que eu usava.

— Ahhh.... — mordi o lábio quando o calor saiu dos meus seios que ele sugava com força, intensificou no centro entre minhas pernas.

Agarrei uma das prateleiras na estante, tentando me sustentar quando Dmitri percorreu a mão pela minha coxa, erguendo a saia do vestido. Ele afastou a calcinha para o lado e seus dedos procuraram meu clitóris, esfregando-o suavemente. A outra mão pressionava meu seio, brincando com o mamilo.

Soltei minha mão e a deslizei pelo seu peito, chegando até a calça, em busca de seu membro enrijecido.

— Caralho! — Dmitri soltou um gemido gutural quando pressionei seu pau, alisando-o dentro da calça — *Kiska...*

A curiosidade me levou até ali, mas o tamanho e espessura de sua masculinidade me assustavam e fascinavam ao mesmo tempo. Ele desceu a mão agarrada ao meu seio até cobrir a minha, movimentando-a, ensinando como ele gostaria que eu o tocasse, depois, seus dedos deslizaram de meu clitóris para dentro de mim.

— Porra, eu vou foder essa boceta molhada — ele grunhiu e eu estremeci quando ele começou a me foder com os dedos — Foder tão forte e duro que não desejará mais nada no mundo além do meu pau.

Sua forma impetuosa de falar e agir deveriam me fazer querer fugir, mas era exatamente isso o que mais me atraía em Dmitri. E a sua intensidade me consumia.

— Milanovic!

Olhei assustada em direção à porta.

Vladic!

De novo, não.

— Eu juro que vou matar esse filho da puta — resmungou ele, deslizando os dedos para fora de mim, causando uma pequena onda de prazer, mordi minha língua para segurar um gemido — Mas que porra, Vladic.

Dmitri se virou e usou as costas e o corpo para me manter escondida. Tentei me recuperar rapidamente da confusão formada em minha cabeça e arrumei minha roupa da melhor forma possível.

— Você saiu do escritório ensandecido. Nós ficamos lá como idiotas, esperando sua decisão em relação a Voronov — retrucou Vladic — E como eu podia adivinhar que estava aqui com ela?

Senti minhas bochechas queimarem com o que Vladic disse, presenciando os momentos mais constrangedores que tive na vida.

— *Ne!* — exclamou Dmitri, afastando-se mais de mim, como se precisasse desse espaço entre nós, senti falta do seu calor — Eu disse que precisava resolver um assunto.

E a maneira que Dmitri olhou para mim ao se virar, indicava que trocar beijos e carícias apaixonadas não fazia parte do seu objetivo.

— Leve Kyara para o quarto e — disse ele ao caminhar em direção Vladic — mantenha a porta bem trancada.

Com o desejo frustrado, comecei a sentir a indignação correr por minhas veias.

— Por quê? — pulei à sua frente e agarrei o seu braço, exigindo uma explicação — Por que vai me manter trancada de novo, Dmitri?

Eu pensei que as coisas entre nós haviam evoluído. Deixei minha guarda baixar várias vezes, tudo para que ele voltasse a agir como um boçal?

— Por quê? — ele se agigantou diante de mim e me fuzilou com o olhar, depois se agachou pegando a carta que eu tinha escrito na esperança de ser entregue a Irina — Por isso!

— Irina... — meus lábios tremeram ao imaginar que ela havia traído a confiança que eu tinha depositado nela.

— Ela não me disse nada — retrucou ele — Eu vi você com o *boyevik*, toda sorrisos e conversa mole. Vi quando entregou isso a ele.

Ele praticamente esfregou a folha amassada em meu rosto.

— Até que Ivan envie um novo segurança para te vigiar, não irá sair daquele quarto.

Vi-o sair tão enraivecido como eu me encontrava agora. E voltamos aos primeiros dias em que eu o odiava e ele me mantinha como uma refém. Senti as lágrimas virem aos meus olhos, mas não me permiti chorar.

— Vamos, *daraqáya* — Vladic me puxou pelo braço com gentileza.

— Não me chame assim! — uma lágrima infeliz deslizou pelo meu rosto e a sequei com brusquidão — Não sou sua querida, nem dele.

Soltei o meu braço disparando para fora. Não esperei que me conduzisse de volta ao quarto, sabia o caminho e foi para lá que corri.

— Sinto muito, Kyara — lamentou Vladic, após assistir eu me jogar contra a cama, escondendo o rosto no travesseiro — Isso não vai durar muito.

Não olhei para ele, mas ouvi o barulho da porta sendo fechada. Longe deles, permiti finalmente que minhas emoções viessem à tona. Despejei todos os sentimentos sufocados em meu peito, através de lágrimas sofridas. A saudade sem fim dos meus pais biológicos, dos que me criaram como filha e até mesmo de Sonya, do lugar que conheci como lar. Lamentei pelos sonhos desfeitos, chorei principalmente por constatar que nesse momento, odiava Dmitri Milanovic com o mesmo ardor que o desejava.

Não eram as paredes e a porta trancada que me mantinham presa a ele. Era esse sentimento confuso e assustador crescendo cada vez mais forte e intenso. E eu não sabia se conseguiria lutar contra ele. Estava por dentro em uma verdadeira bagunça emocional.



Acordei e a primeira coisa que notei foram os recipientes em inox em uma bandeja ao lado da minha cama. Olhei para a janela, o sol começava a se pôr. Sentei na cama e olhei os conteúdos na bandeja. Diferente das outras vezes, pretendia me alimentar melhor. Se eu tivesse qualquer oportunidade de escapar, queria estar pronta e não caindo de fraqueza por aí.

Darya veio ao quarto algum tempo depois, não me olhou nos olhos ou disse nada. Eu não sabia se o que fiz para enganá-la teve alguma consequência para ela, como gerou um dos seguranças que fazia minha guarda, ou se, simplesmente tinha recebido a ordem para me ignorar. Não tinha importância,

também não desejava falar com ninguém. Após ela deixar o quarto levando a louça suja, voltei a deitar e chorei até pegar no sono mais uma vez.

Na manhã seguinte, o dia foi exatamente igual. Darya trouxe a comida e saiu sem dizer nada. Andei pelo quarto e li o livro que havia trazido da biblioteca. Quando ela retornou para recolher a louça do almoço, não suportei continuar calada.

— Eu quero falar com o Dmitri — informei a Darya quando ajustou a pilha sobre a bandeja.

— O *Pakhan* não está em casa, senhorita.

— A que horas ele retorna?

— Não sei dizer — murmurou ela — Partiu em uma viagem com o Sr. Guriev.

A notícia me pegou como um choque. Acreditei que Dmitri não tinha vindo me procurar ainda como forma de punição.

— Desde quando?

— Desde ontem à noite.

Ela começou a se retirar. — Darya? — senti meus olhos lacrimejarem quando ela se virou para mim — Eu sinto muito.

Pela primeira vez desde que fui trancada no quarto, vi o sorriso gentil de volta em seu rosto amigável.

— Pelo quê, Srt^a Kyara?

— Ter feito você ser castigada pelo que fiz.

Ela equilibrou a bandeja nos braços antes de falar comigo.

— Eu não fui — sua confissão causou grande alívio em mim — Desculpe não ter sido tão cordial até agora, pensei que queria ser deixada em paz.

Para resumir, ela sentira pena de mim e teve receio de se aproximar.

— Não mais agora.

— Eu posso voltar mais tarde — sugeriu ela em um tom animado — Posso trançar seus cabelos se quiser. Gosta de tranças?

Não costumava fazê-las, mas sabia que essa era apenas uma desculpa para fazer companhia a mim. Solitária como estava, aceitaria qualquer companhia.

— Eu adoraria — respondi sorrindo — Obrigada, Darya.

Observei-a sair, sentindo-me um pouco mais leve. Feliz até.
Caí na cama mais uma vez olhando para o teto.
Quando será que Dmitri voltaria?



Andava ansiosa pelo quarto quando a porta foi aberta e Darya entrou. Já tinha separado todas as coisas que achei necessário para que cuidasse dos meus cabelos e as reorganizado na penteadeira meia dúzia de vezes pelo menos.

— A senhorita tem uma visita — informou ela.

Enruguei a testa com surpresa.

— É Sonya?

Darya balançou a cabeça negando: — A Srt^a Irina Novitsky.

Arregalei os meus olhos. Irina estava aqui.

— Ela ligou para o Papa e pediu permissão para vê-la — disse Darya animada — Ele disse que sim. A senhorita quer vê-la?

Se eu queria receber a visita de Irina?

— Com certeza que sim — só faltei pular no lugar.

— Vou avisar para que suba.

A última vez que falei com Irina tinha sido em minha festa de aniversário. Quando eu tinha milhares de planos, antes de perder *otets* Kamanev e o filho dele jogar sua obsessão sobre mim.

— Irina! — praticamente saltei sobre ela quando abriu a porta e entrou — É tão bom ver você.

A porta foi imediatamente fechada atrás dela, mas não me importei. Era muito bom ver um rosto amigo, além de Darya.

— Fico feliz em te ver novamente, Kya — ela retribuiu forte meu abraço.

Estranho, talvez fosse a situação delicada em que eu me encontrava, mas dessa vez, sentia uma conexão diferente com Irina. Provavelmente eu precisava muito desse abraço de amiga que ela me dava.

— Eu quase não consegui acreditar que estava aqui — disse ela me afastando com delicadeza e olhou ao redor do quarto — E nessa situação.

Certo, eu não estava presa em um calabouço úmido, escuro e frio. O quarto era bonito e bastante confortável, mas sei que Irina se referia a eu estar

presa. Para uma garota inteligente e praticamente independente como ela, meu modo de vida atual deveria parecer terrível.

— Não acredito que Milanovic tenha tido coragem de fazer isso com você.

Peguei sua mão e a conduzi até minha cama, onde nos sentamos.

— Na verdade, tudo começou com um grande engano — expliquei a ela.

E contei tudo o que aconteceu desde a minha festa de aniversário até o dia que tentei entregar minha carta a ela.

— Saí cedo da sua festa aquele dia — informou ela — Não consigo acreditar que Boris tenha matado o próprio pai e essa obsessão com você. Kya, ele pode ser perigoso.

— Eu sei. Boris e eu nunca nos demos bem na infância, ele me provocava e agredia — mexi meus dedos nervosa — Conforme fui crescendo, sentia algo ruim em relação ao Boris, agora entendo o porquê.

— Vai parecer absurdo o que vou te falar — disse ela —, mas Dmitri ter trazido você para a casa dele foi a melhor coisa que te aconteceu. Sabe o que aconteceria se tivesse ficado em casa, não é?

— Mas eu iria fugir — retruquei erguendo o queixo — Dmitri estragou tudo. Agora, estou presa aqui.

— E faria o que sozinha no mundo lá fora? — ela respirou fundo — Eu sei que parecemos malvados e às vezes até somos, mas o mundo lá fora não é diferente, Kya.

Tive um vislumbre de uma conversa parecida, com Dmitri na estufa.

— Há pessoas boas, mas há pessoas muito más também, basta olhar nos jornais — filosofou ela — Somos nossa própria nação. Temos leis e regras a cumprir, mas cuidamos uns dos outros. O *Pakhan* não é muito diferente de um rei ou governante qualquer. Há ditadores bem piores, chamados de políticos, que subjagam seu povo, deixando-os morrer na miséria.

— Não acho que Dmitri seja um ditador — o defendi e senti meu rosto esquentar quando me dei conta disso — Ele só é...

— Autoritário? Mandão? Intenso? — sua lista de sugestão o definia muito bem — Apaixonado? Um verdadeiro Macho Alfa?

— Por aí — sorri tímida, depois, esfreguei meu rosto com as mãos — Às vezes eu o odeio tanto...

— Nas outras, está sonhando apaixonada — ela riu — Sei como é querer

matar uma pessoa em um momento para no outro, desejar ir para cama com ela. É muito confuso.

Senti um pequeno desconforto começar a ganhar vida em meu peito ao ouvir a declaração dela.

— Você sente algo pelo Dmitri?

Ele disse ao Boris que estava em busca de uma noiva quando ele veio me resgatar. O ideal era que Dmitri escolhesse a filha de um *kapitan* e Irina seria uma escolha perfeita. Ela vinha de uma linhagem de Primeira Elite, respeitada e influente.

— Oh, claro, não! — ela me encarou como se tivesse formado três cabeças sobre o meu pescoço — Acho que somos muito parecidos, não daria certo.

— Acreditei que isso fosse o ideal — disse a ela, anormalmente começando a me sentir aliviada.

— Nunca vou me casar — reafirmou ela — Mas se um dia acontecer, terá que ser com alguém que me desafie e não que me dê sono.

Dei um olhar pasmado que a fez rir.

— Se você acha que Dmitri daria sono, realmente não o conhece.

O homem me deixava acessa apenas por olhar para mim, pensar nele neste momento já me fazia sentir coisas que eu não deveria.

— Mas você conhece — disse ela bem-humorada — Vocês já...?

— Não! — sacudi minhas mãos no ar — Claro que não.

— Uau! — ela soltou um assovio e arrumou os óculos de grau — Isso sim é uma grande surpresa.

Tornei a olhar para as minhas mãos. Nunca tive uma amiga que pudesse conversar essas intimidades, nem mesmo com Sonya. Ela sempre ria ou debochava das minhas dúvidas ou convicções, até que parei de tentar.

— Kyara, isso tudo pode ter começado por uma pequena confusão — ela buscou minha mão e ergui o olhar para ela — Mas está bem claro que você interessa a Dmitri e ele não irá desistir. Ele ficou maluco de ciúmes quando a viu com o meu segurança. Se sente algo por ele, por que a resistência?

Soltei minha mão e comecei a andar pelo quarto.

— Não é tão simples assim, Irina — olhei para ela angustiada — Cresci nesse mundo, mas ele não é meu.

— Tem certeza? — questionou ela — Você é esperta, Kyara, me

desculpe, mas se quisesse mesmo fugir, teria encontrado uma forma. Se não foi ainda, qual a razão?

Será que Irina estava mesmo certa?

Pensei em Dmitri e em Boris, com certeza, eu preferiria cortar os meus pulsos do que ser prisioneira de Kamanev.

— E você tem nas mãos uma grande vantagem — disse ela e a encarei com um olhar questionador — Você precisa se manter virgem até o casamento e nem precisa realizar um por que sua família espera isso. A liberdade que almeja tanto, você já tem, Kyara, o que você não sabe é utilizá-la.

Lutava internamente para não admitir o que Irina me dizia, que eu estava me sabotando.

— Tenho que ir agora. Eu só queria saber como estava — ela suspirou e ficou de pé — Podemos marcar alguma coisa qualquer dia?

— Quando você quiser — disse já sentindo pesar em vê-la partir — E se meu carrasco deixar.

— Um sorriso sexy e uma voz doce abrem portas que você nunca poderia imaginar — ironizou ela — Pobre menina, cresceu em uma bolha tão superprotegida que não aprendeu a conhecer os homens.

— E você os conhece? — indaguei debochada.

— O suficiente para saber como agem.

Despedimo-nos logo depois. A visita de Irina foi como um divisor de águas em minha vida. Ela me fez olhar e refletir sobre questões que eu não havia levado em conta ainda. Passei tanto tempo tentando analisar e descrever Dmitri que não tinha observado o mais importante: quem eu era e quem eu gostaria de me transformar.

O restante do dia, passei refletindo sobre a minha conversa com Irina.

— Srt^a Kyara? — a porta foi aberta e Darya surgiu em seguida — Tem permissão para descer para jantar e andar pela casa, se desejar.

— Dmitri voltou? — meu coração veio à boca com possibilidade de encontrá-lo outra vez.

— Ligou tem alguns minutos passando as novas instruções — informou ela.

Estaquei na porta do quarto, encarando-a chocada. Eu parecia uma refém presa por anos, que se sentia insegura em sair do local que tinha passado a ser o seu mundo.

Por que Dmitri havia mudado de ideia? A visita de Irina teria alguma coisa a ver com isso?

— Sem segurança? — olhei no corredor e notei que não havia um *boyevik* parado lá.

— O Papa disse que aqui dentro pode ficar sem — anunciou ela, entusiasmada — Mas há guardas reforçando todas as entradas e saídas, e em volta de toda a casa também. Também poderá usar a piscina amanhã se quiser. Isso não é uma coisa boa?

Será que Irina estava realmente certa e Dmitri sentia ciúmes até mesmo de seus homens?

De qualquer forma, a razão nesse momento já não me importava. Estava liberta do casulo em que estive presa.

Capítulo 19

Dmitri Milanovic

Se havia algo em minha vida que podia destacar sem qualquer cerimônia era minha capacidade em manter o foco, não importava a situação ou a tensão que pudesse envolver. Agir com frieza e sagacidade foi um dos grandes ensinamentos do meu pai. Só que essa corda andava meio bamba desde que Kyara Smirnov entrou em minha vida. Como um terremoto, ela fazia todas as minhas estruturas balançarem. E eu não gostava nada disso.

— Essas vieram da América do Sul — disse Avdeev pedindo por minha atenção mais uma vez.

Olhei para as garotas usando *lingeries* minúsculas para que pudéssemos avaliar cada centímetro delas, colocadas em filas. Louras, morenas, ruivas, algumas mais voluptuosas, algumas de estrutura mais delicada, altas, baixas.

— Gostaria de uma francesa dessa vez? — indagou ele como se estivéssemos diante do parque de diversões indecisos em qual brinquedo escolher primeiro.

Eu queria muitas mudanças dentro da Bratva e essa célula era uma delas. Por muito tempo discuti com meu pai a forma que isso estava sendo conduzido, infelizmente, sua morte inesperada não nos permitiu colocar algumas ações em prática. E meu pouco tempo como *Pakhan* me obrigava a introduzir essas mudanças de forma mais lenta. E esse era um negócio ainda muito rentável para todos os *kapitany*. E se eu fizesse alguma coisa para melhorar a chegada dessas garotas na Irmandade, teria que ser algo que garantisse que a entrada do dinheiro continuasse a crescer.

— Aquelas três — aponte para as garotas próximas à porta — E as aquelas duas, envie-as ao cassino.

— E qual eu devo colocar no lugar da Tereza — insistiu o homem.

— Nenhuma — ele me encarou horrorizado e Vladic soltou uma risadinha atrás de mim — Não pretendo ficar com nenhuma delas dessa vez.

Não sou hipócrita, até algum tempo atrás teria selecionado uma ou duas garotas para ter como amante particular. Encheria-a de joias e dinheiro até decidir que estava farto dela, partindo para outra. Não sentia atração nisso agora.

— Nenhuma? — O homem continuou a me encarar como se eu tivesse

me transformado em um ser mitológico ou algo assim — Elas ainda terão um tratamento de beleza exclusivo. Posso garantir que cada uma delas é coisa fina.

— Dessa vez não, Avdeev.

Em todas as vezes que conferi o carregamento do gado, essa era a primeira vez que declinava de escolher uma garota.

— Ah, é claro — Avdeev sorriu como se uma luz tivesse acendido em sua cabeça — Soube que está procurando uma esposa. Já a encontrou, pelo visto.

— É mesmo, Papa? — Vladic apoiou a mão em meu ombro — Encontrou a futura Sra. Milanovic?

Desviei do seu toque como um irmão mais novo emburrado.

— Isso só interessa a mim e ao Savin — respondi aos dois que desviaram o olhar para uma direção oposta a minha.

Eu não me encontrava nem com humor, nem com paciência para aturar as provocações dele.

— O restante do carregamento?

— Enviada às células e para alguns *kapitany* — disse Avdeev.

— Cuide do carregamento restante como achar melhor, Avdeev — ordenei a caminho da saída — Afinal, esse é o seu trabalho.

Assim que deixei o galpão e me acomodei no carro, saquei o celular imediatamente para realizar uma ligação para casa. Pedi que a governanta passasse a ligação para Darya, que vinha sendo a melhor fonte de informação em relação a Kyara desde que precisei me ausentar.

— *Está na piscina aquecida agora, senhor.*

— Sozinha?

— *Não, há dois boyevik cuidando dela.*

Isso não me agradou, embora devesse. Lembranças de nós dois na piscina vieram à minha mente. Remexi-me no banco, buscando uma posição confortável para o meu pau que começava a inchar, quando Vladic ocupou o lugar vago ao meu lado e fechou a porta.

— Ela está... — limpei a garganta antes de perguntar — de biquíni?

O carro começou a ganhar movimento e minha atenção foi para a janela.

— *Sim, senhor.*

Meu pau começou a ficar dolorido dentro da calça ao ouvir a confirmação que contribuía muito com a minha imaginação.

Então, me lembrei que os homens estariam vendo-a praticamente sem roupa e isso me deixou furioso.

— *Pizdets!* — vociferei.

— *Quer que eu leve o telefone até ela, Papa?*

— Não! — respondi apressadamente, tentando manter a calma — Estarei em casa ainda essa noite. Diga a Kyara para não passar tanto tempo na piscina... não faz bem à pele.

Quis dar um soco em meu próprio queixo e Vladic riu alto.

— Até breve, Darya.

Encerrei a ligação rapidamente, falar com Kyara e ouvir sua voz melodiosa só pioraria tudo. Pensei que alguns dias longe dela fossem contribuir para que o clima esfriasse um pouco.

Ledo engano.

O desejo que sentia somente intensificou. Nem mesmo lindas garotas usando roupas íntimas conseguiram desviar minha atenção de quem eu realmente queria levar para a cama e foder até que minhas pernas perdessem a força.

— Vamos ver o Ivan — disse a Vladic assim que guardei o telefone no bolso — Todos os outros compromissos você pode cancelar.

— Saudades de casa? — a pergunta foi feita em um fingido tom sério e respeitoso — Ou de incríveis olhos azuis?

— Sabe, a cada dia que passa, tenho a certeza que Ivan seria um *Avtoriyet* muito mais adequado que você — nada o deixava mais irritado do que ser comparado com qualquer pessoa, ainda mais um *Vór* tão bom quanto ele, pois, Trotsky seria a opção mais sensata a estar ao meu lado se não pudesse contar com Vladic — Silencioso e não costuma se intrometer onde não foi convidado.

— Trotsky? *Chato!* Ivan o faria convulsionar de tédio — resmungou ele e passou o dedo em meu queixo com deboche — Sou o frescor em sua vida, Dmitri, admita isso.

Realmente, a minha vida antes e depois de me tornar o *Pakhan* teria sido muito mais difícil de suportar sem a presença de Vladic ao meu lado. Eu não consigo me lembrar algum momento importante em que ele não estivesse. Ter Ivan Trotsky como meu *Avtoriyet* seria mais silencioso, calmo e muito mais chato, como Vladic tinha destacado.

O carro parou na base de segurança que Ivan comandava e eu guardei minha resposta para um outro momento.

Ivan Trotsky era um russo mais ou menos da minha altura, mas tão musculoso nos braços e pernas quanto Vladic. Também tinha o nariz quebrado e orelhas de um lutador. E assim como meu *Avtoriyet*, ele possuía dezenas de tatuagens espalhadas pelo corpo, uma delas se destacava saindo pelo pescoço, cobrindo o canto lateral esquerdo do rosto, as garras de um dragão.

— O que você conseguiu, Ivan? — indaguei quando ele fechou a porta escura às minhas costas.

Ignorei a cadeira que me ofereceu, sentando na quina da mesa escura. Ivan retirou um envelope branco de uma das gavetas em sua mesa e o fez deslizar até a mim. Abri o envelope e retirei as fotos, colocando-as uma a uma na mesa.

— Quem são esses?

Havia cinco homens na foto, saindo de uma casa, ao lado de Boris Kamanev. Um, com certa idade, os outros dois, provavelmente, na mesma faixa etária que Kamanev.

— O barbudo de barriga saliente é Plotnikov, comanda uma célula menor de armamento — informava Ivan e o nome clareia algumas informações em minha cabeça — Esses dois, Matveev e Dembinsky, extorsão e chantagem. E Kovalyov e Vakhstein, espionagem e suborno.

— E qual a ligação entre eles? — perguntei.

— Todos *kapitany* de Segunda Elite.

— Deixe-me adivinhar — disse Vladic — Nenhum deles está nas nuvens com a ascensão de Dmitri.

Ivan jogou os olhos castanhos escuros e, aparentemente, passivos em nós.

— Não há muito o que dizer além de que são homens se encontrando para fechar negócios e jogar — disse Ivan.

— Continue de olho — avisei a ele — A qualquer momento podem dar um movimento em falso e, aí, nós os pegamos.

O grande problema de Kamanev era o excesso de confiança que a juventude trazia. Os dois rapazes seguindo os passos dele, pelo visto, podiam ser facilmente manipulados.

— Dembinsky é um *kapitan* mais experiente — disse Vladic dando voz

aos meus pensamentos — Redobrem a vigília sobre ele.

— Podem deixar comigo — disse Ivan antes de se retirar da sala.

Vladic cruzou os braços me encarando com seriedade.

— Parece que suas suspeitas em relação a Kamanev tinham fundamento.

— Sinto que Boris dará mais trabalho do que previ.

— Por que não vamos até ele e colocamos um fim nisso? — questionou Vladic.

Alisei o meu queixo enquanto refletia. Boris agia como um caramujo, com seu andar lento, deixando um rastro gosmento por onde passava. E, ao se sentir ameaçado, escondia-se em sua concha.

— Já disse, eliminar Boris não extingue o problema — saí da mesa, prendendo os botões do terno que eu havia soltado quando cheguei — Isso pode transformá-lo em um mártir, alguém que os descontentes resolvam seguir. E nós sabemos que nesse momento a maioria deles só está receosa com o que eu venha fazer.

— A troca de governo sempre deixa um ou outro ressabiado.

— O que precisamos é estar preparados para qualquer ataque de Boris, sem que ele se dê conta disso — disse a ele — Deixe Kamanev continuar achando que sou imbecil. Vamos ver até onde ele chega.

— Eu espero que ele chegue até os meus punhos na cara dele — contrapôs Vladic socando uma mão na outra.

— Agora, vamos embora — ordenei, arrancando um sorriso debochado dele.

— Seu desejo é uma ordem, Papa — fazendo uma reverência exagerada para mim, Vladic abriu a porta.

Dessa vez eu não fiquei irritado com ele. Iria rever Kyara e isso era motivo suficiente para deixar o fim do meu exaustivo dia mais leve.

Capítulo 20

Kyara Smirnov

Após a piscina, tomei um banho, tentei descansar um pouco, mas como não tive sucesso, iniciei um novo livro para tentar manter minha mente ocupada. Não avancei muitos capítulos, já que os meus pensamentos sempre vagavam até Dmitri. Joguei a culpa no livro e decidi voltar à biblioteca em busca de outra história que pudesse achar mais interessante.

Deixava o meu quarto quando vi a porta do quarto de Dmitri ser aberta e uma empregada com um cesto vazio sair de dentro dele. Girei a maçaneta e vi que a mulher não havia trancado a porta. Olhei para os dois lados antes de criar coragem para entrar. Lembrei do *boyevik* que tinha me alertado que entrar ali sem ser autorizado era extremamente proibido.

Ignorando minha consciência que me dizia que iria me arrepender, abri a porta e entrei. A curiosidade era mais forte do que minha cautela. Com cuidado, fechei a porta e olhei em volta. O ambiente não poderia ser mais masculino. Em tons de azul escuro, chumbo e bronze.

Eu caminhei cuidadosamente até a cama, onde coloquei o livro que segurava. Na mesa de cabeceira havia dois porta-retratos. No primeiro, Dmitri estava com os pais, quando ele deveria ter uns sete anos. Estavam na sala e parecia uma dessas fotos ensaiadas de família. Peguei o segundo, era uma foto dele com a mãe. Já era um jovem rapaz, achava que deveria ter por volta de dezessete anos. Ambos usavam pesadas roupas de esqui e estavam de costas para uma montanha coberta de gelo. Dmitri sorria para a câmera enquanto a mulher o encarava com um ar repleto de amor.

Mexida pelo que via, coloquei o porta-retrato no lugar e toquei um dos travesseiros em cima da cama. Depois, fui em direção ao *closet*. Abri uma porta onde uma fileira de ternos surgiu diante dos meus olhos. Alisei alguns deles até retirar um, que abracei contra o peito levando o tecido até o meu rosto. Tinha uma fraca esperança de poder encontrar o seu cheiro. Sentia muita falta dele. Sentia muita falta de Dmitri, até do jeito que ele conseguia me provocar.

— Procurando algo, *mílaya*?

Olhei assustada em direção à voz. Ele saía da porta que ligava ao banheiro, cabelos úmidos e soltos caindo nos ombros e tinha apenas uma toalha branca presa à sua cintura.

— Você voltou — balbuciei como uma idiota.

Eu não sabia que tinha ficado tão infeliz até ter Dmitri de volta. Minha vontade era correr até ele, mas me segurei no lugar. Percebi que ainda mantinha seu terno junto à mim e que ele havia me pego no flagra.

— Eu... — não sabia como justificar ter invadido seu quarto, tampouco ter mexido em suas coisas.

Aguardei sua reprimenda apertando o tecido com os dedos, mas ele apenas sorriu e caminhou em minha direção. Se já havia perdido a fala antes, agora, com ele parado em frente a mim, destruiu qualquer possibilidade que eu conseguisse formar uma frase coerente.

— Sentiu minha falta, *mílaya*? — ele passou o indicador pelo meu rosto e cada pelo em meu corpo se arrepiou.

— Não — murmurei.

De longe, essa foi a maior mentira que eu já contei.

— Não sentiu minha falta? — balancei a cabeça e um sorriso convencido surgiu no rosto dele — Então, por que estava cheirando minha roupa?

O problema de se contar uma mentira era que geralmente ela era descoberta rapidamente.

— Uma mancha — disse afastando o terno do meu peito, levando-o de volta ao *closet* — Eu vi uma mancha na roupa e tentei verificar o que era.

Outra mentira fácil de ser descoberta. Todos os ternos estavam impecavelmente limpos, passados e organizador por cor.

— Mas eu senti a sua falta — disse ele segurando meus braços, virando-me para ele.

Em um piscar de olhos, estava sendo empurrada contra uma porta fechada no *closet* e o corpo de Dmitri pressionava o meu. Senti como se tivesse entrado em uma fornalha.

— Quer saber do que mais senti falta, *mílaya*? — ronronou ele, aproximando o rosto do meu — Da sua boca.

Sua língua passou suavemente em meu lábio inferior, fazendo-o se abrir; em seguida, sua língua invadiu minha boca, procurando a minha. Era impressionante que com apenas um beijo, Dmitri me fazia derreter em seus braços.

Soltando um grunhido, ele agarrou uma de minhas coxas, prendendo minha perna um pouco abaixo de sua cintura. Seus dedos serpentearam por

minha calcinha, que ele afastou para o lado e enfiou dois dedos em mim, que implorava pelo seu toque.

— De sua boceta molhada também — o que ele disse e como me tocava me fizeram gemer alto.

Eu ondulava o quadril em sua direção, implorando pelo prazer que só ele conseguia me dar, pois, eu tinha me tocado em uma das noites pensando nele, sonhando com ele, não foi a mesma coisa. Nada se comparava a Dmitri.

Sua boca voltou a cobrir a minha, sufocando os gemidos desesperados que eu emitia. Como sempre, trocávamos um beijo cheio de desejo e paixão, chegando a um momento que não haveria retorno e, sinceramente, eu não ligava nem um pouco. Eu queria me conectar a Dmitri, me unir a ele como nunca estive com nenhum outro.

— Dmitri... — ronronei quando ele liberou minha boca e seus beijos percorreram até meu pescoço.

Lânguida com todas as sensações que ele causava em mim, seus dedos socando dentro de mim, então, ele começou a esfregar meu clitóris com o polegar.

— Ahhh! — gemi alto.

— Goza, *mílaya* — murmurou ele, dando nome ao que tinha acabado de provocar em mim.

Com meu olhar conectado ao dele, intensificando ainda mais o prazer que Dmitri me dava, eu gozei. Fiquei fraca e ele me sustentou. Os meus olhos embriagados nos dele. Seu olhar quente e lascivo fixo no meu. Ele colocou sua testa na minha e ficamos assim por um instante. Um pouco mais recuperada do prazer que senti, percorri minha mão do seu peito másculo e sexy até a toalha que encobria sua masculinidade, bem visível através do tecido.

— Eu quero... — iniciei, mas uma batida na porta interrompeu minha fala.

Dmitri esbravejou, mas não saiu do lugar.

— Se for Vladic, eu juro que vou matá-lo!

Contudo as batidas na porta ficaram mais fortes e insistentes não dando sinais de que a pessoa do outro lado da porta iria embora. Dmitri me soltou, pressionou os lábios nos meus e se afastou para verificar quem incomodava.

— O que você quer?

— Desculpe, Papa — ouvi uma voz feminina — O senhor Savin está lá

embaixo, disse que é um assunto muito importante.

— E o Guriev? — indagou Dmitri.

— Saiu tem alguns minutos.

Passou-se alguns segundos silenciosos, deduzi que Dmitri estava avaliando o que iria fazer. Isso me deu tempo para tentar me recompor.

— Diga a Savin que já desço — informou, fechando a porta em seguida.
— Porra! — ele passou a mãos nos cabelos exasperados — Parece que tem sempre alguém fodendo com a minha foda.

Era uma forma bem rude de definir tudo, mas ele estava certo. Tentei arrumar o rabo de cavalo que ele havia desfeito ao me beijar com ardor e caminhei até ele, indo em direção à porta.

— Nos vemos no jantar?

Assenti, abrindo um sorriso tímido, mas que não me impediu de dar uma última conferida nele antes de sair.

Como ainda havia um tempo até o jantar, decidi dar curso ao plano que tinha feito em meu quarto, procurar um livro na biblioteca. Então, me lembrei que esqueci o outro em cima da cama de Dmitri. Não iria buscá-lo, se entrasse em seu quarto de novo tinha certeza que não sairia mais de lá. O que não era uma ideia tão ruim assim. Sorrindo como uma boba, descí a escada, feliz como se estivesse flutuando por todo o caminho.



Dessa vez, a leitura conseguiu me manter um pouco ocupada, então, me dei conta de que o problema não tinha sido o livro anterior, mas sim a minha cabeça que estivera em outro lugar, para ser mais honesta, o motivo de minha desconcentração estava de volta.

Fechei o livro e levantei da poltrona onde estive debruçada, lendo. Eu tinha um jantar com Dmitri e queria me arrumar com calma. Os conselhos sábios de Irina me deram motivos para refletir e precisava concordar com ela em muitas coisas.

A primeira, sim, eu teria encontrado alguma maneira de escapar ou morreria tentando, se realmente quisesse.

A segunda, Dmitri me atraía e sentia que esse sentimento era recíproco, não queria e nem sabia se conseguiria continuar lutando contra. Não é que eu fosse absurdamente romântica e tivesse o sonho de me casar virgem, isso nunca

foi realmente um problema para mim. O que me afastava dos rapazes era o medo do que Boris pudesse fazer a eles como represália para tentar se aproximar de mim. Eu só queria que a minha primeira vez fosse com alguém especial, e não com alguém que tivesse me comprado.

Terceira, estava mais segura aqui com Dmitri do que sozinha pelo mundo, correndo um grande risco de ser perseguida por Boris. E em vez de encarar essa casa o tempo todo como uma prisão, eu poderia vê-la como uma colônia de férias, pelo menos até o *Pakhan* dar um jeito no meu irmão de criação.

Estive tão inserida nesses pensamentos que quase não percebi o choro infantil quando me dirigi à escada. Fui em busca do som até encontrar Darya e outra empregada sentadas no sofá, afagando os cabelos cacheados de uma linda garotinha sentada entre elas.

— O que aconteceu? — sussurrei para não assustar ainda mais a criança, que me encarou receosa.

Darya ergueu os olhos vermelhos para mim, o que me fez aproximar delas cada vez mais preocupada. A jovem falou com outra mulher através do olhar e veio até mim, segurando meu braço.

— Uma coisa muito triste que o *Pakhan* está tentando resolver — sussurrou Darya me puxando para a janela.

Olhei para o pátio. Além de Dmitri andando como uma fera enjaulada, de um lado a outro, falando algo que, de onde estava ou pela acústica, eu não conseguia ouvir nada, mas a expressão em seu rosto, dizia muita coisa, estava Nikolai com um homem ajoelhado diante dele e uma mulher em prantos.

— Aquela mulher é a mãe da garotinha — sussurrou Darya, uma lágrima correu pelo rosto dela e minha apreensão triplicou — Se é que se pode chamar uma mulher como ela de mãe.

Inconscientemente busquei a mão trêmula de Darya enquanto observávamos o que acontecia no pátio.

— Aquele é o padrasto. O que deveria cuidar dela como um pai, enchendo-a de amor — continuou ela, detectei um grande tom de revolta em sua voz — O problema que ele deu amor demais.

Levei a minha outra mão à garganta, e com muito esforço segurei a ânsia que subiu até a minha boca.

— Você não está dizendo que... — não consegui concluir e olhei rapidamente para trás onde a menina continuava a ser consolada.

— Ela dizia à mãe que o papai tocava nela no banho — Darya soluçou e levou o punho fechado à boca, mas não foi suficiente para segurar o seu pranto, nem impedir que minhas lágrimas surgissem — Ela não acreditava. Aceitar as mentiras do marido era mais cômodo.

Eu nunca tinha visto ou presenciado algo assim na Bratva até hoje. Era tão revoltante que meu desejo era me unir a Dmitri com minhas próprias mãos e castigar o casal. Era só uma garotinha indefesa, sendo maltratada por quem deveria amá-la e protegê-la.

Olhei para o casal mais uma vez, só que agora com desprezo e ódio, qualquer castigo que Dmitri desse a eles seria bem merecido. Os desgraçados tinham arruinado a inocência de uma menina.

— Há quanto tempo isso acontecia?

Apesar de não presenciar nenhum caso de perto, sei por artigos que casos de abuso acontecem por um bom tempo até a vítima conseguir denunciar ou a infração ser descoberta por alguém.

— A babá sempre teve desconfiança de algo errado, e dava ouvidos às reclamações da menina — ela apontou para a mulher acalentando a criança — Toda vez que ela tinha que ir embora, a menina chorava muito e quando o padrasto estava por perto se encolhia de medo.

Meus olhos voltaram a se encher de lágrimas com o que Darya me relatava. Perdi meus pais muito cedo, mas o casal Kamanev deu a mim todo amor que eu precisei. Fjodor nunca me tratou menos que uma filha a quem amava muito, e eu também os amei.

— Anatolli sempre quis denunciar, mas seria a palavra dela contra a de um *Kapitan* — olhei para a babá e vi que o sofrimento em seu rosto era real, só alguém muito desumano não sofreria com isso — Até que hoje ela conseguiu provas, fingiu ir embora e ficou escondida. Deixou ir até onde podia e tirou fotos, depois, procurou o Sr. Savin.

Fiquei com um peso na consciência por ter ficado chateada na hora, quando a empregada interrompeu a mim e Dmitri no quarto, alegando que Nikolai tinha algo importante para tratar. Agora, eu tinha conhecimento do que era.

Olhei para a janela outra vez, vi Dmitri agarrar os cabelos da mulher, puxando sua cabeça para trás. Notei Vladic chegar furioso. Sua expressão era muito parecida com a de Dmitri. Eles eram bem parecidos fisicamente também, na cor dos olhos e cabelos, isso ficou mais evidente nesse momento. Vladic só era um pouco mais alto e suas pernas e braços eram quase o dobro das de Dmitri,

exatamente como um guerreiro *Vor* deveria ser.

— O que vai acontecer a ela? — perguntei a Darya quando Vladic fez a mulher, agora desesperada e se debatendo, levantar.

Ele a entregou a um *boyevik* que arrastou a mulher pelo pátio até a saída mais próxima.

— Será levada até a aldeia, outras mulheres, somente as que forem mães, irão quebrar pequenos pedaços de seu corpo — esclareceu Darya, e poderiam me julgar, mas eu senti um prazer perverso ao saber disso —, até que cause um choque anafilático e ela faleça depois de algum tempo.

— Como sabe isso? — afinal, víamos os três conversarem sobre o casal, mas não conseguíamos ouvir o que Dmitri dizia.

— Há dez anos, tive uma amiga que foi aquela garotinha — ela escondeu o rosto nas mãos, o choro mais forte me levou a abraçá-la —, mas foi na escola, um professor. Mikhail Milanovic, que era o *Pakhan* naquela época, aplicou esse castigo. Eu acho que o Papa fará o mesmo.

Assenti, continuando a confortá-la, enquanto olhava para o pátio. Dois *boyevik* se aproximaram, um deles trazia com cuidado uma faca longa que tinha uma proteção de couro. Eu sabia que deveria desviar o olhar, mas não conseguia. Vi Dmitri pegar o objeto, ele disse algumas coisas ao que dobrou o corpo até a testa alcançar os sapatos dele, que se afastou, chutando a face do homem com uma expressão de nojo e desprezo.

Vladic e Nikolai agarraram cada um os braços do homem, forçando-o ficar em pé. Dmitri tirou a proteção da faca e analisou a lâmina afiada, disse algo ao *boyevik* ao seu lado que abaixou as calças do homem e segurou seu flácido órgão sexual. No mesmo momento que ele levantou a faca, fechei os olhos. Quando tornei a abrir, observei o homem gritar e seu membro ensanguentado rolar pelo chão.

— Esse verme nunca mais tocará em uma inocente — disse Darya dando voz ao meu pensamento — Ou qualquer outra mulher.

Mas o castigo não havia terminado por aí, pelo menos, era o que Vladic achava. Ele pediu a faca ensanguentada ainda com Dmitri, ficou de frente ao homem quase inconsciente. Levei minha mão à garganta quando ele passou a lâmina pelo pescoço dele, degolando-o friamente. Depois, ele puxou a língua inteira por esse buraco, fazendo uma gravata com ela.

Não consegui ver mais nada, tinha sido o suficiente. Afastei Darya chorosa de frente à janela e fomos em direção à garotinha que agora ressonava

no colo da babá.

— Quantos anos ela tem? — perguntei ao sentar ao lado delas.

— Fará seis em breve.

Um soluço escapou dos meus lábios, mas para não acordar a menina, obriguei-me a manter o controle sobre as minhas emoções. Nunca presenciei algo tão triste como isso. A menina não tinha sido apenas maculada em sua inocência infantil, mas perdia também toda a família hoje.

— Qual o nome dela?

— Kalina, senhorita.

Passei a mão pelos seus cachos louros. Parecia um anjinho adormecido, felizmente alheia ao que Darya e eu tínhamos presenciado há pouco. Veio em mim um sentimento muito poderoso por essa menina. Cuidaria dela e não deixaria ninguém mais tentar machucá-la.

Capítulo 21

Dmitri Milanovic

Sempre soube que meu trabalho como *Pakhan* não seria algo fácil, vi inúmeras coisas acontecerem durante o governo de meu pai. Mas há dias e casos a serem tratados que eram uma verdadeira merda. Como o de hoje.

Eu tinha deixado meu quarto em direção ao escritório, disposto a dar uma bela represália verbal em Savin por me interromper em um momento muito importante, mas assim que entrei na sala, vi seu olhar colérico e sua narrativa amotinada, deixei de pensar com meu pau. A segurança da garotinha e uma punição aos culpados que haviam feito da vida dela um verdadeiro inferno vinham em primeiro lugar.

Nós podemos ser nomeados cruéis, criminosos, violentos, mas havia limites e os que consideramos intocáveis: crianças e idosos inocentes. O crime que o casal Nekrasov havia feito era cabível a uma punição severa. Eu tive grande satisfação de enviar a mulher à retaliação pública e castrar o desgraçado, para que tivesse uma vida tão miserável quanto ele, lembrando sempre do que fez e o que nunca mais poderia fazer. Contudo, Vladic tinha outro pensamento e o executou com frieza.

— Livrem-se desse verme — disse Vladic chutando o corpo esvaindo-se em sangue e sem vida.

— Eu cuido de todo o resto — disse Nikolai ao observar nossas mãos e roupas manchadas de sangue — Vão se limpar.

Assenti e com Vladic ao meu lado, seguimos para dentro da casa, silenciosos, cada um tentando absorver o que tinha acontecido à sua maneira. Nenhuma água no mundo parecia suficiente para me limpar do sangue daquele maldito. Senti-a como se estivesse contaminado. Esfreguei as mãos e rosto com força, quase ao ponto de conseguir ferir minha pele.

Quando estava um pouco menos enojado, desliguei o chuveiro. Alguém já tinha passado pelo meu quarto e levado a roupa suja que deixei pelo caminho ao entrar. Escolhi no *closet* algo mais casual do que os ternos que costumava usar. Camiseta escura e jeans desbotado. Prendi os cabelos em um nó com elástico e após calçar os sapatos, deixei o quarto.

Abria a porta no momento que o Dr. Kushin deixava o quarto de Kyara, caminhei apressadamente até eles.

— Você está bem? — perguntei a ela.

Eu tinha pedido que o médico viesse dar uma olhada na menina. Assim que Savin invadiu a mansão dos Nekrasov com a babá que havia feito a denúncia, a garotinha havia sido retirada de lá e os seus responsáveis (pois não tinham o direito se serem chamados de pais) foram trazidos a mim.

— O Dr. Kushin veio ver Kalina — disse ela, seus lábios tremeram um pouco e não consegui me conter, puxei-a para mim, que apoiou a cabeça em meu peito, conforme eu a abraçava — Pedi que a colocassem em meu quarto. Só por hoje, por favor.

Seus olhos marejados imploravam para que eu atendesse ao pedido, que eu jamais seria capaz de negar. Ainda estava puto com essa história.

Quem não ficaria? Achei que dar fim aos Nekrasov alimentaria meu senso de justiça, mas não. Se pudesse ressuscitar os dois várias vezes e daria o mesmo castigo, incansavelmente.

— Está bem, *mílaya* — afaguei seus cabelos e olhei para o médico — Vamos conversar no meu escritório, doutor.

Kyara se apertou mais contra meu corpo, advertindo que seguiria a nós dois. Eu tinha certeza que o pior ela já havia presenciado, então, não me opus em levá-la com a gente. Após entrar, ocupei minha cadeira e a coloquei sentada sobre meu colo. Era bem cretino eu pensar em algo como isso, diante dessa situação complicada, mas sentia satisfação em tê-la em meus braços.

O Dr. Kushin não expressou qualquer reação ao me ver agir assim, de forma tão terna, e mesmo que tivesse algo a dizer, não teria coragem para manifestar.

— É claro que vou precisar fazer exames mais específicos, mas o que averigui é que... — ele parecia engasgado com o que precisava dizer — Ao menos hoje, chegaram a tempo de algo muito pior. Precisamos levá-la a...

— Não! — disse duro e secamente — Qualquer exame que precisar submeter a menina será feito nesta casa.

Não e não vou deixar a menina passar por mais um momento traumático tendo curiosos analisando-a.

— Traga os equipamentos, médicos, o hospital inteiro se precisar — ordenei a ele — Mas a menina fica aqui até que eu saiba como tratar o futuro dela.

— Como quiser, Papa — anuiu ele — Também sugiro acompanhamento psicológico para a menina e a babá.

— Fale com Savin. Ele cuidará de tudo.

Quando o Dr. Kushin saiu, apoiei minha testa contra as costas de Kyara. Ela se virou em meu colo e meu rosto se encaixou entre o vale em seus seios, não havia nada de sexual, no entanto. Ela entrelaçou os dedos em meus cabelos e apoiou a cabeça no topo da minha. Rodeei mais forte os meus braços em torno de sua cintura.

Não ouvi seus soluços, mas o movimento que seu peito fazia delatava que estava chorando. Toda essa merda era muito pesada para conseguir digerir. Então, apenas fiquei em silêncio, sendo o seu suporte.

— Você precisa jantar — disse a ela, alisando sua cintura, algum tempo depois.

— Não tenho fome — murmurou e, para o meu pesar, deslizou do meu colo — Quero ver se Kalina acordou.

Abri um sorriso fraco. Kyara era mesmo um anjo como eu costumava falar para provocá-la.

— A colocou sob suas asas, *Kheruvim*?

O tímido sorriso retribuiu o meu.

— Ela só precisava ser amada e cuidada, Dmitri — seus lábios tremeram e os olhos ficaram imediatamente marejados.

Ficando em pé em frente a ela, passei os meus dedos em sua boca comprimida, que corajosamente tentava manter as emoções controladas.

— Vou cuidar para que ninguém mais a machuque — disse a ela, esperando que isso, de alguma forma, a tranquilizasse um pouco mais.

Cobrindo a minha mão com a sua, seus olhos cristalinos fixaram nos meus, olhos que me transmitiam calma.

— Promete?

— Tem minha palavra, *mílaya* — afaguei lentamente seu rosto — Como homem e como *Pakhan*.

Agarrei uma de suas mãos, entrelaçando nossos dedos e saímos juntos do escritório. Despedimo-nos na escada, apenas com olhares que prometiam o mundo, os dedos desconectando enquanto ela subiu cada degrau.

Observei até que ela sumisse de vista e fui procurar notícias de Vladic. Havia questões em relação a criança que eu ainda precisava tratar. Após cruzar com uma empregada, soube que ele já se encontrava na sala de jantar.

Assisti Vladic encher e esvaziar um copo com vodca e, no final, decidir

levar a garrafa pela metade até a mesa.

— Como está a criança? — sondou ele quando me viu aproximar.

Ocupei meu lugar à mesa. Imediatamente uma criada surgiu para começar a nos servir.

— Ainda não a vi, mas Kyara está cuidando dela — olhei para a mesa farta, mas era como se meu estômago estivesse forrado de concreto.

Peguei um dos copos sobre a mesa e estendi a Vladic para que me servisse. A bebida trouxe o calor que eu precisava.

— É só uma garotinha, porra! Que merda a mãe dela estava pensando? — Vladic bateu a garrafa furiosamente — Eu queria dar novamente vida àquele filho da puta, só para poder degolar o pescoço dele mais uma vez.

Não podia julgá-lo, eu tinha pensado exatamente igual.

— Devia ter feito com que comesse o próprio pau antes de ter acabado com ele.

— Tinha pensado sobre isso, mas...

— Eu perdi a cabeça — ele se desculpou.

— No seu lugar, eu não teria feito diferente, Vladic.

Nós continuamos a beber, ignorando o jantar que fora servido. Algum tempo depois, pedi que a empregada aprontasse uma bandeja para que eu mesmo levasse até o quarto de Kyara.

Ela estava deitada de lado, ao lado da garotinha que dormia. Abriu um sorriso lindo que me fez ter a sensação de perder o ar quando entrei. Coloquei a bandeja em cima da mesinha do seu lado da cama.

— Obrigada, mas não sinto fome — disse ela ao se sentar.

Ocupei o espaço vago junto a ela e busquei sua mão.

— Mas precisa comer — foi hipocrisia dizer isso quando eu não tinha colocado nada sólido em minha boca durante o jantar — Se quer ajudá-la, precisa estar bem, Kyara.

Soube que tinha atingido meu objetivo quando ela olhou para a criança, depois, foi em direção à bandeja.

— Sei que é uma pergunta imbecil — disse a ela — Mas como ela está?

Kyara buscou um copo de suco para ajudar a engolir a porção de ovos mexidos que havia colocado na boca para conseguir me responder.

— Seria natural que ficasse arredia com tudo o que aconteceu — disse

ela, a tristeza detectada em sua voz — Mas ela gruda na gente, desejando carinho. Isso é tão...

— Inaceitável — concluí por ela.

Procurei sua mão sobre a cama e a apertei levemente. Kyara sorriu para mim e voltou a se alimentar. Quando ela se deu por satisfeita, fui até o corredor, entreguei a bandeja a uma empregada que passava.

Voltei à cama e vi-a passar a mão pela testa da menina que, nesse momento, se encontrava agitada.

— O Dr. Kushin disse que a febre é emocional — disse ela, preocupada — Acha que devemos chamá-lo de novo?

Toquei o rosto da menina e percebi que estava realmente quente.

— Vou ligar para ele.

Enquanto eu ia para um canto do quarto fazer a ligação sem que interrompesse o sono já agitado da menina, Kyara ficou o tempo todo sentada ao lado dela, passando a mão em seus cabelos, sussurrando coisas doces e afirmando que tudo ficaria bem, que ela ficaria bem.

Que tipo de horrores além dos que sabemos essa criança tinha passado? Ouvia Dr. Kushin falar e continuava a encarar Kyara. A forma que me olhava, indicava que se perguntava as mesmas coisas que eu.

— Ele disse para dar alimentos leves — comecei a passar a ela as instruções que ele me deu.

— Demos uma sopa para ela — comentou Kyara.

— Precisa colocar o termômetro — disse ao me aproximar dela.

Seu rosto se iluminou e ela procurou o objeto na mesa.

— Aqui diz 38,6° — comunicou ela, após o tempo necessário para conferir o termômetro — Está febril, mas o médico disse que estará alta aos 39.

— Já foi medicada?

— Já.

— Então, nesse caso, só resta observar e esperar — afirmei a ela — O Dr. Kushin virá pela manhã.

Kyara retornou ao lugar onde a encontrei na cama e fui para a poltrona próximo à janela.

— Não precisa ficar aqui — sussurrou ela, alisando os cachinhos da menina, que voltou a dormir — Eu cuido dela.

— E eu cuido das duas — respondi, buscando uma posição mais confortável na poltrona minúscula.

Seus olhos brilharam e eu não sabia definir se era reflexo da lua infiltrando através das janelas ou se o que eu disse a tinha emocionado muito. Um vislumbre de um sorriso veio ao seu rosto delicado e, para mim, foi o suficiente para finalizar esse dia de merda.

Ficamos nos encarando em silêncio, até que os olhos dela começaram a fechar. Observei as duas garotas angelicais e indefesas na cama até que meus olhos também pesassem.



Acordei com o Dr. Kushin sacudindo meu braço de leve.

— Passou a noite nessa poltrona?

Minha resposta foi uma careta ao tentar esticar as pernas e movimentar os ombros e costas. Levei a mão à minha nuca fazendo uma pequena massagem. Olhei para a cama, onde Kyara e Kalina ainda dormiam.

— Minha intenção não era dormir — respondi a ele.

Mas como as duas pareceram ter tido uma noite tranquila de sono, permiti-me não me sentir tão culpado.

— Eu trouxe o pediatra e tudo o que preciso para fazer os exames — informou ele.

Assenti e me levantei para acordar Kyara. Nem precisava perguntar se queria estar presente durante os exames, pois, sabia que só a tirariam de lá à força. Perguntei ao Dr. Kushin se haveria problema se ela ficasse e ele afirmou que isso deixaria Kalina mais tranquila. Saí do quarto e fui em direção ao meu. Precisava de um banho para aliviar o meu corpo moído.

Desci para o café e, dessa vez, fiz uma alimentação reforçada. Vladic surgiu alguns minutos depois. Não falou muito, mas também comeu um pouco de tudo que havia na mesa. Cerca de meia hora depois nos encontramos com Nikolai no escritório.

— O que sabe sobre a família de Kalina? — fui logo ao assunto, pois, essa era a informação que mais me interessava.

— O pai é falecido, ele serviu a Ivan por um longo tempo — disse Nikolai — Uma perda lamentável.

— Foi em missão?

— Acidente de carro — disse ele e eu encarei Vladic.

Podia estar equivocado, mas achava esse acidente muito suspeito.

— Ela se tornou a Sra. Nekrasov, de quem tinha sido noiva antes de se casar com o *boyevik* — continuou Nikolai — Cinco meses após o acidente dele.

— A tia materna da menina é casada com o filho de um *Kapitan* de Segunda Elite — revelou ele — O Dembinsky.

— O mesmo que anda tendo negócios e amizade duvidosa com Boris — observou Vladic.

Isso não era nada bom.

— E do lado do pai?

— Apenas os avós. A mulher, professora aposentada e ele, motorista.

De um lado, eu tinha uma tia jovem e provavelmente mais apta para pegar a guarda da criança, mas que pertencia a uma família que a qualquer momento eu poderia vir a destruir. Do outro, um casal de idosos que eu não sabia se tinha condições e energia para acolher uma criança.

— Preciso de alguns dias para refletir — informei a Nikolai — Convoque a tia e avós da menina para falar comigo em dias diferentes. Enquanto isso, ela ficará aqui.

— Como quiser, Papa.

Após Nikolai sair, levantei e caminhei até a janela.

— O assassinato do *Pakhan*, os planos de Boris, a decisão sobre a criança — enumerou Vladic, ficando ao meu lado — Uma coisa é certa, nunca poderá dizer que sua vida é monótona, Dmi.

— É bom ver que seu humor está de volta, Vladic. Vou precisar dele.

Sorri e dei um soco de leve em seu braço. Não importava quanto poder, dinheiro ou fama uma pessoa tinha, a vida sabia ser uma cadela sacana com todo mundo. O que importava realmente eram as pessoas que estavam sempre ao nosso lado.



Decidi que trabalharia em casa essa semana. Então, as entradas e saídas de Nikolai, assim como Ivan, na casa, ficariam muito mais frequentes.

Estava analisando alguns relatórios quando uma batida soou na porta, logo depois Kyara surgiu ao lado do *boyevik* que ficava de guarda no lado de

fora. Eu tinha pedido a Vladic que a avisasse para vir ao meu escritório quando o Dr. Kushin terminasse com Kalina.

Como era possível sentir que o mundo ficava de uma maneira completamente diferente por apenas olhar para outra pessoa?

— Entre, *mílaya* — a chamei e indiquei a cadeira a ela — Pode se sentar.

Ela caminhou timidamente até o local que eu indiquei. Olhando cuidadosamente para ela, pude notar como parecia cansada.

— Soube do parecer do médico.

Ela balançou a cabeça antes de morder os lábios. De acordo com o relatório que o Dr. Kushin entregou a mim, não encontraram sêmen nos órgãos genitais da menina, comprovando que naquele dia ela não tinha sido abusada, mas havia outras provas que constavam, infelizmente, que a barbárie havia ocorrido.

Isso só me fazia acreditar e sentir que Nekrasov teve bem menos do que realmente merecia. Ele deveria ter sido torturado todos os dias por anos.

— Averiguei tudo o que precisava sobre a família da menina — informei a ela — Há uma tia, por parte da mãe, casada com o filho de um *kapitan* e avós paternos.

Vi seus lábios tremerem levemente, o que me fez desejar puxá-la para meu colo e confortá-la até que garantisse que estava bem. Era notável que estava se apegando à menina. Kyara tinha um coração bom. E só conheci alguém tão benevolente como ela, minha falecida mãe.

— Eu pensei que...

— Posso imaginar o que pensou — não queria soar duro, mas tinha que trabalhar com a realidade — Mas a menina precisa da família dela, ou o que restou da família dela. De um lar estruturado. Você teve um quando mais precisou.

— Acho que tem razão — seu olhar caiu triste para o chão — Não posso oferecer isso agora.

Eu me odiava por mesmo sem querer e desejar o melhor para Kalina, estivesse fazendo Kyara se sofrer.

— E com quem decidiu que ela deve ficar?

— Foi por isso que a chamei. Sei que criou uma conexão com ela — havia admiração em minha voz ao falar — Gostaria que estivesse nas entrevistas comigo e que me ajudasse a decidir.

Ela me encarou incrédula.

— Talvez eu esteja pedindo muito e se estiver...

— Não! — ela ficou em pé — Eu quero muito. Saber que vamos deixar Kalina com alguém que a ame e lhe dará um lar seguro é importante para mim. Eu fico feliz que...

Era suficiente para mim. Encurtei a distância entre nós dois e a tomei em meus braços. O beijo foi, dessa vez, diferente dos outros que trocamos. Não eram apenas nossos corpos desejosos e famintos, nossas almas alimentavam uma a outra. Havia suavidade, além de muito carinho.

Se isso abalou mais uma vez meus alicerces, ao olhar para o rosto assustado de Kyara, notei que com ela não foi muito diferente.

— Eu tenho que ir — desvencilhou-se de mim, começando a se afastar, andando de costas — Kalina e a babá devem estar se perguntando onde estou.

Antes que eu pudesse dizer algo, ela saiu correndo. Levei os dedos aos meus lábios ainda formigando. Kyara Smirnov faria com que eu perdesse a sanidade a qualquer momento. Apesar de constatar esse fato preocupante, sorri.

Capítulo 22

Kyara Smirnov

Quando meus sentimentos por Dmitri haviam mudado? E não me referia a atração física que parei de negar e resistir. Precisava saber quando brigar com ele e beijar apaixonadamente depois mudou para a necessidade de estar ao seu lado, apenas estar ao seu lado, sem nenhuma intenção. Não tinha uma resposta exata para essa pergunta, mas sabia quando tive a certeza que tudo estava diferente. Foi com o beijo que me fez sair correndo e em pânico de sua sala.

Aquele beijo causou um mim algo muito mais forte e poderoso do que todos os momentos quentes que tivemos juntos e jogou uma realidade assustadora em minha cara: eu estava me apaixonando por Dmitri Milanovic. O homem que me sequestrou e que mantinha refém não somente o meu corpo, ele agora mantinha cativo o meu coração.

Eu podia até tentar, embora nunca tivesse conseguido, lutar contra o desejo que ele me despertava, mas contra o coração? Sentia que essa já era uma guerra vencida.

— Senhorita? — a babá de Kalina me olhou com preocupação, após eu emitir um gemido angustiado — Está se sentindo bem?

Inclinei contra a cama até apoiar minha testa contra o colchão.

— Estou me sentindo péssima — confessei com a voz abafada.

Senti uma mão gentil contra as minhas costas.

— Quer que eu peça que alguém chame o doutor?

Não me considerava uma pessoa fraca, às vezes, como qualquer ser humano, tinha momentos de fraqueza. Por isso, decidi parar de bancar a miserável com pena de mim mesmo e me erguer.

— O que tenho, Anatolli, nenhum médico no mundo tem o remédio.

Ela me encarou com olhar triste e me dei conta que a fiz pensar o pior.

— Ah, não! — uni as mãos em um sinal de desculpas — Meu mal é do coração, estupidamente apaixonado.

Depois de me olhar por alguns segundos como se fosse doida, ela finalmente sorriu.

— É o Sr. *Pakhan*?

Senti minhas bochechas pegarem fogo. Se ela, que estava na casa há apenas um dia, tinha notado, então, provavelmente, eu era incapaz de manter esse sentimento escondido para alguém.

— É tão óbvio assim?

— Olha, essas últimas horas têm sido tensas — ela alisou o cabelo de Kalina que estava sentada com as pernas cruzadas em cima da minha cama, concentrada no desenho que coloria — Eu não teria chegado a essa conclusão sozinha, mas essa casa é grande, não é?

— Oh, minha nossa! — levei minha mão à boca — Todos os empregados...

— Todos, eu não sei — ela sorriu tentando me fazer relaxar — Mas Darya, bom, ela é romântica. Disse que o *Pakhan* jamais trouxe uma mulher aqui. E que ele anda bem diferente desde que você veio para cá.

Isso não dizia muita coisa, pelo menos em relação a Dmitri. Estou aqui porque fui obrigada, não como uma das mulheres na lista dele de possíveis esposas que ele pretendia cortejar.

— Eu não tive muita escolha para estar aqui. Como você disse, Darya é uma jovem muito romântica — disse a ela querendo dar o assunto por encerrado, o que sentia por Dmitri interessava apenas a mim — Esqueçam o assunto, está bem?

— Como quiser.

Voltamos a prestar atenção em Kalina, totalmente imersa em sua fantasia infantil.



O restante do dia foi eu, Anatolli e Darya meio que flutuando em volta de Kalina. Em nenhum momento a deixávamos sozinha ou permitíamos que qualquer sentimento de tristeza ficasse muito tempo com ela.

Teve a visita de uma psicóloga que ajudou a contar à menina que sua mãe e padrasto agora viviam em um lugar próximo ao céu, aprendendo a ser pessoas melhores e que, por enquanto, esse seria o lar dela. A psicóloga disse que era melhor amenizar a morte dos dois, pois, ela já havia sofrido traumas demais.

Eu consegui evitar Dmitri à noite, mas algumas horas antes do jantar, Darya veio ao meu quarto comunicar que ele contava com minha companhia. Desejava e tinha receio em vê-lo, contudo, a saudade e a necessidade de estar

com ele foram mais forte.

— Está muito bonita, senhorita — elogiou Anatolli quando saí do banheiro, eu usava em vestido amarelo todo rendado — Parece uma princesa.

Printsesa. Dmitri já tinha me chamado assim para me provocar. Ia agradecer a Anatolli pelo elogio quando senti um par de mãozinhas puxar meu vestido.

— Tolli pode fazer uma trança bonita no seu cabelo — disse Kalina, e a sua voz lembrava muito a ruídos de um ratinho assustado — Que nem eu.

A babá tinha feito uma trança nos cabelos dela durante essa tarde.

— E você ajudaria Tolli a fazer uma linda trança em mim?

Kalina levou os dedos à boca, depois, olhou indecisa para a babá. A única figura segura de antigo mundo sombrio que ajudávamos a reconstruir.

— Tá bom.

Sentei na cama para que as duas iniciassem o meu penteado. No final, fui levada até o espelho para que pudesse admirar o trabalho delas. A trança tinha ficado linda e delicada.

— Obrigada, garotas — sorri animada para as duas — Vejo as duas logo mais.

Eu pretendia jantar e correr de volta para o quarto antes que a menina pegasse no sono. Kalina ainda dormia comigo, pois, achava a casa estranha; Anatolli foi acomodada em um quarto de hóspedes ao lado do meu.

Um *boyevik* e Darya subiam um carrinho com o jantar de Kalina e a babá, quando cheguei à escada. Saudei os dois rapidamente e fui em direção à sala de jantar. Eu me sentia nervosa como se estivesse saindo para um encontro romântico. O que era bem estúpido pensar assim.

Respirei fundo algumas vezes antes de tomar a coragem necessária para entrar na sala de jantar. Assim que me viram, Dmitri e Vladic ficaram de pé. O primeiro, extremamente lindo e que me fazia perder o fôlego só de olhar, e o segundo, terrivelmente *sexy* à sua maneira.

Dmitri me analisou, seu olhar quente percorrendo cada centímetro do meu corpo, antes de vir até mim e me conduzir até a mesa.

— Obrigada — murmurei quando ele puxou a cadeira.

Já Vladic aguardou até que eu sentasse, para, assim como Dmitri, voltar a ocupar seu lugar. Quem nos visse, tão educados à mesa, não imaginaria que até alguns dias atrás tive muitos momentos em que quis estapear Milanovic e

avançar sobre Guriev.

— Vinho? — Vladic perguntou e ao encará-lo, pude notar o sorriso divertido que ele sustentava.

Ele estava me recordando do vexame na estufa. Depois de momentos tão tristes e pesados, aquele episódio realmente precisava ser lembrado com humor. Estendi minha taça vazia a ele e pisquei o olho.

— Só vá com calma, *mílaya* — desviei o olhar rapidamente para Dmitri.

Apesar da advertência, ele estava sorrindo.

— Claro — murmurei ao levar a taça aos meus lábios para um pequeno gole — Afinal, não é a água do chuveiro, certo?

Sim, eu me recordava disso, falei com o olhar.

Vladic deu uma risada sonora e Dmitri fez um sinal para que o jantar começasse a ser servido. Embora inicialmente tinha havido um clima descontraído, o restante do jantar não seguiu com muita conversa, é que ainda estávamos presos ao clima de morte, muita revolta e tristeza.

Às vezes Vladic me fazia uma ou outra pergunta trivial. Seu amigo apenas me dirigia olhares que me faziam agradecer ter uma cadeira sustentando minhas pernas.

— Vou acompanhá-la até o quarto — disse Dmitri assim que expressei minha vontade em me retirar.

— Nós não queremos que Kyara se perca no longo trajeto daqui até o quarto, não é mesmo? — provocou Vladic, fazendo Dmitri olhar furioso para ele.

— Não tem nada para fazer, Guriev? — indagou ele ao encaixar o meu braço no dele.

— Já estou indo — Vladic respondeu, indo em direção à saída contrária à nossa — Faz tempo que não dou uma olhada no cassino.

Vladic era impagável, constatei quando o vi partir. Também me dei conta de que além de ter me apaixonado por Dmitri, tinha aprendido a gostar de seu amigo e *Avtorieyt*. Isso me deixava em uma situação duplamente mais difícil. E pensar sobre isso quando tinha o homem que fazia meu coração disparar enlouquecidamente, mantendo-me tão próxima a ele, não tinha sido algo muito inteligente.

— No que está pensando? — indagou quando chegamos ao corredor que levava aos quartos.

— Você sempre quer saber o que estou pensando — respondi com humor.

Quem diria que chegaríamos a isso, fazermos piadas um com o outro.

— Por que você sempre é capaz de me surpreender — ele retrucou.

— A mente de uma mulher é um mistério, *Pakhan* — parei em frente à minha porta e apoiei minhas costas contra ela — Nunca lhe avisaram?

Ele colocou a mão esquerda sobre a porta, ao lado de minha cabeça, se aproximou um pouco mais e colocou a direita do outro lado.

— Já a minha é um livro aberto para você — aproximando o rosto do meu, sua barba macia e que ele havia aparado em algum momento do dia, acariciou de leve o meu rosto — Quer saber o que estou pensando neste exato momento, *mílaya*?

Era preciso muito pouco para Dmitri me desestabilizar.

— O que está pensando? — consegui dizer.

Seus olhos estudaram meu rosto como se estivesse o acariciando.

— Acho bem mais produtivo eu mostrar.

E após isso, suas mãos foram ao meu pescoço. Ele se curvou para cobrir minha boca, me beijou com a mesma ternura que tinha feito no escritório. O que era muito injusto, pois fazia com que meus sentimentos por ele aflorassem ainda mais. Como um botão de uma rosa preciosa, se abrindo em pleno inverno.

— Dmitri — seu nome escapou dos meus lábios quando ele se afastou, apoiando a testa na minha.

Os dedos acariciaram meu pescoço, causando uma nova onda de tremedeiras em mim. Voltamos a nos encarar. Parecia que dizíamos tantas coisas um ao outro, apenas com o olhar.

— Eu não suporto mais isso — grunhiu ele e entendi completamente ao que ele se referia.

Eu desejava Dmitri tanto quanto ou mais do que ele a mim. Queria que me tornasse dele em todos os sentidos. O pedido estava preso em minha garganta enquanto meu corpo gritava para que eu dissesse isso.

Ele passou o polegar em meu lábio inferior, fazendo-o dobrar, depois, tornou a me beijar com paixão. Fechei os olhos e alguns gemidos escaparam de minha garganta quando ele agarrou minha cintura, puxando-me para ele, curvando meu corpo para trás enquanto aprofundava ainda mais o beijo.

Mas quando ouvi o barulho da maçaneta atrás de mim, abri os olhos

novamente em pânico e buscando toda força, o afastei, não muito, mas o suficiente para impedir que abrisse a porta.

— Kalina está lá dentro — disse com desespero.

A última coisa que a garota precisava agora era presenciar um momento íntimo entre nós. Dmitri se afastou até bater as costas contra a parede atrás dele, passou a mão nos cabelos, bagunçando-os um pouco e dirigiu um olhar atormentado a mim.

— *Gavno* — protestou ele — O que ela faz aí? E a babá?

— O meu quarto foi o primeiro lugar que a fez se sentir segura na casa — expliquei a ele — Estamos tentando tirá-la do quarto aos poucos, mostrando cada canto, fazendo-a entender que não vai aparecer nenhum monstro escondido atrás dos móveis. É difícil para ela, Dmitri.

— Eu compreendo — ele esfregou os olhos, depois, ficou olhando a parede perdido em seus pensamentos — Acho que sei o que fazer.

Tolamente achei que ele iria me convidar para o seu quarto, mas Dmitri apenas se aproximou de mim e deu um beijo demorado, mas suave, em minha boca.

— Nos vemos amanhã.

Fiquei ali, parada no corredor, observando-o se afastar com uma tremenda cara de idiota.



Observei Kalina tomar o seu café da manhã na cama e quando achei que estava entretida o suficiente com isso, chamei Anatolli até o banheiro.

— Eu acho que devemos tentar tirá-la um pouco desse quarto — sussurrei a ela — Kalina gosta de piscina?

— Acho que deve ter gostado algum dia — seu rosto mudou para um ar triste — Mas a mãe não percebeu que caiu uma vez, machucando o rosto, agora tem medo.

Minha expressão dizia tudo sobre o que eu pensava daquela mulher, mas não quis contaminar o meu dia sentindo ódio dela. Então, pensei em uma coisa, mas para isso precisava da autorização do *Pakhan*.

— Tolli! — ouvimos o grito vindo dentro do quarto, seguido do choro desesperado — Tolli.

Voltamos correndo. Kalina estava de joelhos na cama, os cachos caindo

bagunçados pelos ombros e o rosto banhado de lágrimas.

— Estou aqui meu, amorzinho — ela abraçou a menina de um lado.

— Nós estamos — a abracei, do outro.

— Você foi embora de novo — soluçou para a babá — O homem feio vem.

Ouvir isso partiu meu coração em milhões de pedaços. Ficamos as três chorando por motivos diferentes, mas compartilhando a mesma dor. Quando Kalina ficou mais calma, sugeri que Anatolli desse um banho dela, enquanto isso me vesti e fui para o escritório de Dmitri. Como era de se esperar, um dos *boyevik* na porta impediu que eu entrasse, mas entrou e logo depois Vladic surgiu.

— O que deseja, *daragáya*?

Ele estava vestido diferente do habitual. Em vez do terno e sapato social, usava uma regata escura, mostrando boa parte de suas tatuagens espalhadas pelo corpo, calça de moletom e tênis.

— Queria tirar a Kalina um pouco do quarto — avisei tentando encontrar alguma brecha em seu corpo gigante para dar uma olhada em Dmitri — Queria saber se podemos ir na estufa. É tão lindo lá.

— Um momento — Vladic fechou a porta e levou menos de um minuto para voltar.

— *Da* — respondeu ao abrir a porta — Podem ir.

— Obrigada, Vladic — fiquei nas pontas dos pés e fiz algo que o pegou de surpresa, beijei o seu rosto.

Saí correndo antes que meu constrangimento me fizesse passar ainda mais vergonha. Quando cheguei ao quarto, Anatolli penteava os cachos úmidos de Kalina, contei às duas a novidade e assim que a menina ficou pronta, saímos para uma exploração divertida pela casa.

Kalina ficou maravilhada em conhecer a estufa, que eu tinha que admitir, à luz do dia parecia um caminho de fadas. Mas o que ela mais gostou mesmo foi poder brincar e correr pelo jardim.

Ela acompanhava o voo de lá para cá de um passarinho, enquanto eu e Anatolli a observávamos de um banco.

— Ela se casou com o *boyevik* porque acabou ficando grávida de Kalina — disse a babá em resposta a uma de minhas perguntas.

Queria saber mais sobre os pais e padrasto da criança para entender

melhor tudo o que a garotinha passou.

— Fui contratada antes mesmo da menina nascer porque Igor não confiava muito na esposa — ela seguiu com as explicações — Ela não ficava muito com a filha, alegando depressão pós-parto, mas não tinha problema algum em sair para as festas. Em uma delas, reencontrou o *Kapitan* Nekrasov, de quem esteve noiva e deveria ter se casado.

Antes que Anatolli terminasse de falar, eu conseguia imaginar como tudo terminaria.

— Eles se tornaram amantes. A senhora mudou, andava mais sorridente e feliz, mas não ligava nada para a filha e o marido — disse ela, secando as lágrimas caindo de seus olhos — Um dia, Nahum descobriu, bateu muito no *Kapitan*, mas não conseguiu fazer o mesmo com a mãe da filha dele. Dois dias depois, teve o acidente de carro.

Respirei fundo para conseguir digerir a história. E quando estudei Anatolli tentando desesperadamente segurar o choro, entendi muita coisa.

— Você o amava — disse baixinho — O Nahum, o pai de Kalina.

— Desesperadamente. Ele iria se separar da esposa para ficarmos juntos. Eu queria ter protegido melhor a Kalina, mas se fizesse uma acusação ao Nekrasov sem provas, iriam me tirar de perto dela — confessou ela, as lágrimas correndo mais fortes pelo seu rosto — Além disso, eu tinha medo. Sempre que eu questionava as queixas da menina, ele me ameaça. Mas não pude suportar mais até aquele dia.

Abracei-a sussurrando em seu ouvido que nada disso era culpa dela, e que ela tinha feito o melhor possível. Cada informação nova que eu tinha sobre a antiga vida de Kalina me deixava mais compadecida e revoltada.

— Onde está a Kalina? — questionou Anatolli quando a liberei do meu abraço.

Olhei para o local onde tínhamos visto-a observar o pássaro e corremos para lá. Contornamos a casa quando a vimos parada próximo a um arbusto, olhando para o pátio. Seguimos até ela e conferimos o que a menina tanto observava.

Vladic e Dmitri estavam no pátio. O primeiro, conservando a mesma roupa que o vi mais cedo, e o segundo, usando uma calça de moletom parecida, mas seu peito musculoso e suado estava nu.

Eles praticavam algum tipo de luta marcial, girando um em torno do outro e pareciam discutir. Não era uma briga, pois, cada um respondia com um

belo sorriso à provocação que recebia. Em um certo momento, Vladic chamou Dmitri com os dedos, que foi como um rinoceronte para cima dele. Um movimento rápido de Vladic fez Dmitri cair no chão e os dois passaram a se socar feito duas crianças idiotas.

Nesse momento, consegui me livrar do transe em que me encontrava observando os dois para olhar preocupada para Kalina. Mas para o meu espanto, ela soltou uma risada divertida quando Dmitri conseguiu mudar a posição de ataque e deu tapinhas brincalhões no rosto de Vladic.

Nossa presença chamou atenção dos dois. Vladic sentou no chão sorrindo e Dmitri encolheu o sorriso dele. Quantas facetas novas desse homem eu iria continuar a descobrir?

Ficamos nos encarando por um tempo. Ele, com seu olhar intenso, lançando chamuscas sobre mim e eu, como uma tola encantada. Então, o encanto foi quebrado quando um *boyevik* se aproximou entregando um telefone a Dmitri.

— Vamos — disse a Anatolli e pegando a mão de Kalina — Está na hora do almoço dela.

Conforme andávamos, Kalina e a babá em uma conversa animada, eu olhava para trás por cima do ombro, tendo um vislumbre de Dmitri ao telefone. Na última vez que olhei, ele já havia saído.

O grande progresso do dia foi termos almoçado à mesa em vez de no quarto. Depois, nós conseguimos levar Kalina até a biblioteca. Fizemos desenhos com ela e encontramos alguns livros infantis. Anatolli e eu nos revezamos para contar histórias para ela. Eu não vi ou esbarrei em Dmitri por todo o restante do dia, mas vi uma grande circulação de pessoas entrando e saindo da casa, carregando caixas.

Quando cheguei à mesa de jantar, tive uma grande decepção, a mesa estava posta para uma pessoa.

— Dmitri não está? — perguntei a Darya, que estava escalada para me servir.

— Saiu com o Sr. Guriev.

Assenti e comecei a me servir sem prestar atenção no que estava colocando no prato. Eu mais remexi a comida do que me alimentei. Darya às vezes falava alguma coisa sobre Kalina, acho que mais para tirar o clima pesado e solitário que me coloquei.

— Já terminei, Darya — avisei me levantado — Obrigada pela companhia.

— Boa noite, Srt^a Kyara.

Eu já tinha desistido de fazê-la tirar o “senhorita” antes do meu nome, então, apenas sorri e desejei boa noite.



Estranhei o silêncio ao começar a despertar e abri os olhos ligeiramente. Nem Kalina e Anatolli estavam no quarto. Saltei da cama e peguei o robe pendurado no suporte. Saí do quarto ao mesmo tempo que o colocava. O quarto da babá estava vazio, isso fez meu coração se comprimir.

Será que Dmitri tinha se aborrecido pela menina ter passado as noites comigo e a tinha entregado para a família antes de iniciar as entrevistas? Sem que eu me despedisse dela?

Não. O Dmitri que passei a conhecer e me apaixonado não seria capaz de algo tão egoísta e cruel. Ele não era como o Boris.

Saí do quarto de Anatolli, pensando em seguir até o de Dmitri quando uma empregada saiu do quarto ao lado, carregando uma bandeja vazia. Ela não me viu ao sair apressadamente, então, o jeito foi eu seguir até a porta que ela deixou entreaberta.

Ouvi a voz baixinha de Kalina tentando sobressair aos adultos no quarto. Olhei curiosa para dentro do quarto através do vão, e levei a mão ao peito abismada com o que via. O quarto de hóspede havia se transformado em um lindo quarto infantil, todo em amarelo e branco. Muitas bonecas, ursinhos de pelúcia e outros brinquedos estavam espalhados por ele, contribuindo com a decoração lúdica.

No chão, ao redor da menina, que exibia um sorriso encantado, estava Dmitri e Anatolli, mas eu só conseguia prestar mesmo atenção no homem musculoso atraindo a atenção da criança, enquanto manipulava um fantoche.

Eu só me dei conta que havia entrado no quarto quando Dmitri ergueu a cabeça e seus olhos caíram em mim. A babá tratou de manter Kalina distraída e eu fiz um sinal para que ele me acompanhasse para fora.

— Você fez tudo isso? — indaguei emocionada.

— Não foi exatamente eu — disse ele querendo desvalorizar o ato generoso que teve com a menina — Ordenei que fizessem.

— Mas por quê? — indaguei confusa — Em breve Kalina irá embora.

— Só que por enquanto ela ainda está aqui. E enquanto estiver, desejo

que se sinta segura e feliz — ele sacodiu o ombro — Qual o problema? São só coisas.

Toquei o seu rosto como ele muitas vezes fez comigo.

— Não são só coisas — murmurei ao abraçá-lo — É carinho e cuidado que a farão ter muitas lembranças felizes.

Com toda a certeza, estava criando as minhas. Funguei contra seu peito ao sentir meus olhos marejarem. A vida era cheia de surpresas inesperadas, algumas boas, outras ruins. Eu havia chegado aqui em um dos piores momentos da minha vida. Agora, não havia qualquer lugar no mundo que eu desejasse ir. Nós encontramos amor onde não é esperado.

— Por que está chorando, *mílaya*? — ele segurou meu rosto e secou uma lágrima com o polegar.

— Porque você é gentil.

— Sou tudo, menos gentil — disse com um toque divertido.

— Você é sim — recusava a permitir que Dmitri contestasse esse fato — O que você acha não importa.

Ele sorriu e não pude fazer outra coisa além de retribuir.

— Quem sou eu para tentar contrariá-la.

— Isso mostra que é mais inteligente do que eu pensava.

— Hoje é dia dos elogios e eu não estava sabendo? — disse ele dando uma rápida olhada em meu robe — E essa é a vestimenta oficial para isso?

Sua provocação me trouxe uma ideia que eu tinha esperança que ele fosse embarcar.

— Não, mas é o dia de relaxar — murmurei tentando afrouxar o nó de sua gravata — Diversão será a única obrigação permitida hoje.

Talvez eu estivesse sendo ousada demais, pensei receosa ao fazer a gravata deslizar pelo seu pescoço, ou me dando mais importância do que realmente tinha, mas ao encará-lo mais uma vez, vi que meu comportamento o divertia.

— Está me dando uma ordem, Srt^a Smirnov?

Coloquei minhas duas mãos no peito dele.

— Eu estou, Sr. Milanovic — eu não deveria me apaixonar ainda mais por Dmitri, mas estava acontecendo — O que irá fazer a respeito?

Ele buscou minha mão em seu peito e levou aos lábios, beijando-a.

— Nesse caso — passou a língua delicadamente pelos nós em meus dedos —, só me resta humildemente obedecer.

Sorrindo e estupidamente feliz, busquei a mão dele e o conduzi novamente para dentro do quarto de Kalina, onde eu esperava que tivéssemos um dia divertido com a menina.

Capítulo 23

Dmitri Milanovic

Foi um dia divertido para nós quatro, com brincadeiras e porcarias que crianças gostavam durante todo o dia. Criando memórias incríveis não só para Kalina, mas para todos nós.

E me fez lembrar da minha infância com meus pais. Da casa nas montanhas na Suíça. Passamos férias incríveis ali. Meus pais fingindo ser pessoas comuns longe de tudo e dos incontáveis seguranças. Eu e Vladic correndo e explorando por toda a parte. Fui um garoto feliz, tinha que admitir.

Mas, apesar do dia incrível, a minha vida não era só festas.

— Dmitri! — Vladic me fez olhar em sua direção, trazendo minha mente divagante para o presente — Ivan disse que está tudo pronto, se você der a ordem, irão executar.

Cocei a minha barba. Era uma grande merda mexer com os Tambovskaya agora. Poderia dar início a uma guerra desnecessária.

— Dei minha palavra a Irina e Voronov — respondi a ele — Diga a Ivan para seguir com o plano.

Ser *Pakhan* exigia tomar decisões, fazer escolhas que mexiam com a vida de muitas pessoas e com toda a Bratva.

Passamos as horas seguintes trocando e recebendo informações de Trotsky. Não vimos o tempo passar e só quando recebemos a última mensagem dizendo que a operação tinha sido um sucesso, que percebi que tínhamos perdido o jantar.

— Vou avisar a Irina — disse Vladic pegando o paletó que ele havia tirado.

— Você poderia apenas ligar — disse a ele.

— Eu acho que ela gostaria de receber a notícia pessoalmente — disse ele abrindo um sorriso debochado.

— Procurando motivos para procurá-la, Vladic?

Minha pergunta fez seu sorriso murchar. Tudo era tão claro para mim e só me perguntava quando Vladic iria tirar o véu cobrindo os seus olhos.

— Com todo respeito, Papa — seu maxilar estava rígido ao dizer — Você não tem mais nada o que fazer?

— Na realidade, eu tenho — disse me encaminhando para a porta — Diga a Irina que mandei lembranças.

Segui para o andar superior e, após o banho, vesti a calça do pijama que às vezes usava para dormir. Já estava tarde para que a menina estivesse acordada com Kyara e a babá, mas em todo caso, coloquei a parte de cima do pijama e saí do quarto.

Kyara não estava no quarto dela, o que não era uma surpresa para mim, então, segui para o que havia mandado redecorar para a menina. Parei na porta para me deleitar com o que via.

A menina estava deitada de lado, as mãos unidas como se orasse, presas entre o rosto dela e o travesseiro. Em frente a ela, Kyara quase que na mesma postura. Sorri encantado para as duas. Mas a imagem terna que se formou em minha mente fez com que ficasse petrificado no lugar. Uma visão de Kyara, caminhando até mim, exibindo orgulhosa um ventre avantajado, presenteando-me com um lindo sorriso feliz.

— *Gavno!* — esfreguei o rosto rapidamente para afastar o devaneio absurdo.

Tudo isso era culpa do tesão reprimido como Vladic gostava de me provocar. A última vez que estive fodendo uma mulher tinha sido Tereza. Estava confundindo tesão com pensamentos melosamente românticos.

Voltei a observar Kyara deitada. A posição que se encontrava não parecia nem um pouco confortável. A cama não era suficiente para ocupar as duas de forma confortável, então caminhei até elas, ajustei a coberta sobre Kalina e deslizei Kyara suavemente pela cama, aconchegando-a em meus braços.

Senti o perfume adocicado de seus cabelos quando seu rosto tombou contra meu peito, isso fez cada parte entorpecida em mim despertar. Usando o pouco de cavalheirismo que existia em mim, caminhei rapidamente com ela até o seu quarto. Afastei os lençóis e a coloquei na cama. Afaguei seus cabelos e acariciei seu lábio inferior antes de começar a me afastar.

— Dmitri? — sua mão agarrou a minha quando eu estava de costas — Fica.

A penumbra no quarto me impedia de olhar em seus olhos, mas pela respiração pesada, podia deduzir que olhava intensamente para mim.

— Tem certeza, *mílaya*? — perguntei em um sussurro — Se eu ficar, não

haverá volta.

Ela sentou na cama e estendeu as duas mãos em minha direção.

— Eu quero que fique — disse em uma voz mansa — Quero ficar com você. Eu quero ser sua, Dmitri.

Ye-bat!

Foi como se eu estivesse esperado por esse convite a minha vida inteira.

Capítulo 24

Kyara Smirnov

Eu queria muito me entregar a ele, mais do que qualquer coisa que já quis em minha vida. Por isso, quando Dmitri indagou se eu tinha certeza, não titubeei. Sempre sonhei que a minha primeira vez seria com alguém especial e eu estava desesperadamente apaixonada por ele.

— Kyara — ele ocupou parte da cama ao meu lado e tomou meu rosto com as duas mãos — Meu *kheruvim*.

Sua boca cobriu a minha e deu pequenos beijos até que eu estivesse aberta para ele. Sua língua invadiu minha boca, buscando a minha e quando elas se conectaram, deu início ao beijo apaixonado. Entre uma busca de ar e outra, ele puxava e mordida levemente os meus lábios.

Suas mãos tocaram meus seios sob a camisa de seda que eu usava. Ele beliscou os mamilos e pressionou meus seios em suas mãos, arrancando um gemido que vibrou na boca dele. Eu precisava tocá-lo, então, corri minha mão pelo seu peito e a introduzi por dentro da camisa do pijama.

— *Kiska!* — ele gemeu quando meus dedos correram por seu abdômen sarado e subiram ao peito forte.

Perceber que seu coração batia tão forte e acelerado quanto o meu, fazia com que eu me sentisse ainda mais ligada a ele.

Dmitri tirou minha camisa e ao ver que estava sem sutiã, outro gemido angustiado escapou de sua garganta. Ele se inclinou até pegar um dos mamilos intumescidos com a boca, levando-me a tombar a cabeça para trás. Acariciava os dele com meus dedos, enquanto vibrava com sua língua em mim. Senti como se estivesse febril, na verdade, estava queimando realmente, Dmitri tinha o poder de me fazer incendiar.

Ele abandonou os meus seios fazendo um caminho de beijos pelo meu colo até o pescoço. A ponta do nariz o acariciando e quando mordeu e lambeu um ponto sensível em minha orelha, estremeci.

Então, suas mãos voltaram à minha face e ele me beijou como se estivesse faminto. Era difícil acompanhar quando ele me fazia sentir desintegrar nos braços dele.

Fui sendo curvada levemente para trás até que senti minhas costas bater

contra a cama. O olhar inebriado de Dmitri percorreu meu corpo. A luz que vinha de fora deixava-me ver o suficiente de como ele estava inebriado pelo que via. Seus dedos percorreram lentamente o vale entre meus seios, o ventre que se comprimiu ao seu toque, até chegar à minha calça. Com os dedos em garras, começou a deslizar o tecido pelo meu quadril, coxas e pernas, finalmente liberando-o pelos meus pés.

Estava apenas de calcinha diante dele, mas não me senti intimidada. Gostava da forma que Dmitri olhava para mim, como se nunca tivesse visto nada mais perfeito no mundo.

Ele acariciou meus joelhos e os afastou, colocando-se entre eles. Em seguida, segurou a lateral de minha calcinha e com um pouco mais de pressa do que fizera com a calça, desceu até meus tornozelos. Levantou um dos meus pés escorregando a peça por ele, depois, fez o mesmo com o outro e a *lingerie* foi parar no mesmo lugar no chão que o restante de minhas roupas.

Um sorriso pecaminoso surgiu em sua face quando ele começou a curvar sobre mim. Abraçou uma das minhas coxas, arranhou com os dentes e lambeu a pele até chegar à virilha. Abri e fechei os dedos contra o lençol, agarrando-o.

Com a ponta da língua, Dmitri bateu em meu clitóris, a sensação que provocou em mim fez as minhas costas se curvarem. Ele começou a chupar, fazendo pequenas ondas de prazer reverberar pelo meu corpo.

Um dedo escorregou para dentro de mim enquanto Dmitri me chupava forte. Eu me desmanchava mais e mais com suas carícias em mim.

— Dmitri! — meu gemido desesperado ecoou pelo quarto — Ahhh...

— Goza na minha boca, *kiska* — suas palavras foram como uma nova carícia em mim.

Sua língua e dedo voltaram a agir fazendo com que meu prazer continuasse a crescer até que minha visão ficou turva e todo meu corpo começasse a convulsionar, entregando meu prazer a ele.

Estava tão lânguida e aérea do mundo que só percebi que Dmitri me pegou quando depositou um beijo carinhoso em minha testa.

— O que... — comecei a questionar.

— Aqui não tem camisinha — disse ele, fazendo meu rosto corar.

O homem tinha acabado de me fazer gozar em sua boca e eu ficava envergonhada por ele citar o preservativo? Mas minha timidez não durou muito, logo Dmitri tornou a me beijar e fomos assim do meu quarto até o dele. A luz foi acessa e quando fui colocada na cama onde fiquei de joelhos, pude observar todo

o seu corpo magnífico.

Estiquei minha mão para ele e agarrei a barra de sua camisa, passando por sua cabeça. Salivei, lambendo os lábios quando me vi diante do peito musculoso. Passei minhas mãos sobre ele, meu toque fez seu abdômen enrijecer e o volume em sua calça pareceu aumentar.

Dmitri me fascinava.

Fui para sua calça e quando comecei a tirá-la, vi que não tinha nada além dela e seu pau pulou glorioso para fora, assim que o libertei. Dmitri terminou de tirar a calça, depois, se colocou diante de mim, agarrou minha mão e cobriu seu membro com ela. Comecei a acariciar timidamente, guiando-me pelos gemidos que ele emitia e as rugas de prazer que surgiam em seu rosto. Tentei uma coisa ousada, pelo menos para mim, já que nunca havia feito isso. Inclinei meu corpo até meus lábios tocarem seu pau.

Beijei a cabeça úmida e passei a língua provando a gotícula que havia ali. O gosto não era ruim, então, abri mais a minha boca colocando toda a cabeça larga e redonda dentro dela.

— Ahhh, porra! — ele grunhiu e suas mãos vieram parar em meus cabelos — Coloca tudo na boca.

Olhei-o assustada, Dmitri era tão másculo que eu tinha dúvidas que aquilo tudo caberia, tanto em minha boca como dentro de mim, mas eu queria tentar. Desejava tanto dar o prazer que ele havia me dado em meu quarto que tentaria qualquer coisa que ele pedisse.

Fui lentamente deslizando seu pau para dentro de minha boca. A espessura me fazia salivar e quando engolia, seu quadril vinha mais em direção ao meu rosto, obrigando-me a tomá-lo um pouco mais. Tomei tudo o que era capaz e, ainda assim, ficaram muitos centímetros para fora.

Dmitri afagou minha bochecha afastando os cabelos que caíam em meu rosto e começou a se movimentar. Eu cravei minhas mãos nas coxas dele para ajudar a me equilibrar e dei tudo de mim para que ele sentisse prazer com seu pau em minha boca.

— Kyara! — ele rugiu, levando o quadril ainda mais para frente e eu senti a cabeça de seu pau atingir minha garganta — Caralho!

Achei que estava no caminho certo até que ele me afastou, jogando-me contra a cama. Um beijo furioso se iniciou. Tocou meu clitóris sensível com os dedos me levando a gritar. Senti que ficava ainda mais molhada ao seu toque. Então, ele se afastou, procurou algo dentro da gaveta na mesinha de cabeceira e

rasgou o envelope com a camisinha. Enquanto o via se proteger, tornei a me perguntar se conseguiria levá-lo até o fim.

Mas as minhas dúvidas foram novamente esquecidas quando Dmitri voltou a me beijar. Dessa vez, com mais calma e suavidade. As suas mãos me tocando e estimulando com a mesma delicadeza, fazendo meu corpo relaxar e estar ciente apenas das sensações deliciosas que ele causava em mim.

Ele acariciou minha coxa, subindo e descendo a mão, então, afastou um pouco mais minhas pernas e se encaixou entre elas. Senti seu pau deslizar em mim e mexi o quadril para ele ansiosa. Contudo, ele continuou a se esfregar contra mim, seus beijos colhendo meus gemidos aflitos e a mão acariciando um dos meus seios. Ele ainda não tinha me tornado dele, mas eu sentia-o em todas as partes, fazendo-me esquecer de todos os medos e receios que pudessem surgir.

— Olha para mim, *mílaya* — disse ele em um tom rouco, absurdamente sexy — Não tire os olhos de mim, entendeu?

Era o momento. Assenti concentrando meu olhar nele, vendo todo o carinho que seus olhos me transmitiam. Ele começou a deslizar para dentro. Senti a pontada de dor que me fez morder os lábios e segurei seus braços com mais força.

— Vai passar — ele sussurrou cobrindo minha boca com a sua.

A ardência e desconforto continuaram até que ele entrasse completamente, mas seus beijos faziam tudo ficar mais suportável e chegou um ponto que apenas o sentia me preenchendo toda.

Ele começou a deslizar para fora, mas não saiu de mim completamente. Iniciou o movimento entrando e saindo de mim até que tudo o que comecei a sentir foi prazer. Um prazer tão forte que parecia crescer mais e mais.

Desnorteada, cruzei minhas pernas em sua cintura, empurrando meu quadril para ele. Buscava por algo que não entendia, mas sabia que somente Dmitri poderia me dar.

— Puta que pariu! — ele rosnou quando fui em direção ao seu quadril mais uma vez — Boceta gostosa.

— Dmitri! — murmurava febril o seu nome — Ahh!

Suas estocadas ganharam um pouco mais de velocidade e ele empurrava o quadril mais forte contra o meu, minhas costas deslizavam sobre a cama e meus seios saltavam a cada tranco dele.

O prazer foi se construindo em meu corpo. A cada arremetida dele ia ficando mais forte. Um orgasmo intenso e tão poderoso, que fazia todos os

outros que ele havia me dado parecerem uma lembrança pálida, explodiu em minha cabeça.

Abri a boca para confessar que o amava quando sua boca cobriu a minha e senti seu corpo tremer sobre o meu; Dmitri deixando seu próprio prazer ser liberado enquanto me beijava profundamente.

Seu corpo caiu sobre mim, mas teve cuidado para que seu peso não me esmagasse. Quando nossas respirações começaram a desacelerar, Dmitri rolou sobre a cama me levando com ele.

— Você está bem?

Refleti alguns segundos sobre a pergunta dele e sorri, colocando a mão em seu peito.

— Nunca estive melhor.

Um brilho selvagem passou por seus olhos e ele passou o dorso da mão em meu rosto.

— A próxima vez será melhor — garantiu antes de beijar os meus lábios com suavidade.

— Pode ser melhor do que isso? — indaguei incrédula.

Ele riu, puxando-me mais para dentro de seus braços.

— Querida, será mil vezes melhor — a outra mão afagou minhas costas nuas — Caso não tenha notado, eu me contive bastante.

Céus! Será que eu conseguiria suportar um prazer mais intenso do que Dmitri havia me dado ao me fazer dele?

Dele?

Uma palavra tão possessiva, mas eu não conseguia ver de outra forma. Dmitri tinha me tornado dele em todos os sentidos.

— Descanse, *mílaya* — disse ele, aconchegando meu rosto em seu peito — Você vai precisar.

A promessa implícita em suas palavras fez meu corpo reagir, mas eu estava tão cansada, e o toque de sua mão em meu cabelo era tão gostoso, que fechei meus olhos.

Só por um minuto, disse a mim mesmo.

Capítulo 25

Dmitri Milanovic

Não havia sido suficiente e provar Kyara só me fez desejá-la mais e mais. E eu só não a procurei durante a noite porque percebi como ela estava exausta. Por todas as coisas que aconteceram nos últimos dias, e por aquela ter sido a sua primeira vez. Eu fui o homem que a guiou pelo caminho do sexo e, *porra!*, estava me sentindo bem *pra cacete*.

Ser o primeiro homem de uma mulher nunca me importou. Meu pai dizia que ser o último homem de uma mulher, isso sim era importante, mas eu não conseguia deixar de me sentir como um homem das cavernas, marcando território. Porque sim, Kyara era minha agora.

Minha mão ainda estava em seu seio enquanto a abraçava e quando começou a se mover, os lábios curvaram um pouco para o lado, e os cílios vibraram antes de ela abrir os olhos para mim.

— Bom dia — sussurrou, passando a mão pelo meu pescoço.

Esfreguei meu pau contra sua bunda e beijei sua nuca.

— Bom dia, *mílaya*.

Levei meu rosto ao seu pescoço e massageei com vontade seus seios em minhas mãos. Eu amava a suavidade de sua pele e a forma que ela sempre reagia aos meus toques.

— Acho que nós dois precisamos de um banho — disse a ela depois de um demorado beijo em seus lábios.

Com um olhar arregalado, ela baixou a cabeça cheirando a si mesma.

— Estou fedendo? — indagou preocupada.

Sentei de joelhos na cama e comecei a rir. Havia tanta coisa que ela ainda precisava aprender.

— Não. Isso quer dizer que você ainda está sensível e sexo na banheira será mais confortável.

— Ah... — a forma que ela abriu os lábios ao dizer isso foi provocativo demais para eu conseguir me segurar.

Curvei sobre ela capturando sua boca em um beijo de tirar nossos fôlegos. Eu a teria tomado no mesmo momento, se minha consciência não

tivesse falado mais alto. Era Kyara e não uma puta que eu estava acostumado a foder.

Peguei-a em meu colo e com seus cabelos soltos fazendo carícias em meu braço, levei-a até o banheiro. Quando a coloquei no chão, ela caminhou em direção ao chuveiro, mas a puxei de volta, indicando a banheira. Pedi que sentasse em um banco enquanto enchia a banheira e colocava dentro dela alguns sais. Pelo canto dos olhos, vi que não desviava os olhos do meu corpo nu.

Eu treinava bastante, artes marciais, defesa pessoal, tiro ao alvo, arremesso de machado, e fazia muito exercício físico, não para apenas ter um corpo malhado. Precisava saber lutar e ter excelentes condições físicas para encarar meus inimigos quando eles se apresentassem, e sempre acaba surgindo algum. Mas nunca olhei para mim mesmo como um corpo bonito e atraente como Kyara fazia.

Com a banheira cheia, peguei um pacote de preservativo que havia em uma das gavetas no gabinete e um dos muitos elásticos para prender os cabelos no alto da cabeça.

— Está pronta? — disse ao me virar para ela.

Meu pau semiereto a fez desviar o olhar meio envergonhada. Isso em Kyara me encantava, essa mistura de menina e mulher. Ainda fugindo de mim, ela buscou um dos meus elásticos e prendeu os cabelos em um coque próximo a nuca.

— Vem — vendo-a pronta, estiquei o meu braço a ela, que uniu sua mão à minha.

Entrei primeiro trazendo-a comigo em seguida. Sentei de costas para a banheira e a trouxe apoiando suas costas no meu peito. Peguei a esponja e comecei a passar levemente pelo seu braço, um depois no outro. Esfreguei lentamente o colo, depois abandonei a esponja, esfregando os seios com as minhas mãos. Ainda fazendo isso, deposei alguns beijos em sua nuca.

Vi-a apertar as mãos com força na borda da banheira e belisquei o mamilo fazendo-a emitir um gritinho de prazer. Então, escorreguei uma de minhas mãos nos seios até o ventre, alcançando o meio de suas pernas. Passei o dedo médio em seu clitóris e o carinho a fez pressionar as costas mais contra mim. Seu corpo estava sensível e cada toque ou carícia que dava a fazia estremecer. A água ajudava a deixá-la mais relaxada.

Puxei o bico de seu mamilo, enquanto meus dedos continuavam a brincar com seu broto inchado. Kyara remexeu o quadril em minha direção, murmúrios escaparam de sua garganta. Esfreguei seu botão lentamente, sei que as ondas de

prazer iam crescendo enquanto a tocava, pela respiração que começava a ficar mais acelerada.

— Quer gozar, *mílaya*? — murmurei em seu ouvido e dei uma leve mordiscada nele.

Estava escorregadia e não era apenas pela água. Sua boceta estava sempre pronta e molhada para mim. Isso me dava um tesão do cacete.

— Aham... — foi tudo o que ela conseguiu dizer quando enfiei um dedo dentro dela.

Continuei assim socando em sua boceta e com o polegar esfregando seu clítoris que ficava cada vez mais inchado.

— Dmitri! — ela se contorceu contra mim, então, aumentei e dei mais velocidade às caricias — Aiii...

Pressionei e esfreguei seu ponto sensível mais uma vez, até que ela se derreteu em meus braços. Tão linda, como nunca vi. Nesse momento, meu pau estava tão duro, que o simples fato de o ter tocado com os dedos me fez urrar de prazer.

Ela começou a massagear de cima para baixo com suas mãos macias e escorregadias. A sensação era tão boa, fechei os meus olhos por um instante.

— Está gostando? — ela perguntou, acanhada.

Abri os olhos e minha mão foi até seu rosto afogueado.

— Mais do que isso e vou ter a ejaculação precoce mais vergonhosa da história.

— Isso é ruim?

Ela passou a movimentos circulares e mais lentos, o que só fazia meu tesão aumentar.

— Terrível, *mílaya* — segurei sua mão em meu pau, não sem antes esfregá-la mais uma vez — Pronta ou não, preciso te foder.

— O que quer que eu faça? — perguntou insegura.

Ergui-me da banheira e saí.

— Fique à vontade — entreguei o envelope de preservativo a ela.

Sua insegurança e mãos atrapalhadas envolvendo meu pau apenas aumentaram meu tesão e ansiedade. Odiava essas merdas, mas a segurança vinha sempre em primeiro lugar. Ajudei-a a finalizar o processo e retirei-a da banheira, carregando-a de volta ao quarto. Antes de nos acomodarmos na cama, trocamos um beijo profundo e demorado.

— Coloca os joelhos, um em cada lado de minhas pernas — disse ao me sentar.

Kyara segurou em meus ombros para fazer o que pedi, enquanto isso acariciei seus seios, depois beijei sua boca fervorosamente para afastar qualquer receio que ela tivesse e ainda beijando-a, comecei a deslizar para dentro dela. A sensação de preenchê-la era tão boa que fazia meus músculos espasmarem.

— Isso! — grunhi quando a senti bater contra as minhas bolas inchadas.

Dei alguns segundos para que se acostumasse comigo a completando, então, agarrei seu quadril empurrando-a para cima. Subindo e descendo, enquanto observava seu rosto começar a delirar de prazer.

— Agora segue seu ritmo, *mílaya* — murmurei sendo tomado por um prazer que me fazia perder o ar.

Ela começou a se movimentar lentamente. Suas mãos apoiadas em meus ombros para ganhar impulso. Busquei seus seios com meus lábios mamando-os com vontade.

— Assim... — rosnei quando rebolou contra o meu quadril.

Cravei os meus dentes num mamilo, depois no outro, enquanto Kyara começava a soltar pelo meu pau. A cena tão linda que eu mandaria fazer um quadro se tivesse coragem de permitir que qualquer outro homem a visse assim.

Kyara era minha. Nenhum outro homem jamais viria poder tocá-la e olhar como eu a olho.

— *Kiska!* — murmurei passando a mão em suas costas, buscando seus seios mais uma vez.

Tomei seu quadril de novo, e impulsionei o meu de encontro ao dela, fodendo mais forte e duro.

— Ah, Dmitri! — bati fundo mais algumas vezes até que após um grito angustiado, ela gozou intensamente sobre meu pau.

Soquei mais três vezes até me deixar gozar dentro dela, abraçando forte sua cintura. Kyara caiu contra o meu corpo, seu rosto descansado na curva do meu pescoço. Abracei como se não fosse capaz de soltá-la nunca mais.

Eu estava muito fodido, meditei. Não seria tão fácil dizer adeus a essa garota. Eu não conseguia imaginar o dia que eu teria que fazer isso.

— Você tem razão — ela sussurrou lânguida em meu pescoço — Fica muito melhor depois.

Evitei dizer que não a tinha fodido ainda como eu gostaria. Ela iria

descobrir pouco a pouco.

— Você não faz ideia do quanto melhor fica, *mílaya*.

Eu a encaixei em meu quadril e ela fez bolhas de sabão em meu peito.

— Por que me chama assim? — acariciava meu peito, mas não olhava em meus olhos — Dessas coisas.

— No início, *kiska* porque parecia mesmo uma gatinha selvagem — deslizei meu dedo pelos seus seios — Sempre mostrando as garras para mim.

— Você me irritava, Dmitri.

— Eu sei. Ódio e amor são palavras distintas, muito diferentes uma da outra — expliquei a ela —, mas as duas têm a mesma quantidade de letras. Os dois sentimentos são intensos e um pode mudar o outro.

Ela parou de acariciar o meu peito como se meditasse sobre o que eu havia falado.

— E os outros?

— A primeira vez que a vi, achei que olhava para um querubim — confessei a ela, não tinha problemas em parecer piegas — Eu vi um com a mesma cor de seus cabelos num museu uma vez, tinha dezenove anos na época. Eu a vi e não consegui deixar de comparar.

— E *printsesa*? — espalhou mais espuma pelo meu peito — É porque estou presa na sua torre?

— Aqui eu sou o rei, portanto, isso faz de você minha *printsesa*.

Apesar da explicação romântica, vi seus olhos ficarem abatidos.

— Não, não faz — disse ela, escorregando do meu colo — Você tem uma longa lista de futuras rainhas para escolher.

Segurei seu pulso quando ela saiu da banheira.

— Não irá mudar nada entre a gente — confirmei, muito seguro do que falava.

Deixaria claro à minha futura esposa que Kyara era importante para mim e não iria abrir mão dela. Nosso casamento seria apenas negócios.

— Claro que muda — disse ela buscando o robe, escondendo sua beleza molhada de mim — Não vou ser sua amante, Dmitri.

Ela saiu apressada para o quarto e me deixou furioso na banheira. Levantei e enrolei uma toalha no quadril.

— Kyara...

— Eu não vou... — seus olhos estavam lacrimejantes ao proferir isso e me virou as costas antes de continuar a falar — Eu não vou ser a sua amante, esperando por você, sempre que puder vir até a mim, dividindo sua atenção com outra mulher.

Isso tinha acontecido com Tereza enquanto estivemos juntos e foi muito bom enquanto durou.

— Estaria tudo bem se eu também me deitasse na cama de outro homem? — indagou ela e a possibilidade dessa pergunta me colocava furioso — Se me casasse e construísse uma família com ele?

— Não, porra! — caminhei duro até ela e a abracei por trás — Nenhum outro pode tocar em você, *mílaya*, eu ficaria louco.

A intensidade que disse, principalmente de como senti, chegou a me assustar.

— Por que não fazemos uma coisa — passei meu queixo no pescoço dela — Esqueça essa porra toda sobre casamentos e a lista de noivas. Vamos viver o que a gente tem e o que a gente quer, agora.

Beijei a curva de sua bochecha, depois a virei de frente para mim.

— Só o agora, Kyara.

Vi-a titubear um pouco. Depois, passou os dedos sobre o meu rosto. Vi um carinho em seus olhos, que há muito tempo não senti em ninguém.

— Que seja eterno enquanto dure — disse ela tocando levemente os lábios nos meus.

Abracei-a forte. Isso teria que durar a eternidade. Nenhum momento com Kyara parecia ser suficiente para mim.

Beijamo-nos e acariciamo-nos por um longo tempo, deitei-a na cama e fui ao *closet* procurar um robe. Após vesti-lo, a vi indo furtivamente em direção à porta, corri até ela puxei-a de volta pela cintura.

— Onde pensa que vai?

— Preciso ver como a Kalina está — disse ela ao tentar se soltar de mim.

Puxei-a de volta para cama fazendo cair sobre os travesseiros espalhados.

— Ela tem Anatolli, além disso, disse à babá que não estava se sentindo muito bem — ignorei o olhar acusador dela e passei um dedo pelo seio escapando do robe — E que, portanto, era melhor ficar longe por um dia.

— Dmitri! — o tapa que deu em meu ombro ecoou pelo quarto me fazendo rir — Por que fez isso? Aliás, quando você fez isso?

Joguei-me sobre ela impedindo que tivesse qualquer possibilidade de escape.

— Porque hoje você é só minha — respondi a primeira pergunta, prendendo suas mãos no alto da cabeça — E organizei tudo enquanto estive dormindo.

— Mas nós precisamos sair para nos alimentar.

— Pedi que trouxessem o café da manhã e o almoço mais tarde no quarto. Tudo o que precisarmos será trazido até nós.

— E o que faremos o dia inteiro no quarto? — ela provocou com um sorriso.

— Eu disse que sou melhor em ações do que em palavras, *mílaya* — mordisquei sua boca e a fiz remexer o corpo debaixo do meu — Também tenho uma mente muito fértil.

Nikolai teria que dar um jeito em sua lista para pretendentes a futuras esposas para o *Pakhan*. Dmitri Milanovic não estava disposto a abrir mão de Kyara Smirnov tão cedo.

Capítulo 26

Kyara Smirnov

Eu não conseguia entender por que sexo e sexo antes do casamento poderiam ser considerado algo sujo e imoral para algumas pessoas. Sei que em alguns povos há toda a questão religiosa e crenças, mas para mim não havia nada mais bonito do que um homem e uma mulher se entregarem um ao outro. Era quando suas armas e corpos se completavam e o prazer que vinha junto os fazia parecer tocar o seu coração.

Assim foram os meus dias desde que me decidi me entregar a Dmitri e, sendo sincera, não havia um dia que eu me arrependesse. Todos os dias, eu aprendia coisas novas com ele, aprendia a ser mulher e a entendê-lo como homem.

Já não dormia em meu quarto e quando tentava, ele me arrastava de volta para o dele. Os empregados, embora nunca tivessem sido muito grosseiros, passaram a me tratar de outra maneira. Ainda não tinha permissão para sair de casa, mas também não me sentia prisioneira. Quando Dmitri não estava, ou estava trancado no escritório trabalhando, passava minhas horas com Kalina e Anatolli. Eu era feliz aqui.

— Levanta, dorminhoca — senti sua palmada em minha bunda e resmunguei — Nós temos um assunto importante a tratar hoje.

Arregalei meus olhos e praticamente saltei da cama. Era o dia da entrevista com a tia de Kalina, que viria ter uma audiência com o *Pakhan* que decidiria o destino da menina.

— Como você acha que ela é? — procurei por algumas peças no *closet* dele.

Ficava mais fácil eu ter algumas coisas ali do que ficar voltando ao meu quarto todas as manhãs.

— Só sei as coisas técnicas — disse ele escolhendo um terno — Não dá para dizer como alguém é pelo relatório de uma pessoa. Mas é bem casada e tem uma vida estável.

— Ela tem dois filhos e que parecem não ser próximos a Kalina — fechei a porta e fiquei admirando-o se arrumar — Não acha isso estranho?

— A mãe da Kalina era estranha — disse ao passar o terno pelos braços

— Não seria surpresa que o restante da família também fosse.

— Nesse caso, não podemos entregar Kalina a ela — disse enfaticamente.

Eu queria muito ficar com a menina, mas embora eu tivesse criado um laço e muito carinho por ela, não era a melhor pessoa. Vivia dias lúdicos ao lado de Dmitri, mas sabia que um dia isso iria acabar. Ele escolheria uma esposa ideal e eu teria que partir de Moscou. Não suportaria vê-lo com outra.

— Vamos apenas falar com a mulher, ok? — disse apertando meu queixo — Ainda teremos que entrevistar os avós.

Assenti, tentando afastar a tristeza e peguei a gravata das mãos dele.

— Por que não me esperou para tomarmos banho juntos? — dei a volta no colarinho fazendo o laço.

— Porque você sabe como isso iria acabar — advertiu ele, mas eu via a lascívia em seus olhos.

— E seria bom, não seria? — dei o sorriso mais *sexy* que conseguia dar.

Dmitri me empurrou contra o *closet* e levou seus dedos para dentro de mim.

— Molhada como sempre — ele lambeu os próprios dedos e isso me fez ficar ainda mais úmida — Uma foda rápida?

Busquei desesperadamente seu cinto e quando enfiava a minha mão em sua calça em busca do seu pau, apertando-o levemente, ele urrou em minha boca. Acariciei seu pau enquanto ele me fodia com os dedos. Depois, ele me virou de costas, a face apoiada contra o *closet*. Se afastou um pouco, sei que foi pegar o preservativo enquanto eu esfregava me clitóris dolorido. Dmitri retornou, mordendo meu ombro e passando a língua na marca que havia deixado. Ele ergueu uma de minhas pernas pelo joelho e, no momento seguinte, seu pau já está entrando em mim.

— Aiii... — gemi alucinada quando ele começou a se mover.

Meus seios deslizavam contra a madeira do *closet* a cada estocada que ele me dava.

— Ahh, que porra! — ronronou ele continuando a socar duro — Que delícia de boceta.

Meu interior começou a pulsar em torno dele e sei que não iria durar muito tempo. Com a outra mão, ele começou a acariciar o meu clitóris, o prazer era tão bom que quase cheguei a sentir dor física.

— Quer gozar para mim, *mílaya*? — ele esfregou meu clitóris mais uma vez e enfiou todo o seu pau dentro de mim.

Espalmei minhas mãos contra a porta, buscando qualquer coisa que me ajudasse a me equilibrar enquanto gozava profundamente. Quanto mais Dmitri esfregava meu clitóris, mais ondas de prazer me faziam estremecer ensandecidamente.

Eu não deveria ficar surpresa, sexo entre a gente era muito bom, mas parecia que cada vez elevávamos a experiência um pouco mais, eu temia ser incapaz de viver sem isso. Viver sem Dmitri.

Ele gozou e saiu lentamente de mim, colocando minha perna trêmula de volta ao chão. Depois, foi para o banheiro descartar o preservativo.

Continuei com o rosto comprimido contra o *closet* tentando digerir meus pensamentos. Senti os lábios de Dmitri em minha nuca e ele acariciou minhas costas.

— Você está bem, *mílaya*?

Assenti com a cabeça, mas não tive coragem de encará-lo. Dmitri sabia me ler, ele via que havia algo me incomodando.

— Andei pensando — disse ele ainda afagando minhas costas nuas — Você precisa de um médico.

Virei em sua direção assustada.

— Há algo errado?

Ele sorriu e passou o dorso da mão em meu rosto.

— Eu não quero mais usar essas merdas — diante de meu olhar confuso, passou a mão entre as minhas pernas úmidas — Quero foder você sem nada nos separando.

— Ah, você diz outro meio contraceptivo?

Um filho com Dmitri? Era uma ideia muito, mas muito idiota, que eu nem deveria começar a cogitar, mas seria tão bom se eu carregasse um pedacinho dele quando fosse embora. Eu não seria mais sozinha.

— Vou pedir ao Dr. Kushin que cuide do assunto.

Assenti meio triste, afinal, essa não poderia ser uma decisão só minha. E conhecendo Dmitri como vinha conhecendo a cada dia, sei que nunca me deixaria partir levando o filho dele em meu ventre.

— Tudo bem — assenti e fui em direção ao banheiro.

— Ei, Kyara — ele segurou a ponta dos meus dedos antes que eu

passasse pela porta. — Sei que aprendeu a amar Kalina — seu olhar era compreensivo, pena que estivesse muito longe do que realmente me deixava melancólica — Mas ela precisa da família dela.

Família para mim era quem amava e cuidava e não os laços de sangue. Um homem e uma mulher quando se apaixonavam e se uniam, formavam uma família diferente. O amor era o que importava, mas, no fundo, eu sabia o que Dmitri queria dizer, o que poderia oferecer a uma criança com traumas como Kalina além do meu coração e viagens sem destino pelo mundo?

— Tudo bem — fui soltando meus dedos e dei um sorriso para ele — Eu estou bem. Kalina é a única que importa.

Gastei um tempo mais do que o normal debaixo do chuveiro. Lavei os cabelos como se quisesse lavar todas as angústias da minha alma. Escolhi um vestido branco de mangas cumpridas e botas confortáveis. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo caindo pelas minhas costas e dispensei a maquiagem.

O *boyevik* abriu a porta do escritório de Dmitri assim que cheguei, concluí que ele deixou ordens para que me deixassem entrar assim que eu surgisse. Vladic foi o primeiro a me ver, da mesa onde eles estavam, e veio rapidamente ao meu encontro.

— Parece que fica cada dia mais linda — disse ele me fazendo corar.

Dei um tapa de leve no braço dele e isso chamou a atenção de Dmitri.

— Guriev, procure as suas próprias garotas para paquerar — alertou ele, mas tinha um sorriso caloroso para mim — Venha cá, *mílaya*.

Eu amava quando ele me chamava de *minha querida*. Caminhei como se flutuasse até ele, mal sustentando o enorme sorriso em meu rosto. Contudo, em vez de me colocar em seu colo, como sempre fazia, ele me direcionou para a cadeira ao seu lado. Eu nunca a vi ali, então, concluí que fora trazida apenas para mim.

— O filho do *Kapitan Dembinsky* deve chegar a qualquer momento com a esposa.

Por isso era necessário que nossos rompantes amorosos fossem controlados. Assenti, mas não consegui deixar de procurar sua mão por debaixo da mesa. Ele entrelaçou os dedos nos meus e colocou nossas mãos unidas sobre seu joelho.

Eu me sentia tão pequeninha ao lado dele, mas, ao mesmo tempo, tão protegida e invencível.

— Deseja beber algo, *daragáya*? — indagou Vladic indo até o bar.

— Vodca — disse a ele — Sem gelo.

Vladic arqueou a sobrancelha para mim e sorriu.

— Nada de vinho hoje?

— Preciso de algo mais forte, Vlad.

Era a primeira vez que o chamava assim e pelo seu olhar soube que ele apreciou. Era simplesmente impossível ficar imune a esses dois homens tão irritantes e atraentes.

Eles continuaram a falar sobre coisas que só interessavam a eles e a Bratva, enquanto degustava lentamente minha bebida. O álcool estava ajudando a me sentir menos nervosa. Então, uma batida na porta fez com que nós olhássemos para ela. Vladic foi até lá, sussurrou algumas palavras, depois, se virou em nossa direção.

— Os Dembinsky já chegaram.

Aprimei-me na cadeira e Dmitri se colocou na pose que me fez temê-lo à primeira vez que o vi. Na pele do *Pakhan* ele mudava. Era mais frio e mais intenso.

— Como vai, Papa? — disse Dembinsky ao se curvar.

— Seja bem-vindo, Dembinsky — disse Dmitri em um tom seco.

— Papa — disse a mulher fazendo uma reverência mais feminina — É uma honra estar em sua presença.

Observei o casal durante sua paparicação em relação ao *Pakhan*. O homem tinha o cabelo claro, meio alaranjado, quase ruivo, sardas pelo rosto, os olhos castanhos claros. Não era muito alto e apesar de ser magro, não tinha músculos.

A mulher tinha cabelos meio caramelos e olhos azuis mais puxados para o cinza. Vestia-se elegantemente, mas o que mais me chamou atenção nela, era que parecia insípida. Não abriu um sorriso desde que entrou e me analisava milimetricamente.

— Acredito que Savin deve ter adiantado o motivo que o trouxemos até aqui — disse Dmitri — O futuro de uma criança está em jogo, eu devo escolher o melhor destino para ela.

— Se me permite ser honesta, Papa — disse a mulher — Nunca tive contato com Dinar. E acho que só vi a filha dela uma vez. Visto tudo o que aconteceu, acho que o mais indicado seria colocá-la em um colégio interno até que possa responder por si mesma.

A declaração fria da mulher me deixou completamente chocada. Como ela podia tratar com tanta indiferença a filha da única irmã que havia falecido?

— Temos dois meninos — disse Dembinsky, buscando a mão da esposa — Mas, contudo, estamos dispostos a fazer o que o *Pakhan* desejar.

— Eu entendo o receio dos dois, uma criança agora, com o histórico da Kalina, pode parecer bastante assustador — disse Dmitri com calma — Nesse caso, eu não estou aqui para impor a minha vontade, mas para ver o que é melhor para ela.

Com certeza o melhor para Kalina não seriam esses dois.

— Que tal vê-la e depois tomarem uma decisão definitiva? — sugeriu Dmitri.

E eu o olhei nervosa. Kalina estava melhor que no primeiro dia, mas ainda era uma menina frágil.

— Como quiser, Papa — disse Dembinsky e a esposa não pareceu muito contente com a sugestão.

Dmitri fez um sinal para Vladic, que saiu. O silêncio que se apoderou sobre o local até o retorno dele foi angustiante. Alguns minutos depois, Anatolli, segurando a mão de uma Kalina desconfiada, entrou na sala.

Ela olhou receosa para o casal e quando Anatolli disse que fosse até os dois, a menina caminhou apressadamente até mim.

Crianças normalmente eram boas julgadoras de pessoas.

— Kalina, essa é sua tia Frida — tentei afastar o rosto dela do meu braço apontando o casal — E seu tio Daniil. Dê um olá a eles.

A menina resmungou e escondeu o rosto ainda mais em mim. Alisei o cabelo dela e tentei dizer coisas doces para que se acalmasse e não se sentisse intimidada com o casal que não fazia esforço algum para uma aproximação com a menina.

— Tudo bem — a voz mansa de Dmitri ecoou ao meu lado — Anatolli, leve a pequena Kalina até a cozinha. Eu soube que a cozinheira acabou fazer *chak-chak*.

O *chak-chak* era um dos doces preferidos de Kalina. Ela soltou meu braço e deixou que Anatolli a levasse para fora da sala, mas em nenhum momento durante o percurso tentou olhar para o casal.

Apertei um pouco mais a mão de Dmitri. Ele sorriu para mim e foi o suficiente para me deixar mais calma. Ele era sensato, não acreditava que

deixaria a pobre Kalina cair novamente nas mãos de pessoas erradas.

— Bom, senhor, senhora, acho que nossa reunião está encerrada — disse Dmitri dando a deixa para que eles se retirassem — Assim que eu e Kyara tivermos tomado uma decisão, iremos comunicá-los.

A mulher olhou para mim como se eu fosse alguma criatura que tinha acabado de cair do céu.

— Irão? — a forma que comprimiu os lábios deixou claro que o comunicado de Dmitri a pegou de surpresa.

Afinal, o que eu seria para o *Pakhan*? Sua amante da vez?

Dmitri buscou minha mão em sua perna e a levou até seus lábios.

— Kyara e eu estamos decidindo juntos — disse ele dando o sorriso mais lindo que eu já vi — Algum problema?

— Minha esposa quis dizer que o que o *Pakhan* decidir será bom para nós.

Observei-os sair sem conseguir deixar de transparecer meu desprezo por eles.

— Você viu? — a indignação era palpável em mim — Nem tentaram se aproximar dela. Além disso, Kalina não gosta deles.

Cruzei meus braços com raiva e Dmitri me puxou para o colo dele.

— Ela não gosta ou você que não gostou?

— Faz diferença?

— Eles são um casal jovem, com dois filhos, uma nova criança agora não estava nos planos — ele acariciou meu braço tentando me tranquilizar.

— É a sobrinha dela! — disse brava.

— Que ela não vê há muito tempo e que precisará de muitos cuidados.

Ainda assim, não me convencia. Eu teria amado e cuidado de um filho de Sonya, acho que até de Boris. Eu teria cuidado de Kalina.

— Olha só, ainda tem os avós — disse ele ficando de pé, levando-me com ele — Por que a gente não se junta a Kalina e come alguns *chak-chak*? Acho que um pouco de açúcar irá adoçar você.

— Engraçadinho — bati levemente em seu ombro e deixei que me abraçasse.

— Ou posso fazer uma coisa muito melhor.

Eu amava Dmitri e a cada dia amava mais, isso me assustava

profundamente. O que eu seria capaz de fazer para continuar com ele?

— Vamos ao *chak-chak* — murmurei beijando seu queixo — Depois decido se merece o algo mais.



Eu queria dormir até mais tarde esta manhã, mas os beijos de Dmitri percorrendo minhas costas tornavam isso impossível.

— Me deixa em paz — resmunguei, tentando jogar um travesseiro contra ele que voou em direção ao chão.

— Temos que levantar, *mílaya*! — insistiu ele, puxando meus pés — É páscoa.

Páscoa?

Eu sempre amei a páscoa.

Na Rússia, a Páscoa tem mais ênfase do que o Natal e é comemorada como em nenhum outro lugar. Na noite anterior à data, tinha a procissão na qual a multidão carregava velas e a missa, celebrada à meia-noite. As igrejas recebiam até mesmo quem nunca ia ou não tinha uma opinião formada sobre Deus. Dmitri alegou que não era seguro nós irmos.

— Vamos, levanta — ele não me deixou protestar dessa vez.

Depois de nos vestirmos, descemos para a mesa do café da manhã. Tinha *kulitch*, um tradicional bolo de Páscoa.

— Olha, tem *paskha*! — corri feliz até a mesa.

Paskha era a prova real do término da Quaresma, combinando todos os alimentos proibidos em um delicioso doce.

Kalina, Anatolli e Vladic já estavam se empanturrando com um pouco de tudo que era servido à mesa. Juntei-me a eles, cortando um enorme pedaço de *kulitch* e coloquei a *paskha* em meu prato. Dmitri se juntou a nós.

Depois, nós procuramos nossos ovos cozidos e pintados por nós mesmos. A ideia era ver quem continuava a manter o ovo inteiro ao bater um no outro. Vladic não conseguiu nenhum e fingiu estar bem aborrecido com isso. Kalina foi a que mais se divertiu com os ovos coloridos, pois, ela que acabou ficando com a maioria dos ovos rachados.

Depois do almoço, Dmitri disse que eu poderia sair de casa. Nós iríamos ao cemitério, ele visitaria os pais e eu veria os túmulos dos meus pais e do casal Kamanev. Era um momento triste para mim, principalmente, porque havia

perdido Fjodor há bem pouco tempo.

No caminho, passamos por várias igrejas e ouvimos os sinos tocar, na maior parte das vezes eram paroquianos e crianças que os faziam ressoar.

Primeiro, chegamos ao mausoléu onde estavam os pais de Dmitri, e também deixamos comida para os pobres. Meus pais estavam em túmulos separados um ao lado do outro. Coloquei as flores e as comidas e rezei para cada um deles. Esperava que eles estivessem satisfeitos comigo, que apesar de não ter seguido o caminho que eles esperavam, eu era uma pessoa feliz.

— Você se parece com ela, *mílaya* — disse ele, abraçando meu ombro.

Todos sempre me disseram que eu parecia muito com a minha mãe. Isso me deixava orgulhosa.

Estava chegando ao mausoléu Kamanev quando vi Sonya sair dele. Ela olhou friamente para minha mão unida a de Dmitri.

— Oi, Sonya — cumprimentei já que, pelo visto, ela não iria dirigir a palavra a mim.

— Sabe que o Boris descobriu o que nós fizemos? — disse ela e tirou um lenço que cobria o seu pescoço, mostrando hematomas — Isso foi o que eu ganhei.

Fiquei horrorizada. Eu sentia muito que ele tivesse sido agressivo com ela.

— Quer me obrigar a casar com Larionov, aquele velho asqueroso, não o filho — ela empinou o queixo — Eu tenho o direito de estar na lista do *Pakhan* como qualquer outra filha de *Kapitan*.

Apertei mais a mão de Dmitri, tivemos dias tão maravilhosos que havia esquecido a maldita lista. Pensar em Dmitri e Sonya juntos me causava náuseas, mas pensando pela Bratva, ela tinha muito mais direito do que eu. Acreditei que era isso que seus olhos acusadores me diziam.

— Afinal, virgindade aqui já não é o problema, não é?

Abaixei meu olhar envergonhada. O que Dmitri e eu vínhamos compartilhando não era sujo, mas Sonya fez parecer que era.

— Eu posso falar com o Boris e ver um casamento melhor para você, Sonya — disse Dmitri — Agora, pare de atacar a Kyara. São irmãs, não?

— Irmãs? — ela soltou um riso amargo — Uma irmã não abandona a outra passando apuros para ter vida de princesa.

Não foi assim, pelo menos, não no início e minha história com Dmitri

nem terminaria com um feliz para sempre, eu só tinha dele o que podia ter antes de ir embora. Antes de vê-lo jurar amor eterno a outra.

— Dmitri pode te ajudar — caminhei até ela que se afastou — Pode ser casar com o Gregori. Se tem a benção do *Pakhan*, não há nada que Boris possa fazer.

— Gregori está morto! — disse ela com raiva — Boris o matou no mesmo dia que visitamos você. Não há nada que seu *Pakhan* possa fazer por mim. Nem você, Kyara, e não volte no túmulo dos meus pais.

Eu senti como se Sonya tivesse enfiado uma faca em meu peito. Ela cortava um laço entre nós que eu pensava ser eterno. Éramos irmãs ligadas por laços afetivos, e eu estava nessa confusão por causa dela.

Contudo, não consegui expressar o quanto suas palavras rasgavam meu coração. Apenas vi Sonya se afastar, buscando em Dmitri a força que eu precisava.

— Não chore, *mílaya* — Dmitri segurou o meu rosto e colheu as lágrimas deslizando por ele — Ela nunca mereceu suas lágrimas.

Ainda assim, doía muito.

Ele me conduziu pelo cemitério e de volta para o carro que nos esperava. Voltei com meu rosto apoiado no peito dele, manchando seu terno com minhas lágrimas, enquanto ele aflagava meus cabelos com carinho.

Por que Sonya me odiava tanto?



Acordei no quarto de Dmitri, e apesar de estar na penumbra, sabia que era o dele pois sentia seu cheiro em todos os lugares. Eu era apaixonada pelo perfume dele.

Devia ter sido trazida para cá após ter adormecido no carro a caminho de volta. Sentia tanta paz aqui que era uma pena ter que me levantar. Então, decidi curtir mais um pouco. Estava pensando em nosso dia, principalmente, em meu encontro inesperado com Sonya quando a luz foi acesa.

Dmitri surgiu no quarto. Ele trazia uma caixa nas mãos que reconheci imediatamente. Sentei na cama e esfreguei os olhos para ter certeza que não estava tendo alucinações.

— São as minhas joias?

Ele caminhou até a mim parando em frente à cama, depositando a caixa

nos pés.

— Achei que deveriam voltar para você.

Não eram grandes coisas e nem tinha muitas peças, mas tinha um valor sentimental para mim. Foi tudo o que restou da minha mãe.

— Vai devolver minhas joias? — perguntei em um tom emocionado.

— Não estou devolvendo — disse ele — Sempre foram suas. Agora, estão com quem realmente pertencem.

Eu não pude me segurar e fui me arrastando pela cama até chegar a ele. Afastei as joias para o lado, ficando de joelhos em frente a Dmitri. Seus lábios foram o meu primeiro alvo. Acho que nunca o beijei com tanta paixão.

— Eu sempre soube que joias encantavam as mulheres — ele passou os dedos em seus lábios — Mas nossa... Uau!

— Diamantes — disse rindo — São os diamantes os preferidos das mulheres.

Ele se inclinou contra a cama e buscou meus lábios mais uma vez.

— Se for um pouco disso que vou receber — rastejou sobre mim até que meu corpo estivesse contra o colchão — Vou enchê-la de diamantes.

— O único diamante que eu preciso é você — abracei-o pelo pescoço.

— Humm... ela é romântica — ele atacou meu pescoço me fazendo rir.

Quando eu passei a implorar que parasse, os carinhos passaram a ser mais sensuais. Tiramos nossas roupas com desespero. Não havia tempo ou necessidade para preliminares, quando Dmitri passou a mão em mim vi que eu já estava úmida. Meu corpo parecia ter sido criado para atendê-lo.

— Dmitri... — murmurei quando ele se afastou para buscar um preservativo — Por favor, chame logo o Dr. Kushin.

Eu não queria mais ter que esperar que ele se prevenisse, também desejava senti-lo por inteiro.

— Nada me deixaria mais feliz — disse ele antes de deslizar para dentro de mim.

Então, ele me tomou, e de novo foi o ato mais glorioso da minha vida.

Capítulo 27

Dessa vez eu estava bem mais preparada para receber outro parente de Kalina. Então, quando o casal de senhores entrou, eu vestia uma armadura, que logo foi desfeita ao notar o olhar triste da senhora e o respeitoso de seu esposo.

Eles responderam todas as perguntas de Dmitri com amabilidade, e antes que ele perguntasse se desejavam ver a menina, a senhora sugeriu com olhos lacrimejantes se ao menos podiam olhá-la de longe.

— Dinar não nos deixava chegar perto da Kalina — disse o Sr. Ovcharova — Quando Nahum era vivo, ele sempre levava nossa neta para nos visitar nos fins de semana, mas depois que ele...

Não foi preciso concluir a frase, subiu um nó pela minha garganta e olhei para Dmitri. Ele não expressou qualquer emoção, mas apertou forte meus dedos.

— Dinar nunca gostou de nós por sermos pessoas simples, sem posses — explicou a Sra. Ovcharova — Não sei como Nahum pode ter se apaixonado por ela. A outra jovem era tão mais doce.

Podia apostar que a jovem doce a quem ela se referia era Anatolli. Não conheci o filho Nahum, mas por tudo o que ouvia a respeito dele, tinha certeza que ela seria perfeita para um homem como ele. Eu não conseguia imaginar minha história com Dmitri terminando assim, de forma tão drástica.

— Vá buscar a menina, Vladic — pediu Dmitri.

Apesar do casal Ovcharova parecer ser do bem, eu temia que reação Kalina iria ter.

— Deixa que eu vou — levantei da cadeira ao lado de Dmitri e me dirigi até a porta.

Kalina estava na sala com Anatolli. A babá folheava uma revista sem de fato lê-la, parecia perdida em outro mundo. Kalina brincava com bloquinhos de montar sobre o tapete. Assim que me viu, Anatolli ficou em pé. Ela torceu as mãos uma na outra e tinha um olhar nervoso para mim.

— Eles já chegaram?

— Dmitri está falando com eles — vi seus olhos piscarem repetidamente, ela estava tentando controlar o choro — Qual o problema, Anatolli? O casal Ovcharova parece ser pessoas boas e amam Kalina.

— Eu sei. Eles são muito bons e adoravam a neta — ela secou

rapidamente uma lágrima que teimou em cair — O *Pakhan* vai escolhê-los, sei disso. Mas os senhores não têm condições de pagar uma babá. Eu preciso do emprego, mas não vão poder ficar comigo.

Ela olhou para Kalina no chão, seu amor pela menina era bem evidente.

— Vão me separar dela — ela soltou um soluço e não me contive, tive que abraçá-la — Vão me separar da minha menina.

Meu coração viveu tantos momentos emocionantes desde que cheguei a essa casa, que não sabia se conseguiria suportar mais.

— Isso não vai acontecer — garanti a ela e sequei as lágrimas que deslizaram pelo seu rosto — Mesmo que Dmitri escolha-os, não vou deixar que separem vocês duas. Você é o porto seguro de Kalina.

Ela anuiu soltando um sorriso fraco e agradecido para mim.

— Ta chorando, Tolli? — Kalina puxou a barra da camisa dela.

Anatolli se agachou ficando na altura dos olhos dela.

— Estou feliz. Sabe quem veio te ver?

A garota fez que não com a cabeça e expressou um ar assustado.

— O Vovô e a Vovó Ovcharova — disse ela com muito sorriso na voz — Lembra deles?

A menina franziu a testa e voltou a negar.

— A vovó fazia bolos *kartochka*^[2] que você adorava — disse ela — E o vovó sempre a levava para alimentar os porquinhos.

— Poc-Poc — disse ela sorrindo — Eu lembro do Poc-Poc.

Eu sentia um alívio por Kalina estar bem próxima de ficar com pessoas que a amavam, mas triste porque teria que me despedir dela em breve.

— E aí? — indaguei para as duas — Vamos ver o vovô e a vovó?

Ela olhou de Anatolli para mim, depois pegou firme a mão da babá, era sua resposta positiva. Assim que entramos, a Sra. Ovcharova levou um lenço aos olhos e o Sr. Ovcharova cobriu a boca com as mãos.

Kalina não se aproximou deles, mas diferente da tia, olhou o casal de velhinhos com muito interesse e até arriscou um sorriso tímido para eles. Para mim, a decisão estava tomada, mas a palavra final viria de Dmitri.

Aos pouquinhos o casal foi quebrando a timidez e receio da garota lembrando fatos divertidos que eles haviam vivido, principalmente, com o porquinho Poc-Poc que agora tinha até filhotinhos.

O casal foi dispensado com a promessa de Dmitri que entraria em contato com eles em breve.

— Eu acho que essa é uma decisão muito fácil — disse a Dmitri assim que vi Vladic acompanhar o casal para fora.

Ele me puxou para o seu colo e afagou minhas pernas.

— Não, não é — confessou ele.

— Como não? — indaguei confusa — Olha a grande diferença. Os Ovcharova amam Kalina. Frida nem se importa com ela.

— Há muitas coisas que precisam ser colocadas em jogo, Kyara — iniciou ele — O casal Dembinsky é jovem, tem crianças que podem fazer companhia a ela e uma excelente condição financeira, poderão dar tudo o que Kalina precisar.

Eram pontos importantes. Pensando friamente, Frida e Daniil Dembinsky tinham muitas vantagens sobre os senhores simpáticos.

— Os avós de Kalina estão velhos e quase não possuem nada além do que plantam, colhem e vendem para viver — continuou ele — Quando eles partirem, Kalina terá quantos anos? Doze? Quinze? Estará sozinha de novo. E mais importante, estão aptos para lidar com o trauma que ela teve?

— Entendo tudo isso o que você disse — segurei o rosto dele e o fiz olhar para mim, não queria falar com o *Pakhan*, mas com Dmitri, o homem por quem me apaixonei — Os Dembinsky seriam a escolha mais sensata. Mas estamos falando de amor, Dmitri. De crescer em um lar feliz. Os Kamanev foram ótimos para mim, mas o Boris fez da minha infância um inferno. Todo aquele luxo não servia de nada. Todas as noites, eu sentia falta dos meus pais e chorava sozinha.

Olenka e Fjodor, até mesmo Sonya, à sua maneira, amenizaram a minha dor. Mas eu preferiria ter crescido em um lar humilde do que em um cheio de riquezas, mas que falhava no calor humano.

— Além disso, ela tem a Anatolli que poderá ajudar o casal.

— Eles não podem pagar uma babá — retrucou ele.

— Mas você pode.

Ele olhou com divertimento para mim.

— Você quer que eu pague a babá?

Girei em seu colo e esfreguei de leve o quadril no dele, puxando sua gravata.

— Eu ficaria muito feliz se fizesse isso — comecei a desfazer o nó enquanto ele agarrava com as duas mãos a minha bunda.

— Vai me pagar com sexo, Srt^a Smirnov? — o olhar safado com que me fez essa pergunta me colocou acesa.

— O melhor sexo da sua vida — prometi.

Ele prendeu bem minhas pernas em volta da sua cintura e ficou em pé, colocando-me sentada na mesa.

— Nós nunca fodemos aqui — disse ele, fazendo a barra da minha saia correr pelas minhas coxas, até a cintura.

Fui ávida ajudá-lo a se desfazer da parte de cima do terno.

— Eu sei como Dmitri Milanovic fode — disse em um tom ousado, buscando os botões de sua camisa — Quero saber como o *Pakhan* é capaz de foder.

Um brilho selvagem surgiu em seus olhos. Ele afastou os objetos na mesa, para que pudesse me deitar sobre ela. Com um puxão com as duas mãos, partiu minha calcinha em duas.

— Uma coisa que tem que saber sobre o *Pakhan* — disse ele passando os dedos da minha entrada até meu clitóris, pulsando ansioso pelo toque dele — Ele adora chupar uma boceta.

Revirei os olhos para cima quando sua boca talentosa começou a me chupar. Minhas unhas arranhavam a mesa enquanto o prazer começava a ser construído em mim.

— Dmitri, eu acho que... — ouvi Vladic entrar e inclinei a cabeça para trás, ele realmente sabia aparecer nos piores momentos — Ah, mas que porra!

Após esbravejar, ele saiu batendo a porta. Eu deveria ter me sentido envergonhada, mas Dmitri não ligou a mínima e voltou a me torturar com sua língua, me fazendo esquecer que o restante do mundo existia. Eu o ouvi desafivelar o cinto e ao olhar para ele, vi que abria a gaveta de onde tirou um preservativo.

— Você tem camisinha aqui? — indaguei meio decepcionada, esse era seu local de trabalho na casa, como um santuário para ele.

Acreditei que esse tinha sido um rompante só nosso, um momento de loucura que compartilhávamos, e não que ele trouxesse mulheres aqui para transar.

— Depois de você? — ele deslizou o látex pelo seu pau rijo — Há

camisinhas em todos os lugares, *mílaya*. Eu não consigo mandar no meu pau quando ele está perto da sua boceta.

Então, ele esfregou a ponta da cabeça em minha entrada molhada e escorregou até o meu clitóris. Fez o mesmo movimento repetidas vezes. Até que eu não suportasse mais e começasse a implorar com gemidos.

— Dmitri! — ronronei seu nome inúmeras vezes — Eu... por favor!

— O quê, *mílaya*? — questionou com seu jeito safado e provocativo — Não pode ficar desejando que eu adivinhe tudo o que você quer. Tem que me dizer.

Eu não era o tipo que sussurrava sacanagens, talvez fosse porque não tinha experiência ou ousadia suficiente, mas enquanto ele continuava a me provocar, entendi que precisava falar ou aquela tortura nunca teria fim.

— Fale!

— Me fode! — gritei em uma voz manhosa — Me fode, Dmitri.

Ele se curvou amassando meus seios por cima da roupa.

— *Kiska*, você fica tão sexy assim — ronronou ele e sem aviso, estocou para dentro de mim.

Duro e forte. O *Pakhan* não tentava ser delicado comigo. Ele fodia com força fazendo o orgasmo chegar até mim de forma destruidora. Eu enlouquecia com os dois homens que ele era capaz de ser.



Estávamos em seu quarto. No dia seguinte, seria aniversário de Kalina e eu praticamente implorei a Dmitri que nos deixasse fazer uma festinha para a menina, que também serviria como mais um teste entre ela e os avós. Ele cedeu ao meu pedido, mas andava bastante preocupado. O grupo de Boris estava crescendo, contudo, eles não tinham nenhuma informação importante do que realmente vinham fazendo nas “reuniões para jogar”.

Por que não iam ao cassino como a maioria dos *kapitany*? Estava cada vez mais notório que Kamanev tinha algo a esconder.

— E se eu fosse até lá? — sugeri quando fomos para a cama, peguei o pote de creme e comecei a passar em minha perna — Posso tentar sondar alguma coisa com a Sonya ou com o Boris.

— Não! — ele disse duro, deixando claro que nem deveria pensar em negociar isso — O Boris quer você, Kyara. Ficou bem claro na visita que me fez

e ele mesmo confessou isso a você. Se entrar naquela casa, viva você não sai.

Eu não podia argumentar contra isso. Imagens de coisas terríveis que Boris poderia tentar fazer comigo vieram à minha cabeça. Ele era louco o suficiente para me matar se eu negasse a me entregar a ele.

Mas eu estava muito preocupada com Dmitri. É claro que eu não queria que ele invadisse a mansão Kamanev e exterminasse a família, como Vladic já sugeriu, mas eu também não queria vê-lo correndo qualquer perigo. Nesse momento, eu já nem me importava de um dia ter que ir embora, eu não queria que Dmitri se machucasse, tendo mais uma pessoa que eu amava sendo prejudicada por Boris.

— *Mílaya* — ele segurou e levantou o meu queixo — Desde que não saia daqui, está segura. Eu estou seguro. Vladic e Ivan são os melhores. Você não tem que temer o Boris porque ele é um bosta.

— Mas você está preocupado — o acusei.

— Eu só quero que essa merda acabe logo. É muito diferente — respondeu ele — Além disso, há o jantar oferecido pelo *Kapitan* Eremeev. Eu me certifiquei que Dembinsky estivesse lá com o filho e a nora. Posso conseguir algumas informações.

— Ah, o jantar — disse me levantando da cama, indo até o banheiro onde guardei o pote de creme — O mesmo que sua candidata à esposa estará presente.

Eu odiava isso com todas as minhas forças.

— Não estou interessada nela, *mílaya* — disse ele às minhas costas e me abraçou, apoiando o queixo em minha cabeça — Mas fico feliz que sinta ciúmes.

— Quem disse que estou com ciúmes? — bati com meu cotovelo em seu peito e me afastei — Você é muito convencido.

Ele riu me deixando com mais raiva. Eu era uma tremenda mentirosa. Na verdade, estava em pânico que a filha do *Kapitan* Emereev fosse uma jovem bonita, atraente e inteligente. O tipo de esposa perfeita. E ela tinha uma vantagem sobre mim, ainda deveria ser virgem.

— Espero que você se divirta muito — disse a ele e puxei as cobertas da cama, depois, me cobri inteira, deitando de costas para ele.

— Nós vamos nos divertir — resmungou ele puxando a coberta de mim — E não se cobre porque não vou dormir com o pau duro.

— Você não pode levar a sua amante para conhecer sua futura esposa.

— Ela não é a minha futura esposa — ele me agarrou pela cintura e me fez escorregar pela cama, me fazendo rir — O que eu falei sobre vivermos o hoje? O projeto ‘procure uma esposa para o *Pakhan*’ está adiado.

O hoje era tudo o que eu tinha. Não parecia nada, mas era tudo para mim.

— Quando o médico indicado pelo Dr. Kushin retorna para os exames? — ele esfregou o corpo no meu.

Nós dois faríamos exames indicado por ele para saber se estava tudo bem e se poderíamos usar outro meio contraceptivo, abandonando o preservativo.

— Em alguns dias.

— Ótimo!

Eu estava ansiosa para sentir Dmitri sem barreira alguma, tanto quanto ele.



Uma festa para criança, tinha que ter crianças. Darya se encarregou de trazer os filhos de sua prima. Irina levou meia dúzia de crianças de um orfanato que sua família fazia doações. Nikolai trouxe suas duas netas e Ivan, a sobrinha, que fez amizade rapidamente com Kalina. Os avós dela vieram e foi a parte mais incrível da festa, eles trouxeram um filhotinho de porco como presente. O bichinho rosinha correndo pelo quintal fazia a festa da criança.

A tia da menina não compareceu trazendo seus filhos, mas não fez a menor falta para nenhum de nós, tampouco para Kalina. Era tão bom olhar para ela e ver que apesar da timidez, e em um ritmo muito lento, voltava a parecer uma criança.

— Ele está apaixonado por você — disse Irina ao se unir a mim à mesa repleta de doces e outros atrativos infantis.

— Como? — deixei meu prato sobre a mesa para poder olhar para ela.

Irina indicou o local onde Dmitri, Vladic e Ivan faziam uma roda e pareciam discutir coisas relacionadas ao mundo masculino. Como se notasse eu o observando, Dmitri olhou em minha direção e sorriu, ficando um longo tempo me encarando, ignorando o que os outros dois lhe falavam.

— Ele está muito apaixonado por você — insistiu Irina.

Olhei ao nosso redor para ver se havia alguém por perto.

— Acho que gosta da minha companhia, mas o que Dmitri gosta mesmo é de fazer sexo comigo — afirmei, me recusando a ficar vermelha — Acho que

às vezes até de brigar comigo, porque aí, fazemos as pazes com mais sexo. Não tem nada a ver com estar apaixonado.

— Você está ouvindo o que está dizendo? — ela levantou a mão — Dmitri gosta da sua companhia e vou te dizer, ele não gosta de muitas pessoas. Gosta de transar com você e arranja mais motivos para transar com você. Ele está A.P.A.I.X.O.N.A.DO.

Olhei mais uma vez para Dmitri, só que dessa vez ele estava focado em uma conversa com Vladic. Percebi que respeitava o *Pakhan* que Dmitri estava se transformando, mas eu amava o homem comum que ele conseguia ser quando relaxava. E também notei algo que me deixou curiosa, Ivan Trotsky tinha um olhar bem interessado em Anatolli, a mesma deu um sorriso tímido quando passou por ele.

— Você acha mesmo que Dmitri me ama? — indaguei, voltando minha atenção para Irina.

Eu estava entre incrédula e esperançosa. Irina suspirou e passou o braço pelo meu ombro.

— O mais importante é, você o ama? — sondou ela — Porque a última vez que nos vimos, sua única vontade era fugir daqui. Agora veja só, está dando uma festa infantil com um sorriso que mal cabe no rosto.

Ela tinha razão, tanto organizar a festa para Kalina como vivenciá-la com pessoas que passavam a considerar amigos estava sendo uma experiência maravilhosa.

— Você o ama?

— Irina, você é tão insistente — falei colocando um doce na boca para ganhar tempo.

Certo, há muito tempo eu tinha admitido a mim os meus sentimentos por Dmitri, mas dizer a ele ou a outra pessoa, mesmo que estivesse estampado na minha cara como estava, era assustador.

— Ama? — ela sacudiu meu ombro.

— Muito — consegui dizer — Nossa! Eu o amo demais. A gente está vivendo isso o tempo que der.

— Como assim? — ela ficou de frente a mim.

— Você sabe da lista, Irina — tentei falar sobre ela como se não me incomodasse quando, por dentro, me destruía — Em algum momento, ele terá que escolher alguém e se casar.

Irina revirou os olhos e olhou para o alto. Quando voltou a me olhar, senti que desejava me agredir fisicamente.

— Você está mesmo se torturando por isso? — ela quase riu da minha cara melancólica — Não existe nenhuma lei que o obrigue a se casar, muito menos com a filha legítima de um *kapitan*. E mesmo que houvesse, Kyara, ele é o *Pakhan*, ninguém diz o que ele tem que fazer, nunca.

Eu não perguntei muito sobre isso e evitava escutar quando Dmitri tentava tocar no assunto porque me machucava, mas se Irina tivesse razão, então...

— Mas...

— Meu pai disse que essa lista idiota foi ideia do Savin — ela apontou com o queixo o lugar que Nikolai estava com a esposa, conversando com os avós de Kalina — Para fazer o Dmitri parecer mais respeitável. E você sabe, ele é homem e blá, blá, blá.

— Mesmo que tudo o que disse seja verdade — não vou me deixar ter falsas esperanças — Não muda nada entre mim e Dmitri. Um dia, tudo isso acaba e ainda irei seguir o meu rumo.

— Você pode ficar e trabalhar comigo?

Era uma ideia tentadora. Falando francamente, eu já não desejava sair andando pelo mundo, tinha conquistado amigos e, em breve, Dmitri daria um jeito no Boris; eu não iria precisar temê-lo.

— Eu vou pensar. E já que estamos em um momento superamigas, você e Vladic? — perguntei a ela — Sempre existiu essa coisa no ar?

— Que coisa no ar, Kyara? — ela me encarou revoltada — O Guriev me detesta e eu o odeio.

Dei risada porque não acreditei em nada do que ela disse, por experiência própria sabia que só estava fugindo do óbvio.

— Eu também odiava o Dmitri — suspirei ao lembrar dos primeiros dias — Mas sempre que ele me pegava, que me beijava e...

— Me poupe, não quero saber da sua vida íntima com o *Pakhan* — protestou ela — Meu pai ainda sonha que eu me case com ele, faz parecer nojento.

— Mas você disse que não vai se casar.

— Disse que não quero, só estou enrolando — ela parecia uma donzela levada ao sacrifício ao falar — Se não me caso, papai tirará tudo que tenho. Eu

não sou nada sem o meu trabalho.

— Ok. É que é a primeira vez que eu tenho uma amiga para falar essas coisas.

— E Sonya?

— Ah, ela dizia muitas coisas — confessei a ela — Mas na maior parte só ria do que eu falava.

— Aquela *suki* — disse ela, praticamente cuspiando a ofensa contra Sonya — Tudo bem, você pode me contar algumas coisas, mas não espere muito de mim. Eu afugento os homens.

Eu não queria ofendê-la, mas ela afugentava, ou melhor, deixava de atrair mais pelo jeito neutro de se vestir do que por sua personalidade forte.

— Talvez se você deixasse de só usar bege e esses tons — falei mansamente — Soltasse os cabelos de vez em quando e usasse as lentes que sei que tem, ao invés de sempre estar com esses óculos, os rapazes tomassem coragem. Alguns beijos não fariam mal a ninguém.

Ela era bonita à sua maneira e só precisava realçar os seus pontos fortes.

— Ah, certo — disse com desdém ao cruzar os braços — Eu preciso muito que um homem me beije.

— Eu posso fazer essa caridade — disse Vladic ao se aproximar — Não é mesmo, Irina?

Ele se apoiou contra a mesa e deu um sorriso bem sexy para ela. Observei-a ficar vermelha, possivelmente de raiva.

— Guriev, vá para o inferno — notei receosa ela abrir e fechar as mãos — Seu... seu, *Bolotnik*!

Era a primeira vez que eu via Irina realmente brava. Vi-a sair pisando duro e minhas suspeitas apenas cresceram.

— Quanta paixão! — gracejou Vladic.

— Ela te chamou de *Bolotnik* — disse a ele tentando segurar minha risada.

— Eu me pareço mesmo com uma besta imunda que vive no pântano — disse ele dando risada e tocou a ponta do meu nariz com o dedo — Mas há quem goste.

Ah, sim, com certeza havia uma fila enorme de garotas atrás dele.

Observei-o se afastar, provavelmente, para caçar Irina e irritá-la um pouco mais ou fazer a caridade. Eu voltei minha atenção à mesa de doces e após

separar um pouco de tudo, fui até Dmitri. Ele rodeou o braço em minha cintura quando me coloquei ao seu lado e levei um pedaço de doce à sua boca. Nem percebi Ivan se afastar de nós disfarçadamente.

Toda a minha atenção estava focada em Dmitri Milanovic, o *Pakhan* que havia conquistado meu desavisado coração.

Capítulo 28

Dmitri Milanovic

Assim como Vladic, eu gostava de agir, mas um *Pakhan* tinha de saber pensar com frieza e operar no momento certo. Mas sendo honesto, o que vinha me mantendo mais cauteloso era Kyara. Preocupava-me não apenas com seu estado físico, mas o mental e emocional.

Eu sentia que agora ela vinha sendo a Kyara por quem cada dia eu me via mais envolvido. Ela sempre sorria, andava feliz pela casa e o sexo entre a gente ficava mais quente. Havia uma meia dúzia de coisas que poderiam fazê-la voltar a ser a mesma garota que mantive aqui contra a sua vontade.

A partida de Kalina e Anatolli a quem ela havia se apegado bastante; o destino dos Kamanev, caso eu decidisse atacá-los, e minha lista de preocupações só tendia a aumentar. Pelo menos, em relação à criança, eu já havia tomado uma decisão.

— Vou deixar a Kalina com os avós — disse a ela, que estava passando a gola do vestido pela cabeça e se atrapalhou com o que eu disse — Acho que é mais correto.

Soltei uma risada e a ajudei a passar o vestido pelo pescoço.

— Verdade? — seus olhos doces encararam os meus.

Porra! Por que eu me deixava envolver assim por essa garota?

— Eu acho que você tem razão — dei de ombros — Ela precisa ficar com quem realmente a ama e não com quem tem mais dinheiro. E se eu fosse o pai dela, teria sido meu desejo também. Dizem que avós são como segundos pais.

— Ah, Dmitri — ela me abraçou forte pela cintura e apoiou o rosto em meu peito — Obrigada.

Passei a mão por seus cabelos. Uma espécie de calor percorreu dentro de mim e não tinha nada a ver com desejo sexual, nós já tínhamos transado até cansar durante o banho.

— E vou contratar a Anatolli para continuar a ser babá da menina — no fim, eu tinha feito exatamente o que Kyara queria que eu fizesse, mulher ardilosa — Está feliz?

— Muito. Vou sentir falta dela, mas posso visitá-las, não?

Embora eu não achasse seguro que Kyara saísse de casa no momento, já não a via como minha prisioneira. Acho que nunca a vi assim.

— Sempre que você quiser, mas irei junto.

Terminamos de nos vestir. Kyara foi para o quarto de Kalina contar a novidade e eu fui ao encontro de Vladic para iniciarmos as atividades do dia. Hoje, visitaríamos o laboratório de tecnologia de Irina, desejava verificar com meus próprios olhos como ia o andamento do projeto.

Para um desconhecido que olhasse o prédio de paredes espelhadas e escuras, veria uma empresa normal. Dois *boyevik* usando ternos escuros na porta fazendo a segurança, duas lindas garotas uniformizadas na recepção que me deram um sorriso animado ao me verem.

Havia meia dúzia de soldados ao redor de nós dois, metade deles ficou para trás quando entramos no elevador e seguimos para o último andar. Passamos por um longo corredor e algumas salas em atividade até chegarmos ao laboratório de Irina.

— *Pakhan* — o homem na porta me cumprimentou e abriu para que eu entrasse.

Olhei em volta observando os diversos computadores e equipamentos de última geração. Encontrei-a em frente a uma tela de vidro, passando uma fina caneta sobre ela. A imagem que se formava era em 3D. Um homem usando jaleco branco estava ao lado dela, em um dado momento, colocou a mão sobre o ombro dela.

O pigarrear de Vladic fez os dois se virarem para gente.

— Eu não sabia que viria hoje — disse ela a mim.

— Ele não tem que te avisar quando vem — disse Vladic enquanto encarava o américo-russo que havíamos arrancado de Chicago. Para alguém que foi retirado do seu país contra a vontade, ele parecia muito bem.

— É que teria preparado um dossiê mais detalhado para mostrar os avanços — respondeu ela — Mas posso adiantar algumas coisas e enviar um relatório depois.

Ela pediu que nós a acompanhássemos até sua mesa. Aceitei uma das cadeiras que Irina indicou, mas Vladic preferiu continuar em pé, cruzando os braços de forma que fizesse seus bíceps parecerem ainda maiores.

Olhei rapidamente para Tigran Voronov, entendi o que deixava Vladic incomodado. O cara era bem-apegoado. Diferente de nós que praticávamos atividades físicas pesadas devido ao trabalho e vida que levávamos, Voronov

parecia gostar de se cuidar.

— Esses cabelos espetados e cheios de tinta — sugeriu Vladic indicando o cara que estava bastante concentrado no trabalho para se intimidar com ele — É meio coisa de *pidoras*, não?

— Não, não é — disse Irina rangendo os dentes — E mesmo que fosse, você está sendo preconceituoso, Guriev.

— Ah é? — resmungou ele, fechando a cara — Só observei um fato. Além disso, há essas colônias na Bratva.

— Se chama comunidade — eu o corriji.

Não me interessava a opção sexual de um *boyevik*, desde que seu trabalho fosse impecável, o mesmo não acontecia na Tambovskaya, ouvi que houve casos de massacres violentos.

— O que você tem a me dizer, Irina? — cortei o debate dos dois — Tinha me confirmado que Voronov era a peça chave para finalizar o seu projeto.

— Bom, o Tigran encontrou algumas falhas nos cálculos que fiz, reiniciamos da metade.

A confissão dela fez Vladic engasgar uma risada, fazendo-a olhar predatoriamente para ele. Ainda bem que ela não era cientista química, ou Vladic correria sérios riscos de sofrer alguma mutação genética.

— Olha, eu sei que o Guriev está acima de mim — resmungou ela, bastante ofendida — Mas se ele continuar me provocando...

Eu falaria com ele. Esses dois já estavam me irritando.

— Quanto tempo acha que finaliza e começa a realizar os testes?

Soube por fontes seguras que o governo estava trabalhando em alguma espécie de arma química, nós precisávamos invadir seus sistemas para saber como poderíamos nos defender.

— Dois ou três meses no máximo.

Ela abriu várias telas em seu computador e explicou cada etapa do processo em que eles estavam trabalhando.

— Certo — disse ao me levantar — Mantenha-me informado sobre tudo.

Antes de seguir para a saída, me virei para ela: — Quanto a garota que tiramos dos Tambovskaya?

— Está em um lugar seguro — disse ela olhando sorrateiramente para onde Voronov continuava a trabalhar — Assim que ele finalizar o trabalho, terão permissão para irem para Chicago, certo?

— Veremos. Ainda vamos discutir sobre isso — lembrei-a — O acordo era resgatar a jovem. Nada além disso.

Muitas coisas poderiam acontecer e mudar até o final do projeto deles. E eu era um homem de palavra, não me comprometia com promessas vazias.



Os avós de Kalina chegariam a qualquer momento para levar a neta para a casa que eles tinham no interior. Estranhei não encontrar Kyara na sala com a babá, aguardando o casal e fui informado que ela ainda se encontrava no quarto da menina.

Ela estava sentada na cama, ao seu lado havia uma caixa onde ela colocava alguns brinquedos e outras já fechadas no chão. Caminhei até ela, sentando do outro lado da caixa aberta.

— Você está bem?

Não vi traços de lágrimas em seu rosto, mas havia tristeza nele. Então, ela assentiu com a cabeça, afagou os cabelos de uma boneca que segurava e a guardou com os outros brinquedos.

— Não é como se ela fosse para outro país, não é? O importante é que Kalina está e será feliz — sorriu para mim, foi como ver o sol saindo entre as nuvens — É que parece que estou sempre me despedindo de alguém. Quantas pessoas mais sairão da minha vida?

Outra promessa que eu não poderia fazer, que quem ela amava nunca iria partir.

— Às vezes a gente só tem que deixar as pessoas irem embora — disse a ela, procurando sua mão — É uma merda, porque é necessário valorizar quem fica, nós nunca sabemos por quanto tempo ainda teremos.

Aqui, olhando para o seu semblante abatido, tive a certeza irrefutável, jamais deixaria que ela saísse de minha vida e não poderia haver nenhuma outra mulher.

— *A vida é agora. Nunca houve um momento em que sua vida não foi agora, nem nunca haverá* — disse ela sorrindo — Eckart Tolle.

— É uma filosofia muito bonita — fiquei de pé, puxando-a pelas mãos — Vamos nos despedir de Kalina.

Saímos juntos e abraçados do quarto. Obviamente que foi uma despedida bem mais emocional para elas, regadas a promessas de reencontros e juras de

nunca esquecerem uma das outra. Enquanto trocava algumas palavras com o Sr. Ovcharova, vi Kyara sumir por alguns minutos com a esposa dele. Deduzi que era para passar novas informações sobre Kalina.

Estávamos agora no pátio, acenando adeus, quando aconteceu algo que me surpreendeu. Kalina virou em nossa direção e veio correndo até nós. Ela abraçou forte meus joelhos, depois ergueu o rosto sorridente para mim.

— Obrigada — sussurrou ante de me soltar.

Coloquei um joelho no chão para ficar o mais próximo da altura dela.

— De nada — segurei seu queixo com delicadeza — Nos vemos em breve, garotinha.

Ela me deu outro sorriso e correu de volta para a babá e avós que a aguardavam. Observei-os entrar no carro que havia mandado separar para eles e cruzarem o portão. Voltei a procurar Kyara, puxando-a pela cintura.

— *Mílaya?*

— Eu não estou chorando — disse ela passando com pressa a mão pelo rosto.

— Não, apenas lavando o rosto com suas lágrimas — provoqueei, precisando desesperadamente arrancar um sorriso dela.

— *Svolach!* — o seu pulso veio certo em meu peito e ela sorriu — Aquilo foi tão fofo.

— Eu sei fazer muitas fofices, mas precisa de todo um ritual — disse abraçando-a, fazendo-a caminhar de costas para dentro da casa — O primeiro deles é tirar todas as roupas.

— E o resto...

— *Ne!* — protestou Vladic que estava por perto — Façam isso no quarto. Eu já vi coisas para uma vida inteira.

Ambos rimos e, claro, seguimos a sugestão de Vladic ao partirmos para o quarto. Não foram exatamente coisas fofas que apresentei a ela.



O jantar na casa do *Kapitan* Eremeev era a oportunidade perfeita para que eu sondasse o *Kapitan* Dembinsky sobre as ações escusas de Boris. Vladic também faria a parte dele sondando com alguns *boyevik*. Para mim, não era um encontro social; estava movendo as peças no tabuleiro.

Já Kyara pensava completamente o oposto. Não importava quantas vezes negasse que não estava com ciúmes de Raíssa Ereemeev, eu via pela forma que se arrumava e os suspiros que dava que o possível encontro com a filha do *kapitan* a incomodava muito.

Isso era novidade para mim. Sempre tive amantes, mas nunca deixei que elas tivessem contato umas com as outras durante ou após a relação. Ter alguém com ciúmes era engraçado, até porque não havia motivos algum para isso. Eu só tinha olhos para Kyara Smirnov, era como se estivesse amaldiçoado.

— Coloca para mim — disse ela ao se aproximar de mim no espelho — É o colar que você me deu em meu aniversário.

Obviamente eu não reconheci a joia, foi Ribakov que encomendou e enviou para a mansão Kamanev. Peguei o colar de sua mão e passei pelo seu colo, quando encaixei as duas peças que o fechavam, fiz uma promessa silenciosa que em breve eu mesmo escolheria algo bem bonito para Kyara usar.

— Pensei que usaria uma das joias da sua mãe — ela desviou o olhar do espelho onde nos encarávamos e caminhou até a penteadeira buscando o perfume que eu gostava.

Deduzi que usar as joias que foram da mãe dela trariam lembranças tristes, então, decidi ignorar o assunto. Aproximei-me por trás e inalei a nuca onde Kyara havia depositado uma gota de perfume, depois, a abracei por trás.

— Queria ter algo seu comigo — disse ela.

Isso foi importante *pra* cacete. Meu lado primata aflorou. Eu também queria algo que mostrasse a todos que ela era só minha. Estive pensando sobre isso desde que Kalina tinha ido embora, e apesar de para alguns a ideia ganhando mais força em minha cabeça pudesse parecer maluca, para mim era o mais correto a fazer.

— Você está linda.

Ela usava um vestido vermelho de um ombro só, elegante, que realçava suas curvas o suficiente para fazer alguns pescoços masculinos se quebrarem ao vê-la passar.

— Você também está — disse esticando a mão passando sobre minha barba — Acho melhor não desviar os olhos de você.

— Achei que essa preocupação fosse toda minha — disse conduzindo-a para fora do quarto.

Como era de se esperar, o casal Ereemeev me recebeu com todas as pompas e animação. Não foram nada discretos em tecer inúmeros elogios à filha,

fazendo sugestões desnecessárias tendo Kyara ao meu lado. A garota era bonita, mas não o tipo que me atrairia mesmo se estivesse sozinho e à procura de uma noiva. Era magra demais e com seios maiores que seu porte físico poderia sustentar, obviamente, obra de algum cirurgião.

O jantar correu o mais tranquilo que poderia ser, assuntos comuns circularam pela mesa. Notei que Kyara bebia mais vinho do que deveria e que fuzilava com o olhar Raíssa Emereev sempre que precisava se inclinar até mim e sussurrar algo em meu ouvido, que ela acreditava que eu acharia importante.

Era bom que eu tivesse meu momento com Dembinsky logo antes que as duas garotas subissem uma na outra como duas *kiskas* com as garras de fora.

— Eu acho que deveria para de beber, *mílaya* — sussurrei apenas para que ela me ouvisse e recebi um olhar capaz de matar.

— Por quê? — indagou levando a taça novamente à boca, apenas para me provocar — Eu gosto de vinho. Gosto muito.

E eu gostaria de colocá-la sobre meus joelhos e dar umas boas palmadas em seu traseiro. Também gostaria de levá-la a uma das salas da casa e fodê-la até que entendesse de uma vez por todas que a única mulher que me importava era ela.

— Que tal irmos para a outra sala? Recebi ótimos charutos cubanos — Eremeev pediu por minha atenção — As damas podem acompanhar minha esposa e ter o momento delas.

Isso era uma merda. Eu não confiava em Kyara sozinha com as outras mulheres em seu estado normal, depois das taças de vinho, menos ainda. De uma, ela sentia ciúme descomunal; a outra, era mãe de quem sentia ciúmes e encorajava a filha a se jogar para mim, e por último, Frida, tia de Kalina, a quem Kyara não tinha a menor empatia.

— Se comporte, *mílaya* — disse ao me levantar e beijar suavemente sua testa.

— Vou agir como uma lady — ela abriu todos os dentes para mim, parecia que estava possuída.

Eu não me preocupava que ela fosse abrir uma briga ou discussão, mas sabia como Kyara reagia se fosse provocada.

Zhizn 'ebet meya! A vida estava mesmo fodendo comigo.

Enquanto bebidas e charutos e cigarros eram compartilhados na sala esfumaçada, olhei para Vladic, ele entendeu rapidamente o meu sinal, saindo discretamente.

— Você já foi em algum dos carteados de Kamanev, *Kapitan* Eremeev? — bati a ponta do charuto no cinzeiro que estava sobre o braço da poltrona onde eu me acomodei — Soube que o clube vem aumentando. Eu me pergunto, será que o cassino está em risco?

Apesar de minha pergunta ser direcionada ao *Kapitan* Eremeev e num tom bem cordial, minha atenção estava focada em Dembinsky e em sua reação à minha pergunta.

— Carteadado? — Eremeev me encarou confuso — Não soube de nenhum carteadado.

Dembinsky se remexeu no sofá e vi a veia em sua têmpora saltar, mas era o suor que ele disfarçava com o lenço elegante que realmente o denunciava.

— Parece que é um tipo de clube exclusivo, não é mesmo, Dembinsky? — traguei o charuto mais uma vez me deliciando com a reação dele — Tão exclusivo a ponto de deixar o *Pakhan* de fora?

— Isso é coisa do Kamanev. Ele deseja ampliar sua rede de relacionamento — disse Dembinsky — É claro que o *Pakhan* será sempre bem-vindo.

Eu tive o suficiente e agora só faltava aguardar para saber o que Guriev tinha conseguido apurar com os *boyevik*.

Estava para responder ao convite de Dembinsky quando ouvimos gritos vindos do corredor.

— *Suki!* Eu vou arrancar sua jugular com os meus dentes.

Não me espantei de ver Kyara sendo agarrada por Frida, enquanto a mãe de Raíssa tentava livrar a filha, e os cabelos dela, das garras de Kyara.

— Solta o meu cabelo! — berrava a filha de Eremeev.

Frida não conseguiria controlar, o que ela achava que estava controlando por mais tempo, então, assim que me viu aproximar, abriu uma expressão aliviada.

— Chega, *kiska* — afastei Kyara, que soltou uma lista de xingamentos pesados contra Raíssa que eu não fazia ideia que ela conhecesse — Eu não quero que você se machuque.

Tanto a Srt^a Eremeev como a mãe dela me lançaram um olhar indignado. Acho que ambas pressupunham que eu tomaria medidas drásticas em relação à jovem que elas acreditavam ser apenas uma amante que me acompanhava durante a noite.

— Kyara! — disse firme e tive sua atenção quando ela parou de se remexer em meus braços — Eu vou te levar para casa, *mílaya*.

— Eu quero ir embora — ela murmurou para mim.

— Nós vamos — afirmei e procurei Eremeev — Foi uma noite interessante. Esperamos retribuir em breve.

Ele entendeu claramente que sua filha nunca foi opção para mim. Ele assentiu e nos acompanhou até a saída. Vladic se uniu a nós assim que nos avistou indo em direção ao carro.

— Deixe-me adivinhar — ele abriu a porta para que eu conduzisse Kyara para dentro — Foi o vinho.

— E uma alta dose de ciúmes.

— Eu não tenho ciúmes, Milanovic! — ela rebateu antes de entrar no carro.

Sentei ao seu lado e busquei suas mãos agitadas.

— Não é o que os seus cabelos dizem, *daragáya* — sentenciou Vladic antes de fechar a porta.

— Se você rir... — ela me encarou feio.

Eu queria muito não fazer isso.

— Eu sou seu, *mílaya* — soltei uma de suas mãos para afagar o seu rosto — O que eu preciso fazer para provar?

— Parar de ir a jantares com intuito de conhecer possíveis noivas?

— Ok, sem jantares — agarrei sua cintura puxando-a para o meu colo — O que mais?

— A gente pode transar aqui?

Eu sei que se não estivesse um pouco alta, a sugestão jamais sairia de sua boca.

— Isso será um prazer — disse levantando a barra de seu vestido — Literalmente.

Primeiro, busquei seus lábios porque estava com uma saudade tremenda deles. Depois, introduzi minha mão por dentro do decote do vestido, procurando seu seio. Kyara estourou os botões de minha camisa e a arrancou de dentro da calça. O beijo ficou cada vez mais selvagem, as nossas carícias também.

— *Ye-bat!* — grunhi quando sua mão deslizou o meu pau para fora — Espera, *kiska*.

Ela já se erguia para se encaixar em mim quando agarrei sua cintura. Havia camisinhas em um compartimento no carro, selecionei uma delas e a coloquei.

— Eu quero que você me foda — disse a ela quando começou a deslizar a boceta molhada pelo meu pau.

Deixei que Kyara levasse seu ritmo, minhas mãos presas em sua cintura ajudando a dar o equilíbrio e velocidade que precisava.

— Goza, *mílaya*! — ordenei, esfregando meu polegar em seu clitóris sensível — Goza para mim.

Eu já estava muito perto de liberar meu orgasmo. Beijei seus lábios, seu pescoço, acariciei um ponto sensível em sua orelha, sussurrando como ela era gostosa, enquanto meu dedo continuava a acariciá-la.

— Ahhh.... — Kyara liberou seu prazer com gemidos abafados em meu pescoço.

Enquanto sua boceta pulsava e retraía em torno de meu pau, permiti que meu gozo jorrasse dentro dela.

Minha respiração ainda tentava se normalizar quando percebi que ela pegou no sono, caída contra meu peito.

Joguei a cabeça para trás, rindo.

Capítulo 29

Kyara Smirnov

Eu não queria abrir os meus olhos, mas além de algo raspando em minhas costas nuas, havia o latejar em minha cabeça, castigo merecido por eu ter quebrado minha promessa de não beber como havia feito. Contudo, eu perdoava a mim mesmo; só mesmo com muito álcool para suportar o jantar onde a filha do *Kapitan* Eremeev passou o tempo todo se insinuando para Dmitri, ignorando completamente que ele estava acompanhado.

Não foi um jantar de cortejo, pelo menos, não um jantar explícito de cortejo para que Raíssa agisse como uma vadia que era. E além disso, a noite terminou pior do que havia começado quando perdi minha paciência e a agredi.

Bom, não terminou totalmente ruim, o fato de termos transado no carro compensou a noite desastrosa, pena que eu havia dormido logo após ter gozado.

— Eu sei que você está acordada — ouvi Dmitri sussurrar em meu ouvido.

Pisquei os meus olhos temendo abri-los e que a luz fizesse o latejar em minha cabeça aumentar. Mas o fato de me deparar com seu sorriso lindo, fazia valer a pena.

— O que é isso? — disse ao me virar e olhei para o envelope em sua mão.

— Os exames. Vamos abrir juntos — disse ele, fazendo-me sentar na cama em expectativa — Mas antes, acho que vai precisar disso.

Ele virou em direção à mesinha e passou um comprimido e um copo d'água. Tomei o remédio e bebi toda a água no copo. Estiquei a mão para o envelope que ele segurava, mas Dmitri afastou rapidamente de mim.

— Primeiro, vai me contar o que aconteceu para agir como uma *kiska* selvagem na casa de Eremeev.

Baixei o olhar, fixando no copo vazio em minha mão. Se antes eu não seria considerada uma possível escolha de esposa para Dmitri, depois de ontem, eu tinha atirado qualquer chance pela janela.

— Kyara? — ele ergueu minha cabeça — Seja sincera.

— Eu juro que eu tentei me controlar — confessei a ele e o sorriso que me deu advertia que ele não acreditava nem um pouco — Mas Raíssa passou do

limite. Nós chegamos juntos e ela ficava sussurrando no seu ouvido e tocando seu braço e perna. Aquela...

Parei para respirar profundamente. Eu já não estava mais embriagada, mas meu desejo de esfregar a cara daquela ordinária na parede não havia diminuído.

Dmitri arqueou a sobrancelha com o ar questionador.

— Eu, sentir ciúmes, te deixa satisfeito?

— Muito.

Argh! Como ele tinha a capacidade de me irritar. Odiava que ele fosse sempre tão seguro de si e que tivesse motivos para ser assim.

— O maior motivo foi o que ela teve coragem de me dizer — continuei a explicar — Que eu não passava de uma amante para você passar o tempo, mas que no final, seria alguém como ela que colocaria um anel de casamento no dedo.

— Só para ressaltar e esquecer o assunto — disse ele —, ela não faz o meu tipo e seria de longe a última escolha. Agora, dá para esquecer esse assunto de possíveis noivas?

Lembrei do que Irina me disse unindo ao que Dmitri me afirmava agora. Eu deveria ser mais segura, mas era muito difícil quando eu sabia que o amava loucamente, mas não sabia a profundidade dos sentimentos dele.

— Está bem. Podemos abrir agora.

Não havia nada que pudéssemos nos preocupar. Ambos gozávamos de excelente saúde e não foi detectada nenhuma doença venérea. O preservativo poderia ir para o espaço junto com minha possibilidade de ser considerada o par ideal para o *Pakhan*. Agora, eu só tinha que ver com o doutor qual o melhor meio contraceptivo.

— Eu tenho outra coisa para te dar — disse ele saltando da cama.

Observei Dmitri seguir até o *closet* e tirar uma caixa com uma embalagem dourada e fitinhas de lá.

— Esse é um voto de confiança em você, *mílaya* — disse ao me entregar a caixa — Espero que não me decepcione usando-o indevidamente.

Fiquei entre curiosa e preocupada. Rasguei a embalagem com pressa e vi surgir uma caixa de um celular. Aos pouquinhos ele devolvia minha liberdade. Sei que não deveria ficar tão feliz por ter algo que era direito meu, mas a essa altura eu já compreendia bem a complexidade de nossa relação. Não é que

Dmitri me afastasse do mundo, ele me protegia dele.

— Pode falar comigo quando não estiver aqui e com Vladic se precisar — avisou ele — Também pode ligar para Anatolli e falar com Kalina.

— E Sonya?

Seu sorriso apagou.

— Sonya não! — ele passou o dorso da mão em meu rosto ao notar meu desapontamento — Ainda não sei se posso confiar nela. Nem você deveria depois da forma que a tratou.

— Ela só estava chateada, Dmitri — dei de ombros, Sonya sempre agira assim quando era contrariada — Você não entende porque não tem irmãos. A gente briga, sabia?

— Vladic é como um irmão para mim. Nós já brigamos muito na infância e adolescência, ainda discordamos em alguns pontos hoje — disse ele — Mas o que a Sonya tem é inveja de você. Queria estar no seu lugar. E se você não consegue ver isso, é mais ingênua do que pensei.

Eu não queria discutir isso com ele, até porque muito do que ele dizia era verdade, mas invejosa ou não Sonya era minha irmã, mesmo que ela já não me considerasse assim. E eu acreditava que tudo era questão de tempo. Logo, ela iria esfriar a cabeça e repensar tudo o que me disse.

— A Irina pode?

— A Irina pode e, por enquanto, a lista termina por aí.

Concordei com a cabeça e, sorrindo, pulei para os seus braços. Dmitri me fazia feliz com pequenas coisas.



Procurava um livro na biblioteca para ler em frente à piscina quando o telefone que deixei sobre a mesa tocou. Era uma ligação de Irina, atendi rapidamente, animada.

— Estive pensando... — disse ela após os cumprimentos — se você estaria a fim daquele almoço juntas? Tenho uma proposta a fazer a você.

— Vou adorar. Você poderia vir até aqui?

Eu não precisava explicar a ela o motivo de ainda não poder sair de casa. Desde que Dmitri me deu o celular, troquei muitas mensagens com Irina, e queria mesmo conversar pessoalmente com ela, pois, andava mais insegura do que nunca.

Apesar de termos sido liberados pelo médico e eu já estar tomando anticoncepcional, Dimitri insistiu em continuar a usarmos preservativo e andava muito misterioso e mais distante que o normal. Sondei com Vladic e ele disse que além de Boris, eles andavam tendo desacordo com o líder da Tambovskaya por algo que eles haviam feito, e que, portanto, o distanciamento dele nada tinha a ver comigo. O que não me convenceu.

— Chego aí em uma hora — avisou Irina antes de desligar.

Saí da biblioteca e fui à procura de Darya para avisar sobre uma pequena mudança nos meus planos. Pedi que servisse o almoço na área da piscina onde pretendia receber Irina, o que aconteceu exatamente no tempo que ela havia prometido.

— O Guriev não está mentindo — disse ela quando fomos até as espreguiçadeiras para relaxar do excelente almoço que tivemos — Os Tambovskaya são bem violentos, quase como se ainda vivessem no século passado. Há alguns anos de paz entre nós, mas mexemos em um vespeiro. Dmitri precisa encontrar uma forma de os acalmar, se é que isso é possível.

— Pode haver uma guerra? — perguntei alarmada.

A vida já era complicada demais apenas tendo Boris como ameaça. Deixei-me realmente conta de como a vida de Dmitri estava sempre em risco.

— Acho que não — disse ela, mas senti pouca convicção em sua voz — Uma retaliação é bem possível. Os homens precisam sempre marcar território e mostrar sua força.

Os homens russos ainda mais.

— Além de terem necessidade de se mostrarem como machos Alfas — disse Irina — Os homens levam um longo tempo para finalmente colocar em palavras o que sentem. Já avisei que não tem que se preocupar com isso, e, como disse no telefone, tenho uma proposta pra você.

— Não posso sair daqui, pelo menos sem ter uns dez *boyevik* às minhas costas, não sei como poderia trabalhar com você.

— Mas para o que preciso, não é preciso que você saia de casa. Eu estou trabalhando em algo novo.

Irina mostrava-se tão empolgada que imediatamente me contaminou.

— É um protótipo, um microchip, bem menor que um grão de arroz.

— E o que isso faz?

— Estou estudando um rastreador de longo alcance.

— Desses que colocam em telefone?

— É, mas ficará dentro da pele — disse ela me deixando abismada — Não há como perder ou estragar como um telefone, a menos que seja arrancado da pessoa.

— Você quer colocar isso em mim?

— Como disse, estou apenas testando. Não vai incomodar, seria como um pequeno calo em sua pele — disse ela esticando a mão, passando os dedos atrás de minha orelha — Um corte bem pequenininho, com anestesia local, não sentiria dor nem antes, nem depois.

— E a longo prazo?

— O material que o reveste é o mesmo que se usa em silicone. Não causará nenhum efeito colateral ou rejeição do corpo.

Eu não sabia o que dizer a ela. Irina era uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci. Admirava-a muito, mas já estava privada da minha liberdade, agora, ter meus passos seguidos? Não sei.

— Dmitri tem algo a ver com isso?

Ela arregalou os olhos.

— Claro que não. Ele nem sabe que estou trabalhando nisso.

— Por que eu?

— Digamos que, na pior das hipóteses, suas paranoias tenham fundamento e vocês se separem — disse ela e a sugestão fez uma pontada arder em meu peito — Eu sei que não quer mais sair de Moscou. Bom, você terá um emprego.

— E digamos que as minhas “paranoias” não tenham fundamento — frisei — Um dia, terei que contar a Dmitri, ele ficará zangado, não é? Por escondermos isso dele.

Ela me encarou com desapontamento, depois, com reprimenda.

— Ele diz pula e você pula? — indagou ela — Tem que ter personalidade, Kyara, e isso você tem, foi exatamente por isso que Milanovic se apaixonou por você. Além disso, as mulheres sempre sabem como acalmar um homem.

Tinha que admitir que ela estava certa.

— Eu posso pensar um pouco?

— O tempo que precisar. Ainda estou fazendo alguns ajustes, de qualquer forma.

Nós mudamos o assunto para coisas mais amenas, como lembranças de coisas engraçadas durante o período escolar, nossa vida atual e o que esperávamos do futuro. Meus planos não eram tão grandiosos como os de Irina, mas ela respeitava isso e não me diminuiu por meu maior desejo ser construir a família que perdi.

Gostei de ter passado algumas horas com ela, ter apenas Darya para conversar e ligações para Anatolli não eram suficientes para preencher meu dia. Eu pensaria na proposta de Irina, mas também, pensaria no que fazer da minha vida com ou sem Dmitri.



Estava muito animada porque saímos um pouco de casa, mesmo que fosse para passar a tarde no Centro de Treinamento onde Dmitri e Vladic exercitavam tiros e uso de outras armas. Ele iria me ensinar a atirar, embora eu estivesse bem insegura em relação a isso.

— Primeiro, você tem que colocar isso — disse Dmitri entregando o protetor auricular e os óculos — Sempre que for treinar, deve usar isso, entendeu?

Assenti e coloquei os protetores de acordo com as instruções dele.

— Os pés devem ficar assim - instruiu Dmitri.

Ele posicionou meus pés para que ficassem paralelos e me mandou apontar para o alvo.

— Isso, é mais ou menos na largura dos ombros. Nessa posição, os joelhos devem estar ligeiramente flexionados.

Assenti, enquanto via vários tipos de alvos passarem em fila diante de mim.

— Essa posição é conhecida como isósceles — disse ele — Consiste em formar um triângulo isósceles, dois lados congruentes, entre os braços do atirador.

Depois, ele me mostrou como deveria segurar a arma, engatilhar e atirar. Era bem mais difícil do que imaginei e vi vários bonecos passarem por mim sem terem nenhum arranhão. Eu já estava começando a me sentir cansada e aborrecida quando atingi um senhor gordinho com cara de gangster, bem no joelho.

— Consegui! — gritei animada sacudindo minha mão no ar.

Dmitri soltou um xingamento e me desarmou rapidamente, olhando-me muito sério.

— Nunca segure a arma desse jeito. Está carregada, *mílaya* — chamou minha atenção e nem pude me sentir chateada com isso, eu tinha sido terrivelmente imprudente — Isso não é um brinquedo.

— Me desculpe.

Ele me puxou para um abraço e soltou um suspiro profundo. Acho que tinha ficado mais preocupado com minha segurança do que realmente zangado comigo.

— Chega por hoje — disse trocando a arma que usei pela dele — Por agora só irá me assistir.

Eu não me importei. Era fascinante vê-lo em ação. Já o vi nadar como um competidor Olímpico, treinar artes marciais com Vladic, e não passava um alvo por ele que não tivesse sido atingido.

— Há algo que você não faça bem? — perguntei quando ele começou a reunir nossas coisas.

— Pratico desde os 14 anos — disse ele — Você vai melhorar com o tempo.

Dmitri foi criado para ser um soldado e comandante. Desde cedo houve muita responsabilidade pesando sobre os ombros dele. Eu me espantava com cada coisa nova que eu descobria. Como Boris podia achar que ele não merecia estar onde estava?

Ele que não era honrado o suficiente para ocupar o lugar de Dmitri.



Na manhã seguinte à nossa visita ao Centro de Treinamento, enviei uma mensagem a Irina confirmando que aceitava participar do projeto dela. Eu também queria fazer parte de algo importante.

Ela veio na mesma tarde, trazendo uma maleta preta.

— Como está se sentindo?

Passei o dedo no pequeno ponto atrás de minha orelha. Além da picada da agulha da anestesia local, não senti dor alguma.

— Tome esses dois comprimidos — disse ela entregando-os — Antibióticos e analgésicos. Mas dificilmente sentirá dor, terá uma reação alergia ou rejeitará o protótipo.

— Tudo bem — cobri minhas orelhas com o cabelo — Vai ser tipo quando furei as orelhas.

Fizemos o procedimento em meu antigo quarto. Foi rápido e quando Darya entrou trazendo o chá e algumas guloseimas de acompanhamento, estávamos em minha cama conversando sobre outros assuntos, não levantando nenhuma suspeita.

Eu odiava ter que mentir para Dmitri ou, como dizia Irina, manter segredos, então, quando ele entrou no quarto dele algumas horas depois, fiz o possível para não parecer culpada.

— Faça as malas, *mílaya* — avisou, me colocando em pânico por alguns segundos — Nós vamos viajar.

— Viajar? — mordi meus lábios nervosa e saltei da cama — Viajar juntos ou está me mandando embora?

Será que ele já tinha descoberto o que eu e Irina havíamos aprontado?

— Te mandando embora? — a confusão em seu rosto era tão honesta que rapidamente voltei a respirar aliviada — De onde tirou isso?

— Você anda esquisito, Dmitri — usei a oportunidade para expor meus sentimentos sem querer parecer carente demais — Distante, mais calado e... o sexo é o mesmo, mas...

— Vem aqui — ele me levou de volta à cama, mas, dessa vez, fui colocada sentada em seu colo — Eu tive muitas coisas em minha cabeça nesses últimos dias.

O que ele dizia meio que confirmava com o que Irina e Vladic haviam me falado. Acho que o que faltava em nossa relação era trabalharmos um pouco mais a confiança um no outro, a certeza sobre nossos sentimentos.

— Mas o motivo maior é essa viagem — disse ele — Estou cansado de tanta merda. Tantos seguranças, tantos empregados, tantas pessoas em volta de nós. Estive planejando isso.

Dmitri nunca deixava de me surpreender. Estive me lamentando pelos cantos acreditando que ele já estava perdendo o interesse e desejo por mim, enquanto ele organizava uma viagem romântica.

— E para onde vamos?

— Eu sei que você gostaria de uma praia. Talvez alguma praia na Turquia. Mas ainda teríamos que ter no mínimo meia dúzia de *boyevik* ao nosso redor.

— E Vladic — disse em um tom humorado — Ele vale por todos eles, tanto no quesito segurança como em indiscrição.

— Infelizmente, nessa viagem, não poderei deixar o Vladic para trás — murmurou ele — Não vou arriscar sua segurança, mesmo o lugar para onde vamos sendo completamente seguro.

— Então, para onde vamos? — renovei minha pergunta.

— Meu pai tem uma casa na montanha, fica na Suíça. Só dá para chegar de Helicóptero ou de barco na vila. E a casa fica razoavelmente distante.

— Então, será eu, você e Vladic.

— Exatamente.

— É uma viagem romântica?

Ele fez cara de menino emburrado.

— Não sei ser romântico, Kyara — ele buscou os meus lábios dando um pequeno beijo — Mas vamos poder transar onde quisermos. Na cozinha, na sala, na varanda.

— Ah, então é uma viagem para fazer mais sexo — sorri diabolicamente para ele — Por que não me disse antes?

— Entre outras coisas, *mílaya* — disse ele com um olhar diferente do apaixonado que costumava me dar.

Ele transmitia um amor que fez meu coração virar gelatina.

— Eu vou a qualquer lugar que você estiver, Dmitri — sussurrei ao abraçá-lo pelo pescoço.

— E eu estarei sempre ao seu lado, *printsesa*.

Isso para mim, valia muito mais que um milhão de *eu te amo*.



Na manhã seguinte, dois carros com *boyevik* nos guiaram até o aeroporto, onde pegamos um jatinho *Cessna Mustang*, pilotado por Vladic, com destino à Suíça. E ao chegarmos lá, um helicóptero, também pilotado por Vladic, já nos aguardava. Já fui à Suíça uma vez com Sonya, mas ficamos em regiões bem mais turísticas e badaladas.

Conforme a paisagem mudava, eu ficava cada vez mais encantada, principalmente com a mudança do verde de alguns campos e montanhas para o cinza e, depois, o branco da neve cobrindo os picos.

A casa ficava realmente no topo de uma montanha. Não era grande, possuía dois quartos, cozinha, área para lavanderia, uma sala com lareira e um porão, que para minha admiração tinha sido transformado em um apartamento, que era onde Vladic iria ficar.

Dmitri explicou que quando eles eram menores e precisavam contar com o apoio dos seguranças, era ali que eles costumavam ficar dando o máximo de privacidade à família.

— Você gostou?

Estava olhando a vasta paisagem pela janela do quarto quando Dmitri se aproximou e me abraçou por trás. Havia tanta paz e tranquilidade aqui, que eu lamentava antecipadamente termos que ir embora em alguns dias.

— É tudo tão lindo — passei meus braços sobre os braços dele em minha cintura — E tudo tão calmo.

— Vladic está indo até a vila comprar algumas coisas — ele esfregou o nariz em minha nuca e senti minha pele arrepiar — A gente pode tirar as roupas das malas. Ou tirar as roupas do corpo.

— Alguma dúvida de qual será a minha resposta?

Vi um vislumbre de seu sorriso pelo reflexo que fazia no vidro da janela.

— Vou acender a lareira — ele beijou minha nuca — E abrir uma garrafa de vinho.

Literalmente, suspirei deleitada quando ele se afastou e foi em direção à sala. Vi pela janela Vladic sair com um carro preto, estilo 4x4, próprio para andar em regiões como essa. Admirei a paisagem um pouco mais deixando a quietude do lugar me envolver.

Quando cheguei à sala, Dmitri acendia a lareira como havia prometido. Uma garrafa de vinho estava sobre a mesinha quadrada, com duas taças e aperitivos diversos para podermos degustar.

Eu fui para o sofá e sentei dobrando uma perna, cruzando a outra por cima. Observava em silêncio Dmitri ajustar os últimos detalhes. Ele havia tirado o paletó e arregaçado as mangas da camisa branca que usava.

Admirei o seu físico magnífico, os músculos ficando ainda mais evidentes conforme ele se movia.

— Gosta do que vê, *mílaya*? — perguntou, ainda de costas para mim.

Sabia que ele sorria porque isso era evidente em sua voz.

— Vou gostar mais quando cumprir o que sugeriu no quarto.

Ele se virou para mim e o fulgor em seus olhos fez o ponto sensível entre minhas pernas começar a reagir.

— Isso seria?

Ele caminhou lentamente até mim, enquanto ia abrindo botão a botão em sua camisa. Em nenhum momento seus olhos desgrudaram dos meus.

— Exatamente isso que está fazendo.

Normalmente eram as minhas roupas a serem tiradas primeiro, mas ver Dmitri se despindo para mim, era algo muito *sexy* para que pudesse reclamar. Na verdade, era um presente que eu agradecia aos céus.

Quando ele tirou a calça e a cueca ao mesmo tempo, chutando-os para o lado, eu já lambia meus lábios sedenta. Seu pau glorioso foi parcialmente tirado de minha visão quando ele começou a se masturbar para mim.

— Por que eu acho que estou em desvantagem? — indagou ele, continuando a se tocar — Fique nua!

Senti minhas pernas um pouco fracas quando fiquei em pé, mas obedeci a seu desejo. Depois de ter tirado no quarto o casaco com que viajei, era a vez do vestido branco de linho sem mangas, que tinha um zíper atrás das costas. Puxei-o até onde meu braço alcançava e fiz um movimento sensual com o corpo até conseguir deslizar o resto. A peça caiu sobre meus pés e, assim como Dmitri, a afastei para o lado.

— É uma *lingerie* muito *sexy* — disse ele ao se aproximar — Mas o que ela cobre é muito mais.

Ele passou as mãos pela minha cintura, subiu pelas minhas costas e abriu o fecho que mantinha o sutiã preso aos meus seios. Senti sua respiração pesada em meu pescoço e fechei brevemente meus olhos. Dmitri cobriu meus seios com as duas mãos, afagando-os até me fazer soltar um gemido rouco. Ele mordiscou e chupou cada mamilo antes de deslizar os lábios pelo meu ventre, ficando de joelhos; puxou minha calcinha com os dentes, tirando-a com impaciência depois, quando chegou às minhas coxas.

Minhas pernas foram afastadas o suficiente para que sua mão a percorresse e os dedos hábeis fossem introduzidos dentro de mim. Precisei me equilibrar em seus ombros largos para continuar com os pés firmes no chão.

Dmitri me fodia tão deliciosamente com seus dedos que em um determinado momento meus joelhos realmente perderam a força e ele me amparou ao me ajoelhar diante dele.

Meus seios voltaram a ser o seu alvo, com as mãos, com a boca e eu

tateava seu corpo me deliciando com cada pedacinho dele que eu tocava.

O tapete era felpudo e macio, então, o chão abaixo de nós, não me incomodava.

— Eu quero você — murmurei em um tom ardente ao agarrar o seu pau.

Ele ronronou e me fez inclinar o corpo até minhas costas atingirem o chão. As carícias impiedosas continuaram, me fazendo implorar por mais dele, mais de tudo o que ele me fazia sentir. As minhas pernas foram abertas um pouco mais e Dmitri se colocou entre elas.

Seu pau se esfregava em mim, então, o senti entrar lentamente. Fechei os meus olhos, desnorreada com o prazer que parecia querer me consumir. Não havia nada nos separando, não conseguia me sentir mais unida a ele do que isso.

Seu pau era quente e macio deslizando para dentro e fora de mim.

— Kyara? — ele me chamou em gemido estagnado — Olhe para mim.

Abri os olhos encontrando os dele. Um estocada profunda me fez emitir um gemido angustiado. Dmitri continuou assim, estocadas suaves e profundas. E o prazer vinha se construindo em mim como ondas crescem no mar. Uma gigantesca e poderosa onda de prazer.

— Ai, Dmitri... — perdi a força nas palavras quando seu quadril ganhou mais força.

— Eu amo você — sussurrou ele, trazendo lágrimas aos meus olhos.

E novas estocadas profundas fizeram o orgasmo explodir em minha cabeça.

— Eu te amo! — confessei o sentimento que há muito tempo vinha guardando dentro de mim — Eu te amo, Dmitri.

Foi o suficiente para que eu o sentisse se derramar dentro de mim. Foi, sem dúvida alguma, o momento mais sublime e glorioso da minha vida.

Capítulo 30

Dmitri Milanovic

Eu tinha planejado muitas coisas para fazermos antes de finalmente poder ser sincero com Kyara e revelar os meus sentimentos. Mas quando me vi dentro dela, sem barreiras, pele contra pele, tudo ganhou uma proporção gigantesca. Perdi o controle sobre mim, porque era isso que Kyara me causava.

— Você arranca o tapete sob meus pés — disse a ela, afagando seu rosto emocionado, depois, encostei a testa na sua — E vira meu mundo de ponta cabeça.

— Você me ama — ela repetiu como se ainda não conseguisse acreditar.

— Acho que me apaixonei por você desde o minuto em que a vi entrar em minha sala. Eu tinha jurado que a faria me desejar, só não contei que o feitiço, o seu feitiço, fosse se virar contra mim.

— E isso é tão ruim? — ela perguntou com um sorriso e passou os dedos por minha face — Me amar.

— Se há algo realmente perfeito no mundo, *kheruvim*, é o meu amor por você.

— Ah, Dmitri — ela fungou antes de me abraçar — Eu só consigo te amar cada vez mais.

— Então, talvez eu tenha nascido para isso — esfreguei meu rosto contra o dela — Te amar, Kyara.

Eu ainda precisava dizer muitas coisas, mas agora só queríamos ficar assim, um nos braços do outro, absorvendo a preciosa dádiva de amar e ser amado de volta.

Depois de um longo tempo, puxei uma das mantas que havia deixado sobre o sofá e cobri nossos corpos, observando as chamas ardendo na lareira enquanto nossos corações também queimavam com os sentimentos revelados.

Foda!

Eu amava Kyara Smirnov. Um amor tão forte e sincero que eu só tinha presenciado em meus pais, um sentimento que acreditei ser tão raro e que dificilmente eu encontraria em minha vida. Mas aqui estava eu, literalmente, no chão por essa mulher.

Ainda estávamos no chão quando Vladic retornou, eu despertei com seu barulho vindo da cozinha. Kyara dormindo em meu peito. O vinho e a comida esquecidos e intocados sobre a mesa.

— Eu trouxe comida de um restaurante da vila — disse ele ao passar por nós.

Carregava uma embalagem de comida e uma garrafa de vodca ao caminhar em direção à porta que dava ao porão.

— Não que isso vá lhe interessar.

— Vladic, era para você ser invisível — disse com bom humor.

— Eu serei invisível — disse ele abrindo a porta — Vocês é que não são.

Minha risada fez Kyara se remexer em meu peito. Decidi que passamos tempo demais sobre o tapete. Acomodei-a em meu colo e caminhei com ela nos braços até o quarto. Nossas roupas eu pegaria depois.



O dia já estava começando a clarear quando acordei. Kyara estava tão agarrada a mim que parecia que durante a noite tinha crescido novos braços e pernas em seu corpo. Dei um beijo delicado na ponta de seu nariz e fiz o possível para sair da cama sem ter que acordá-la.

Tomei uma ducha rápida e procurei roupas confortáveis na mala que acabara esquecida no chão e fui para a cozinha cuidar do café da manhã. No balcão havia um antigo rádio, era do meu pai, ele também costumava ficar ouvindo-o enquanto assistia minha mãe cozinhar.

Não sou nenhum chef, mas o pouco que sei cozinhar aprendi com ela. Liguei o aparelho, colocando em um volume não muito alto e sintonizei na estação local. Eu poderia ter uma seleção de música melhor se ligasse meu telefone, mas estar aqui me causava uma sensação de nostalgia que eu apreciava.

Queria que meus pais estivessem vivos. Queria que a minha mãe estivesse viva. Ela iria amar conhecer Kyara e, certamente, aprovaria a escolha que meu coração havia feito.

Ainda em meio a esses pensamentos, fritei os ovos que Vladic tinha comprado na vila na noite anterior. Preparei a massa para o *bili*, que é um estilo de panqueca que serviria com mel. Depois de tudo pronto, fiz o chá preto e coloquei tudo na bandeja que levaria para o quarto.

Vladic acordaria a qualquer momento, acho mais provável que já tivesse

acordado e saído para correr, ele se viraria com o que eu deixei, quando viesse à cozinha. Eu teria feito exatamente como ele se minha prioridade não fosse o *kheruvim* de cabelos dourados dormindo no quarto.

Olhei rapidamente para a janela antes de sair da cozinha com a bandeja nas mãos. O dia já tinha clareado completamente, então, não era uma maldade tão grande assim acordar Kyara.

Depositei a bandeja sobre a mesinha ao lado da cama e me arrastei pelo colchão até chegar a ela. Afastei os cabelos cobrindo parte do seu rosto e dei uma mordida delicada em seu queixo antes de subir até seus lábios generosos.

— Ei, meu amor — brinquei com a ponta do seu nariz obrigando-a a despertar — Acorda.

— Oi — ela se espreguiçou como uma gatinha e me brindou com um lindo sorriso — Bom dia.

— Eu trouxe o café da manhã — disse apontando a bandeja que ela olhou com curiosidade e espanto.

— Você que fez?

— Por que a surpresa? — acomodei-me ao lado dela, mas deixei espaço suficiente para colocar a bandeja entre nós.

— Primeiro, é difícil te imaginar na cozinha, você é tão grande e espaçoso — respondeu ela pegando os talheres — Depois, eu nunca o vi cozinhando em casa.

— Isso porque lá há empregados que são pagos para fazer isso.

Ela separou um pedaço de um dos ovos fritos e encarou como se não tivesse certeza se deveria provar. Peguei uma porção bem maior que a dela e a desafiei com o olhar enquanto mastigava.

— Apreendi a cozinhar um pouco com a minha mãe. Foi a grande missão da vida dela, ensinar a mim e Vladic, já que com meu pai não rolava.

Talvez ter trazido a lembrança da minha mãe à baila a tenha convencido, ou foi mesmo seu estômago começando a roncar. Terminamos o café e enquanto eu cuidava da louça e arrumava a bagunça que tinha deixado na cozinha, Kyara fez a cama e tirou nossas roupas da mala.

— Quer sair para caminhar? — perguntei ao parar na porta do quarto.

— Eu adoraria.

Colocamos roupas mais quentes e sapatos confortáveis. Estávamos

saindo da casa quando Vladic retornava suado da corrida que eu havia imaginado. Não importava onde estivéssemos ou o que estivéssemos fazendo, ele sempre estaria preparando o físico como um soldado em guerra.

— Tem café da manhã para você, Vlad — disse Kyara quando ele cruzou por nós — Dmitri fez *bili* e estavam maravilhosas.

— Não mais do que as minhas — provocou ele antes de entrar.

— Isso é verdade? — sussurrou ela quando passei o braço em sua cintura e seguimos para a trilha de onde Vladic havia surgido.

— Isso era o que a minha mãe dizia e ele acreditou.

O riso de Kyara chicoteou o ar e eu fui contaminado por sua alegria.

Nós caminhamos por cerca de uma hora na ida, fazendo algumas pausas para que Kyara descansasse, eu tirasse algumas fotos nossas, em sua maioria por insistência dela, e um pouco mais de uma hora na volta já as coisas começaram a ficar quentes entres nós dois. Acabamos por foder no banheiro enquanto tomávamos banho ao retornarmos.

À tarde, comemos a comida que Vladic havia comprado. Tentamos assistir alguns filmes na sala entre uma transa e outra, quando não cochilávamos exaustos após transar.

Antes da viagem, Kyara havia brincado que essa seria uma viagem para fodermos como coelhos, e embora eu tivesse em mente motivos muito mais honrados, na prática, ela não estava muito errada.

— Eu já disse que aqui é tão bonito? — disse ela, olhando através da cortina aberta.

O céu estava bem escuro, e apesar de não muito estrelado, era uma bela visão.

— Acho que a cada uma hora.

Ela bateu de leve em meu peito onde antes acariciava.

— Exagerado! Mas falando sério, não seria perfeito ficarmos aqui para sempre? Esquecer do mundo. Viver de *bili*, ovos e sexo.

— Principalmente sexo — concordei.

Infelizmente, eu não poderia oferecer isso a ela, apenas alguns dias e uma promessa de voltarmos logo que possível e nada mais.

— Vamos viver cada dia aqui como se fosse eterno — virei na cama cobrindo seu corpo com o meu — Não é assim que dizem. Viver cada dia como se não houvesse amanhã?

— Eu acho isso perfeito.

Beijamo-nos e logo fizemos amor apaixonadamente. Porque com Kyara não era apenas transar ou foder loucamente, nos amávamos com nossos corpos também.

No dia seguinte, invadi a caverna de Vladic à procura dos equipamentos de esqui que eu sabia que deveriam estar por lá.

— Atrás daquela mesa — disse ele sem desviar o olhar da tela de TV.

— Como sabe o que estou procurando?

— Equipamentos de esqui — disse ele ainda sem olhar para mim — Mandei que enviassem novos assim que decidi fazer essa viagem de lua de mel.

Em noventa e nove por cento usamos esse lugar para relaxar. Eu era apenas Dmitri Milanovic e ele era apenas Vladic Guriev. Não o *Pakhan* e nem o *Avtorieyt*, então, ele não via problema algum em ser mais irritante do que já era. O *Avtorieyt* devia respeito ao *Pakhan*, mas Vladic estava se lixando para Dmitri, foi assim desde a infância. De qualquer forma, eu amava esse imbecil cheio de músculos.

— Obrigado, Vladic — disse em um tom sarcástico — Você é eficiente como sempre.

— Eu não ligo se você quebrar o pescoço, por sempre querer usar aqueles velhos equipamentos por nostalgia — disse ele e eu sabia que era uma provocação vinda da boca para fora — Mas eu ligo se Kyara se machucar. Gosto dela.

— Eu também gosto — confessei a ele pegando as novas bolsas de esqui — Eu disse que a amava.

Bom, agora eu sabia como um idiota apaixonado se sentia. Nunca imaginei ter uma conversa como essa com Vladic, nem mesmo na adolescência quando perdemos a virgindade. A gente só virou um para o outro e disse: *tudo ok*.

— Eu sabia disso desde que pediu que a trancasse no quarto a primeira vez — disse ele, e dessa vez me encarou com um olhar presunçoso.

— Não exagera — retruquei, embora tenha confessado a Kyara ter me apaixonado por ela bem antes disso — Ninguém ama outra pessoa em questão de horas.

— Você sim. Se não amava, iria amar. Estava escrito na sua testa. Ficou caidinho pela garota.

Cansei de Vladic bancando o analista comigo, se quisesse um contrataria o melhor médico de Moscou.

— Engraçado que vemos tudo a respeito de outras pessoas, mas não enxergamos um palmo à frente do nosso nariz, não é mesmo, Guriev?

— O que quer dizer?

— Apenas acho que voltaremos a ter uma conversa como essa — dessa vez o sorriso presunçoso era todo meu — E não serei eu a ser analisado.

— Por que você tem que ser analisado?

Ambos olhamos para a escada do porão. Kyara encarava nós dois com curiosidade.

— Minhas habilidades com o esqui — disse a ela e dei um olhar fulminante a Vladic proibindo-o de citar qualquer parte de nossa conversa.

Já tinha dado doses suficientes de meus sentimentos para Kyara. Um homem tinha que manter seu orgulho no lugar, não dava para ficar como um idiota dizendo o tempo todo à amada o quanto era loucamente apaixonado. Isso dava muitas munições a ela.

— Pensando nos conselhos de Mikhail? — indagou Vladic.

Sim. Esse era um dos conselhos do meu pai caso um dia algum de nós se apaixonasse. Odiava Vladic por me conhecer tão bem.

— Guriev? Pode, além de ser invisível, ficar mudo também?

Isso o fez gargalhar e Kyara me encarar horrorizada.

— Por que disse isso a ele? — protestou ela — Coitado do Vlad!

Fechei a porta do porão e coloquei as bolsas no chão.

— Como é que vocês garotas, dizem? Irá se tornar superamiga dele, não é?

Era óbvio que eu queria que as duas pessoas mais importantes em minha vida se dessem bem. Mas Vladic não precisava de uma aliada contra mim.

— Não — ela fingiu um suspiro e passou ambas as mãos em meu peito — Já sou superamiga dele.

— Ótimo!

Peguei as bolsas no chão e saí pisando duro. Vladic ganhou mais essa, mas o jogo estava só começando e eu nunca gostei de perder.

— Tem certeza que não quer eu te ajude? — perguntou Kyara após quase meia hora de caminhada.

Olhei para o seu corpo delicado, mesmo mais encorpado pela roupa de esqui, e neguei com a cabeça. As bolsas não pesavam, levava mais peso quando estava treinando.

Eu poderia ter escolhido qualquer lugar mais próximo da casa para começarmos a esquiar, mas o lugar que queria mostrar a Kyara era especial. Um dos preferidos de Natasha Milanovic sempre que passávamos as férias aqui.

— Chegamos — disse ao vê-la parar e admirar a vista que nos era apresentada.

Além do declive, havia as montanhas em volta, cobertas de neve, que pareciam doces gigantes cobertos de açúcar.

— Aquela é a vila — disse parando ao seu lado — Iremos lá depois.

— É tão... — ela levou a mão ao pescoço emocionada com o que tinha à sua frente.

— Lindo — sorri colocando as bolsas no chão — Acho que é sua palavra preferida, pelo menos aqui.

— Ninguém pode me culpar — disse ela agachando ao meu lado, ajudando a tirar tudo o que precisávamos da bolsa — É tudo lindo mesmo.

Mordi os lábios antes de falar que a imagem mais linda que eu via era ela.

Pense nos conselhos de Milanovic, disse a mim mesmo.

Ah, que se foda. Meu pai nunca foi capaz de seguir os próprios conselhos em relação à esposa.

— Você é mais.

Busquei seus lábios para impedir qualquer reação verbal e Kyara se agarrou a mim fazendo-nos cair na neve. O beijo seguiu apaixonado e quando as coisas começaram a esquentar demais, eu a afastei.

— Não dá para transar aqui. Está frio demais — disse ao começar a reerguê-la — Acho que meu pau nem ficaria duro.

Outra mentira. Ele já estava bem animado.

— Eu acho que ficaria — sugeriu ela de um jeito levado.

— *Kiska!* — a adverti, mas meu rosto enviava uma promessa que eu mal podia esperar para cumprir — Vamos esquiar.

Escolhi um caminho que não tivesse muitos obstáculos para ela, mas embora Kyara tivesse começado insegura, logo passou a se divertir e a me desafiar. Era bom poder ser apenas eu mesmo e baixar a guarda com alguém

além de Guriev.



Acordei sozinho na cama e isso passou a ser novidade para mim, uma que eu não gostava nem um pouco, principalmente quando despertava com meu pau duro e pronto para o sexo matutino.

Apurei os ouvidos e não captei nenhum som vindo do banheiro. Peguei o robe e fui em direção à cozinha. Havia uma bagunça na pia e na mesa, sinal que alguém havia passado por ali e feito o café da manhã. Fui até a porta conferir se Kyara não estava sentada no banco da varanda, com uma manta em seu colo, admirando a paisagem que ela passou a amar, fazia isso com frequência e muitas vezes me unia a ela, até fizemos amor embaixo das mantas.

Kyara não poderia ter saído para longe, o carro estava parado no mesmo lugar, então, fui ao único lugar na casa que ela poderia estar.

— Não é possível — ouvi Vladic retrucar quando descia as escadas — Você está roubando, *daragáya*.

— Pense bem no que está dizendo, Guriev — Kyara murmurou encarando-o seriamente — Essa é uma acusação que posso levar ao *Pakhan*. Caso você não saiba eu sou muito íntima dele.

Escorei contra a parede e observei os dois um pouco mais. Estavam em algum tipo de jogo de cartas. Suas fichas eram pilhas de doces e chocolates.

— Acho que não sabe perder — disse ela trocando uma das cartas sutilmente — Menos ainda para uma mulher.

Os dois tinham razão. Vladic não era bom em perder e Kyara estava mesmo roubando nas cartas.

— Você! — ele jogou cartas no chão quando finalmente pegou o que ela estava fazendo — Está roubando!

Tive que rir com eles e foi assim que Kyara notou que eu havia entrado. Caminhei até ela que rapidamente se levantou do chão para que eu a abraçasse.

— Bom dia — disse antes de colar minha boca na dela.

Kyara mordeu meu lábio, sua forma de retribuir meu bom dia e que fez meu pau endurecer um pouco mais.

— Não quis te acordar — ela passou a mão em meus cabelos — Então, vim encher o saco do Vlad. Já comeu?

— Ainda não — pressionei o corpo mais contra o dela para que tivesse

uma ideia do que estava prestes a insinuar — Mas certamente vou.

Beijei-a lentamente, afagando sua bunda sob o robe de seda que ela usava.

— Sua mulher é trapaceira — disse Vladic, e quando o encarei, ele recolhia as cartas no chão — Acho bom alertá-lo antes que seja tarde demais.

Minha mulher!

Kyara era minha, sempre foi e sempre seria. Não foi um engano ou uma peça da vida terem pegado ela no lugar de Sonya, estávamos destinados um ao outro.

— Levarei suas acusações muito a sério, Vladic — disse buscando a mão de Kyara, conduzindo-a até a escada — Acho que devo dar uma lição à minha mulher.

Ele resmungou algo sobre sermos obcecados em sexo ou algo parecido, mas eu já não tinha atenção em Vladic. Assim que deixamos o porão, pressionei Kyara contra a porta fechada e puxei o laço pendente de seu robe, deixando seu corpo perfeito exposto a mim.

— Nunca mais me deixe acordar sozinho — disse espremendo seus seios com as mãos.

Kyara fechou os olhos, soltando um gemido em reação. Substituí as mãos pela minha boca, suguei seus mamilos e a vi se oferecer mais a mim. Afastei sua calcinha de lado e enfiei um dedo em sua boceta que já começava a ficar molhada.

Tirei os dedos levando-os aos meus lábios.

— Doce — disse lambendo cada um.

Isso a fez emitir um gemido angustiado e ela pegou minha mão levando-a de volta à sua boceta. Kyara podia ainda não dizer muitas coisas sobre o que queria durante o sexo, mas ela sabia mostrar.

— Quer que eu te foda? — belisquei um mamilo duro e isso a fez soltar um pequeno gritinho de prazer.

— Quero!

— Então, é melhor fazer do jeito certo.

Tirei o seu robe e rasguei a calcinha, deixando-a completamente nua para mim. Virei-a de frente para a porta. Alisei sua bunda mais uma vez e senti um tesão por fodê-la ali, mas era preciso prepará-la primeiro.

Ergui sua perna, apoiando o joelho contra a porta e a mantive suspensa

no ar com minha mão, com a outra esfreguei sua boceta, deixando meus dedos melados.

— Vai precisar se segurar na porta — disse a ela indicando a moldura, onde poderia se equilibrar.

Fí-la curvar um pouco mais para mim e comecei a introduzir o polegar em seu cu.

— Dmitri — ela tentou virar a cabeça para trás, mas a impedi beijando sua nuca e enfiei o dedo um pouco mais até que estivesse inteiro dentro dela — Confie em mim.

Logo depois, movi meu quadril em direção à sua boceta. Tirei a mão de sua perna um instante, apenas para conduzir meu pau para dentro de sua boceta molhada e voltei a manter o joelho erguido contra a porta.

Comecei a fodê-la. Meu dedo se movendo em seu cu e meu pau preenchendo sua boceta.

Eu amava fodê-la assim, sem a barreira do preservativo. Era a primeira mulher com quem fazia isso. Sexo seguro sempre foi uma das maiores exigências do meu pai, não apenas para evitar doenças, como para não trazer um filho não planejado ao mundo.

— Ai, Dmitri — ela ronronou quando meu quadril passou a bater mais forte contra o dela — Eu vou gozar.

Vi-a descer a mão entre suas pernas e começar esfregar o seu clitóris. Isso fez meu próprio prazer se multiplicar.

— Goza, *mílaya* — soquei mais duro — Vou gozar com você.

Investi mais duas vezes, então, foi impossível impedir que meu orgasmo enchesse sua boceta com minha porra. Sua boceta chupando meu pau mostrava que ela gozava comigo.

— Porra, *mílaya* — soltei sua perna, retirei meu dedo do seu traseiro e pressionei meu rosto em suas costas — Vamos para o chuveiro esfriar as coisas.

Peguei-a em meu colo e a levei para o quarto. Passamos o dia no quarto fazendo sexo, conversando ou cochilando entre uma coisa e outra.

Capítulo 31

Vladic Guriev

Não acredito. Eles estavam transando na porra da minha porta!

Eu podia ligar a TV em um volume muito, muito alto, mas isso só iria alertar que a foda dos dois estava me incomodando, e embora tenha parecido isso muitas vezes, não sou um maldito interrompe fodas. Não, sexo era sagrado e deveria ser como um mandamento.

Cada vez mais irritado com os sussurros, procurei meu celular jogado no chão. Pensei em tentar me distrair com algum desses jogos idiotas que já vinham instalados, mas sabia que não iria funcionar. Então, digitei uma mensagem de texto e não pensei duas vezes antes de enviar.

“O que está fazendo?”

Acreditei que não teria resposta quando a mensagem de Irina chegou.

“Trabalhando. Você não deveria estar fazendo o mesmo? Soube que está de babá”

Ignorei a provocação dela, já esperava algo como isso.

“O americano está com você?”

“Ele é metade russo. E seu nome é Tigran Voronov.”

— Ele é metade russo — murmurei para mim, imitando o tom de voz que acreditei que ela teria usado — Puff!

Cansei de digitar e, então, fiz a ligação para ela.

— Falta quanto para esse trabalho acabar? Você garantiu que o americano iria ajudá-la a concluir mais rápido.

— *Milanovic que está interessado ou você só quer me irritar mesmo?*

— O *Pakhan* quer saber — resmunguei — E como sabe, ele está de férias, o que me faz dar as ordens em seu lugar.

— *Claro, senhor* — disse em tom humilde descaradamente falso — *Deseja que eu te conte nos mínimos detalhes ou prefere que mande as informações por e-mail?*

Maldita cadela!

Irina sabia que sobre essa merda tecnológica eu não entendia nada.

— *O que foi isso?* — perguntou ela quando um grito de Kyara foi suficientemente alto para ser ouvido através da porta fechada.

Assim que formos embora, pedirei que instalem um sistema de isolamento de som. Deveria ter pensado nisso antes e estava puto com a minha falha.

— É Dmitri e Kyara transando — disse a ela — Fazem isso o dia todo.

— *E você tinha que me dizer, Guriev?* — resmungou ela — *Não é ético, sabia?*

— Foda-se a ética! — retruquei irritado — Esses dois só sabem foder. Parece que estou fazendo a segurança de duas estrelas pornô no cio.

Ela ficou novamente em silêncio, mas eu ouvi que sua respiração tinha mudado.

— Isso excitou você, Irina?

Será que ela estava se tocando em sua mesa? Irina Novistky não seria tão fria como sempre quis deixar transparecer para mim?

— *Pare de ser nojento* — ela disse com a voz acelerada — *Não tem ninguém mais para encher o saco ou compartilhar essas bobagens?*

Eu poderia de forma bem discreta falar com Ivan, mas a primeira pessoa que pensei tinha sido ela.

— Ivan não tem uma boceta — eu sabia que a provocação a deixaria furiosa, não sabia dizer por que, mas provocar Irina sempre deixava meu dia mais divertido, principalmente porque ela sempre sabia ser uma *suki* comigo — Mas acho que você ainda tem uma. A não ser que tenha mudado isso no laboratório que passa o tempo brincando.

— *Vai se foder, Guriev!*

Eu ia dizer que preferia fodê-LA, mas a ligação foi encerrada antes. Era bom que Irina estivesse com raiva, não a queria toda cheia de tesão tendo Voronov por perto. Odiava o americano com todas as forças. Tinha que encontrar um jeito de me livrar dele assim que o projeto dos dois terminasse. Não curti estrangeiros infiltrados dentro da nossa irmandade. Era só por isso que queria me livrar do cara.

Capítulo 32

Kyara Smirnov

Particularmente eu estava amando nossos dias pacatos de férias, curtindo um ao outro, sem a pressão de outras pessoas à nossa volta, mas percebi que Dmitri começava a ficar angustiado. Então, quando sugeriu pela manhã que fôssemos à vila essa noite, respondi afirmativamente e com grande entusiasmo.

Por ora estávamos na cozinha. Dmitri estava preparando *Solyanka*, uma sopa picante e cremosa popular na cozinha russa, feita com carne, peixe ou cogumelos. Mas ele também iria incluir outros ingredientes como azeitonas pretas, pepinos em conserva, repolho, batata, creme de leite e endro.

Fiquei encarregada de cortar os pepinos e as batatas, enquanto aprendia com ele como se fazia o prato. Uma tarefa bem difícil com ele usando apenas uma regata para cobrir o peito musculoso. Às vezes eu me via literalmente babando por ele, que ria do meu olhar esfomeado, claro que não por comida.

A comida ficou pronta, mas antes que pudéssemos nos servir, Vladic entrou na cozinha, buscou a maior tigela de sopa e praticamente entornou metade do caldeirão dentro dela, tudo isso sem se dignar a olhar ou dar um olá para a gente.

— Muita fome, Vlad? — indaguei com bom humor.

— É. Só mesmo muita comida para aguentar ouvir vocês transando.

Ele saiu sem olhar para trás indo em direção ao porão onde tinha passado todo seu tempo. Olhei para Dmitri e não pudemos aguentar, caindo na risada. O pobre Vladic tinha razão. Mas eu não conseguia me segurar perto de Dmitri, principalmente depois que ele havia declarado seu amor por mim.

— O que eu posso fazer se é o homem mais irresistível que eu já conheci? — disse passando meus braços em volta do pescoço dele.

— Acho que você é só safada mesmo — disse ele — Mas vou dizer algo que já ouvi minha mãe dizer ao meu pai: Uma lady fora da cama e uma bela puta dentro dela.

— A sua mãe era uma mulher muita sábia — beijei seus lábios — Ela fez um trabalho maravilhoso com você.

Eu gostaria de ter conhecido os pais dele, como gostaria que ele tivesse conhecido os meus.



Segundo Dmitri, não havia muito o que fazer aqui, além de esquiar, explorar a região caminhando ou visitar a vila que era tão pequena, que não deveria chegar a mil habitantes. Então, ir à vila era nosso roteiro de hoje à noite.

Não tinha um centro comercial, mas muitas vendinhas artesanais. Nós visitamos uma adega que produzia o próprio vinho e queijo. Tinha uma ala que ligava a um pequeno e aconchegante restaurante, estilo taverna. Até a iluminação era com muitas velas espalhadas pelo local.

Eu pedi um sanduíche com três tipos de queijo e Dmitri, uma salada com salame, queijo e uma carne ressecada.

— A gente tem mesmo que ir embora depois de amanhã? — indaguei já sentindo uma enorme saudade do lugar.

— Prometo que iremos voltar bem antes do que você imagina.

Ele se inclinou para beijar o meu rosto. Sentia-o nervoso desde antes de sair de casa. Talvez tivesse recebido más notícias sobre os negócios, ou talvez informações sobre Boris que estava evitando me contar.

Eu me recusava a permitir que Boris se tornasse uma nuvem escura nesse lugar perfeito que tinha se tornado símbolo de nosso paraíso. Aqui, Dmitri disse que me amava, falou um pouco mais sobre ele e me permitiu falar mais sobre mim.

Nunca esqueceria a casa e a noite de hoje, que jurei terminar de forma perfeita.

— Eu te amo — disse a ele — Nunca se esqueça disso, Dmitri Milanovic. Eu amo você.

— Querubim.

Ele buscou meus lábios e tentamos trocar um beijo discreto, o máximo que era possível.

— Com licença?

Um senhor por volta de uns sessenta anos, que tinha passado o tempo todo no caixa ao lado de uma senhora, que acreditei ser sua esposa pela forma que se tratavam, se aproximou de nossa mesa quando estávamos prestes a sair dela.

— Desculpe a ousadia em perguntar, mas vocês estão em viagem de lua de mel?

Cheguei a abrir a boca para negar, mas Dmitri foi mais rápido em sua resposta.

— A primeira de muitas.

Seu sorriso ao dizer foi tão fofo, que me recusei a desmentir.

— Foi o que a minha esposa disse — disse o senhor — Elas sempre têm razão, mesmo quando não têm.

A gente riu e eu ergui a sobrancelha para Dmitri como se o alertasse do que o esperava.

— Bem, ela é uma romântica e pediu que eu trouxesse essa garrafa de vinho até vocês. Uma das nossas melhores safras.

— Ah, não podemos aceitar — disse tocada pela oferta.

Soubemos pelos moradores locais que a maior parte da renda deles vinha do que conseguiam mandar para fora e do pouco turismo que a vila levava.

— É uma cortesia da Casa, senhorita, e se não aceitar — ele olhou por cima do ombro em direção ao balcão onde sua esposa nos observava — me colocará em apuros.

Dmitri pegou a garrafa das mãos dele. Se tinha algo que um russo não dispensava, por mais posses que tivesse, era um presente.

— Aceitamos honrados.

Eu quis agradecer pessoalmente à mulher, enquanto Dmitri fechava a conta. Disse à simpática senhora que se um dia fosse a Moscou, fosse nos visitar e passei o meu número a ela.

— Tudo bem que estamos bem longe do nosso mundo, *mílaya* — disse ele quando entramos no carro — Mas nunca mais faça isso. Dar seu telefone a alguém, principalmente em Moscou. Não é seguro.

Desculpei-me com ele porque entendia seu ponto de vista. Em Moscou, ele tinha muitos inimigos que não pestanejariam em fazer mal a mim com o intuito de atingi-lo.

O caminho de volta foi feito ao som de uma banda que descobrimos há algum tempo compartilharmos o mesmo gosto, *Aria*^[3]. Era uma pena que o grupo tivesse se separado em 2002 devido divergências na banda sobre a necessidade de se produzir um Heavy Metal mais comercial ou continuar com o estilo mais pesado, como os líderes queriam. Ele ficou surpreso ao saber que eu curtia metal e tinha afirmado que mais uma vez o surpreendi. Nossas opiniões contrárias renderam horas de discussão, que terminou com a gente transando ao som da

banda ao fundo.

Take my heart estava na metade quando ele parou o carro alguns metros antes da casa. Dmitri desligou o carro e olhou por um tempo às luzes que iluminavam a entrada. — Não é aqui ou dessa forma que eu gostaria de iniciar essa conversa — murmurou ele, começando a me deixar nervosa — Mas eu não quero nada a nos atrapalhar.

Minha apreensão dava ares de começar a crescer, mas a forma carinhosa que ele me encarava me fez ver que possivelmente estava sendo tola. Depois de tantos dias incríveis aqui, Dmitri não iria escolher justo este momento para me dar o fora. Deveria ser alguma coisa relacionada ao trabalho dele e como qualquer coisa poderia vir a me afetar. Afinal, nós nos amávamos muito.

— Eu sei que o seu maior desejo antes de vir morar comigo...

— Ser obrigada — eu o provoquei, sorrindo, mas ele não retribuiu.

— Pois é. A fiz ficar comigo contra a sua vontade. Fiz o que achei que precisava ser feito e não me arrependo — eu ficava aliviada com isso — Mas se seu desejo quando voltarmos ainda for esse...

Ele fez uma pausa, conseguia ver o sofrimento em seu rosto, porque em mim, essa possibilidade doía também.

— Vou respeitar. O que quero dizer, Kyara, é que em Moscou tudo será diferente — disse ele — Você tem que ter em mente que assim como a tatuagem que carrego em meu peito, possuo duas cores. A branca e a preta.

Dmitri estava se abrindo para mim como nunca havia feito antes, acho que nem mesmo quando confessou que me amava.

— É uma grande loucura dizer isso — busquei a mão dele ainda sobre o volante — Mas foi a melhor coisa que aconteceu. Aliás, muita coisa aconteceu. Eu me apaixonei por você, Dmitri.

— Eu sei disso, *mílaya*. Você acha que conhece a Bratva o suficiente, mas você não conhece, não como eu conheço — ele entrelaçou os dedos nos meus — E eu sou a *Bratva*. Nasci e fui moldado para isso. Mas, também, é como gosto de ser. Eu farei coisas que talvez você não vá entender ou a deixará aborrecida; sentirei, em algum momento, machucar seu coração com o meu trabalho, mas você não vai me mudar, Kyara.

Ele achava mesmo que eu não sabia disso? Que já não tinha pensado milhares de vezes nesse assunto? Que eu desconstruía tudo o que eu era por ele, pelo amor que sentia por ele?

— Se escolher ficar, comigo — murmurou ele — Receberá junto o

Pakhan. Não posso te oferecer um sem o outro. Por isso, não posso te obrigar. O que sinto por você não permitiria isso. Você pode ser livre e partir. Estou te dando essa escolha.

Toquei sua face com carinho. Eu deveria estar sofrendo a maior síndrome de amor bandido do mundo. Escrevendo a nossa própria história de *Bonnie e Clady*. Mas eu não me importava. Amava Dmitri e queria ficar com ele. E o fato de me devolver o direito de decidir meu futuro, apenas me fazia amá-lo ainda mais.

— A verdadeira liberdade é você escolher ficar mesmo podendo partir — disse a ele, abrindo um sorriso — Eu decido ficar com você, onde quer que você esteja ou o que faça.

— Você tem certeza? Não haverá mais volta.

— Eu te amo. Isso é suficiente para confirmar a minha resposta?

Dmitri agarrou meu pescoço puxando-me para ele, tomando de mim um beijo feroz. Eu tinha passado dias antes dessa viagem temendo o momento que fosse me dizer que me mandaria embora. Agora, jurávamos ficar juntos para a vida toda.

— Eu sei que é cedo para dizer isso — murmurou ele — Mas temos que viver cada dia como se fosse o último, certo? Então...

Ele tirou o elástico preto fininho, que havia mantido seus cabelos presos e começou a dar voltas nele até formar três círculos, depois, buscou minha mão.

Ah, meu Deus!

Ele não iria fazer isso, iria?

— Kyara Smirnov, meu querubim — seu olhar intenso estava preso em mim o tempo todo — Quer se casar comigo? Ser Kyara Milanovic e a rainha do *Pakhan*?

Levei minha outra mão aos meus lábios trêmulos. Toda a emoção que tentei conter durante nossa conversa, converteu-se em um choro silencioso, se derramando pelos os meus olhos.

— Sim, eu quero. Eu quero muito me casar com você.

— É provisório — disse ele passando o elástico pelo meu dedo — O anel de verdade está lá dentro, que era onde eu deveria ter feito o pedido.

Eu tinha certeza que ele deveria ter comprado uma joia linda e cara, apesar de no futuro vir a se tornar uma peça importante, esse elástico circulando valia muito mais. Guardaria-o para sempre.

— É lindo — disse apertando meu provisório anel de noivado contra meu peito — Assim como você.

— Então... — disse ele me puxando para o seu colo — Não precisei da lista do Savin para encontrar a esposa perfeita, no fim das contas.

— Você é muito eficiente em tudo que faz — graciei — Mas preciso te dizer uma coisa sobre aquela lista.

— Sim?

— Quando voltarmos eu quero queimá-la.

Dmitri gargalhou e escondeu o rosto em meu pescoço. Apesar da brincadeira, eu falava muito sério. Iria fazer picadinho da lista maldita.

— Mas agora — disse puxando a barra da camisa dele — Só quero que me ame.

— Será um prazer — murmurou, começando também a atirar minha roupa.

— Conto com isso — gemi quando seu dedo entrou em mim pela primeira vez — Faz de novo o que fez na porta do porão?

— *Porra, Kyara!*

Ele me encarou alucinado e foi muito além para atender meu pedido.

Porque Dmitri Milanovic era eficiente em tudo que se propunha a fazer.

Capítulo 33

Dmitri Milanovic

Escorreguei por debaixo das cobertas e saí da cama. Cobri Kyara e toquei o diamante incrustado no anel de noivado que tinha colocado em seu dedo quando finalmente conseguimos chegar ao quarto, onde havia uma garrafa de champanhe esperando por nós. Tinha pedido a Vladic que deixasse preparado para quando voltássemos, e antes de sair da adega, enviei uma mensagem dando o sinal verde. Foi presunçoso ter planejado tudo isso há semanas, mas eu contava que o amor dela por mim fosse tão forte quanto o meu, e ele era.

E ao colocar o anel, o de verdade, ainda com o elástico que ela se recusava a tirar, deixei claro que não seria um noivado longo. Assim que voltássemos a Moscou, marcaríamos a data do casamento. Eu sabia que teria momentos tensos pela frente, não só em relação a Boris, esse era peixe pequeno, mas a Tambovskaya prometia dar trabalho. Como dizia Vladic, eu tinha cutucado um vespeiro, por isso, queria deixar bem claro a todos a importância de Kyara em minha vida.

Vi Vladic quando ele fechava a porta do porão.

— Vamos correr? — sugeri a ele já sabendo que era exatamente isso que ele pretendia.

Ele fez um sinal para que eu fosse na frente e parecia intrigado com o meu convite. Já corremos juntos, mas aqui tinha dedicado todo meu tempo para Kyara. Abrindo caminho para que ela dissesse sim, como ele sugeriu quando pedi que cuidasse das coisas ontem à noite.

Nós corremos em silêncio por volta de seis quilômetros até decidirmos retornar à casa. O dia começava a clarear quando escoramos contra a parede na varanda, observando o nascer do sol.

— Eu a pedi em casamento — disse a Vladic puxando assunto — Ela aceitou.

— E você achou mesmo que seria diferente?

— Vladic, eu tento, mas ninguém consegue ser mais convencido que você.

— É a minha melhor qualidade, além do meu corpo — ele riu — É o que as mulheres dizem.

— E você sabe que as mulheres mentem.

Levei um soco no peito que me fez perder o ar.

— Fico feliz que tenha encontrado a pessoa certa.

— Eu não a mereço, Vladic.

— E daí, quem se importa? Vai te fazer desistir dela?

— Nunca.

— Então, assunto encerrado. Hoje é o último dia aqui — disse ele — Vou preparar o café, fazer a melhor *bili* que Kyara já provou e ir à vila passar umas horas por lá. Acha que é tempo suficiente para ela notar que escolheu o cara errado?

Devolvi o soco que ele me deu. Eu sei que no fundo ele só queria nos dar mais algumas horas para curtimos o lugar juntos.

— Quem te interessa está em Moscou — disse abrindo a porta.

— Você diz no cassino?

— Não.

— Com Avdeev?

— Não.

Ele seguiu dando uma lista de onde poderia encontrar uma de suas putas, mas no fundo, sabia muito bem de quem eu poderia estar falando.

Deixei Vladic na cozinha cuidando do café da manhã e fui para o quarto.

— Dmitri Milanovic! — parei na porta do banheiro quando Kyara gritou por mim — Acho que ouvi algo sobre nunca mais acordar sozinho.

Virei para explicar que fiquei com dó de interromper seu sono tranquilo, principalmente, depois da noite agitada que tivemos e me deparei com seu corpo nu diante de mim.

Sorri lascivamente ao me aproximar dela.

— Posso corrigir isso com um banho e massagem?

— Só com um banho? — ela fez biquinho que me levou a pegá-la no colo e avançar rápido até o banheiro.

— Bom, foder você até gozar será um bônus.



A volta para casa foi melancólica, mas além de um novo futuro em nosso

caminho, levamos com a gente lembranças incríveis. Deixei Kyara no quarto para que descansasse da viagem e meditasse sobre a melhor data para o casamento. Ela poderia ligar para as novas amigas e começar a planejar tudo como quisesse, contando que fosse em breve.

Meu primeiro compromisso de trabalho seria com Ivan. Ele tinha informações novas sobre Boris e considerações finais.

Então, naquela mesma tarde na minha sala se reuniram comigo Savin, Trotsky e Guriev.

— Essa é a lista — disse Vladic colocando um envelope sobre a minha mesa.

Não era bem uma lista com nomes, mas fotos de todos os *Kapitany* que se reuniram com Kamanev durante seus encontros para “jogatina.”

— Dembinsky é o único mais antigo — disse Nikolai Savin quando passei as fotos para ele — Do tempo do seu pai, os outros são novos *Kapitany* ou filhos de *Kapitany*.

— E todos eles são jovens e de Segunda Elite — disse Ivan — Estão armando um exército para atacar o *Pakhan*.

— Qual intuito disso? — indagou Vladic.

— Boris assume o poder, a Segunda Elite vira a primeira... — Ivan começou a explicar.

— Eles ganham mais força e voz na Bratva — finalizei por ele — Quem soltou a língua, Ivan?

Porque eu sabia que Ivan tinha feito alguém do grupo falar.

— Andrei Vakhstein.

— Esse sempre foi um cagão — disse Vladic — Lembra dele nos tempos de escola?

Na Bratva, delatar um companheiro é considerado um crime gravíssimo, um rato. Embora Vakhstein tenha feito isso com intuito de salvar a própria pele, provando fidelidade a mim, só provava o que Vladic dizia, o homem é um bosta.

— Dá para mantê-lo fazendo jogo duplo, enquanto organizo meu casamento?

— Ele está com medo demais para tentar traí-lo mais uma vez.

— Dmitri? — disse Vladic me alertando — Não é melhor adiar o casamento? Tenho certeza de que Kyara irá entender.

Ela iria, na verdade, torraria minha paciência para esquecer essa loucura,

mas o que nenhum deles conseguia enxergar é que eu tinha um plano.

— Acho que Vladic tem razão — concordou Savin, meu conselheiro.

Cocei minha barba sorrindo para ambos.

— Você não entendeu, Vladic? É o momento perfeito — ele me encarou ainda sem compreender onde eu queria chegar — Boris pensará que continuo alheio e descuidado sobre seus planos. Serão dias de comemoração como minha noiva merece. Todos os *Kapitany* estarão convidados.

— Vamos caçar um a um sem que eles percebam — concluiu Vladic — E o Kamanev?

— Esse, eu cuidarei pessoalmente — virei para Ivan — Você já sabe o que deve fazer.

— Vou reunir os guerreiros.

Após isso, ele saiu deixando Vladic e eu discutindo melhor o plano. O que Ivan havia investigado era suficiente para acabar com a raça de Boris, mas eu queria uma retaliação que não permitisse que alguém no futuro tentasse o mesmo que ele.

— O que você acha da gaiola? — perguntei a Nikolai.

— Faz tempo que não é usada — disse ele enrugando a testa — As últimas vezes foram apenas por diversão.

— E quem disse que não vamos nos divertir? — Vladic colocou em palavras os pensamentos em minha cabeça.

Esse era um jogo brutal, mas a Bratva não era um parque de diversões no qual moleques arrogantes como Kamanev passeavam.



Precisei agir o mais natural possível para que Kyara não desconfiasse de nada, acima de tudo, não se preocupasse. Sua tarefa e preocupação seriam apenas planejar e realizar o casamento dos seus sonhos, por isso, deixei Leonid Ertel e Alexey Ribakov à disposição dela.

Entretanto, eu tinha mais um assunto para cuidar antes de fixar minha atenção em Boris e seu castigo.

No dia seguinte, pedi que trouxessem o avô de Kalina. Fiz uma promessa a Kyara quando entregamos a menina ao casal de idosos, que sempre manteria meu olhar e proteção sobre ela.

— Papa! — disse ele com respeito ao entrar.

— Sente-se, Sr. Ovcharova.

Ele carregava uma bolsa carteiro que colocou sobre suas pernas ao sentar.

— Antes mesmo de decidir o destino da mãe de Kalina, sabia que a vida da criança pesava sobre as minhas mãos — disse a ele — Foi terrível o que houve com ela. Isso não costuma acontecer na Bratva, cuidamos dos nossos idosos e das nossas crianças. Já fomos um e pretendemos ser o outro.

— Meu filho tinha o sonho de ser um grande *Vor*. O acidente dele não foi acidente — disse ele pigarreando para limpar a garganta da emoção que sentia — O que aconteceu a Kalina foi a última gota. Não disse à minha esposa, mas com todo respeito, o senhor fez o que deveria. Ainda assim, achei muito pouco.

Eu entendia os sentimentos dele. A raiva e revolta pelo casal Nekrasov ainda ardiam em mim.

— Não há com o que se preocupar. É isso que queria dizer — informei a ele e abri minha gaveta de onde tirei o cheque — São para os gastos de Kalina até a faculdade ou casamento, seja lá o que ela deseje fazer.

Os olhos lacrimejantes do senhor deixaram-me levemente desconfortável, mas mantive um olhar neutro. O *Pakhan* não tinha emoção.

— Obrigado — ele pegou o cheque e quando pensei que ele abria a bolsa para guardar a folha, tirou uma bolsinha de veludo dentro dela — Pensei que havia me chamado por isso. São as joias da sua senhora. Ela deu à minha esposa pelo mesmo motivo, para que cuidássemos do futuro de Kalina.

Ele colocou as joias sobre minha mesa e, desta vez, foi quase impossível impedir uma reação. As joias eram importantes para Kyara, eram suas lembranças dos pais dela.

— Nenhuma foi vendida — disse ele — Não tivemos coragem. Espero que o *Pakhan* nos perdoe.

— Você não roubou, Kyara o presenteou com ela e fico agradecido que as devolva. São importantes para ela.

— Foi o que imaginei.

Uma coisa que se deve saber sobre os russos é que somos generosos. Se uma visita elogia um quadro, o tiramos da parede e entregamos a ela.

— Por favor, não diga a Kyara que as joias estão comigo.

— Como quiser, Papa — disse ele antes de sair.

A generosidade de Kyara seria devolvida a ela no melhor momento.

Capítulo 34

Kyara Smirnov

Nunca imaginei que organizar um casamento pudesse ser exaustivo. Mas cada vez que a data se aproximava e novos detalhes tinham que ser vistos, eu quase entrava em uma crise de pânico. Inicialmente eu tinha pensado em um casamento pequeno, com apenas amigos mais íntimos. Mas Dmitri insistiu que todos os *Kapitany* na Bratva de Primeira e Segunda Elites deveriam ser convidados, afinal, era o casamento do *Pakhan*.

Leonid e Alexey estavam sempre à disposição fazendo tudo o que queriam acontecer como mágica, mas a decisão de se eu queria margaridas, rosas ou qualquer outro tipo de flor na decoração, tinha que ser tomada por mim. Assim como quantos metros deveria ter o bolo e qual a cor do tapete na nave por onde iria caminhar. Darya, Anatolli e até mesmo Irina, me ajudavam em tudo o que eu precisava ou tentavam me acalmar sempre que eu surtava.

Só que essa última semana que antecedia a cerimônia me mantinha cada vez mais esgotada, chorosa e faminta. Eu tinha que ajustar o vestido de noiva a cada cinco dias e agora só faltavam quatro, e eu estava temendo que não estivesse perfeito quando o dia chegasse.

Além disso, o que mais me chateava mesmo era que Sonya ainda não tinha respondido ao convite de casamento que Dmitri mandou que enviassem aos *Kapitany*. Boris não me importava que faltasse e torcia para que não aparecesse no casamento, embora ele agora fosse um *Kapitan*. Mas eu me importava com Sonya. Esperava que a cerimônia ou o preparativo dela voltasse a aproximar nós duas. Pelo visto, isso não iria acontecer.

Pensava sobre todas essas coisas tentando relaxar na banheira quando meu telefone vibrou no banco que coloquei ao lado. Uma coisa que eu não poderia viver mais sem, o celular. A cada hora tinha alguém querendo me perguntar alguma coisa.

“Acabei de receber o vestido, nunca pensei que diria isso, mas estou apaixonada por ele.”

Era uma mensagem da Irina, com a pergunta vinha o desenho de um bichinho em pânico.

“Fico feliz que pelo menos para você o vestido não seja o problema.”

Ela estava tentando ser presente o máximo possível e até tinha aceitado ser uma das minhas damas de honra junto com Anatolli. Kalina seria a florista. Só que o trabalho de Irina e pressão que vinha recebendo de Dmitri a mantinha aérea. Pelo menos, era isso que me dizia.

“Não fique nervosa, dará tudo certo e será uma noiva linda.”

“Obrigada.”

Respondi com corações e comecei a sair da banheira, talvez rápido demais, pois, uma vertigem me fez perder o equilíbrio junto com a minha consciência em seguida.

Acordei não sei quanto tempo depois na cama com Dmitri, inclinado sobre mim, passando a mão em meus cabelos.

— O que aconteceu?

Ele respirou aliviado ao ouvir minha voz.

— Eu a encontrei caída no banheiro. Você está doente, Kyara?

Escoreguei pela cama tentando me sentar contra a cabeceira.

— Claro que não. Acho que fiquei na banheira quente por tempo demais. Depois, me levantei muito rápido.

— Isso tudo está sendo demais para você, *mílaya*? — perguntou ele, preocupado — Eu ordenei a Leonid que facilitasse a sua vida e não que a deixasse estressada.

— Dmitri, é um casamento — sorri para ele — Qualquer noiva fica estressada. Esse não é importante apenas para nós, mas para toda Irmandade.

— De qualquer forma, pedi que o Dr. Kushin viesse vê-la.

— Não precisava se incomodar com isso, Dmitri — murmurei chateada — Estou bem, não preciso ser tratada como uma boneca.

Ele segurou o meu queixo e deu um beijo suave em minha boca desfazendo o bico emburrado.

— Mas para mim, é preciosa. Pode ter batido a cabeça quando caiu.

— Não sinto nada.

— Em último caso, ele pode receitar algum calmante ou coisa parecida — insistiu ele — Você anda bem alterada.

Não iria discutir isso com ele porque era verdade. Talvez se o Dr. Kushin receitasse um calmante fosse mais tranquilo enfrentar os dias que viriam pela frente.

— Tudo bem. E desculpe se estou agindo como uma maluca.

— Estresse do casamento, lembra?

Uma batida na porta me impediu de concordar. Era Darya para avisar que o médico já havia chegado. Insisti com Dmitri que não fazia sentido ele ficar me pajeando enquanto eu era examinada. Graças aos céus, Vladic o chamou naquele momento, dizendo que havia algo importante para ser resolvido.

— Não é nada, não é mesmo? — indaguei quando o médico começou a fechar a maleta — Dmitri só está preocupado além da conta.

— Consultou o Dr. Terentiev como a instruí?

Enruguei a testa ao refletir sobre a pergunta dele.

— O que meu ginecologista — agora o Dr. Terentiev era meu ginecologista — tem a ver com isso?

Ele me encarou como se eu tivesse a mesma idade de Kalina e precisasse explicar algo muito importante.

— Tudo o que me disse e os sintomas que relatou, sugerem uma gestação.

— Uma gestação — eu realmente parecia ter a idade de Kalina, pois, levou alguns segundos, bastantes longos, para que eu compreendesse — Estou grávida?

— É bem possível, mas faremos o exame de laboratório.

Levei minhas mãos ao ventre completamente chocada com o que ele dizia.

— Mas estou tomando anticoncepcionais todos os dias e no horário certo. E além disso — fiquei envergonhada ao dizer —, minhas regras vieram há três semanas.

— Foi menos que o normal, não foi?

Assenti com a cabeça.

— Não é porque estou estressada por causa do casamento?

— Nesse caso, pode não ter sido menstruação, mas descamação do endométrio — explicou ele — É quando o útero ainda não foi ocupado inteiramente pelo saco gestacional.

Não consegui me decidir se eu estava em pânico ou ficava encantada com a possibilidade de estar carregando um bebê de Dmitri em meu ventre. Nós

conversamos muito sobre ter filhos, mas concordamos em esperar e curtir mais nosso casamento.

Se fosse verdade? Será que ele ficaria muito irritado?

— Você tomou algum medicamento além dos anticoncepcionais receitados pelo Terentiev?

Que eu me recordasse não. Então, ao forçar mais minha mente, lembrei que antes de viajar participei do projeto novo de Irina. Disse os nomes dos comprimidos que ela tinha me dado e o Dr. Kushin alertou que um deles podia diminuir ou anular o efeito do contraceptivo.

E o fato de Dmitri e eu termos tido dias bem produtivos de sexo, aumentava muito a possibilidade de que eu engravidasse, eu pensei.

— E quando saberei?

— Entre hoje e amanhã.

— Doutor, pode manter isso em segredo?

Ele me encarou desconfortável, mentir para o *Pakhan* não era algo que muitas pessoas tinham coragem de fazer. Eu acho que era a única, para falar a verdade.

— É que se tiver um bebê, quero contar ao Dmitri na nossa lua de mel. Longe de tanta gente e pressão.

Eu escolhi que passássemos em nosso paraíso na Suíça. Lá, seria o lugar perfeito para contar a Dmitri se o teste de gravidez desse positivo.

— Tudo bem — cedeu ele — Considere como uma extensão de presente de casamento a vocês. E, de qualquer forma, só temos uma suspeita.

— Obrigada, doutor.

Por mais estranho que pudesse ser, agora que a desconfiança tinha sido levantada, eu não precisava que exame nenhum que confirmasse que eu estava grávida, sentia isso. E após o susto inicial, comecei a me sentir imensamente feliz.



A resposta veio em um alerta de e-mail que recebi no celular. Estava nervosa demais para ver a resposta em uma tela tão pequena, então, fui até o computador de Dmitri no escritório. Liguei com um *login* que ele fez para mim, sempre que precisava pesquisar alguma coisa na internet sobre o casamento ou responder e-mails relacionados. Eu não tinha acesso à conta dele e nem queria

saber que tipo de coisas ele lidava quando trabalhava.

Após um monte de informações médicas, veio a resposta que eu esperava.

Positivo. Eu estava mesmo grávida.

Um sorriso que mal cabia em mim se formou em meu rosto e foi exatamente assim que Dmitri me encontrou ao entrar, sorrindo e sonhando acordada com o nosso bebê. Acho que agora estava mais feliz com isso do que o próprio casamento.

— Qual o motivo do sorriso tão lindo? — indagou ele.

Por sorte, já tinha fechado o e-mail, então, tudo o que ele viu na tela ao se aproximar da mesa foi uma foto de nós dois juntos na Suíça.

— Seu presente de casamento — disse a ele.

Afinal, eu podia ser sincera até certo ponto.

— O que é?

— Se eu disser não é presente — disse indo para os braços dele — E quero te dar na lua de mel.

— Tudo bem. Mas um dos meus presentes a você preciso antecipar — disse ele — A procurei no quarto, mas não a encontrei lá. Vem comigo.

Eu o segui até o nosso quarto e ele me fez sentar na cama, foi até o *closet* e tirou uma bolsa de veludo.

— Abra — disse quando a colocou em meu colo.

— As minhas joias?

Encarei-o com surpresa.

— Mas como... você...

— O Sr. Ovcharova me devolveu quando o chamei para entregar o cheque que garantirá a criação e futuro de Kalina — disse ele — Achou que era justo voltarem para você e eu também achei. Por que as deu a ele, Kyara? Pensei que eram importantes para você.

— E são. Mas Kalina também é — expliquei a ele — São lembranças doces da minha mãe. Tenho memórias dela usando a maioria. Mas a verdadeira joia está aqui.

Coloquei uma mão em meu peito e outra em minha cabeça.

— No meu coração e nas minhas lembranças.

— Eu não esperava ouvir nada diferente, querubim — disse ele

acariciando meu rosto — Achei que poderia usar alguma delas no casamento.

— Ah, Dmitri — me joguei nos seus braços — Eu te amo tanto.

Agora, eu o amava em dobro.



Eu tinha acabado de tirar o vestido de noiva – tinha pedido à costureira que o afrouxasse – e colocava outro mais confortável, quando ouvi a batida na porta.

Agora que sabia o real motivo de meu quadril ter ganhado alguns centímetros, não queria nada que fizesse meu bebê se sentir desconfortável. O casamento seria no dia seguinte e eu não conseguia mais esconder esse segredo de Dmitri. Quase revelei quando fizemos amor depois que ele havia devolvido as minhas joias.

— Srt^a Kyara? — Darya surgiu na porta após minha autorização para que entrasse no quarto — Há uma visita que insiste em vê-la.

— Uma visita?

As únicas pessoas que esperava receber agora eram as contratadas que iriam me produzir para o casamento amanhã.

— Aquela moça que já estive aqui antes — disse Darya — Sonya Kamanev.

— Sonya está aqui? — praticamente berrei a pergunta.

— Caso seja seu desejo, posso pedir que um *Boyevik* a...

— Não! — disse calçando rapidamente meus sapatos — Vou recebê-la.

Despedi-me da mulher em meu quarto com a promessa que teria o vestido de volta amanhã e desci para encontrar Sonya.

— Kyara?

Ela se levantou do sofá ao me ver aproximar.

— Oi, Sonya — não sabia mais como agir perto dela, foi tanto tempo longe — Estou surpresa com sua visita.

Quer dizer, ela teve semanas para vir até aqui, por que justo hoje?

— Eu sinto muito, Kyara, pelo o que disse aquele dia no cemitério e por ter me mantido distante.

Caminhei até o sofá oposto onde ela estava.

— Aquele dia eu estava muito mal por causa de Gregori — ela baixou a cabeça e parte de seu rosto foi encoberto pelos cabelos — Também o visitei aquele dia. Você sabe que eu o amava. Do meu jeito, mas amava. Então, quando a vi feliz ao lado do *Pakhan*, não soube lidar com isso.

— Você sentiu inveja — lembrei das acusações de Dmitri.

Aquele dia, Sonya tinha me magoado muito, mas eu não podia também ser fria agora em relação à sua dor.

— Devo confessar que sim, mas depois, pensei melhor e vi que fui injusta. Você ter conhecido Milanovic foi culpa minha — disse ela — Aquele dia, fugi pensando que era Boris e quando cheguei em casa e ele perguntou por você, vi que tinha sido um engano. Só que depois, vi suas malas no quarto, acreditei que tinha usado meu plano para fugir do meu irmão. Bem, só ficamos sabendo que estava aqui depois.

— Foi tudo um grande engano, mas eu me apaixonei — confessei a ela.

E agora, tinha um bebê e iria construir minha própria família como sempre quis.

— No início, pensei que contou a Milanovic sobre o que disse de Boris, mas, então, ele disse que procurava uma noiva e você era convidada dele, fiquei confusa.

— Eu nunca iria colocar você em risco, Sonya. Dmitri queria mesmo saber o que eu sabia sobre Boris, mas me neguei a dizer — disse a ela — Seu irmão anda tendo os mesmos pensamentos?

Eu não podia dizer nosso irmão. Acho que nunca o considerei assim. Já eu e Sonya tínhamos uma história diferente, menos conturbada, pelo menos, até nos separarmos.

— Claro que não! Boris sabe que essa seria uma guerra absurda.

Senti-me mais aliviada. Desde que voltamos da Suíça, Dmitri ou Vladic não tinham me falado nada sobre Boris. As coisas deviam ter mesmo se acalmado. Talvez ser finalmente *kapitan* tivesse mantido Kamanev ocupado o suficiente para colocar de lado qualquer plano absurdo.

— Eu teria vindo antes — disse ela — Participado dos preparativos do seu casamento, mas além da vergonha, temi que Boris pudesse me repreender. Você sabe o que ele sentia por você. Não está muito contente com isso.

— Espero que esteja descontente o suficiente para não ir ao meu casamento.

— Mas eu ainda posso ir? — ela perguntou em um tom humilde —

Podemos, quem sabe no futuro, tentar uma reaproximação.

Até há alguns dias era tudo o que mais queria, mas agora, vendo Sonya pessoalmente, não tinha tanta certeza se daria certo, a menos que ela mudasse.

— Pede isso porque realmente gosta de mim, ou pelas vantagens que teria por ser irmã da esposa do *Pakhan*?

Ela baixou a cabeça mais uma vez fugindo do meu olhar e vi seus dedos fecharem, tensos.

— Mereci ouvi isso — ela murmurou — É por você, Kyara, mas pode levar o tempo que precisar para acreditar em mim.

Não queria me sentir uma vaca malvada. Então, daria uma oportunidade a Sonya.

— Tudo bem, por nossos pais — o casal que tinha me dado carinho e amor após perder os meus pais — vou tentar.

Sonya deu um sorriso que eu tentei retribuir.

— Você não terá uma despedida de solteira, não é?

— Eu não quis, na verdade, nenhum de nós dois quis.

Eu já estava estressada demais para também me preocupar com isso.

— Podemos fazer a nossa. O que acha?

— Como?

De tudo o que Sonya falou, isso foi o que mais me surpreendeu.

— Nada demais. Estou com a limusine. A gente pode beber champanhe e rodar por aí — sugeriu ela — Lembra como fizemos em nossa formatura?

Foi a primeira vez que fiquei bêbada.

— Foi um dia divertido, mas eu não posso — disse a ela — Primeiro, o casamento é amanhã. E, segundo, além de Dmitri chegar a qualquer momento, não ficaria feliz em saber que saí de casa.

— Ainda é uma prisioneira dele por acaso? — insistiu ela, dessa vez um tom mais amargo.

— É questão de segurança, Sonya. Dmitri se preocupa muito com isso. E eu não quero deixá-lo preocupado e chateado comigo às vésperas do nosso casamento.

Além disso, eu já não pensava apenas por mim.

Como ela podia ser tão cabeça de vento, quando havia acabado de me prometer que iria mudar?

— Tudo bem, teremos outras oportunidades — disse ao se levantar — Será que pode ao menos me acompanhar até o carro? Quero te dar o meu presente de casamento.

— Sabe que não preciso de nada — mas um russo nunca recusa um presente — Por que não mandou entregar como os outros?

— Tive esperanças que aceitasse meu convite, por isso, deixei no carro — disse ela — Era uma coisa que pertencia à minha mãe. Ela disse que daria a uma de nós, a primeira que se casasse.

Fiquei tocada por saber que Olenka tinha prometido isso e curiosa para saber o que era, então, assenti e fui com Sonya até a saída. Cruzamos com alguns *boyevik* que me cumprimentaram com acenos de cabeça e fomos em direção à entrada principal, no entanto, seguimos um pouco adiante onde havia uma área com mais árvores.

— Por que não deixou o carro na entrada principal? — indaguei ao nos aproximar da limusine parada abaixo de uma árvore.

— Quando chegamos, tinha várias vans de entregas. E eu queria te fazer uma surpresa sobre a despedida de solteiro que não poderá aceitar.

— É pesado? — perguntei ao vê-la abrir a porta do carro — Por que posso pedir a um *boyevik* para ajudar.

Olhei em volta para ver se encontrava algum fazendo a ronda, mas não vi nenhum passando por perto.

— Não é necessário — a ouvi dizer quando tornava a dar atenção a ela.

Senti um cheiro estranho e quando fiquei de frente a Sonya a vi avançar sobre mim. Foi tudo muito rápido, nem tive tempo de reagir ou gritar por ajuda. Um pano branco foi colocado sobre meu rosto e o cheiro forte que senti antes intensificou.

Fui perdendo rapidamente a consciência até tudo virar escuridão.



Sonya Kamanev

Assim que Kyara caiu inconsciente em meus braços, pedi que o *boyevik* escondido dentro do carro me ajudasse a colocá-la para dentro, antes que algum soldado de Dmitri fazendo a vigília pela propriedade aparecesse.

Já tinha sido difícil encontrar um lugar onde não houvesse tanta

circulação deles. Esse canto próximo às árvores foi uma verdadeira tacada de sorte. Eu já contava que Kyara iria recusar meu convite. As conversas que ouvi, quando fui investigar a pedido de Boris, era que Dmitri Milanovic andava tão apaixonado que não desejava compartilhar a noiva com outras pessoas até o dia do casamento.

Claro, isso deixou Boris furioso a ponto de querer antecipar os planos dele. E o primeiro passo era ter Kyara de volta.

— Pode sair — disse ao motorista que aguardava minhas instruções.

O *boyevik* mantinha Kyara sentada e desacordada ao lado dele, no outro lado do carro. Eu sei que ela sentiria um ódio mortal de mim, mas no futuro iria me agradecer. Meu irmão vinha se fortalecendo. Muitos *kapitany* estavam ao lado dele, contra Dmitri Milanovic, principalmente agora que iria desestabilizá-lo ao arrancar sua noiva de casa um dia antes de seu casamento.

Havia uma grande chance de Boris ganhar essa guerra e eu não ficaria contra ele, mesmo que eu quisesse ele não permitiria. Então, eu o ajudei em seu plano, mostrando fidelidade; em troca, ele havia me prometido esquecer o compromisso de casamento assumido para mim e que eu poderia escolher qualquer outro *kapitan* como marido, assim que ele se tornasse o novo *Pakhan*. Ser irmã de um era tão bom quanto ser esposa. Isso que havia me incentivado mais.

Mas assim como Boris tinha como segundo plano drogar Kyara para que eu a levasse de volta para ele, também tinha o meu, caso meu *querido irmão* perdesse essa guerra. Diria a Kyara que fiz tudo obrigada por Boris e imploraria que conseguisse perdão para mim com Dmitri.

De um jeito ou de outro, eu conseguiria o que queria. Com meu irmão morto, não seria obrigada a casar com aquele velho. Com Boris se tornando o *Pakhan*, o mundo se curvaria aos meus pés.

— Sinto muito, Kyara — murmurei para a garota desacordada diante de mim — Era você ou eu.

Abri alguns centímetros do vidro escuro da minha janela e sorri para o *boyevik* na guarita.

O perigo maior foi entrar e não sair. Fechei o vidro quando o portão foi aberto, ainda mantendo o sorriso em meu rosto.

Capítulo 35

Boris Kamanev

Certa vez, há alguns anos em um bar, onde estavam reunidos vários filhos de *Kapitany*, tentei me aproximar de Dmitri Milanovic e expor meus pensamentos de como era a Bratva e como acreditava que ela deveria ser. Ele não deu ouvidos ao que precisava dizer a ele. Acreditava que, assim como os outros caras no recinto, eu havia bebido demais ou era muito jovem para saber como as coisas na Bratva realmente funcionavam. Eu sabia e não concordava com elas. Dmitri, tendo como porta voz Vladic Guriev, me dispensou como se eu fosse um nada e saiu desfilando como um príncipezinho, a quem todos admiravam e aguardavam eufóricos pelo momento em que ele seria coroado.

Mas meu desprezo pela família Milanovic vinha muito antes de Dmitri se tornar o novo *Pakhan*. Começou com seu pai, um velho inerte, que teve todas as oportunidades de se impor a Tambovskaya e vencer o nosso maior rival, mas que em vez de lutar, preferiu assinar um acordo de paz, que para mim já durava muito tempo. Como se nós precisássemos baixar a cabeça a um grupo de selvagens que se combatiam entre si.

Mikhail Milanovic não mereceu estar no poder, assim como seu filho não merecia e eu não era o único a pensar assim. Só que “*Kapitany* de Segunda Linhagem” – era assim que os de Primeira Elite se referiam a nós – não tinham voz muito ativa. Digo isso pelo meu pai, um covarde que passou a vida toda se curvando e fazendo juramentos eternos de fidelidade a quem nunca mereceu seu respeito.

Como meu pai, outros antigos pensavam e agiam da mesma forma, esses não se uniram à nossa causa para nos rebelarmos. Convencer os jovens foi algo muito mais fácil. Assim como eu, eles tinham ambição e almejavam mais poder. E fui recrutando um a um até conseguir uma quantidade significativa de apoiadores para enfrentar Dmitri Milanovic.

Ele era exatamente o que sempre pensei dele, uma piada. Movi todas as minhas peças debaixo do seu nariz, o incompetente sequer percebeu. Mas, pelo menos, esse momento de distração e fraqueza eu conseguia entender. Estava cego por ela.

Kyara Smirnov.

A mulher que me pertencia e aquele desgraçado havia me roubado. Eu

quase enlouqueci quando soube que ela estava com ele. E fiquei ainda mais ensandecido quando não consegui recuperá-la. E ainda mais fora de mim, com a desculpa de que Milanovic estava em busca de uma noiva e, por isso, Kyara, que nem deveria ser uma das candidatas, passaria um longo tempo vivendo sob o mesmo teto que ele.

Eu conhecia a fama de Dmitri com as mulheres, as fodia, depois as descartava sem olhar para trás. Como ele tratava suas putas não me importava, também era macho e tive minha cota de aventuras, mas Dmitri não podia ter tocado ou tentado manchar a garota que desde a minha adolescência jurei que seria minha.

A primeira vez que percebi a forma que passei a olhá-la foi quando invadi seu quarto para tirar satisfação sobre uma cena romântica que flagrei entre ela e Roman. No início, iria apenas irritá-la, como sempre fiz na infância. Contudo, Kyara estava no banho, a música tocando no quarto impediu que ela me ouvisse entrar. A porta do banheiro entreaberta possibilitava que eu tivesse uma visão completa de seu corpo nu e molhado. Assisti-la deslizar o sabonete pelos seios perfeitos e cada curva ganhando forma em seu corpo, foi o suficiente para me fazer ter uma ereção.

Observei o quanto pude e saí do quarto assim que desligou o chuveiro, evitando que me visse. Comecei a me masturbar ainda contra a porta fechada do quarto dela até gozar e dar a mínima que alguém pudesse passar no corredor. Assim era Kyara, me desestabilizava. Mas ela não era como as vagabundas que eu fodia pelos cantos. Essas eram só diversão. Meus sentimentos por ela eram profundos e deixei isso claro em seu aniversário há alguns meses.

E quase perdi a melhor coisa da minha vida por causa do desgraçado do Milanovic. Então, meu sentimento de desprezo por ele passou a ser ódio e desejo insaciável de vingança. E comecei por ter Kyara de volta.

Passei a última hora observando-a dormir, observando cada detalhe de seu rosto que senti falta. Novamente minha e, dessa vez, não permitiria que ninguém roubasse o que era meu.

O efeito do formol que Sonya usou para deixá-la desacordada já estava passando e logo poderia dizer a ela que seu martírio ao lado de Dmitri Milanovic chegara ao fim. Ela seria esposa do *Pakhan*, mas este seria eu. Ela ficaria orgulhosa do que eu havia feito por nós e por tudo que ainda faria.

Passei a mão pelo seu rosto quando vi seus olhos começarem a tremular.

— Pode abrir os olhos, meu amor. Você já está em casa.

Então, o lindo par de olhos cristalinos abriu, focando-se em mim.

Continua...

Nota da Autora

Nossa, eu fiz mesmo um livro sobre a Máfia!

Eu sei que neste momento vocês devem estar muito bravos comigo. Eu os entendo, causo esse efeito nas pessoas, mas sem mais brincadeiras, preciso fazer algumas considerações.

Foi um desafio compor esta obra. Não sei dizer se foi a melhor, mas, com toda a certeza, dei o melhor de mim com pesquisas, dedicação e colocando todo o meu coração neste livro.

Espero que vocês tenham gostado de se aconchegar nos Braços da Máfia, e assim como eu, tenham se apaixonado por Dmitri Milanovic. O segundo livro já está pronto, em revisão e sairá em Dezembro/18.

Obrigada por comprar, por ler e por, mais uma vez, apoiar meu trabalho. Vemo-nos em breve com o desfecho da história de Kyara e Dmitri.

Bratstvo prezhde vsego: *“A irmandade acima de tudo.”*



ELIZABETH BEZERRA

PACTO *negro*

LIVRO II
NOS BRAÇOS DA MÁFIA

bezz
EDITORA

PACTO NEGRO

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 2

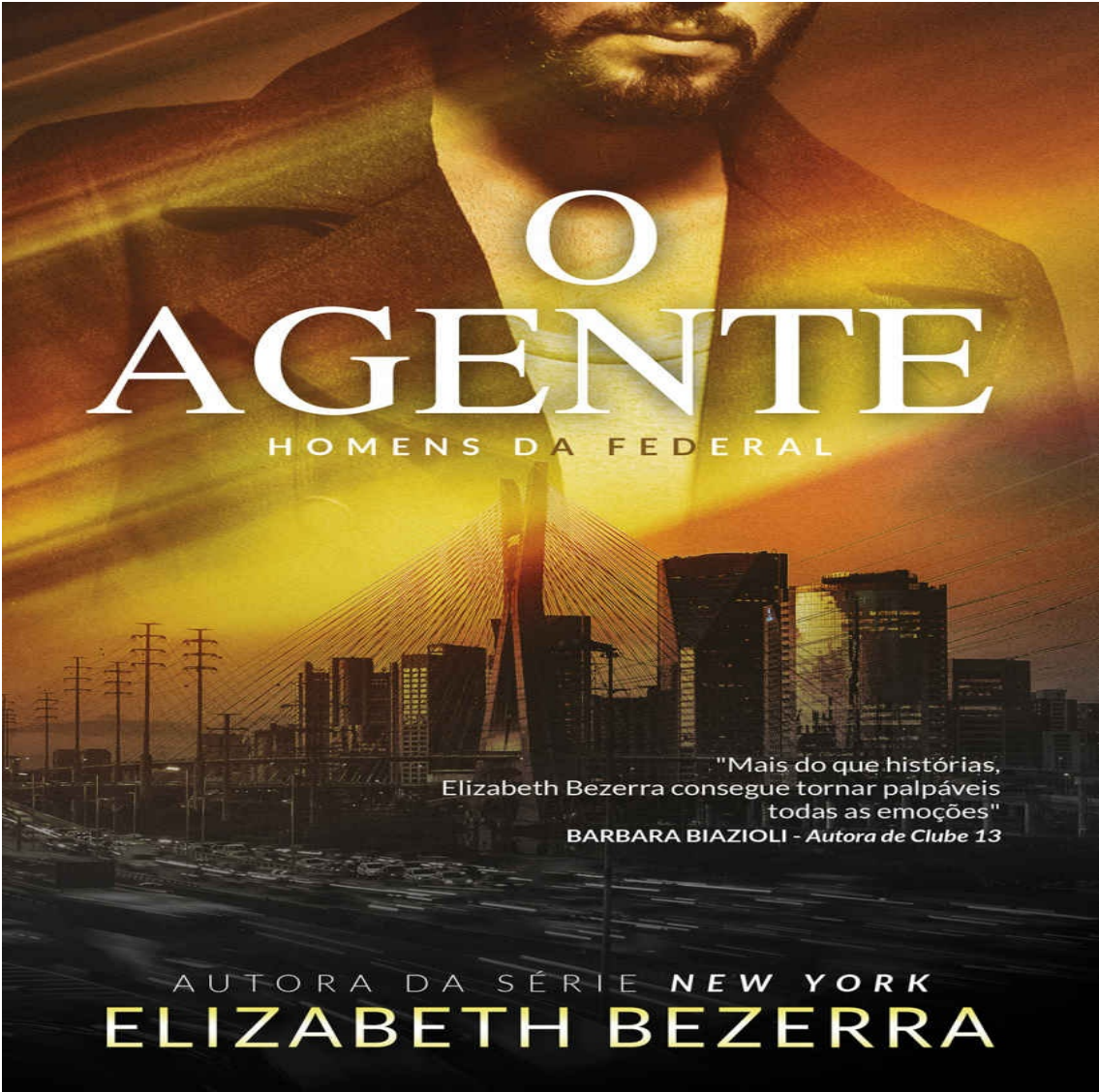
Sinopse

A sede de poder de Boris Karamev não tem limites. Ele quer ser o chefe da Bratva e, para isso, faz estourar uma guerra dentro da máfia e rouba de Dmitri o seu maior tesouro.

Ao ter sua autoridade desafiada, Dmitri Milanovic, o *Pakhan* por direito, vê a necessidade de exterminar todos aqueles que se uniram ao seu maior inimigo.

Para assegurar o seu governo e recuperar seu Querubim, ele irá às últimas consequências numa luta fria de matar ou morrer.

Conheça outras
obras da autora



O AGENTE

HOMENS DA FEDERAL

"Mais do que histórias,
Elizabeth Bezerra consegue tornar palpáveis
todas as emoções"

BARBARA BIAZIOLI - *Autora de Clube 13*

AUTORA DA SÉRIE NEW YORK

ELIZABETH BEZERRA

O

Agente

Homens da Federal

O
Agente
Homens da Federal

Elizabeth Bezerra

Nota

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora, mas acontecimentos reais e pesquisados foram usados como inspiração para a composição da história. A autora usou de licença poética para elucidar algumas situações e assim dar mais dinamismo ao livro.

Prólogo



Rio de Janeiro

Leonardo Valença

Eu ia mesmo fazer aquilo? Subir o morro do Juarez, no Rio de Janeiro, com as UPP's, mas não para auxiliar na recuperação de um território ocupado por traficantes e milicianos, mas para resgatar uma jovem sequestrada pelo traficante que comandava a favela?

Sim. Eu iria. Porque não havia nada que eu desprezasse mais do que o forte tentando subjugar o mais fraco, a corrupção, a desonestidade e a crueldade contra inocentes. Aquela garota tinha quase a idade da minha prima, Íris. E foi pensando nela que decidi fazer parte desse plano maluco, talvez até suicida.

Mas eu não consegui ficar indiferente à história da brasileira, Fabiana Mendes, que há um ano fugira do Morro do Juarez, rumo aos Estados Unidos, determinada a escapar dos constantes assédios do “dono do morro”, o traficante conhecido como Caveira. Só que o destino da moça não fora um conto de fadas, como ela havia sonhado. Ela acabou indo parar em uma rede criminosa que traficava mulheres e fazia exploração sexual.

Foi nos EUA que Fabiana conheceu Peter Stone, um ex-agente do FBI, que ao resgatar um dos seus melhores amigos, sequestrado pelo próprio irmão, também salvou a jovem do mesmo cativeiro.

Responsável pela segurança dela, Peter acabou desenvolvendo um

relacionamento afetivo com ela. E era em nome desse amor que o inglês, com pinta de durão, arriscava tudo, até mesmo a própria vida, para ter de volta à amada, que havia caído novamente nas garras do traficante.

E era a partir daí que meu envolvimento com eles começava. Ao atender ao pedido de Agatha, a esposa inglesa do meu tio, a quem eu considerava como um pai, para ajudar esse bando de malucos que, ao meu ver, não fazia a menor ideia de onde estava se metendo. Ou talvez Peter e seus amigos soubessem e fossem apenas malucos, mesmo.

— Vocês estão com um pouco de sorte — elevei a minha voz para que o grupo de quatro amigos, que discutia, tivesse a atenção em mim.

— Sorte? — Indagou Peter.

A sorte é que eu nunca tive medo de bicho papão, porque o cara conseguia ser assustador sem fazer muito esforço.

— Precisam de alguém que fale inglês e português. Precisam de alguém que os coloque na favela. Alguém da polícia que forneça informações.

Não havia possibilidade alguma de o grupo bem-intencionado — e principalmente Peter, com todo aquele tamanho —, passasse despercebido entre os moradores da favela. A palavra “gringo” gritava como em uma placa em neon na testa deles. Agradecia as boas intenções, mas eles não faziam ideia do que enfrentávamos aqui todos os dias.

— Então, estão com muita sorte — finalizei.

Porque eu era esse cara. A única chance que tinham, e com toda sinceridade, não estava sendo prepotente.

— Será muito bem recompensado por isso, Sr. Valença — disse Peter.

Eu não estava ali pela porra do dinheiro, embora Agatha tivesse avisado que rolaria uma boa recompensa. Era a merda do meu país, e se alguém tinha que limpar as sujeiras que um governo criava, éramos nós, a população.

— Não faço isso pelo dinheiro — iniciei, com dureza — O crime organizado é mais do que as pessoas acham. Há políticos envolvidos nisso até o último fio de cabelo. A moça é brasileira, e como todos nós, está sofrendo por algo que não deveria. Eu estou cansado de ver minha gente sofrer. E a cada bandido desse que coloco atrás das grades, me faz me sentir um ser humano melhor.

— Obrigado — disse Peter.

Tendo isso esclarecido, expliquei rapidamente o que eram as Unidades Pacificadoras e como iríamos nos beneficiar da invasão ao Juarez, assim como o

papel de cada um dentro do plano elaborado.

— Leonardo?

Estava prestes a seguir Liam, Neil e Richard para fora do apartamento, quando Peter interrompeu meus passos ao segurar o meu ombro.

— Entendo os motivos de não querer aceitar meu dinheiro — disse ele, e pela primeira vez desde que conhecia a muralha em forma de homem, pude notar sua fragilidade — Mas o que já fez e irá fazer por mim hoje... pelos meus amigos e principalmente por Fabiana, é algo que jamais esquecerei. Ela significa tudo para mim... E aqueles caras lá fora são mais que amigos, eles são minha família.

Eu conseguia entender a parte sobre os amigos. Eu tinha um melhor amigo dentro e fora da polícia. Tinha certeza que Henrique levaria um tiro por mim, e eu faria o mesmo por ele. Agora, em relação à mulher? Eu arriscaria tudo em nome do amor a uma pessoa?

— O que você precisar de mim — disse ele — a qualquer momento, e em qualquer situação, saiba que estarei lá por você.

Ele estendeu a mão para selarmos o acordo.

— Vou me lembrar disso — disse a ele.

Será que um dia precisaria da ajuda de Peter Stone, como hoje ele precisava de mim?

Essa era uma pergunta que somente o destino poderia responder.

Capítulo 1



Leonardo Valença

São Paulo

Assim que entrei na repartição, dezenas de cabeças se viraram para mim. Mulheres e homens, sendo héteros, homos, ou o que a pessoa decidisse ser. Não importava: eu me tornei o foco de curiosidade. É como se eu estivesse em exposição em uma vitrine de uma loja de doces e estivesse sendo degustado, lenta e descaradamente. Mas, como dizia minha querida e sarcástica avó, eu era um “tipão” que chamava a atenção por onde passava.

Foi assim no meu primeiro dia como agente, na Polícia Federal. Causei certo *frisson* nas pessoas interessadas e que não se esforçavam em esconder isso. Ah, também foi por esse motivo que deixei minha barba e cabelo crescerem, na esperança ridícula de que uma aparência mais relaxada, e nada convencional, pudesse desviar a atenção do meu rosto bonito, evitando assim, ser chacota dos agentes mais experientes e insuportáveis com quem eu tinha que conviver.

Por um tempo até que deu certo. As mulheres focadas do departamento — e graças a Deus essas eram a maioria — e profissionais o suficiente para perceber que eu era muito mais que um rostinho e um corpo malhado, levavam na esportiva e não faziam alarde sobre mim. Mas como em qualquer lugar que

havia homens e mulheres trabalhando juntos, sempre tinha alguém interessado em uma boa sacanagem.

Mas, com o tempo e um comportamento puramente profissional, até as mais descoladas aprenderam a lidar comigo, principalmente depois que deixei de ser novidade no setor. Não me lançavam mais tantos olhares cheios de segundas intenções, embora, vez ou outra, eu ainda conseguisse ouvir um suspiro ou outro às minhas costas. Meu profissionalismo, foco no trabalho e, às vezes, cara de mal-humorado que sempre fazia quando surgiam concursos como “o cara mais gato da repartição”, também me ajudaram a manter distanciamento e me salvar de situações embaraçosas e constrangedoras. No geral, eu levava uma vida calma e discreta.

Bem, até alguns dias atrás.

Tudo começou quando meu chefe jogou na minha mesa o mandado do juiz Ricardo Moraes, decretando a prisão mais esperada do país, do deputado José Gomes, envolvido no escândalo de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, uso de documentos falsos e tráfico transnacional de drogas, e uma lista extensa de acusações que estava sendo apurada pela Polícia Federal.

Muitas pessoas queriam sua cabeça, e eu fui o designado para levá-la em uma bandeja de ouro. Claro que, como um bom cidadão, tive o prazer em fazer isso. A grande parte da população acha que só existem corruptos na polícia. Eu não tenho muitos argumentos para desmistificar isso. Há alguns caras fazendo um belo trabalho para sujar a farda policial. Mas pode acreditar, ainda existem mais profissionais decentes do que os criminosos que se vendem. Se não fosse assim, esse país estaria ainda mais enfiado na lama.

Eu nunca tive o sonho de ser policial. Meu pai foi da Polícia Civil por 18 anos. Eu cresci vendo como essa vida era difícil para ele. E meu pai também não queria que eu seguisse essa carreira árdua, mesmo que sempre tenha o admirado e sentido grande orgulho dele.

Por isso fui cursar Engenharia. Eu me formei e consegui dar esse grande orgulho aos meus pais. Fora a última alegria do meu pai, antes de ele falecer. Entrei na polícia um ano depois, para honrar a sua memória.

Orgulhava-me do que fazia. E nunca poderia ter imaginado que aquelas malditas fotos tiradas de mim, levando um político corrupto à cadeia, fariam da minha vida um verdadeiro inferno, de uma hora para outra.

Apesar de ter odiado as consequências disso, não podia ficar me martirizando com isso. Nem fazia meu estilo, afirmei a mim mesmo, quando passei pela onda de risinhos, suspiros e tossidas irônicas ao seguir para a minha

sala.

Sobre a mesa, ao lado do computador, estava o maldito jornal que alguém, de propósito, deixara ali.

"O Barbudo da Federal continua a conquistar milhares de corações pelo país."

Viro a folha contra a mesa. Aquela manchete até que fora razoável, se eu fosse comparar às dezenas de matérias e especulações surgindo sobre mim na imprensa, todos os dias. Eles eram como viciados, procurando mais uma dose. Um pouco mais de sujeira debaixo da lona do circo. O palhaço pulando no palco era eu.

Bufei, indignado.

Eu já não tinha muito respeito pelos meios de comunicação, e passei a odiar a imprensa ainda mais depois que conheci certa jornalista. Assim como na polícia, na mídia existiam pessoas boas e ruins. E tive o infeliz desprazer de cruzar com alguém bem nocivo, como a jornalista Érica Gusmão.

Jornalistas como ela provavam que o importante era o furo na notícia, não importavam os meios usados para conseguir, e muito menos se a intromissão pudesse afetar meses de investigação e trabalho duro.

Ratos de esgoto!

— Hipster da Federal, me prende que sou perigosa — ouvi a voz melosa e provocativa de Henrique, ao entrar na sala que dividíamos.

Ele balançava o celular e exibia um sorriso debochado no rosto. Henrique Rodrigues é um dos amigos mais chegados que tenho dentro e principalmente fora da polícia, mas como todo mundo no departamento, não perdia a oportunidade de encher meu saco. Eu não podia culpá-lo, jamais deixaria a oportunidade escapar se o mesmo tivesse acontecido com ele.

— Barbudo da Federal, eu lavo a jato, lavo seu carro e lavo você todinho... — ele alargou o sorriso — Com a minha língua.

Tive vontade de fazê-lo engolir o celular onde ele lia a matéria, mas isso desperdiçaria meu tempo. Seria mais eficiente pegar a arma em meu coldre e mirar no filho da puta.

— Até você, Henrique? — afundei um pouco mais na cadeira e fiz uma massagem com os dedos em minha têmpora, que já dava sinais de que uma

bomba atômica logo explodiria em minha cabeça.

— Veio pelos fundos de novo? — perguntou Henrique, ocupando a cadeira atrás de sua mesa.

Pelo olhar compenetrado, me pareceu que, por um momento, ele sentiu pena de mim, mas foi só ilusão mesmo. O sorriso que seguiu provava que ele era o mesmo idiota de todos os dias.

— Cara, a quantidade de mulheres que o procura só aumenta. E hoje, a prima do agente Costa mandou te entregar um bolo.

Que, obviamente, eles já deveriam ter comido antes de eu chegar. Os desgraçados podiam zoar com minha cara, mas muitos deles se aproveitavam dos benefícios que vinham com isso.

— Seu Facebook está uma loucura, e já está conseguindo mais seguidoras no Instagram do que o Neymar.

Isso deveria ser ótimo, mas na verdade me dava vontade de desaparecer. Abrir um buraco no chão e me esconder para o resto da vida, como Bin Laden havia feito por um longo tempo.

— Vou mudar a conta para privado — disse a ele.

Levanto e afasto a cortina para olhar o movimento lá fora.

— Inferno! — vociferei, ao observar um agente falar com um trio de garotas empolgadas — Mas que porra!

Eu já vira isso antes. Na sua maioria eram juvenzinhas demais para que déssemos alguma importância ou cogitasse olhar uma única vez. Algum agente passava um sermão nelas e facilmente as dispensava. O problema mesmo eram as "adultas" com quem eu me esbarrava, ou conseguiam furar a segurança.

Havia algumas muito bonitas, e as teria em minha cama com facilidade, mas eu achava a maioria delas, no mínimo, um pouco maluca. Essas mulheres queriam apenas os holofotes da fama momentânea que eu trazia. O real interesse em mim era serem vistas ao lado do cara mais comentado do momento.

Não que eu tivesse inicialmente sido santo o tempo todo. Aproveitei algumas oportunidades que surgiram. E eu via como uma troca justa. Mas a brincadeira deixou de ser divertida. Eu precisava de paz para manter a cabeça focada no trabalho, e havia muitas coisas a serem feitas ainda. E a maldita repercussão em torno de mim me mantinha afastado de algumas operações que considerava importantes.

— Eu estou parecendo um daqueles caras da banda que sua sobrinha gostava...

— One Direction? — disse ele, entortando os lábios com desgosto.

A sobrinha de Henrique e suas amigas adolescentes foram fascinadas por esses rapazes, por anos. Uma vez até nos obrigaram a levá-las para um show de uma banda cover. Ele queria que a sobrinha gostasse de bandas como Guns N'Roses ou Iron Maiden, mas a geração de hoje, segundo ele, não sabia curtir uma boa música.

— Agora ela curte alguns coreanos. Uns tais de Du-pop.

— É K-pop, imbecil — corrigi, sentindo prazer em tirar onda dele pela primeira vez no dia.

— Tá sabendo muito dos coreanos. Sempre soube que gosta de segurar nos palitinhos. Que seja. Esqueça a minha sobrinha. Cara, você não sabe a sorte que tem — disse Henrique, empolgado. Sério, se eu tivesse um babador, ofereceria a ele — As mulheres já caíam aos seus pés, agora elas despencam. Você deveria parar de reclamar e aproveitar tudo isso.

Uma parte de mim sabia que ele estava certo. Toda essa confusão um dia iria acabar e eu voltaria a ser apenas Leonardo Valença, um simples agente da Polícia Federal. Meus dias distribuindo senhas e selecionando a mulher que quisesse, sem muito esforço, chegaria ao fim. Mas as coisas não eram tão simples como Henrique acreditava.

Eu sabia e podia usar muito meu pau, mas como qualquer ser humano, eu tinha sentimentos. Não que me considerasse um cara romântico, à procura do amor, nada disso. Eu gosto de sexo e de caçar. Eu gosto do lance da conquista, os olhares que dizem tudo, a dança sensual que antecipa uma noite de foda suada. Eu curto todo o processo. Sexo com qualidade, mesmo que seja casual, e uma boa companhia, acima de tudo. E não um bando de desvairadas me seguindo o tempo todo, achando que sou o príncipe dos tempos modernos.

— Henrique, essa merda está muito foda — eu parecia um garotinho que acabou de sair do teste de recuperação na escola e que, em vez de ter passado o dia anterior estudando, havia desperdiçado o tempo no Xbox — Tem mais de uma semana que não sei o que é sexo, e falando sério, não vou arriscar com uma dessas doidas. Já sonhei com uma delas com o meu pau nos dentes, não de um jeito sexy. A maldita parecia um zumbi do The Walking Dead.

Como era de se esperar, Henrique caiu na risada. Outra grande frase da filosófica dona Maria, minha avó: "pimenta no cu alheio é frescoro".

— Olha. É sexta-feira — fechei a cortina e voltei para a minha mesa — Eu só queria ir ao Casarão e me distrair um pouco dessa loucura que se tornou a minha vida.

O Casarão era uma casa noturna que, às vezes, frequentamos quando estamos de folga. O lugar era luxuoso e bem caro. E só temos entrada VIP, porque já fizemos alguns bicos de segurança e ajudamos o dono algumas vezes. Nada ilegal, mas isso nos garantia entrada fixa.

No entanto, só íamos de vez em quando. Para um homem solteiro, o salário que tinha na PF era muito bom, mas o Casarão era uma extravagância que não poderia arcar periodicamente. Os frequentadores de lá eram realmente alto nível.

— Estou de plantão esse fim de semana — Henrique me deu um olhar desanimado — Mas você pode passar lá, já que está "de férias".

A maioria dos meus casos e trabalhos haviam sido passados para ele ou para outro agente. Outro grande problema que essa exposição na mídia me trouxe. Era quase impossível entrar em qualquer lugar sem que me reconhecessem e pedissem para tirar fotos.

— Eu? O cara que está fugindo da metade do país, ir para uma casa noturna cheia de gente? Passou no Narcótico e usou tudo o que havia lá? Está cheirando pedra, em vez de fumando?

Claro que o uso correto da droga não era esse. Ninguém ficava doidão cheirando pedra, você tinha que diluir e fumar. Mas era uma forma — talvez um pouco escrota — de dizermos ao outro que agia como um idiota.

— No seu lugar, seria exatamente isso que eu faria — ele resmungou — Mas, cara, você precisa mesmo se distrair e tirar essa tensão. E você já conhece metade das mulheres que frequentam o Casarão. Não é novidade para elas, não agirão como as malucas gritando por você na entrada.

Eu duvidava. As garotas do Casarão me conheciam, mas eu vinha com um bônus agora – fama. Eu queria o desafio. Queria me sentir empolgado, mas estava receoso de que lá não pudesse encontrar o que precisava.

— Vou acabar é sendo expulso de lá.

O jeito era acabar a noite com um balde de pipoca, e o mais próximo de sexo que chegaria seria vendo filmes em um site pornô.

— Sabe o que eu acho? Sua força está nessa barba e nesse cabelo — disse ele, com toda certeza do que falava — Sabe, que nem Sansão e Dalila?

Eu acho que entendi onde ele queria chegar, só não estava gostando.

— Tire essa barba, corte o cabelo e pronto, todo o poder desaparece. As pessoas te reconhecem porque é algo como uma marca.

Fazia sentido de novo, e novamente não era algo que me agradava. Gostava da minha barba, me acostumei a ela, e cortar o cabelo, nem em sonhos. Eu os

tenho compridos desde meus 14 anos, quando acalentei o desejo de ser guitarrista de uma banda de rock.

— Você acha mesmo? — perguntei, coçando meu queixo barbudo — Sobre a barba?

O cabelo poderia manter preso, como sempre fazia.

Henrique deu de ombros e empurrou para mim um dos jornais em cima da pilha em minha mesa.

"O barbudo da Federal: quem é o homem que está mexendo com a cabeça das mulheres do país?"

Gemi ruidosamente antes de jogá-lo no lixo.

Tinha de admitir, a barba era minha marca.

— Pensarei sobre isso — disse a ele — Agora chega de falar sobre mim. Como anda o caso?

Henrique abandonou todo ar descontraído e debochado. Quando falávamos de trabalho, nos transformávamos em outras pessoas.

— Um novo nome foi adicionado à lista — ele destrancou a gaveta em sua mesa, de onde tirou uma pasta — Esse é um pequeno dossiê sobre o senador Luís Morais Alencar e a família dele. E pelo que estamos apurando, ele é a chave que abre muitas portas.

— Alencar é o dono da A.L. Cosmética, não é?

Henrique assentiu com a cabeça.

A A.L. Cosmética estava sendo investigada por simulações de importações e exportações, com o único propósito de receber e mandar dinheiro para fora, baixo comércio de produtos ou serviços reais, além de facilitar a entrada de drogas sintéticas no país. Quem poderia imaginar que, em alguns lotes das caixas de cosméticos de uma das empresas nacionais mais importantes, outras coisas eram transportadas?

— Luís Alencar está sujo até o pescoço — disse Henrique, enojado — Quando penso que estive o tempo todo em nossas vistas...

Eu entendo a frustração de Henrique, por termos deixado o senador passar ileso por tanto tempo. Mas investigar era como descascar uma cebola apodrecendo. Quanto mais camadas ruins você tira, mais podridão continua a surgir.

No início, a investigação contava apenas com três policiais: meu superior, Aldo Dias, Henrique e eu. E prosseguiu de forma discreta, durante vários meses. Depois de analisar milhares de operações bancárias, nós três vislumbramos um esquema de proporções gigantescas, com suspeitas crescentes sobre a implicação de altos executivos de empresas e nomes políticos de peso, citados sempre que os depoimentos dos arrependidos eram negociados.

Eram bilhões, desviados e lavados. O dinheiro provinha principalmente do tráfico de drogas, do contrabando de diamantes e do desvio de recursos públicos. De três policiais, passamos para mais quatro delegados e doze agentes.

— Ele está no radar agora. Você vai conseguir pegá-lo, Henrique.

Pensar na A.L. e no senador talvez fosse a distração que eu precisava. O problema é que havia recebido ordens para ficar alguns dias longe da ação.

Uma batida na porta nos interrompeu, e Miguel Ferreira, um agente que nem eu e Henrique gostávamos muito, surgiu à porta.

— Rodrigues? — Miguel olhou sarcasticamente para mim antes de se dirigir a Henrique — O delegado quer falar com nós dois.

Henrique voltou a trancar a pasta antes de levantar.

— Ouvi dizer que você vai virar modelo de cueca, Valença — gracejou Miguel — Isso aqui nunca foi mesmo lugar para você.

Senti uma imensa vontade de dar um belo soco na cara dele. As pessoas tendiam a achar que uma boa aparência abria todas as portas. Em alguns casos era verdade, mas em outros casos, como o meu, só vinha para atrapalhar. E eu dei duro para provar que era mais que um rosto bonito e um corpo bem trabalhado.

— Algumas pessoas sabem e têm competência para ganhar dinheiro de forma honesta, não é, Miguel? Melhor despir a roupa do que o caráter.

Eu não possuía provas contra ele, mas sabia que fazia favores e ganhava propina aqui e outra ali. Miguel era uma das frutas podres que manchava o uniforme.

— O que você está querendo insinuar? — ele se enfureceu, caminhando até mim.

— Não faço insinuações — fiquei de pé — Estou dizendo...

Henrique se colocou no caminho entre nós dois e pôs a mão no peito de Miguel.

— Chega disso — ele empurrou o agente — O chefe quer falar com a

gente. Vamos ver o que ele quer.

Antes de atravessar a porta, Henrique retornou dois passos e fez sinal para que eu me acalmasse. Normalmente, tentava ser um cara controlado e até mesmo frio para lidar com as provocações de Miguel, mas terem me "afastado" das investigações principais para o meu "próprio bem", e da operação, além de todo esse circo ao meu redor, vinha tirando minha paciência. Principalmente porque Miguel fora colocado temporariamente em meu lugar.

— Eu vou falar com o delegado sobre você retornar — informou Henrique — Enquanto isso, ignore esse idiota. Vá relaxar essa noite. É sério, Leo. Você precisa de uma folga, e eu vou precisar de você em breve.

Eu precisava manter a cabeça fria. Sair aos socos com o Ferreira não iria provar ao meu chefe que poderia voltar à ação.

— Farei o possível, Henrique — grunhi, retornando à minha cadeira.

— Não. Você fará o necessário — assegurou ele — Sempre faz.

O necessário agora era me livrar da pilha de trabalho burocrático acumulado em minha mesa.

Ir ao Casarão essa noite talvez não fosse uma má ideia.

Capítulo 2

Gisele Alencar

Faz apenas uma semana que eu voltei ao Brasil e tudo à minha volta estava uma verdadeira loucura.

Para começar, eu nem queria estar aqui. Ignorei o quanto pude os pedidos insistentes de minha mãe para que voltasse para casa, após a conclusão do meu curso fora do país. Mas seus novos argumentos e novas súplicas foram convincentes demais para que eu conseguisse ignorar.

Além disso, não existia mais nada na Europa que pudesse me manter por lá. Até meu relacionamento, de pouco mais de um ano, fora por ladeira a baixo. No entanto, retornar ao meu verdadeiro lar não significava felicidade para mim. Estaria amargamente arrependida se meus pais realmente não precisassem de minha presença.

Minha mãe possuía sérias suspeitas de que meu pai a traía com uma jovem com idade próxima à minha. E os negócios de meu pai, como sua carreira política, pareciam estar enfrentando problemas. Meu pai garantia que a crise no casamento era uma fase que seria superada e que as desconfianças de mamãe eram descabidas. Sobre os negócios, dizia que eu não precisava preocupar minha cabeça, mesmo eu tendo cursado administração ao invés de Letras, como queria, para atender ao pedido dele. Sobre política, isso sim, eu não fazia questão de ter nenhum contato.

Através do meu pai, que é senador, conheci pessoas bastante desagradáveis. Pessoas que pensavam apenas em seu benefício próprio e que não sentiam remorso de estar prejudicando a quem deveriam estar ajudando.

Eu nunca quis que meu pai entrasse para a política. Mas sentia orgulho que ele quisesse gastar energia e tempo para ajudar o país e às pessoas que realmente necessitavam. A parte ruim era o que vinha com isso. Tínhamos um padrão de vida alto, devido às empresas da família, mas com a política e o cargo de senador do meu pai, e talvez uma possível candidatura a governador, vinham o glamour e o prestígio.

Ter de lidar com o meu rosto e meu nome nas revistas de fofocas, além dos círculos sociais, não era para mim. E foi o que me levou a ir estudar fora. Lá eu conseguia ser apenas a Gisele.

Eu sempre fui bastante tímida. Preferia livros e os meus gatos, às pessoas. E odiava os eventos sociais que eu era forçada a participar. Era um sacrifício parecer sofisticada e ter que sorrir forçadamente para as câmeras.

— Vai, Gisele! — Luana, a minha grande e a única amiga de verdade, que deixei no Brasil para estudar fora, se encontrava ajoelhada na cama, fazendo uma prece com as mãos — Você acabou de voltar. E precisa de um momento de folga e diversão, para fugir disso tudo. Vem comigo, por favor.

Ela fez aquela cara de cachorro abandonado e faminto, olhando a vitrine de padaria. Era muito difícil conseguir ignorar as loucuras de Luana, quando ela apelava para o lado sentimental e chantagista.

— Luana, minha mãe está tentando lidar com tantas coisas. E nem consegui conversar com meu pai direito, desde que cheguei. Ele está sempre rodeado dos advogados dele — tento fazer com que ela me entenda — E essa casa é um entra e sai de gente esquisita, que nem sei se voltei para o lugar certo. E ninguém me conta nada do que está acontecendo. Procuro nos jornais, mas só vejo especulações, mesmo assim, não tenho gostado do que leio. Sinto que as coisas estão se complicando.

Luana bufou e olhou de cara amarrada para mim.

— É como você disse, tudo isso não passa de especulação, Gisele. Acha mesmo que o tio Luís seria desonesto? O seu pai? — ambas chamávamos o pai da outra de tio.

Balancei a cabeça, em negativa. Eu nem poderia pensar em algo como isso, meu pai sendo corrupto.

— Ele já era rico quando virou deputado e depois senador — continuou Luana — Vocês nunca precisaram de dinheiro, minha amiga.

Talvez de dinheiro, não, mas papai sempre foi um homem ambicioso. Que pensava grandemente. Meu avô, quando vivo, sempre dizia que isso poderia ser tanto uma qualidade quanto uma maldição. A fome de poder poderia cegar as pessoas.

— E seu pai está cuidando de tudo com os advogados dele. Não há nada que você possa fazer, pelo menos, não agora — disse ela — É realmente pelos seus pais, ou Brian tem algo a ver com isso? Não é por causa dele que não quer sair um pouco de casa, para se divertir?

Quer convencer alguém a fazer o que não quer? Ou pelo menos eu? Coloque o dedo na ferida. Luana me conhece muito bem, para saber que esse seria o gatilho necessário para conseguir me abalar e sacudir um pouco. Brian

era um assunto que eu queria encerrar em minha vida. Mas, sim, ele deixara meu coração abalado ao me trocar por uma modelo russa.

— Não é pelo Brian. Eu só... — respirei fundo, não querendo me lembrar da forma humilhante que ele me tratou — Não sei. Acho que não estou no clima.

— Mas você está finalmente de volta. Eu sou sua melhor amiga e estou com saudade — insistiu Luana, voltando a afinar a voz e fazer biquinho — Só por uma ou duas horinhas, e se você não estiver se divertindo, eu juro que a gente volta.

Eu não tinha muitos amigos em São Paulo, não tão sinceros e fiéis como a Luana. E ainda havia essa nuvem negra em cima da minha família, que poderia fazer os poucos conhecidos quererem se afastar. Talvez eu não tivesse outra oportunidade no futuro, de ter apenas uma noite divertida com alguém que eu gostava.

— Tudo bem — dei-me por vencida ao me jogar na cama ao lado dela — E para qual lugar nós vamos?

Podendo soar egoísta, não dava tanta importância à situação dramática no casamento dos meus pais. Eu também achava que minha mãe andava vendo coisas onde não havia. Papai nunca se mostrou um homem mulherengo. Sobre a empresa e a política, pelo menos essa noite não havia nada que eu pudesse fazer. Não até pressionar meu pai e insistir para que ele parasse de dar tapinhas na minha bochecha e insistir que tudo estava sendo resolvido.

— No Casarão. Sempre quisemos entrar, lembra? — ela bateu palmas — Agora já temos idade suficiente. Além de entrada VIP.

O pai da Luana é contador, e o dono do Casarão é um dos clientes dele. Ela assegurou que, por causa disso, nosso acesso à casa noturna seria tranquilo e que não passaríamos pela confusão e multidão de pessoas na porta. Entraríamos por um acesso particular. O que me deixou bem mais aliviada. Alguns jornalistas vinham querendo uma exclusiva comigo, sobre as especulações que envolviam meu pai.

— Certo, então me ajude a escolher uma roupa — disse a ela, e logo estávamos conversando, animadas, sobre o lugar.

O Casarão era uma antiga mansão reformada, localizada no Itaim Bibi, em São Paulo, além de ser um dos locais mais disputados da alta sociedade paulistana.

Na época do colégio, vários amigos e conhecidos nossos falsificavam identidade para entrar. Luana e eu nunca tivemos essa coragem.

Quando chegamos lá, reservei alguns minutos para admirar o local. No andar superior havia quatro camarotes, com espaço para até 15 pessoas. No andar inferior concentrava a maior pista de dança, e circulando as paredes, alguns sofás de couro branco e mesas curvadas de vidro em frente a eles. No bar, diversas taças despontando do teto e uma estante gigante com uma incontável variedade de garrafas e bebidas. Já vi casas noturnas parecidas na Europa, e acredito que o estilo e inspiração na decoração tenham vindo de lá.

Quase uma dúzia de barman fazia mágica para os clientes. No centro do grande salão, luzes multicoloridas giravam, iluminando as pessoas que se agitavam na pista de dança ao som de Lady Gaga.

— Vamos pegar uma bebida e tirar essa sua cara de emburrada. Você está espantando os caras mais gatos — gritou Luana, em sua invejável empolgação — Hoje nós não sairemos sozinhas daqui, meu bem.

Eu havia concordado com beber e dançar. Mas poupei o meu tempo em dizer que não estava interessada e nem pretendia sair acompanhada de algum cara gostoso, mas desconhecido. Passei da fase adolescente em que sair de uma festa sem ter ao menos beijado um garoto era sinal de fracasso. E devo dizer que, devido à minha timidez no passado, esse foi um sentimento que amarguei muitas vezes.

No entanto, entendia e agradecia a preocupação de Luana. Ela não era promíscua como aparentava, ao dizer que devíamos sair à caça de homens. Luana se preocupava comigo e com a fase difícil que venho enfrentando. Ela só queria que eu relaxasse e curtisse um pouco.

Tudo bem que eu não desejava mais complicação em minha vida nesse momento, mas não significava que eu tivesse que bancar a amiga mal-humorada, impedindo uma de nós duas de se divertir. Um pouco de música e bebida não fariam mal nenhum a mim, e eu também amo dançar, mesmo que não faça muito isso.

— Ah, Gisele. Se solta e apenas aproveita — pediu Luana — Paquerar não tem nada de mais.

Eu sabia que ela estava certa. Sempre achei a parte da sedução mais atraente do que a conquista em si, então, não seria o fim do mundo se decidisse, no decorrer da noite, apenas admirar e flertar com alguns homens bonitos, que certamente ela iria me apresentar.

— Vamos beber — sugeri a ela, e fomos para o bar.

Pedi uma batida de morango, para começar a noite. Luana foi mais corajosa e pediu logo dois *shots* de tequila. Nós bebemos, dançamos e até encontramos

alguns de nossos antigos amigos. Mas a minha sorte, como tudo em minha vida, parecia estar começando a mudar.

— Oh, não, que merda! — resmunguei, baixando a cabeça, na esperança de conseguir ocultar o meu rosto das luzes piscando.

Estaquei no meio da pista, e se meus reflexos não tivessem sido mais rápidos, teria derrubado minha bebida em cima do vestido prateado de Luana.

— Olha quem está em nossa mesa — disse ela, apontando com o copo.

Em tantas boates existentes em São Paulo, a única pessoa que não queria ver em todo o planeta, escolheu justamente o mesmo lugar onde eu estava.

— Você se lembra da Érica Gusmão? — perguntou ela, indicando a loira voluptuosa em um vestido vermelho, que conversava com o pretendente de Luana essa noite.

Como poderia esquecer a garota mais popular do colégio e que teve o prazer de fazer da minha vida escolar um inferno?

— Sabe aqueles filmes da sessão da tarde, em que a garota mais popular e malvada da escola acaba ficando feia? — questionou Luana — E a mocinha que usava aparelho nos dentes e era desengonçada retorna muito gata?

— Não sei se vi esse filme — murmurei, antes de beber metade do drinque em meu copo.

— Pois é. Você está gata, amiga, mas essa daí nunca será feia — disse Luana, com um tom de desagrado em sua voz — Bem, pelo menos não por fora. Ela agora trabalha em um jornal, sabia? E por isso se sente mais importante do que realmente é.

Eu quis desaparecer. Na verdade, sair correndo, e teria feito exatamente isso, se a saída não estivesse duas mesas após a nossa. O que me obrigaria a passar pela Érica de qualquer jeito.

— Haja com naturalidade ou a ignore — sugeriu Luana, quando voltamos a nos aproximar do nosso pequeno grupo — Talvez ela não te reconheça ou nem lembre mais de você.

Lancei a ela um olhar descrente. De todas as pessoas no Casarão, Érica seria a única que me reconheceria a quilômetros. Primeiro, que ela não se esqueceria da patinha que ela gostava de atormentar, e segundo, que deveria estar por dentro do que acontecia com meu pai. Sendo jornalista agora, tinha um prato cheio para continuar a transformar minha vida, assim como a minha noite, em um desastre.

— Olha, que surpresa! — Bingo! Érica uniu as mãos e nos brindou com um

sorriso amigável, que destoava dos seus frios e bonitos olhos verdes — Luana Correia e Gisele Alencar. Quanto tempo eu não as vejo...

— Na verdade, nos encontramos na festa da... — iniciou Luana, mas a atenção de Érica se mantinha toda em mim.

— Sente-se! — Érica indicou um espaço vazio para que eu me acomodasse — Estávamos tendo um momento de nostalgia e decidimos fazer um pequeno jogo que fazíamos na escola. O que você acha, Gisele?

Érica agia exatamente como eu me lembrava dela. Como uma rainha esperando que seus súditos se curvassem às suas vontades. Era a nossa mesa, em sua maioria nossos amigos, e ela não deveria agir como se tudo girasse ao seu redor.

— Jogo? — indaguei, arqueando a sobancelha.

Ela poderia continuar linda e autoconfiante como sempre, mas eu já não era a Gisele que tremia com qualquer olhar maldoso.

— Sim, querida, como fazíamos no tempo do colégio — ela sorriu ainda mais — Você deve se lembrar.

Claro que eu não lembrava, e ela sabia disso. Tanto Luana quanto eu fazíamos parte das excluídas da escola. Eu nunca fiz parte dos populares e nunca fiz questão, na verdade. Meu único contato com algum deles era minha paixãoite pelo namorado de Érica, e claro, a própria, que adorava me perseguir, humilhar e me fazer parecer ridícula em relação a isso.

— Não é incrível? Eu realmente ia para o colégio para estudar — sorri educadamente e circulei a mesa, sentando no único lugar vazio para acomodar minhas pernas trêmulas, mas, por azar, era de frente para Érica — Diferente de algumas garotas que abriam as pernas o tempo todo para todos os garotos que cruzavam o seu caminho, mesmo já tendo um namorado.

Luana engasgou com a bebida, na falha tentativa de segurar uma risada. As outras pessoas que ouviram o que eu disse tentaram agir como se nada tivessem escutado. Érica estreitou o olhar, olhando furiosa para mim, mas rapidamente se recompôs.

— Chama-se verdade ou desafio — esclareceu ela — Como você acabou de chegar, Gisele, terá o privilégio de começar.

Eu queria dizer que aquilo era idiotice. Erámos adultos, e não um bando de adolescentes escondidos na biblioteca da escola. Também poderia mandar Érica ir à merda. Mas eu sentia que havia, ali, mais do que uma brincadeira entre velhos amigos se reencontrando.

— E eu sugiro que escolha a verdade, querida — ela se inclinou para tocar minha mão em cima da mesa, frias como a pele de uma cobra — Nós sabemos que nunca foi muito corajosa para desafios.

Não me deixei cair na armadilha que ela queria me jogar, lembrando um fato amargo de meu passado provocado por ela, ao me humilhar diante de toda a escola.

Entendi muito bem onde Érica queria chegar ou o que esperava conseguir: arrancar de mim os podres da minha família e ter uma bela matéria para estampar no jornal de quinta, no qual deveria trabalhar.

Pois eu aceitaria o desafio, mesmo que fosse algo como dançar apenas de pompom na Avenida Paulista, do que abrir meus lábios e dizer qualquer coisa a uma jornalista sensacionalista como ela. Aliás, sendo a mulher inteligente que eu acredito ser, o que tinha a fazer era me levantar e deixar que todos aproveitassem o jogo estúpido.

Mas até as mulheres inteligentes e sensatas, como eu, carregavam dentro de si um demônio vingativo. Eu queria muito, pelo menos uma vez em minha vida, fazer a Érica perder a pose.

Quem nunca desejou dar o troco e se vingar daquela vaca malvada da escola, nunca sofreu bullying como eu sofri.

— Você está muito por fora sobre a Gisele — a voz ébria de Luana veio em minha defesa — Ela estudou fora, meu amor. É uma mulher viajada e confiante, agora. Ficarão com o desafio.

O olhar sarcástico e duvidoso que Érica deu a Luana logo foi direcionado a mim.

— É mesmo, Gisele? Pensei que conseguiria arrancar uma ou duas confissões picantes de você. Então, quer mesmo o desafio?

"Eu quero que você vá para o inferno", pensei, antes de pegar o copo de Luana e virar o restante da bebida, que desceu queimando por minha garganta. O monstinho da competição e o desejo de dar o troco falando cada vez mais alto dentro de mim.

— Sim, aceito o desafio.

Empinei o queixo, mas, por dentro, meu coração parecia pulsar tão alto como a música que o DJ executava. Luana sorriu para me encorajar e as outras pessoas a mesa me olharam, ansiosas.

— Certo — Érica passou os dedos nos cabelos alisados e olhou em volta — Estamos em uma casa noturna, então o desafio tem que ser algo empolgante.

Desafio você a ficar com alguém.

Soltei o ar que havia prendido e relaxei. Isso não seria tão difícil assim. Homens não faltavam. Eu não fazia o tipo mulherão de parar o trânsito como ela, mas eu era e me sentia bonita. E nessa noite havia caprichado na maquiagem e completado o visual com um vestido curto e sexy, que Luana sugerira que eu usasse. Não possuía muito peito, mas as minhas pernas eram bonitas e elegantes. Bem, era o que o meu ex-noivo sempre dizia.

Encontrar alguém para dar uns amassos parecia uma tarefa relativamente fácil.

— Aceito! — abri um sorriso vitorioso.

Érica tinha uma ideia errada sobre mim. Morar fora e sozinha fez grande proveito à minha personalidade e confiança. Como não havia ninguém para julgar meus erros e acertos, passei a me permitir arriscar.

— Mas não qualquer homem — Érica tornou a colocar os olhos frios sobre mim, mas havia algo mais incutido neles.

Ela tramava algo, e na minha sede de provar que era corajosa e descolada, posso ter acabado cavando minha própria cova.

— Tem que ser alguém da minha escolha — o sorriso que ela deu fez meu coração voltar a acelerar — Isso é óbvio.

— Quando o milagre é demais, até o santo desconfia — murmurou Luana ao se espremer ao meu lado.

Claro que Érica indicaria a mim o cara mais feio ou desengonçado que haveria no local. Mas não havia problema. Seria um desafio para mim e uma noite de sorte para o escolhido. E embora não tenha vindo essa noite pensando em curtir a balada dando uns amassos em alguém, daria o melhor de mim para que o felizarado tivesse uma noite satisfatória e que não me fizesse sentir muito mal por estar, de certa forma, usando-o.

— Pode escolher quem você quiser — segui os olhos dela, que olhavam em volta do salão — Desde que não tenha um par de chifres ou uma aliança no dedo.

Eu não iria ser a causadora de dor a outra mulher, para vencer o jogo contra Érica. Sei como é amarga a decepção de ser traída e trocada por outra.

Então comecei a analisar as opções mais absurdas que ela pudesse escolher. Vi em um canto da parede, na extremidade do bar, um jovem aparentemente solitário. Ele tinha um estilo desengonçado, com excesso de gel nos cabelos. Arrumava constantemente os óculos que insistiam em deslizar, enquanto mexia

nas teclas do celular. Ele parecia mais perdido esta noite do que eu, durante todo meu período escolar.

— Aquele ali — apontou Érica, na mesma direção que eu encarava — Aquele é o seu alvo.

Olhei para o rapaz e sorri. Eu me senti quase como uma pessoa prestes a dar uma grande contribuição à caridade. O que ao mesmo tempo me fez me sentir mal. Não era porque o rapaz parecia totalmente deslocado, que deveria ser desprezado ou merecesse ser um brinquedo nas mãos de duas mulheres em guerra. Essa não era eu. E talvez ele até fosse um cara legal.

— Tudo bem, o juvenzinho de óculos e cara de nerd — murmurei, incerta.

— O quê? Aquela coisinha ali? — questionou Luana.

Ele era o cara mais estranho e deslocado que eu conseguia encontrar. Voltei a olhar na direção que Érica indicou. Só havia mais uma pessoa desacompanhada no bar. Como estávamos indo para mais da metade da noite, os casais já começavam a se formar ou as pessoas se reuniam em grupos.

— Não. Eu quero aquele ali — disse ela, dando-me um sorriso de orelha a orelha, e indicou um homem, aparentemente sozinho, no bar — De camisa branca e calça escura.

Meu olhar caiu sobre o homem de quem ela falava. Havia, no mínimo, umas quatro mulheres próximas a ele, tentando chamar a sua atenção, com uma dança mais sexy do que Rihanna e Shakira juntas.

— Com olhar de menino malvado — disse Érica em uma voz mansa, ao se curvar em minha direção — Ele tem um ar de quem sabe o que fazer entre quatro paredes, não acha isso?

Fixei meu olhar nele e observei com mais atenção.

Homens de cabelos longos, mesmo que presos em um coque de samurai como ele usava, nunca foram meu fraco, mas nele parecia algo quase que obrigatório. Lembrava um viking das capas dos livros românticos, que via na banca do seu Zé, quando comprava revistas ao voltar da escola, quando adolescente.

— Por que ele? — a encarei, atônita.

Brian, meu ex-noivo, era um inglês charmoso e elegante. Algumas das minhas primas declaradamente sentiram inveja quando enviei vídeos e fotos a elas. Mas o homem que Érica queria que eu me aproximasse, ia muito além. Ele era pura sensualidade masculina. O homem mais bonito e atraente que coloquei os olhos essa noite. E existia algo nele que eu não sabia exatamente como

definir. Força e magnetismo emanavam dele. E *sexy appel* deveria ser o seu nome. Definitivamente, ele não era alguém por quem a gente passasse duas vezes sem notar. Acho que nenhuma mulher seria imune.

Era *O Homem*!

— Ora, você acabou de chegar à cidade — disse Érica, com a voz inocente que eu sabia fazer parte de seu teatrinho — Considere como meu presente de boas-vindas.

Presente de boas-vindas? O que ela estava sedenta era por outra oportunidade de me humilhar. E, claro, havia mais uma vez me deixado levar pelas emoções e caído em seu jogo como uma patinha.

— Como você é um amor. Nesse caso, acho que não posso decepcioná-la — retribuí o sorriso falsamente gentil. Eu não iria me acovardar, não mesmo — Mas o que eu ganho se cumprir o desafio?

Afinal de contas, estava prestes a passar a maior vergonha da minha vida ao também ser dispensada por ele, como acontecia com as lindas mulheres que o cercavam.

— Prometo te deixar em paz por... — ela murmurou com um amplo sorriso — sei lá. Um mês?

Uma noite sendo deixada em paz por ela já era grande coisa, um mês, então...

Olho novamente para o meu alvo. Bíceps bem marcados pela camisa branca e um peitoral que indicavam que era alguém acostumado a cuidar do físico. Era musculoso, mas não tão exagerado como alguns dos bombados viciados em academia, que era a grande parte dos rapazes se exibindo na pista. Ele também era alto, concluí, quando uma garota, com quem eu havia cruzado no banheiro, parou ao lado dele. Mesmo estando um pouco inclinado sobre o balcão, notei que passava uns bons centímetros de altura dela. E eu era quase uns dez centímetros mais alta que a garota.

Antes de retornar a minha atenção para Érica, compreendi a intenção dela. Com certeza achava que eu ainda fosse a garotinha ingênua e boba dos tempos de escola. Ela duvidava que um cara atraente como aquele pudesse olhar uma única vez para alguém como eu.

— Eu aceito — levantei, e antes de seguir em direção ao meu alvo, Luana saltou em minha direção.

Ela segurou o meu pulso e olhou na direção do homem.

— Gisele, deixa para lá. Ninguém está ligando para esse jogo adolescente

mesmo.

Encarei minha amiga e fiquei desapontada pela sua falta de confiança em mim. Tudo bem que eu não fosse a mulher mais deslumbrante da balada, e que pelo menos duas das garotas desesperadas para chamar a atenção dele tivessem o corpo muito mais voluptuoso que o meu, mas eu também não era a versão ogro da Fiona.

Além disso, se quatro ou cinco mulheres bonitas não conseguiam chamar a atenção dele, certamente ele era gay. Sendo assim, poderíamos fazer um acordo divertido, eles geralmente tinham um ótimo senso de humor. Eu o livraria das mocreias ensandecidas e ele me ajudaria a ganhar aquele desafio. Ou o cara poderia ser um garoto de programa esperando uma cliente, havia muitos por ali. Nesse caso, poderíamos fazer um ótimo negócio. As opções eram inúmeras, mas eu não sairia daqui me sentindo arrasada e vencida.

— Não se preocupe comigo, Luana — tentei acalmá-la para que soltasse a minha mão — Vai ser divertido. Não posso sair daqui sem uma companhia esta noite, lembra?

Olhei novamente para o cara que agora estava meio de lado, ouvindo a ruiva que exigia atenção dele. Ele balançou a cabeça muito suavemente e voltou a atenção para a garrafa, como se fosse a coisa mais interessante na noite. Disse algo para a ruiva, que se afastou em seguida com um olhar desapontado.

Ah, ele *era* gay. Só podia. A ruiva tinha jeito de que não ligaria a mínima se precisasse pagar pelos serviços do cara. Sendo honesta, acho que eu até pagaria, dependendo de qual momento estivesse da minha vida.

— Mas, Gi, eu acho que ele é... — ela tentou voltar a segurar minha mão, mas consegui me desvencilhar antes.

Eu não era uma boa fisionomista, mas Luana parecia reconhecê-lo e ficar nervosa, então deveria ser alguém da nossa época de escola. Se bem que ele parecia bem mais velho. Com certeza não era um dos que já tivemos uma queda. Deveria fazer parte dos garotos maus. Desses aí, eu sempre mantive distância. Ele possuía mesmo um ar perigoso.

— Vai ficar tudo bem — sorri, um pouco mais aliviada, afinal, se o cara era alguém que já conhecíamos, eliminava a possibilidade de lidar com algum maluco ou psicopata.

— Gisele...

Os protestos dela foram abafados pela música alta, quando me afastei. Não sei se foram os vários drinques que tomei, ou meu rancor pela Érica, que me

davam confiança para caminhar na direção do estranho no bar, mas em pouco menos de um minuto, me vi ao lado dele.

— Uma batida de morango, por favor — disse ao barman, antes de me escorar no balcão.

Meu desafio parecia ocupado, respondendo a alguma mensagem no celular. A forma como digitava, e as rugas formando linhas de expressão em sua testa, eram um alerta de que não estava sendo uma noite agradável para ele também. Sondei-o discretamente. De perto era ainda muito mais intrigante e atraente do que eu havia notado. E ele me fazia lembrar um pouco o ator Charlie Hunnam, de um seriado que gosto muito.

Girei minha bebida sobre o balcão e me dei conta de como era estúpida. Estava claro que um homem intrigante e atraente como ele não se interessaria por mim. E lá vinha meu passado conturbado com Érica tentando baixar a minha confiança.

— Você venceu mais uma vez, Érica — murmurei, antes de entornar o meu drinque — Mais uma, por favor.

Não sei dizer se foi o meu ar derrotado ao pedir a bebida ou o barulho que fiz ao bater o copo sobre o balcão, a chamar a atenção dele, mas no instante seguinte, tinha seu olhar sobre mim. Senti um calafrio varrer todo meu corpo.

— Noite difícil? — ele se inclinou para que o ouvisse, e descobri que a voz era tão sexy quanto o seu dono.

Olhei-o abertamente agora. Cabelos castanhos, olhos que possuíam uma mistura que as luzes da casa não me permitiam identificar muito bem. Possuía um rosto de queixo quadrado e uma boca bem desenhada, que exibia um sorriso sexy.

Baixei um pouquinho o olhar, para admirar os músculos bem definidos.

Deus!

Definitivamente, nada menos que uma afronta ao restante da espécie masculina.

Putá merda!

Eu estava perdida.



E L I Z A B E T H B E Z E R R A

A
VOZ
DO
CORAÇÃO

S É R I E N E W Y O R K

8

bezz
EDITORA

A voz do Coração

Série New York

Livro 8

Prólogo

Mamãe estava andando de um lado para o outro. Às vezes ela parava de andar e olhava fixamente pela janela. Afastava as cortinas, secava a mão no vestido e voltava a caminhar de um lado para o outro. Imaginei que estivesse brava. Não comigo, eu acho. Por via das dúvidas, resolvi ficar quietinho e brincar com o meu trenzinho e soldadinhos de chumbo.

Mamãe continuou andando e andando. Eu cansei de brincar, cansei de fingir que estava brincando. Às vezes ela olhava para mim e sorria, mas logo o sorriso ia embora e ela voltava para a janela, olhando.

Muito tempo depois, tempo suficiente para que eu já começasse a sentir sono no tapete onde estou, escutei a porta abrir com um estrondo. Meu pai surgiu, mas ele não me viu, e seu olhar era furioso. Eu me encolhi em um canto. Papai é bonzinho, mas quando fica bravo, tenho medo. Não queria que ele ficasse bravo comigo, ultimamente andava muito irritado com qualquer coisa.

Eu não lembrava de ter feito algo para deixá-lo irritado. Mamãe passou por mim, e também pareceu não me ver.

— Achou que eu nunca ia descobrir? — ele avançou até mamãe, sacudiu seus ombros, e ela começou a chorar — Achou que eu nunca ia descobrir?

— Willian, não é o que pensa...

— Meu melhor amigo e a vagabunda da minha esposa! Tudo o que tínhamos jogou na lama. Enfrentei tudo por você!

— Deixa eu explicar...

Eles brigavam, faziam muito isso nos últimos dias. Nos últimos dias eu tenho sido um menino bom. Não queria que meus pais brigassem por minha causa também. Mas eles continuavam gritando. O nome do meu tio Alef surgiu na conversa. Não sei do que eles falavam, apenas que meu tio é um traidor. Não gostava mais do meu tio Alef, ele fez meu pai brigar com mamãe. Ela estava chorando, papai estava chorando. Eu estou chorando.

— Eu te amei loucamente — o ouvi dizer a ela, com um olhar muito triste — Ainda te amo desesperadamente. De uma forma irracional. Não posso viver com você, mas eu também não sei viver sem.

— Willian, não faça isso! — ouvi mamãe berrar e segurar algo na mão dele.

Parecia com uma das armas que meus soldados de brinquedo possuíam.

— Pensa no Peter, pensa no nosso filho.

— Ele é meu filho? — a voz era dolorosamente amarga — Não tenho mais tanta certeza. Além disso, a criança merece algo melhor do que nós dois.

— Willian... — um som agudo me fez tapar meus ouvidos — Não...

Ouvi o pedido fraco de minha mãe, antes de ela cair aos pés do meu pai. O vestido amarelo foi ganhando uma tonalidade vermelha em seu peito. Como no dia em que eu derramei suco de morango em minha camisa, no jantar. A cor foi se espalhando e cobrindo tudo.

— Peter! — papai estava me olhando, chamando, de joelhos em frente a mim — Você nunca irá me perdoar e nem espero que faça isso. Eu sou alguém muito ruim. Alguém que o amor transformou em uma pessoa má.

Papai olhou para onde mamãe estava. Ele chora e chora, abraçando-a mais. A tinta na roupa dela começou a manchar a camisa azul que ele vestia.

— Não posso viver sem ela... não posso... — ele continuava a dizer, beijando seus cabelos, embalando o corpo imóvel em seu peito — Nunca ame ninguém assim. Nunca permita que alguém chegue tão perto, filho. Não seja fraco.

Ele apontou o metal em sua cabeça, e o ruído outra vez fez com que eu levasse minhas mãos até meus ouvidos. Papai caiu sobre minha mãe. Eu corri até eles. Tentei fazer o que papai fez com sua arma, de alguma forma eu sei que deveria fazer o que ele fez. Estavam indo a algum lugar, eu sentia, e queria ir junto com eles.

Não consegui arrancar a arma de sua mão, mas alguém me puxou do lado dos meus pais. Havia gritos, muitos gritos, vindos da minha garganta. Alguém me levava para longe.

Tudo parecia ruim. As coisas ficariam ruins.

Eu só não sabia o quanto...

Capítulo 1

Peter

Eu acordei mais pelo grito assustado da jovem ao meu lado do que pelo teor do sonho, se é que poderia chamar aquelas lembranças que tive assim, pois eram mais um pesadelo.

No chão, a morena escultural que tinha conhecido em uma casa noturna, na noite anterior, exibia um olhar assustado para mim, enquanto massageava um ponto dolorido em seu braço esquerdo, que não demoraria muito a ter uma cor arroxeadada.

Rapidamente me dei conta do que aconteceu. Os pesadelos não apenas dominaram minha mente, também tomaram conta do meu corpo. Em algum momento, eu perdi o controle sobre mim e, mesmo sem querer, mesmo inconsciente, a machuquei.

Porra!

Aquilo já aconteceu antes. É por isso que eu evito trazer mulheres para a minha casa. É mais fácil irmos para a casa delas ou para um motel ter uma grande noite de foda, conversarmos por uma ou duas horas e, depois, seguirmos rumos distintos.

Não que eu seja um cafajeste, que pouco se fode. Embora uma ou duas mulheres com quem eu saí algumas vezes pensassem exatamente dessa forma. Não dá para transar com uma quantidade significativa de mulheres sem ter partido um ou dois corações no caminho. Eu compensava tentando ser o melhor amante possível. O prazer delas vinha antes do meu. E, talvez, esse possa ter sido o meu erro, no caso das apaixonadas.

— Sinto muito — eu realmente me sentia envergonhado ao estender minha mão para ela.

Ela me encarou com piedade antes de aceitar minha mão. Eu já vi esse olhar antes. Passava em sua cabeça que ela me entendia e conseguiria me ajudar.

Aquilo não era possível. Eu tinha a cabeça e a alma fodidas o suficiente para saber que jamais teria uma vida normal. Não uma que aquela jovem, cheia de boas intenções no olhar, acreditava.

E não apenas por ter visto meus pais morrerem na minha frente quando criança. Aquilo teria sido superado com amor e atenção. Mas eu não tive nenhum dos dois. Ao invés de amparo, recebi um avô que passou a maior parte do tempo me odiando e que não se preocupou em esconder isso. Ao invés de carinho, conheci o desprezo.

E o único ensinamento que tive de meu pai, e que se fixou em minha cabeça, foi que não deveria entregar meu coração nas mãos de ninguém.

— Você teve um pesadelo? — indagou a mulher, tocando meu peito que se movimentava com minha respiração acelerada — Quer me contar o que foi?

Afastei suas mãos de mim, e em um movimento rápido, joguei-a de volta na cama. Ainda estávamos nus, as roupas que foram arrancadas de forma frenética quando entramos no quarto continuavam espalhadas pelo chão.

— Prefiro fazer outra coisa — resmunguei, ao friccionar meu corpo contra o dela — Algo muito mais interessante.

Mordiscava sua orelha enquanto dizia todas as coisas que pretendia fazer com ela. De todas as formas que eu queria ter meu pau dentro dela e onde mais sentisse vontade.

Enquanto me vangloriava com as reações que minhas palavras começavam a causar em seu corpo, uni suas mãos cruzadas acima da cabeça e certifiquei-me de que as minhas a percorressem de cima a baixo. Tocando e explorando cada ponto ansioso pelo meu toque.

Desci meus lábios de seu pescoço, arranhando com meus dentes a pele em seu colo, e abocanhei um dos seios intumescidos com minha boca sedenta. Ouvi seus gemidos angustiados e sorri quando notei o corpo trêmulo arquear.

Deslizei a outra mão do vão entre os seios até suas coxas inquietas. Segurando firme, meus dedos

cravaram na pele macia, abrindo-a um pouco mais para mim.

Testei sua excitação: deliciosamente molhada e pronta para me receber. Corri meus dedos úmidos pela fenda escorregadia, e não precisei de convite melhor para começar a fodê-la com os dedos, meu pau enrijecendo ainda mais com a cena erótica que desempenhamos juntos.

— Peter... — ela escorregou os braços, com a intenção de me tocar.

— Não! — soltei minha mão do seu seio e interrompi os movimentos que meus dedos faziam — Deixe onde estão.

Talvez tenha sido meu olhar determinado, ou a necessidade de entrega que a fez recuar, ao ouvir meu pedido. Fechou os olhos, completamente entregue a mim.

Não tenho problema algum sobre me tocarem, mas o foco nesse momento não sou eu. Na verdade, queria esvaziar minha cabeça e concentrar toda a minha atenção nela. Quero pensar e me concentrar em qualquer outra coisa que não seja em mim ou no meu passado fodido.

Voltei a dedicar minha atenção aos seus seios. Sugando, mordiscando, lambendo os mamilos sensíveis. Metendo dois dedos dentro dela, outra vez estimulei seu clitóris, equilibrando a intensidade de acordo com suas reações.

— Mais... — ela implorou — Peter...

Abandonei os seios onde estava me divertindo muito e dei suaves mordidas no ponto em que irradiava prazer. Coloquei o terceiro dedo, e o sincronizando com minha boca, ouvi os grunhidos desesperados ecoarem no quarto.

— Ahhh! — ela serpenteava na cama, as mãos agora agarrando o lençol — Isso! Isso, querido. Eu vou... eu vou. Humm...

Caralho.

Nada no mundo me alucinava mais do que presenciar uma mulher chegar ao clímax. Nada me deixava tão excitado.

Esperei que seus espasmos diminuíssem antes de começar a me afastar. Peguei uma de suas mãos e a fiz tocar em si mesma, massageando aquele ponto sensível que lhe dava prazer.

— Continue — ordenei.

Enquanto rasgava a embalagem do preservativo e o deslizava pelo meu pau, observava-a se masturbar para mim. Seria ainda mais excitante se tivesse outra mulher fazendo isso por ela, concluí com um sorriso cínico.

Quando se tratava de sexo, eu deixava todos os pudores de lado.

Ajoelhei entre suas coxas e agarrei suas pernas, abrindo-as mais. Ela gemeu pela fricção de sua mão e a antecipação de ter meu pau duro mais uma vez dentro dela.

Estava tão excitada e molhada que deslizei rapidamente em uma única investida. Inclinei-me sobre ela, minha boca em seu seio, minha mão no outro. Meu quadril investindo contra ela sem qualquer tipo de piedade.

Eu amava foder. Eu amava sexo. Amava ter uma mulher gritando meu nome enquanto proporcionava prazer a ela. Amava quando as coisas ficavam selvagens. Existia aquela fera dentro de mim que precisava ser liberta.

— Vire! — ordenei, no mesmo momento que a girava, fazendo-a ficar de quatro — Segure na grade.

Antes mesmo que ela pudesse tocar as grades da cama, dei uns dois tapas em sua bunda e voltei a estocar fundo. Uma mão em sua cintura comandando nossos movimentos e outra ao redor do pescoço. Segurando firme, tão firme como cada investida minha.

O quarto recendia a puro sexo e suor.

Era quente.

Nós dois fodendo feito loucos, de um jeito animalesco. Eu não sabia ser sensível ou delicado, não era meu estilo.

Soltei o pescoço avermelhado pelo meu agarre firme e segurei os cabelos longos, enroscando as mechas em meu punho, depois puxei levemente sua cabeça para trás. Passei a fodê-la duro. Senti uma urgência crescendo dentro de mim. Uma necessidade de tomar mais, exigir mais, mas nunca me dar mais que o suficiente.

Os gemidos de prazer que escapavam dos lábios dela passaram a ser pequenos choramingos

desesperados, que indicavam que estava perto de gozar de novo. E quando senti que ela desfalecia em meus braços, entregue ao prazer, permiti que meu corpo encontrasse o dele.

Lori ainda dormia quando saí do meu quarto. Deixei uma recado para que batesse a porta quando saísse, meu sistema de segurança cuidaria do resto.

Embora já tivéssemos saído algumas vezes, seu nome e o fato de que nos esbarrávamos em bares e casas noturnas algumas vezes eram as únicas informações que tinha dela, e isto estava bom para mim. Eu não bancava o babaca que levava uma mulher para a cama sem ao menos perguntar ou lembrar o seu nome no dia seguinte.

Mas eu deixei bem claro, antes de virmos ao meu apartamento, que seria apenas uma foda, talvez algumas, se fôssemos tão compatíveis como parecíamos ser. O problema era que dificilmente existia alguma que não me achasse compatível na cama.

Sexo era sexo. Nós tiramos a roupa e fodemos até cansar. Bem, tirar a roupa nem sempre era necessário. O fato é que eu adorava as mulheres. Podiam ser altas, baixas, magras, cheinhas, loiras, negras, asiáticas, mais novas ou mais velhas do que eu. Bastavam me dar bola e entenderem que romance não era comigo.

Sinceramente, eu não queria ver nenhum coração partido. Podia beirar à arrogância, mas sou assim, e minha incapacidade de me entregar verdadeiramente tornava esse cuidado essencial.

Eu sempre sou honesto com todas elas. Aquela coisa “*o problema sou eu, não você*”, se encaixava mesmo comigo. Era foda que realmente fosse verdade. Eu nunca amei alguém em meus trinta e quatro anos de vida. Claro que já senti afeição por algumas mulheres e até achei que algumas delas poderiam ser a minha outra metade. Durou até ambos estarmos infelizes e até a próxima gostosa cair na minha cama. Perdi algumas possíveis amigas e não gostei da experiência de ter uma garota com o coração partido por minha causa. Não, isso não inflava meu ego.

Bom, admito ser um cínico com sérios problemas de relacionamento, pelo menos é isso que meu médico costumava falar, mas não sou um completo babaca e cretino. Até acredito que existam bons relacionamentos, eu só não acho que um dia funcionaria para mim. E ser honesto sem nunca iludir ninguém com falsas promessas, apenas no intuito de esquentar minha cama, me trazia vantagens.

As mulheres viam que as respeitava, não importava se fossem fudas de algumas horas ou semanas. O que me faz ganhar alguns pontos e noites bem divertidas. Mulheres não querem apenas o príncipe encantado montado em um cavalo branco. Às vezes, elas só querem uma boa transa de uma noite, sem que o cara as encare no outro dia como uma vagabunda. Eu nunca as via assim. Trocávamos experiências. Era melhor assim. Levar uma vida simples e descomplicada.

Então, por que essa porra passou a me incomodar tanto agora? Por que deixava de ser tão divertido para parecer o mesmo do mesmo? E por que os malditos sonhos voltaram?

Poderia atribuir isso à tensão sobre o que aconteceu a Jennifer e Neil. Mas agora, com Konrad preso e Jennifer solta, não fazia sentido que as lembranças continuassem a me atormentar.

Eu precisava de respostas.

— Dr. Parker?

— Peter? — ele atendeu com uma voz preocupada.

Após alguns anos de terapia, eu só o procurava se algo realmente estivesse errado comigo.

— Será que poderíamos conversar?

Era uma sorte que o médico que tinha me tratado da adolescência até boa parte da idade adulta tivesse se casado com uma americana e vindo morar nos Estados Unidos. Mesmo que ele morasse em Washington.

— Claro.

Então, depois de um voo de quase uma hora, estava em Olympia, em um restaurante próximo ao seu

novo consultório em Washington.

— Dr. Parker, eles estão voltando — informo, incomodado com o que sou obrigado a admitir — Quer dizer, nunca foram realmente embora, mas agora voltaram a ser frequentes.

— Seus pesadelos?

Anuí com a cabeça.

— Imagina o que pode estar trazendo-os de volta?

Cocei a cabeça, sem jeito. Havia pensado muito sobre a questão e, sinceramente, não estava gostando nem um pouco das prováveis justificativas.

— Acho que é um pouco louco... — murmurei, inseguro.

— A mente humana é bem complexa, Peter — disse ele, naquele tom de professor universitário — O que pode parecer loucura para você, às vezes não é.

— É que... — olhei em volta, para ver se estávamos sendo observados por alguém, para então me inclinar em direção a ele — Os meus amigos... — pigarreei, sentindo-me um pouco mais desconfortável — Eles têm essa coisa... — movi a mão enquanto falava e fiz uma cara de nojo — Eles estão apaixonados.

Pronto. Era isso. Consegui colocar em palavras o que me atormentava há dias.

O Dr. Parker me encarou com genuíno interesse desta vez.

— E você quer algo assim para você — Não era exatamente uma pergunta. Estava mais para uma observação médica.

— É claro que não! — falei, nitidamente horrorizado — O amor deixa as pessoas idiotas e *fracas*, e eu não sou mais assim.

Já presenciei o suficiente o que cada um dos meus amigos tinha passado por causa da palavrinha com “A”. Definitivamente, eu não quero isso. Mesmo que eles pareçam agora enjoativamente felizes.

— Você sabe que tem problemas de relacionamento, não sabe?

Outra vez o doutor Parker com isso. Anos de terapia, e era a única coisa que ele conseguia me dizer.

— Doutor... — fiz a melhor cara debochada que eu conseguia — Fodi com uma mulher bem gostosa antes de vir até aqui. Não acho que eu tenha problemas em me relacionar com as mulheres. Ou homens, se essa fosse a minha opção.

— Sexo e amor são coisas completamente diferentes, até você sabe disso, Peter — disse ele, nem um pouco amedrontado com o olhar raivoso que dei a ele — Usar o sexo como escape ou para suprir outras necessidades nunca é saudável.

— Não sou viciado em sexo! — grunhi, irritado, e abaixei o tom diante de seu olhar irônico — Não tanto.

— Como acabou de dizer — continuou Parker —, seus amigos estão em um relacionamento e estão apaixonados. Não é vergonhoso ou surpreendente que deseje o mesmo.

Certo; sexo e amor eram coisas completamente diferentes. Qualquer idiota sabia disso. Mas se eu tenho a opção de escolha, fico com o sexo, sujo e quente.

— Mas eu não quero me apaixonar — repeti, e me senti uma criança birrenta se recusando a comer legumes.

Mas que inferno, doutor!

Era ele que estava me provocando. Eu não tinha nada contra o amor, quantas vezes precisava repetir isso?

Eu só não precisava ou queria esse tipo de complicação na minha vida.

— Eu não posso — afirmei sem titubear — Não sou bom nisso. Já tentei, e você sabe no que deu.

— Não pode chamar o que teve com Rose de relacionamento. Eram dois jovens perdidos fazendo

muita merda.

— Eu a deixei morrer, exatamente como meu...

— A morte dela não foi sua culpa, Peter — Agora ele parecia irritado comigo. Anos de terapia, e sua afirmação ainda não me convencia. Sempre me senti responsável em relação a isso — Ela fez a escolha dela.

Que fosse. Ele nunca conseguiria entender, então deixei para lá.

O doutor Parker permaneceu calado, aguardando que o garçom nos servisse, e olhou seriamente para mim. Talvez eu tenha visto o mesmo olhar que Lori me deu, mais cedo.

Pena?

Com a mesma rapidez que surgiu, a expressão desapareceu. Eu não desejava a pena do Dr. Parker e de mais ninguém. Por que era tão difícil as pessoas acreditarem que eu era feliz como estava?

Eu tinha um trabalho que mantinha minha cabeça ocupada boa parte do tempo. Amigos e uma vida social ativa. Não me faltava nada.

Nada mesmo.

— O que acha de retornar à terapia?

— E alguma vez eu abandonei? — rebati, com ironia.

— Conversas esporádicas por telefone e encontros como esse não são terapia, Peter — ele suspirou, esfregando o rosto — Deveria ter escutado meu conselho e procurado um médico em New York.

Procurar outro médico significava ter que me abrir com outra pessoa. Sinceramente, eu não estava disposto. Já havia contado coisas demais ao Liam.

— Falei algumas coisas para o Liam — disse, na esperança de que tivesse alguma coisa positiva nisso.

— Seu amigo médico? — Ele ponderou sobre a minha afirmação — Mas ele não é cirurgião?

— É, e intrometido também — resmunguei, quando me lembrei de sua insistência e a breve conversa que tivemos em meu apartamento, há algumas semanas.

Obviamente revelei apenas o que quis revelar. Sobre como meus pais morreram. Foi o suficiente para sair do papel “*o solitário que não precisa de ninguém*” para o “*pobre menino órfão*”.

Era melhor que toda aquela merda e o que viera com ela ficassem apenas em minha cabeça e no passado. Somente Neil sabia mais sobre mim, isso porque dividimos o mesmo médico. Foi no consultório do Dr. Parker que nos conhecemos, anos atrás.

— Então? — perguntou o Dr. Parker, tirando-me dos meus pensamentos — O que me diz?

Parando para pensar, foi somente depois que tive aquela conversa com Liam que os sonhos voltaram com toda força a me atormentar. A princípio eram esporádicos, mas agora, com muito mais frequência.

— Sobre o Liam?

— Engraçadinho. Falo sobre voltar à terapia.

— Não acha que viajar de New York até Olympia para jogar conversa fiada seja um pouco demais, não?

Parker me encarou com a mesma paciência de um monge budista.

— Pode consultar alguém em New York, tenho várias indicações a oferecer.

Olhei duramente para ele antes de responder:

— Nem fodendo, doutor. Sabe — eu sorri com deboche — Olympia parece ser uma cidade maravilhosa.

Se fosse preciso que viajasse até Washington, para ter aqueles malditos fantasmas longe da minha cabeça e evitar acordar qualquer dia com um corpo esquarterado em minha cama, devido a uma reação

incontrolada, seria exatamente isso que eu faria. Mas ninguém mais iria invadir minha mente fodida, procurando respostas que eu não queria dar.

Foram longas horas pensando no que o meu médico falou. Ainda tinha os conselhos dele fervilhando em minha cabeça, quando me joguei sobre o sofá. Mal liguei a TV, quando meu telefone tocou. O número era do meu contato na delegacia. Eu tinha pedido uma conversa com Konrad para segunda-feira. Provavelmente estavam ligando para confirmar.

— Stone?

— Myers?

— *Desculpe ligar a essa hora, mas você pediu que eu entrasse em contato caso alguma novidade surgisse.*

— Não se preocupe — disse, desligando a TV — Algum problema?

— *Depende do ponto de vista* — disse Myers — *Para a conclusão das investigações, não, mas talvez para os seus amigos, acredito que encerra a história.*

— O que quer dizer?

— *O Sr. Bauer está morto.*

— Morto? — levantei-me, impactado com a informação — Como assim, morto? O que aconteceu?

— *Ele se suicidou em sua cela, enforcado.*

O fato de Konrad ter sido preso não colocava ponto final em todo tormento que Neil e Jenny enfrentaram. Para mim, havia muitas pontas soltas ainda. Coisas que Konrad poderia enterrar junto com ele.

Meu sexto sentido dizia que algo estava muito errado naquela história.

— Estou indo até aí, Myers.

As poucas informações que colhi com a polícia não me ajudaram em nada. Aparentemente, ninguém visitara a cela de Konrad, além de alguns guardas. A morte dele tinha sido considerada suicídio, e embora parecesse ser mesmo verdade, algo para mim não se encaixava.

Não levou muito tempo para eu descobrir o que era.

Capítulo 2

Fabiana

Eu sempre acreditei que anjos tinham rostos suaves e adoráveis cabelos encaracolados, como nessas imagens que vemos em cartões de Natal. Por isso, acho que eu deveria estar em qualquer lugar, menos no céu. Porque o homem que me encarava, sob a cortina de fumaça que nos envolvia, poderia ser descrito de muitas formas, mas jamais como um anjo carregado de candura.

A verdade é que já faz algum tempo que eu deixei de acreditar em paraíso e anjos. Eu só poderia estar no meu purgatório. Tenho vivido ali por muito tempo, conheço-o muito bem.

— Eu vou te tirar daqui — a voz dele saiu firme e decidida.

Uma voz forte, que tinha o poder de me intimidar. Na verdade, o homem inteiro poderia me intimidar. Mas não foi apenas a segurança que ele exalava, além do corpo assustadoramente musculoso e intimidador que me fez encolher por dentro, como uma garotinha perdida em uma floresta escura.

Foi o seu olhar. Olhos castanhos caramelados. Ardiam tanto quanto o fogo que já deveria ter devorado a casa inteira e que não demoraria muito até chegar ao porão.

Eu sabia que deveria fugir dali, mas aqueles olhos... aqueles olhos que só poderiam pertencer a mais um carrasco enviado do inferno daquela casa, pareciam me enxergar de um jeito muito, muito diferente dos outros homens que encontrei no cativeiro.

Não via a pobre menina que, a qualquer momento, poderia ser subjugada, dominada e ferida. Aqueles olhos pareciam me ver de uma forma completamente diferente. Eles me acalentavam e assustavam ao mesmo tempo. Assustavam mais do que qualquer malfeitor, que deixara em mim inúmeras marcas.

Perdi a fé, a dignidade, a esperança, mas achava que ainda tinha intacta a minha alma. Tinha muito mais a perder agora. Havia uma ameaça nele que me alertava.

Fique longe!

Meu medo apenas intensificou quando o observei se afastar um pouco e tirar a camisa, mas ele apenas a amarrou em meu rosto antes de voltar a falar comigo.

— Coloque as mãos em meu ombro e proteja o rosto em meu peito — ele se ajoelhou ao meu lado e me colocou em seu colo, onde literalmente eu me senti desaparecer — Segure firme.

Não faça isso! Não confie nele, não confie em ninguém. Não cometa o mesmo erro, Fabiana! A voz gritava insistentemente em minha cabeça.

Mas minhas mãos simplesmente tiveram vida própria, enroscando-se no pescoço largo. Talvez, depois de tantos tapas, gritos e xingamentos, eu finalmente tenha aprendido a obedecer. Como uma escrava acostumada a seguir ordens, encostei minha cabeça no peito musculoso e fechei os meus olhos. Estava desistindo. Estava cansada de lutar ou de continuar lutando. Eu só queria fechar os meus olhos e encontrar a paz.

— Porra! — O silvo raivoso fez com que abrisse os olhos outra vez — Que droga!

O fogo parecia controlado, pelo menos estava melhor do que imaginei, mas havia um buraco no teto, em uma parte ainda em chamas, bem no local onde precisaríamos passar. Nós definitivamente estávamos indo em direção ao inferno ou tentando sair dele. Pouco conseguia ver com a fumaça espessa nos envolvendo, mas pude notar que o fogo não demoraria a chegar à escada onde tínhamos que passar para sair dali.

— Olha, não se preocupe, vou tirar você daqui. Terá que confiar em mim, ok? — Ele me olhou firmemente, aguardando minha resposta — Você confia?

Eu sabia que não deveria. Era um erro, como um dos muitos que havia cometido. Confiei em Nathan, e ele havia se provado o pior dos carrascos. Não conhecia mais o significado daquela palavra, confiança, mas balancei a cabeça positivamente, antes de uma forte onda de tosse tomar conta de mim.

Minha cabeça, olhos e nariz ardiam dolorosamente, e eu não tinha ideia de quanta fumaça já tinha inalado.

— Tudo bem — ouvi-o sussurrar baixinho — Quando eu disser três, nós vamos.

No um, ele me apertou contra o seu peito. No dois, enrolei-me como uma bola de pelo naquela imensidão de massa e músculos. No três, prendi a respiração o máximo que pude e rezei para que ele conseguisse cumprir a promessa de nos tirar daquele tormento.

A casa estava completamente destruída. Embora eu estivesse com medo, de certa forma estava aliviada. Certamente, aquele homem estaria me levando para minha nova prisão, mas essa... essa casa em que vivi os piores momentos da minha vida, os momentos mais infelizes, que poucas pessoas no mundo seriam capazes de suportar, ficaria para trás.

Enquanto avançávamos, observei o teto sendo consumido pelo fogo. Uma parte dele caiu a meio metro de nós, levantando uma parede incandescente que o fez recuar. Outra parte caiu ao nosso lado. Estávamos assustadoramente sendo cercados pelo fogo.

Observei, em pânico, quando uma tora em chamas atingiu o braço do meu salvador — era assim que quis acreditar que ele fosse naquela hora — precisava acreditar nisso. Aquela era uma sensação estranha. Por dias e noites intermináveis, eu desejei estar morta e que, assim, tivesse fim o meu sofrimento, mas agora que estávamos diante dela, da morte, queria e desejava muito viver.

Uma segunda chance. Uma segunda chance de viver e recomeçar minha vida.

“Droga, eu juro que vou tirar a gente daqui”, ouvi a promessa enquanto tentava fazer com que meus olhos e corpo cansados não perdessem a briga contra minha fraqueza.

Vi quando alguns homens uniformizados entraram em nosso campo de visão. O homem que me carregava avançou para onde eles acenavam. Ele me protegia com o seu corpo o máximo que podia, deixando que o corpo dele fosse beijado pelas chamas, agora um pouco mais tímidas, em volta de nós.

Bombeiros começaram a lidar com o fogo, e rapidamente saímos da casa. Permiti finalmente voltar a fechar os meus olhos. Não me entreguei à escuridão, ainda sentia medo. Medo de abrir os olhos e ver que tudo não passou de minha imaginação e que, na verdade, ainda estava naquele porão esperando a morte.

Senti a brisa fresca sobre minha pele. Acho que já estávamos lá fora. Ainda me recusava a abrir os olhos. O homem que me segurava pareceu vacilar, mas me manteve equilibrada em seus braços.

— Pode me dar a garota agora, senhor — alguém tocou em meu braço, e encolhi o meu corpo.

Era estranho que eu me sentisse confortável com o homem que me carregava, mas tivesse aversão que outra pessoa me tocasse ou chegasse muito perto.

— Não! — o ouvi grunhir.

Ele realmente grunhiu como um cachorro de rua próximo ao ataque.

— Ela está... — reconheci a voz de Neil.

Uma espécie de alívio começou a tomar conta de mim. Se ele estava ali, significava que eu ficaria bem.

Eu estava a salvo agora.

— Viva — ouvi meu salvador responder a ele, enquanto me apertava ainda mais contra o seu peito.

— Senhor, pode me entregar a garota — o outro homem voltou a insistir.

Apertei os ombros dele, um pedido mudo de que ele não me abandonasse.

Estava tão fraca que achava que ele sequer havia sentido meu toque.

— E por que eu faria isso? — Ele rosnou outra vez, quase me fazendo sorrir em agradecimento —

Não sei se nós podemos confiar em você.

Acho que eu era uma pessoa muito difícil de entender mesmo. Há poucos minutos estava verdadeiramente assustada com aquele homem, e agora, tudo o que eu não queria era que ele me deixasse.

— Porque ele é o paramédico, Peter? Porque ela inalou muita fumaça e precisa de cuidados?

Eu quis dizer alguma coisa, mas então me dei conta de que não poderia. Precisava me comunicar com Neil de alguma forma e dizer que estava tudo bem. Não queria estar nas mãos de estranhos outra vez. Estava segura onde eu estava.

Aquele homem. Peter. Ele arriscou a própria vida e segurança para me salvar. Ele nem me conhecia, mas fez muito mais por mim do que outras pessoas que conheci a vida toda.

Para me contradizer, uma tosse incontrollável tomou conta de mim antes que pudesse tentar fazer qualquer tipo de comunicação com eles.

— Está tudo bem — ele murmurou, tentando me acalmar — Você vai ficar bem.

— Senhor — o paramédico voltou a se manifestar, deixando-me muito irritada.

— Peter! — insistiu Neil.

E eu só queria que todos eles calassem a boca. Por que Peter não me tirava logo dali? Tudo o que queria era ir embora.

— Está bem! — Ele esbravejou, vencido, mas em vez de me entregar ao homem com os braços entendidos para mim, me colocou em uma maca — Mas vou ficar de olho em você — disse ao paramédico, com um olhar que só poderia ser denominado como assustador.

— Peter, eu adoraria discutir sobre isso. O que deu em você agora? — Neil tentava chamar a atenção dele, mas seus olhos estavam focados em mim. Dessa vez, eles não me assustavam. Havia muita ternura neles — Eu tenho um homem louco na minha casa! Com minha esposa e meus filhos. Depois você desconfia de tudo e todos à sua volta!

O homem louco a quem Neil se referia só poderia ser seu irmão gêmeo, Nathan. O pânico voltou a me dominar. Agarrei a mão de Peter e fiz uma súplica muda para que não me deixasse.

Neil estava voltando para proteger a esposa e seus filhos, mas quem iria me manter longe daquele louco do Nathan?

— Ei, vai ficar tudo bem — ele se inclinou e acariciou meus cabelos — Nunca mais ele irá chegar perto de você. Nem que eu mesmo tenha que dar um fim nele com minhas próprias mãos. Aquele verme não pode mais tocar em você.

Eu queria acreditar nele. Queria acreditar na promessa que ele me fazia, mas Peter não conhecia o Nathan, não como eu conhecia.

— Prometo que vou voltar — ele sussurrou, antes de beijar minha testa — Acho melhor cuidar bem dela — disse ao paramédico.

Senti as lágrimas rolarem pesadas em meu rosto, ao mesmo tempo em que uma máscara de oxigênio cobria meu nariz e boca.

Observei Peter se afastar de mim, enquanto minha maca era conduzida para dentro da ambulância. As portas foram se fechando, me privando da visão dele, e meus olhos finalmente cederam ao cansaço.

Talvez ele fosse mesmo um anjo...

Capítulo 3

Peter

Deixei Neil e Jenny em casa assim que saímos do hospital. Eles insistiram para que eu entrasse, mas sabia que eles precisavam de um momento só deles, depois de tudo o que aconteceu e a incerteza sobre Liam, se ele conseguiria — ou não — sobreviver, pairava sobre nós.

Assim que os vi entrar abraçados, dando apoio um ao outro, peguei meu telefone e liguei para o meu assistente.

— Frederick?

— *Oi, chefe. Está tudo bem?*

Sabia que ele estava se referindo a Liam. Mantive uma equipe cuidando do caso desde que Jenny foi presa.

— Liam vai sair dessa — Ele suspirou do outro lado da linha.

Eu sabia que estava aliviado por tudo ter finalmente acabado. Mas algo me dizia que não terminou ainda, pelo menos não para mim.

Nathan podia ter morrido, de verdade, desta vez. Eu mesmo tinha me certificado disso, mas a morte dele apenas deixou uma trilha de perguntas sem respostas em minha cabeça.

— Frederick, eu preciso que você me encontre em meu apartamento. Tenho uma coisa que preciso que você dê uma olhada.

Olhei para o objeto retangular em minha mão, girando entre meus dedos, enquanto falava.

— *Chefe... você está bem?*

— Estou, não se preocupe comigo. Apenas venha rápido, Frederick — disse, antes de desligar.

Coloquei o pen drive outra vez em meu bolso e dei partida no carro.

Minha vontade era de retornar imediatamente para o hospital e procurar a garota. Sabia que ela deveria estar se sentindo confusa e angustiada. Vi isso quando a deixei na ambulância.

Eu precisava tomar um banho antes, vestir roupas limpas e cuidar da queimadura em meu braço.

Se retornasse ao hospital do jeito que estava, provavelmente iriam querer me internar também, pelo menos até todos os meus ferimentos serem cuidados. Eu poderia e queria fazer isso sozinho. Além disso, com Adam lá, não duvidava que ele exigisse exatamente isso. E existiam coisas mais importantes a fazer do que me preocupar com algumas queimaduras e escoriações.

Precisava falar com meus contatos na polícia. A garota, assim como as outras mulheres encontradas no cativeiro, tinham sido vítimas e testemunhas de um crime, e não acreditava que me deixariam me aproximar delas tão facilmente.

Rangi os dentes quando senti uma dor lancinante causada pela água morna em minha pele queimada. Ignorei a ardência e lavei a ferida. Esse tipo de dor eu sabia como suportar.

Estava terminando de passar uma pomada para queimadura, quando a campainha começou a tocar. À porta, um rapaz alto e negro. Ele tinha uma argola prateada na orelha e vestia uma camiseta Knicks, time de basquete de New York.

— Não está tão mal como eu imaginava — ele disse, antes de entrar e fechar a porta com os pés — Geralmente você coloca fogo nos lugares, não o tenta apagar.

— Não o chamei para falar das minhas habilidades, Frederick — resmunguei e voltei ao sofá em busca da minha camisa — Mas para utilizar as suas.

Peguei o pen drive ao lado das chaves do meu carro, na mesinha de centro, e joguei em direção a ele.

— Encontrei isso no hangar. Deve ter caído do bolso de Nathan quando Neil estava lutando com ele.
— O que acha que tem aqui? — Frederick perguntou, examinando o objeto atentamente.
— Isso é algo que preciso que você descubra para mim — falei, vestindo a camisa — Todas as pastas estão codificadas.

— E não deveria ser entregue à polícia, então?
— Deveria — respondi calmamente — E será, depois que você fizer uma cópia. Há algum tipo de proteção que está impedindo os downloads, e é aí que você entra.

Frederick era o melhor especialista em informática e hacker da minha equipe. Um dos melhores do país, arrisco dizer. Nós nos conhecemos um pouco antes de eu sair do FBI. Na época, era apenas um rapazinho cheio de talento e quase nada de juízo.

Prestava serviços para pessoas perigosas. Pessoas que minha equipe e eu estávamos caçando há algum tempo. Eu não tinha apenas salvado a vida dele, dei uma nova oportunidade de fazer o que amava sem infringir a justiça. Bem, na maior parte do tempo era assim.

Salvei-o de uma gangue perigosa e de longos anos em uma cela minúscula, o coloquei em minha equipe e, assim, conquistei seu respeito e fidelidade.

— Se estava com o Nathan, boa coisa não é.

Meus amigos ainda podiam estar correndo perigo, e não iria permitir que mais ninguém fizesse mal a eles. E a garota que resgatei também pode estar correndo perigo. Eu prometi que ninguém a machucaria outra vez. Não sou do tipo que quebra as promessas.

— Será nosso segredinho sujo, chefe — Os olhos de Frederick brilharam.

Acho que nem se tivesse uma dúzia de mulheres, apenas de biquínis, jogando beijos para ele, teria ficado tão empolgado. Frederick poderia ter abandonado as ruas, o crime e a vida errada, mas uma pequena parte daquele garoto, que vivia na contramão da lei, ainda existia nele.

— Veja tudo o que consegue extrair para mim, Fred — levantei e peguei as minhas chaves na mesa — Por enquanto, prefiro que trabalhe aqui.

— Precisurei trazer algumas coisas — concordei com o olhar, antes de sair.

Cheguei ao hospital e, como esperava, havia dois homens parados na porta do quarto dela. Nicholas, o agente que agora cuidava do caso, estava saindo do quarto quando me aproximei da porta.

— Como vai, Stone? — Ele estendeu a mão, e o cumprimentei de volta — Quanto tempo, não é?

Conhecia Nicholas de uma longa data. Trabalhamos juntos na mesma equipe tática. E depois que deixei o FBI, nossos raros encontros passaram a ser algumas ligações telefônicas, vindas dele quando queria minha ajuda em algum caso. Às vezes, precisávamos buscar informações fora da agência e de forma nada ortodoxa.

— Um longo tempo, eu diria.

Ele fez um sinal para que eu o acompanhasse, e olhei intrigado para os policiais na porta. Se Nicholas não queria dizer nada na presença deles, era porque alguma coisa o preocupava.

O segui em silêncio pelo corredor, e logo estávamos dentro de um consultório.

— Qual é o problema?

Nicholas caminhou até a mesa e sentou sobre ela.

— Relaxa aí, parceiro. Só quero falar dos velhos tempos.

— Não tenho tempo para conversa fiada — estava cada vez mais contrariado.

Conhecia Nicholas o suficiente para saber que ele estava me analisando antes de se sentir seguro em

abrir o bico. Se é que realmente faria isso ou era apenas um teste para descobrir o que eu sabia.

— Você era o melhor agente que tínhamos na equipe — disse ele — Talvez o melhor, depois de mim.

Soltei uma risada de deboche. Eu era melhor do que ele, sempre fui, e Nicholas sabia disso. E foi exatamente esse fato que, por um tempo, causou alguns atritos entre nós. Ele almejava ir além, e por um tempo me via como um obstáculo. Só que eu nunca quis fazer carreira no FBI, e quando Nicholas se deu conta disso, nossa convivência ficou, digamos, mais pacífica.

— Mas nunca fui bom em seguir ordens — eu o lembrei — E a última vez que fiz isso...

Sempre segui meus instintos e os caminhos que achava correto. Quando se está em campo, em missão, nem tudo pode ser seguido exatamente como planejado. A única vez que acatei as ordens de meus superiores e ignorei o que acreditava que precisava fazer, tinha levado meu parceiro de trabalho e alguns reféns a um caminho sem volta.

— Martin não morreu por sua causa — Nicholas murmurou — Sabe disso. Sabe que o cargo será devolvido a você quando quiser.

— Não tenho interesse.

Estava satisfeito em como as coisas estavam agora. Eu ditava todas as regras. Eu tinha o controle.

— Tudo bem — Nicholas ergueu as mãos, vencido — Mas eu gostaria da sua ajuda de qualquer forma. Esse caso fede a merda, das grandes. Tráfico de drogas, armas, mulheres. Tem muita gente importante envolvida nisso. Gente da pesada.

Eu podia fazer uma ideia do que ele estava falando. O juiz designado para cuidar do caso de Jenny, quando ela foi presa, foi uma marionete nas mãos de Nathan. Havia o suicídio suspeito de Konrad e, para mim, aquilo significava que tinha gente da polícia envolvida.

Aquilo fedia mais do que carniça em um deserto escaldante.

— Não confia no FBI? — indaguei, mas já sabia a resposta dele.

— Não em todo mundo.

— Mas confia em mim?

— Eu conheço você, Stone.

Ele achava que me conhecia. Acho que nem os meus amigos me conheciam completamente. Mas a parte que Nicholas achava saber sobre mim estava certa.

Agora, eu poderia confiar nele?

Nicholas sempre fora ambicioso em relação ao trabalho e onde queria chegar: no mais alto posto, e faria de tudo para chegar lá. Mas eu nunca o vi agir de uma forma que não fosse correta. Contudo, eu ainda não estava cem por cento seguro se poderia revelar alguma coisa sobre o pen drive.

— O que exatamente quer que eu faça?

— Seja meus olhos e ouvidos onde não posso chegar — disse ele — Vá aonde eu não possa ir. Preciso que trabalhe comigo, Stone.

Eu ainda preferia trabalhar sozinho. Mas Nicholas faria com que algumas informações e acesso que eu precisava saíssem de forma mais rápida. Como interrogar a garota.

— Acredito que também queira manter seus amigos em segurança. Isso não acabou, até que todos os envolvidos com Nathan também caiam.

— Nathan está morto — rangi os meus dentes ao falar — Era a única pessoa interessada em prejudicá-los.

— Você realmente tem certeza sobre isso? Nathan e Neil eram gêmeos idênticos, eles geralmente têm uma conexão. Algumas pessoas podem acreditar que ele sabe mais do que realmente quis falar. Ele esteve no cativeiro, pode ter visto e ouvido muita coisa. Algumas pessoas podem estar bem irritadas.

— Ele não sabe! — sibilei, furioso — Nenhum deles sabe de nada, e deve continuar assim.

Eles mereciam paz. Todos eles. Porra, Liam ainda estava entre a vida e a morte. Eu não tinha por que jogar mais merda em cima deles.

— Não sou eu que tenho que ter certeza sobre isso, Peter — Nicholas resmungou — Bem, com sua ajuda ou não, deixaremos alguns agentes cuidando deles...

— Não! — interrompi, tentando controlar minha raiva — Você não confia em alguns agentes do FBI, e eu muito menos. Além disso, quanto mais alarde vocês fizerem, mais essas pessoas vão achar que eles têm algo a esconder. Minha equipe cuidará disso de forma cautelosa.

— Então, quer dizer que aceita me ajudar nisso?

— Ainda estou avaliando — disse, com muita calma — Primeiro, me diz o que você sabe.

— Nada muito além do que você já deve ter investigado.

Ele estava mentindo, certamente o FBI tinha informações a mais do que eu, mas se Nicholas queria jogar esse jogo, eu entraria nele.

— Nós estávamos investigando o Nathan há alguns meses. Inicialmente, suspeitávamos de Durant. Então surgiu a senhora Durant, e parece que o gêmeo do mal estava obcecado demais, ao ponto de eu baixar minha guarda.

— Sabiam que ele estava vivo e não fizeram nada?

— Queríamos investigar um pouco mais.

Lembrando como eram as coisas quando nós dois trabalhamos juntos, aquilo não deveria me surpreender. Só víamos as pessoas como mais um caso a resolver, feito isso, partíamos para outro sem olhar para trás.

— E o que fizeram até agora?

— Colocamos as prostitutas... — olhei feio para ele. Aquelas mulheres estiveram ali contra a vontade delas, não importava se algumas delas vendiam o corpo antes de serem escravizadas — As vítimas... — Nicholas pigarreou e se corrigiu — Foram levadas para um lugar seguro.

— E quanto a Mendes?

Tinha descoberto o nome dela há pouco tempo, assim que cheguei ao hospital e consegui arrancar de uma enfermeira — que por sorte já conhecia — algumas informações sobre ela.

Fabiana Mendes, brasileira, 22 anos. Assim como as demais jovens naquela casa, teve sua entrada no país de forma ilegal.

— Obviamente deve saber que está naquele quarto — disse ele, mal disfarçando a frustração na voz — A moça não abre o bico. Pelo o que aconteceu e por estar tão arredia, com certeza deve saber mais do que as demais.

— Ela está assustada, Nicholas. É completamente natural que não esteja pronta para falar. Dê um tempo a ela.

— Não é apenas o trauma. Ela não pode falar, literalmente. O que não a impede de se comunicar conosco... — ele esfregou o rosto antes de continuar: — Claro, você não sabe ainda. É melhor ver com seus próprios olhos.

Abri a boca para indagar sobre o que ele estava falando, quando Nicholas ficou em pé, pegou o celular de dentro do bolso da calça e começou a manusear. Quando achou o que procurava, estendeu o aparelho em minha direção.

Era um vídeo. Assim que dei continuidade de onde Nicholas tinha avançado, pude ver Mendes amarrada em uma cadeira, visivelmente machucada. Apenas vê-la assim produziu em mim uma fúria quase que sem controle.

Continuei olhando o vídeo, embora minha vontade fosse jogar o aparelho pela janela.

Assisti Nathan caminhar em volta dela enquanto falava.

“O que vai fazer?”, ela olhava assustada para a lâmina que ele passava em seu rosto. “O que vai fazer?”

Eu nunca vi ninguém tão assustado e desesperado como aquela garota, e já vi e presenciei muita coisa em minha vida.

“Por favor, não me machuque mais”, os lábios inchados suplicaram por clemência.

Que Nathan não teve.

Maldito!

O restante do vídeo me deixou completamente raivoso e nauseado. Ela não nasceu muda como cheguei a cogitar, quando Nicholas revelou que Fabiana não podia falar.

O maldito Nathan a tinha mutilado.

— Desgraçado! — Esmurrei a parede assim que Nicholas retirou o celular de minhas mãos.

Sentia tanta raiva e ódio que desejava que Nathan pudesse estar vivo e eu pudesse fazê-lo pagar lenta e dolorosamente por tudo que havia feito com meus amigos e aquela jovem frágil.

— Pelo visto, ela deve saber muito — disse Nicholas — Mas eu não consegui arrancar nenhuma informação dela. Deixei um caderno no quarto para quando decidisse dizer alguma coisa. A garota é arisca.

— Ela está assustada e ferida, Nicholas! — Esmurrei a parede mais uma vez, deixando uma marca, quando na verdade, queria enfiar o meu punho na cara dele — Que espécie de pessoa insensível é você?

Ele deu alguns passos para longe de mim. Era inteligente o suficiente para saber que deveria ficar longe.

— Eu sei disso, mas eu tinha que tentar. É a vida dela que está em jogo. Precisamos protegê-la até que esteja pronta para dar alguma informação ou se precisarmos que seja testemunha — justificou ele — Eu não posso colocá-la com as outras devido à forma que se comporta, não acho seguro. Pensei que você... Pensei que você poderia tomar conta dela.

Porra!

Aquilo só poderia ser uma piada estúpida. O que eu poderia fazer com uma jovem assustada grudada em mim?

— Essa é a ajuda que você quer? — olhei duramente para ele — Que eu fique de babá?

— Que cuide dela, além de me ajudar nas investigações com a garota — ele deu um sorriso que eu diria ser, no mínimo, cínico, antes de continuar: — Se há alguém que sempre foi bom com as mulheres, esse alguém é você. Pelo que fiquei sabendo, isso não mudou nada.

Caminhei até ele e agarrei a gola de sua camisa. Eu queria socar alguém, e Nicholas estava muito próximo de ser o escolhido.

— Nunca usei sexo para conseguir o que queria no trabalho — olhei ferozmente para ele — Não se atreva a insinuar isso.

— Mas usou depois dele e durante ele. Deve ter saído com todas ou quase todas as agentes do departamento.

— Isso não é da sua conta.

Nicholas segurou meus pulsos, tentando soltar-se de mim, mas eu não estava disposto a deixá-lo sair tão tranquilamente.

— Qual é, Peter? Não estou dizendo para ir para a cama com ela, seria errado — resmungou ele — Mas você sabe deixá-las comendo na palma de sua mão.

Foi o suficiente. Dez segundos depois, Nicholas me olhava furiosamente do chão, enquanto massageava os lábios ensanguentados.

— Porra, Stone!

— Eu vou cuidar dela — disse, abrindo e fechando a minha mão, ainda formigando para voltar a

socar a cara dele, mas me obriguei a me controlar — Porque parece que não há uma pessoa no seu *departamento* — disse a última palavra com notável desprezo na voz — confiável o suficiente. Mas, Nicholas...

Curvei meus ombros até estar a alguns centímetros do rosto dele.

— Não me faça me arrepender em concordar em ajudá-lo. — caminhei em direção à porta.

Levei menos de um minuto do consultório onde tinha deixado Nicholas até o quarto de Mendes. Precisava olhar para ela e ter a certeza de que estava bem. Se é que alguém que havia passado por tudo o que ela passou ficaria bem algum dia.

— Senhor, não pode entrar aí — Um dos guardas tentou me deter quando toquei a maçaneta da porta.

Olhei duramente para cada um deles antes de falar:

— Então me detenha.

Observei um deles se aproximar. Ia ser uma boa briga.

— Jade! — ouvi a voz de Nicholas às minhas costas — Deixe-o entrar. O Sr. Stone tem acesso livre à garota a partir de agora.

O policial se afastou da porta com uma carranca, mas deu passagem para que eu seguisse.

Assim que entrei e a avistei encolhida na cama, dormindo, toda a raiva e revolta que fervilhavam dentro de mim começaram a diminuir. Uma necessidade inexplicável de cuidar e proteger essa garota tomou força no lugar da minha revolta.

E se não fosse o soro ligado a ela, com a possível medicação, teria a pegado em meus braços, como fiz ao encontrá-la naquele porão imundo, e a levaria para a minha casa.

Descobri duas coisas naquele momento: a primeira, que o ódio que eu sentia por Nathan tinha crescido em proporções gigantescas; a segunda, e que deveria ficar muito clara de agora em diante... *Mendes estava fora dos limites para mim.*

Mais que perfeitos

Bem-Casados

Livro 1

Nota

Esta obra trata-se de uma ficção. A autora *não endossa* ou *incentiva* qualquer ato ilegal ou meio manipulativo para entrada ou permanência em um país estrangeiro. Em caso de planejamento de mudança para um país estrangeiro, procure um advogado de imigração. Ele é a melhor pessoa para dar as informações corretas e legais no processo.

Prólogo

Revista Estilo & Vida, Edição 283

“Um casamento perfeito é apenas duas pessoas imperfeitas que se recusam a desistir um do outro.”

Autor desconhecido.

O que é o amor?

Algumas pessoas diriam que é o encontro de duas almas destinadas a ficarem juntas. É quando dois corações se tornam um só. É o sentimento mais sincero, profundo e sublime que alguém poderia ter por outra pessoa. O amor torna às pessoas mais felizes e infinitamente melhores.

Sim. Nós afirmamos que o amor é tudo isso e um pouco mais.

Mas por que algo tão nobre é tão raro de se encontrar?

Você já deve ter escutado a história de como um amigo do amigo conheceu a pessoa certa no supermercado. Ou, que o primo da prima apresentou o candidato certo na festa de casamento dele, formando o mais lindo casal do momento. Ou, que a vizinha da vizinha, literalmente, caiu aos pés do atual noivo em uma entrevista de emprego – bem, na verdade, o último exemplo deve ter lido em um livro. Isso não importa. O que realmente interessa é que pessoas como nós, solitárias, não encontram a pessoa certa caminhando e cantando *Singin' in the Rain* na chuva, como Gene Kelly. Ou, quando as maçãs saem rolando pelo chão em direção ao homem perfeito ao fazer compras no supermercado. Ou, na festa de casamento daquela prima que você detesta, mas foi obrigada a ser dama de honra para não causar um desconforto familiar.

E devemos ressaltar também que a dificuldade de encontrar o par perfeito não é um problema exclusivamente das mulheres. No mundo de hoje, a tecnologia, o empoderamento feminino e a rapidez com que as coisas evoluem, os homens também encontram grande dificuldade em apresentar a nora ideal para seus pais exigentes e, uma sociedade mais exigente ainda.

Podemos atribuir a culpa a uma rotina difícil de estudo e trabalho rigorosos, timidez de se aproximar ou relacionar com outra pessoa, com impossibilidade de manter uma ampla vida social. Não! Ele também não vai encontrar a mãe de seus filhos consertando seu carro na oficina e, nem a bartender terá escondido um anel de compromisso em sua bebida.

A verdade é que sendo homem ou mulher, heterossexual ou homo, no mundo de hoje, está cada vez mais difícil dois corações ansiosos por se apaixonar cruzarem a mesma rua.

Histórias como essas são encantadoras, mas para pessoas como nós são apenas isso, histórias. Passamos a vida toda esperando que o entregador de pizza seja o cara perfeito que te levará ao altar; que por um golpe do destino, a atendente da cafeteria seja a mulher da sua vida.

Não! Não! Não!

Esqueça essas histórias contadas e escreva a sua. O amor nasce de encontros inusitados, mas pode ser planejado e cultivado como uma linda flor no jardim. Torne-se dono do seu futuro amoroso e pare de esperar caridades do Sr. Destino.

A *Bem-Casados* ajudará você nessa aventura emocionante e empolgante chamada Amor.

Não somos mais um *site* de relacionamento onde as pessoas dizem uma coisa e oferecem exatamente o contrário (sexo barato). Não, somos seletivos e rigorosos em nossa seleção e, acompanhamos todas as etapas do casal até o *felizes para sempre*.

Esqueça tudo o que já lhe falaram sobre a pessoa perfeita. Nós oferecemos a você o par ideal.

Conheça nossos pacotes e histórias de sucesso visitando nosso site: www.bemcasados.com

E bem-vindo ao mundo real dos apaixonados!

Você também pode escrever uma grande e emocionante história de amor.

Capítulo 1

Scott

Meus olhos saltavam da revista para o olhar empolgado de Candace. E eu não sabia definir qual das duas me deixava mais estarrecido: a matéria em destaque no folhetim feminino ou a enfermeira à minha frente.

— Você não pode estar falando sério, Candace — fechei a revista e joguei sobre o bloco de receituário em cima da mesa — Um *site* de relacionamento?

Em todos os meus anos como clínico geral e, nos dois últimos, sendo supervisor da emergência, podia afirmar que poucas coisas hoje em dia me deixavam chocado. Presenciei desde um terrível acidente com um ônibus escolar a um paciente com uma garrafa de cerveja enfiada no ânus. A matéria e, principalmente, a sugestão da enfermeira não poderiam me deixar abismado, mas deixaram.

— Por que não? — Candace puxou a cadeira e sentou do outro lado da minha mesa, interrompendo minha linha de pensamento — Todas as nossas tentativas para que você encontrasse a pessoa perfeita acabaram... bem... acabaram de uma forma bastante frustrada, Scott.

Encarei a mulher roliça de rosto simpático e olhar amoroso. Candace não era apenas a chefe de enfermagem, com quem eu tinha um bom relacionamento profissional. Ela era uma amiga de velha data, que eu respeitava e tinha um grande apreço. Candace presenciou a época mais terrível da minha vida. Quando eu era apenas um garoto tímido e cheio de espinhas na cara. E ela também foi testemunha da minha paixão juvenil por sua enteada, Allen.

A linda garota da casa ao lado. A garota perfeita que sempre sorria para mim quando eu ia até a casa dela fazer seus trabalhos escolares ou ajudar a consertar o computador. Eu nunca tinha conseguido entender por que a menina mais perfeita do mundo olharia e sorriria para um garoto tolo como eu, mas ela tinha olhado, tinha sido gentil e foi o suficiente para que eu acreditasse que os breves momentos que passamos juntos significaram alguma coisa para ela também.

— Isso é por causa da Allen e o Dr. Lester? — indaguei, criando algumas linhas de expressão em minha testa.

Não bastou Allen ter sido meu grande e doloroso amor adolescente,

a garota que me deixou ainda mais inseguro para relacionamentos futuros. Agora, tendia a tornar meu presente, no mínimo, incômodo.

Allen passou por um divórcio difícil com o antigo namorado da escola e, com a ajuda da madrasta, tentava reconstruir sua vida. Foi Candace que conseguiu para ela o emprego como gerente na lanchonete que tinha ao lado do hospital. E também foi Candace que apresentou o médico cardiologista, Marcus Lester, à enteada de coração partido, enquanto eu tirava férias seguras longe dela, afirmando a mim mesmo que qualquer influência emocional que Allen ainda pudesse exercer sobre mim, tinha acabado. E era cômico pensar que o médico especialista em cuidar dos problemas do coração, estava comprometido com a mulher que um dia tinha destruído o meu.

— Eu não deveria ter conseguido esse emprego para ela se soubesse que ainda afetava você — murmurou Candace com enorme pesar — Mas é que...

Ergui minha mão interrompendo as explicações dela e o novo pedido de desculpas que seguiria.

— Allen não é um problema para mim — todos os dias repetia isso e acreditei que tivesse me convencido — Além disso, ela é como uma filha para você, Candace, não poderia ter lhe negado ajuda.

Observei Candace respirar fundo e liberar o ar lentamente, aliviada pela absolvição que dava a ela. Sorri e mantive um ar de tranquilidade. Aquele garoto inseguro tinha sido deixado para trás.

Tudo bem que a minha vida amorosa não era algo a ser invejado. Dediquei muito tempo aos estudos e um tempo ainda maior desejando me tornar um ótimo médico. Mas passo mais horas no hospital do que em minha própria casa, o que acabou me tornando um solteirão solitário aos olhos de minha mãe e de Candace, que sentia pena e desesperada necessidade de encontrar a mulher ideal para mim.

— Você tem razão. Eu não podia virar as costas a Allen. Ainda mais depois do casamento desastroso com o Timothy. Eu sempre disse que ele não servia para ela. Ah, se tivesse dado uma chance a você quando eram jovens, ou esperado até que...

Allen Henderson, a garota mais bonita e popular da escola, jamais olharia romanticamente para o garoto desengonçado, acima do peso e com um pavoroso aparelho nos dentes que eu tinha sido.

Ironicamente, nem Allen ou as garotas que sempre me olharam com nariz torcido teriam imaginado que o nerd sem graça se transformaria em um médico respeitável, bem-sucedido, além de um homem interessante e atraente aos 36 anos.

Claro que não sou nenhum rato de academia, mas o corpo roliço foi

desaparecendo no primeiro ano de faculdade quando comecei a correr. Onde existira gordura e flacidez, agora havia músculos definidos, conquistados com muita corrida e natação. Mudar a alimentação por refeições saudáveis também tinha contribuído bastante. Os óculos foram substituídos, na maior parte do tempo, por lentes de contato e o sorriso metálico deu lugar a um alinhado bem próximo à perfeição. Minha dentista dizia que facilmente poderia fazer propagandas de creme dental. Era um exagero, mas o trabalho dela ficou realmente bom.

E eu sabia que tinha me tornado um homem que atraía olhares femininos. Recebi cantadas e olhares sugestivos de pacientes e algumas enfermeiras o suficiente para ter melhorado um pouco minha autoestima, que tinha sido bem baixa no colegial.

Tive alguns casos no decorrer dos anos. Mas, geralmente, eram todas estudantes de medicina ou médicas recém-formadas. Assim como eu, ocupadas e envolvidas demais com a carreira para dedicarem algum tempo a um relacionamento sério.

— Bom, agora ela tem o Marcus — forcei outro sorriso — E ele é um cara legal.

— Sim, ele é — murmurou Candace — Se você não tivesse saído de férias quando ela chegou...

— Nada aconteceu naquela época, Candy. Não estava fadado a acontecer agora. E volto a repetir, estou bem.

Não era como se Allen tivesse partido o meu coração pela segunda vez. Sou um adulto bem resolvido agora e completamente capaz de ter controle sobre minhas emoções. Eu estava bem. Marcus e Allen já estavam juntos há um ano e noivos há seis meses, qualquer sentimento que pudesse ter em relação a ela, estava completa e absolutamente acabado hoje. Extinguira-se há muito tempo, junto com o garoto de olhar sofrido.

— Tem razão. Você sempre foi um garoto prático — Candace voltou a se animar, batendo o dedo na revista — Por isso acho que essa agência é perfeita para você.

— Perfeita? Desde quando caçar uma mulher em uma agência casamenteira é praticidade? — voltei a sorrir, um sorriso um pouco mais sincero desta vez — Pensei que praticidade fosse, sei lá, ir até um bar e oferecer um *drink* a uma bela mulher.

Candace manteve uma das sobrancelhas erguida e me deu um dos olhares de repreensão que minha mãe costumava me dar sempre que ia visitá-la sem uma possível noiva pendurada em meu braço.

Ela queria ver um neto nascer antes de morrer, dizia ela. Embora

tivesse uma saúde de ferro.

— Você frequenta bares ou tem qualquer vida social longe daqui?
— indagou Candace.

Ela era muito boa em puxar o curativo em um único movimento.

— Bem...

— Scott, você vive e respira os corredores deste hospital — ela me interrompeu — Eu duvido até mesmo que saia, que seja o tipo que sai pagando bebidas ao primeiro rabo de saia que vê por aí.

Não era exatamente como ela insinuava. Em quase 90% dos casos, tinham sido as mulheres oferecendo bebidas e uma noite de sexo sem compromisso a mim.

— Você leu o artigo? Eles se encarregam de tudo — insistiu Candace — Desde encontrar a parceira compatível, até marcar os encontros e ajudá-los a chegar a um entendimento. E você só tem que se candidatar e preencher os benditos formulários.

— Esqueceu-se da taxa — digo em um tom provocativo.

— Isso não é um problema para você — ela resmungou.

E não era mesmo. O valor era consideravelmente mais alto do que tinha pesquisado em alguns *sites* de namoro pela internet ou aplicativos de celular. O serviço que a *Bem-Casados* oferecia (se cumprissem mesmo o que ofereciam), era inquestionavelmente superior também.

— Só diga que irá pensar — pediu Candace — Quero vê-lo feliz, Scott.

Não era muito diferente dos encontros às cegas que minha mãe e Candace tinham planejado e me obrigado a ir durante o último ano. Talvez o amor devesse ser encarado exatamente como o artigo da revista havia destacado. Com racionalidade e praticidade. As mulheres que se inscreviam estariam buscando o mesmo que me sentia impelido a encontrar: uma companhia agradável disposta a iniciar uma família.

— Prometo que vou pensar, Candy.

Olhei para o ícone no *iPad* piscando em cima da mesa no mesmo momento que ela se preparou para argumentar e agradei a interrupção bem-vinda.

— Agora preciso ir — afastei a cadeira e peguei o jaleco no suporte.

Senti a mão rechonchuda de Candace pousar em meu ombro no momento que toquei a maçaneta da porta.

— Sei que existe uma garota especial para você em algum lugar aí fora — Candace tocou o meu rosto e, com a mão livre, fez um movimento amplo em direção ao corredor — Só não deixe que isto aqui seja maior do que ela

quando encontrá-la, Scott.

As palavras de Candace ficaram povoando minha cabeça pelo restante da tarde. Eu tinha me tornado um desses médicos casados com a profissão? E, acima de tudo, seria capaz de mudar agora?

Eu não conseguia ver a expressão de Andrew enquanto ele estivesse com a cabeça enfiada no meu carro, mas o silêncio que seguiu após eu ter contado alguns detalhes sobre a agência parecia suficiente para que imaginasse qual seria sua resposta. Ele deveria estar pensando exatamente o mesmo que eu concluí durante o caminho até sua oficina: *Essa era uma ideia idiota!*

— Só precisa trocar o óleo — Andrew pegou um bolo de estopa para esfregar as mãos sujas de graxa — O motor está tão bom quanto o retirou da loja há... — ele coçou o queixo, deixando uma nova marca negra ao lado das outras mais claras — Dois anos?

Até o meu carro denunciava o meu estilo de vida. Eu tinha um belo carro esportivo que conhecia mais minha garagem e a do hospital do que estradas desafiadoras. Mas não foi para falar sobre o carro que eu tinha ido até a oficina de Andrew.

Fomos vizinhos e amigos desde o primário. Enquanto eu tinha sido um nerd desengonçado, Andrew tinha sido o típico garoto bonito, metido a rebelde. Eu tive uma família amorosa e feliz. Andrew teve pais complicados. A única coisa que tínhamos em comum era um lado solitário. Eu não sabia como me aproximar das pessoas e fazer amizades, Andrew tendia a afastar qualquer pessoa que tentasse se aproximar demais.

Eu ficava em silêncio e o ouvia quando precisava ser ouvido, Andrew me defendia dos valentões e covardes da escola quando tentavam tirar vantagem de mim. Ajudar um ao outro, de alguma maneira, fez com que desenvolvêssemos anos de amizade sincera e leal. Amizade que resistiu à minha ida à universidade e Andrew vagando de um canto a outro por três anos até se casar com a namorada grávida, que veio a falecer no parto do bebê.

Quando ele retornou a High Mountain com o pequeno Billy nos braços, tentei ser o melhor apoio que ele pudesse ter e o melhor tio postiço que o menino conheceria.

— Três anos — o corriji sobre o carro — Agora, qual a sua conclusão sobre o outro assunto?

Se havia alguém que me conhecia bem era Andrew. Portanto, não havia pessoa melhor para me dar uma opinião.

Andrew desceu a porta de ferro, fechando a oficina, e caminhou languidamente até o frigobar antigo, de onde tirou duas garrafas de cerveja,

jogando uma a mim. Abri minha garrafa enquanto ele erguia o braço que parecia ainda mais tatuado do que a última vez que o vi. Ele tomou um longo gole antes de responder a minha pergunta.

— Pensei que ser um solteiro inveterado estava bom para você.

Até cerca de um ano estava. Basicamente, até seis meses atrás quando Allen e Marcus fizeram o anúncio feliz sobre o casamento deles que aconteceria dentro dos próximos meses.

Não que sentisse alguma coisa por ela. Qualquer ilusão (se é que nutri alguma), tinha sido esmagada quando os vira juntos e apaixonados na lanchonete ou pelos corredores do hospital. Não amava Allen. Talvez nunca tivesse amado-a de verdade. Fui apaixonado pela ideia de me apaixonar por ela. Mas não podia continuar fingindo que ver o casal radiante não tenha mexido comigo.

Seria um homem solitário eternamente? Vivendo em uma casa vazia e silenciosa, dedicado aos pacientes e hospital?

Sempre que via Andrew com seu filho de nove anos, ficava impossível não perceber o amor e ligação entre eles.

— Não foi exatamente uma opção — resmunguei em um tom defensivo.

Andrew bebeu outro gole antes de argumentar.

— Você não é o maior sedutor que conheço, Scott — ele colocou a garrafa na mesa e cruzou os braços — Mas não foi nenhum celibatário. Tudo isso é por causa da garota? A idiota nunca mereceu você.

— Não é por causa da Allen. É por causa do Billy.

— O que meu filho tem a ver com isso?

Como dizer a Andrew que passei muito tempo desejando o que ele tem sem parecer um babaca espumando inveja?

— Já tenho 36...

— Nossa, é um velho caquético mesmo — ele sacaneou, voltando a entornar a bebida, jogando a garrafa no lixo em seguida — Isso me torna o quê? Um ancião em perigo?

— O que quero dizer é que... Sei que foi um choque e que foi muito difícil ter perdido a Joanne tão repentinamente — embora tivesse passado nove anos, ainda era um tema delicado de se tocar — Mas sempre que vejo você e o Billy juntos... Sei lá, parece incrível.

O ar angustiado que, por um instante, tinha brilhado nos olhos de Andrew foi substituído por um brilho orgulhoso pelo filho. Ele era o pai amoroso que nunca chegara a ter.

— Hum-hum — ele pigarreou, limpando a garganta. Homens como

Andrew eram durões demais para permitir se emocionar — Tirando a parte que está agindo como solteirona chorosa e desesperada por casamento...

Ele buscou outra garrafa no frigobar e eu ignorei sua provocação.

— Acho que talvez seja uma boa ideia.

— Você está falando sério? — indaguei surpreso.

Eu tinha ido até ali porque tinha certeza que Andrew gargalharia sobre a sugestão de Candace e me faria enxergar que a ideia era completamente absurda, jamais esperei que ele fizesse coro à senhora sentimentalista.

— Você quer esposa e filhos, mas não tem uma vida, digamos, agitada. Chega uma hora que até os homens pensam sobre isso. E você sempre foi o tipo mais família do que eu. O que poderia ser melhor do que conseguir do jeito mais pragmático possível?

E quantos aos sentimentos? Não esperava me apaixonar perdidamente por alguém com ou sem casamento; até concordava com a questão de resolver tudo racional e objetivamente, mas, ao mesmo tempo, parecia tão frio.

— É melhor dominar os sentimentos, meu amigo — disse Andrew com uma expressão enrijecida — E não deixar que eles te dominem. Sem riscos, sem sofrimento.

— Filosofia de oficina? — graciei.

— Eu sou um homem sábio — disse ele antes de olhar o relógio em seu pulso — E que precisa pegar o filho na escola. Fica para o jantar? Aposto que pizzas, algumas cervejas e um garoto barulhento farão você repensar o assunto.

Fazia algum tempo que não passava um momento maior com meu afilhado, ultimamente nos falávamos por telefone e eu fazia visitas rápidas na casa deles.

Ao contrário do que Andrew quisera insinuar, Billy era um garoto inteligente e divertido. Talvez fosse o peso necessário para dizer para que lado da balança eu devesse inclinar minha decisão.

Capítulo 2

Cassandra

Havia uma caixa de lenço vazia jogada sobre a mesa em frente ao sofá e dezenas de bolinhas de papel sobre o tapete e ao redor da pantufa rosa, em formato de elefante. Olhei para a cena catastrófica à minha volta e assuei o nariz com força, soltando um ruído fanhoso e desconcertante. Não sabia se era sorte ou azar não ter ninguém para presenciar a cena deprimente. Minha querida avó teria feito um chá de hortelã e me coberto com a sua manta preferida e quentinha, enquanto compartilharia comigo lembranças especiais sobre os meus pais, que perdi após um acidente de barco, quando eu tinha 12 anos.

Soltei mais soluços ao recordar isso e abri outra caixa de lenços. Talvez eu me sentisse melhor quando minha melhor amiga, Jordan, aparecesse com suas mensagens positivas tiradas de algum livro de autoajuda e seu Kit Levanta Defunto. Eu me sentia meio morta-viva mesmo desde o último fim de semana.

Era tão bom ter pessoas de quem gostamos e confiamos por perto. Ter um ombro amigo para apoiar a cabeça e nos consolar em momentos de crise. Pensar que em breve voltaria a ser uma pessoa sozinha no mundo fazia meu coração doer. Não havia mais nada na Itália, especialmente no pequeno vilarejo de Castelmezzano, esperando por mim. Não havia parentes, amigos e nem mesmo a casa onde cresci. Eu a tinha vendido para vir para High Mountain, onde estudo Arte por quase quatro anos.

Não esperava conhecer pessoas tão incríveis como Jordan, os pais dela e seus dois irmãos. Minha ideia original ao chegar ao país era de concluir o curso, pegar o diploma e, com o restante do dinheiro que sobrou com a venda da casa, viajar pelo mundo. Mas os Pisani, tendo uma ascendência italiana, sendo pessoas festivas e amistosas, rapidamente me acolheram e me receberam de braços abertos no seio familiar.

Em High Mountain, encontrei mais do que amigos, eu tinha uma nova família, que iria perder porque meu visto de estudante iria vencer em alguns meses.

Eu deveria ter sido mais inteligente e cautelosa ao imaginar que a ideia de que o irmão mais velho de Jordan se casaria comigo poderia não acontecer.

Agora, eu teria que deixar não apenas o país, mas High Mountain,

onde tinha uma vida que amava, e doeria muito abandonar tudo porque eu não passava de uma mera imigrante.

Não tinha mais como fugir.

Eu teria que ir embora!

A campainha tocou, cortando uma nova onda de desespero. Ignorei as pantufas, caminhei descalça até o tapete acabar e senti o chão gelado sob meus pés. Meu coração parecia estar mais frio do que eles.

— Eu sei, estou atrasada — foi o cumprimento de Jordan antes de entrar como um furacão — Mas surgiu um problema inesperado na escola e, depois, encontrei com a Sra. Delp no mercado e você sabe como ela é.

Jordan trabalhava no Instituto de Artes de High Mountain, onde eu estudava, e foi lá que nos conhecemos. A Sra. Delp é uma professora aposentada que dividia seu tempo entre a gata Sussy e visitas longas à escola onde trabalhou por muitos anos. Se havia uma coisa que a Sra. Delp gostava de fazer era conversar.

Isso era uma das coisas que amava em High Mountain. Era uma cidade pequena, montanhosa, e me fazia lembrar bastante Castelvezzano.

— A gata dela teve filhotinhos essa semana — disse antes de fechar a porta, que Jordan tinha deixado aberta ao entrar — Em outro momento teria ficado com algum que ela me ofereceu, mas agora...

Antes que eu terminasse a frase, Jordan jogou os pacotes de compra sobre a mesinha da sala e me amparou em um abraço apertado.

— Ah, minha querida, não fique assim — murmurou ela, um momento depois pegou um lenço de papel, oferecendo a mim — Não acredito que o George fez isso com a gente.

Jordan caminhou furiosa até o sofá, onde se jogou.

— Quem se apaixona e se casa em três meses? — indagou Jordan, franzindo o rosto e jogando as mãos para o céu — Três meses!

Eu seria a última pessoa no mundo que poderia condenar seu irmão.

— Alguém como o George? — sugeri — Não podemos culpá-lo por se apaixonar e se casar com uma garota quase na mesma situação que eu.

Eu tinha por George o mesmo carinho que tinha por sua irmã e toda a família dele. E ele tinha apreço por mim o suficiente para aceitar a sugestão de Jordan de se casar comigo, garantindo, assim, que eu pudesse continuar morando em High Mountain. Não era o caminho mais correto, mas eu faria o que fosse preciso para não ter que dar adeus a todos eles, a minha nova família.

O problema foi que nenhum de nós chegou a cogitar que George viesse a se apaixonar por uma aluna francesa e que ele teria que resgatá-la, por amor, ao invés de a mim. Não, eu não podia culpar George por me deixar na

mão.

— Eu queria odiar a francesinha — resmungou Jordan — Mas ela é uma garota legal.

— Tudo bem, Jordan — tentei manter uma voz segura, embora por dentro eu estivesse desmoronando — Não se sinta culpada e também não culpe o seu irmão. Eles só estão apaixonados.

E nenhuma de nós poderia negar que eles formavam um belo casal.

Jordan fungou baixinho e buscou os pacotes esquecidos na mesa. Eu vi um vislumbre de lágrimas brilhar em seus olhos, mas decidi deixar isso passar. Ela sempre ficava encabulada quando nos encontrávamos um pouco emotivas.

— É uma pena que meu irmão Vittorio só tenha 14 anos — disse-me entregando um pote de sorvete — Mas...

Ela tirou um exemplar da revista *Estilo & Vida* que sempre a flagrava lendo quando a encontrava na recepção, após as aulas.

— Encontrei a solução perfeita — disse ela balançando a revista.

— Em uma revista? — tentei disfarçar minha cara de incredulidade, mas como Jordan dizia, eu era muito transparente — Fazendo algum teste ou algo parecido?

— Por que é tão descrente, Tomé? — Jordan balançou a cabeça folheando as páginas — Aqui. Leia.

Enquanto ela ia até a cozinha buscar colheres para tomarmos sorvete direto do pote, iniciei a leitura do artigo que falava sobre uma agência de casamento. Não era uma agência que cuidava de casamentos para casais apaixonados prestes a se casar. Era uma agência que unia as pessoas. Preparando-as para um casamento que eles diziam ser seguro e feliz.

— Esta sugerindo que eu...

— É a solução perfeita para os seus problemas — Jordan se sentou ao meu lado, dizendo isso como se fosse muito natural — Pegue um homem bonito, case-se e continue em High Mountain com a gente.

Soltei a revista e encarei-a com meus olhos arregalados.

— Não pode sugerir que eu procure um homem como se escolhesse roupas em um catálogo e me case com ele em seguida.

— Mas você ia se casar com o George!

— Mas ele é o *seu* irmão e *meu* amigo.

Jordan respirou fundo e cruzou os braços. Eu a conhecia relativamente bem para saber que estava se armando para me vencer em um diálogo.

— Você gosta da gente, não gosta? Digo, de mim e da minha

família.

Ela era boa. Sabia pegar no ponto exato que iria me desestabilizar.

— Sabe que sim. Não tenho mais ninguém na Itália — minha voz tornou-se rouca e lágrimas vieram aos meus olhos — A maior parte da minha dor é ter que dar adeus a vocês. Realmente tornaram-se como uma família para mim, Jody.

— Pois é. Em quatro anos, aprendeu a nos amar e nós amamos você — continuou ela, em um tom emocionado também — Você pode chegar a ter carinho por esse homem. Quem sabe ele não é o homem da sua vida?

Bom, muitas vezes pessoas que casavam acreditando estar apaixonadas descobriam no decorrer do enlace que não tinham nada em comum. E havia casos de amores que surgiam com o tempo e a convivência.

— Bem, High Mountain não é um lugar recheado de príncipes encantados esperando por você — continuou Jordan — Acho que até eu vou me candidatar.

Eu não duvidava. Ao contrário de mim, Jordan era curiosa e corajosa o bastante para tentar.

— Mas e se eu me deparar com um psicopata ou coisa assim? — indaguei, sentindo-me receosa.

Jordan pegou a revista e me mostrou um trecho da matéria.

— Veja aqui — disse ela deslizando o dedo pelas linhas — De acordo com isso, é feita uma triagem rigorosa. Talvez você nem seja aceita devido as suas condições legais.

Sobre isso ela tinha razão. Quem iria querer se casar com uma mulher prestes a ser expulsa do país?

— Entre no site, pesquise e veja os depoimentos de sucesso — disse Jordan devolvendo a revista e ficando de pé — Pense com carinho, Cassy. Não consigo pensar em mais nada que possa ajudar você.

A revista tremeu em minhas mãos. Eu sabia que Jordan estava certa. Meu tempo estava acabando e mesmo que um tanto absurda, essa pode ser a chance que eu vinha pedindo aos céus.

— Não vai ficar aqui? — indaguei alarmada quando ela se inclinou para beijar minha cabeça e seguiu em direção à porta.

— Creio que você tem muito que pensar e decidir — disse ela com um sorriso fraco — Só pense com carinho, Cassy. Todos nós queremos que continue com a gente.

Claramente eu não voei até meu *notebook* para destrinchar cada detalhe do *site* e, assim, sanar todas as minhas dúvidas. Nos quinze minutos seguintes, após a saída de Jordan, eu me encolhi no sofá, gastando mais alguns

lenços de papel, sofrendo pelo que eu achava inevitável, mais uma vez estava prestes a perder pessoas que tinham se tornado tão importantes para mim.

Mas, estava disposta a me jogar de cabeça nessa aventura para mudar isso?

Sim, eu estava. E após quase duas horas ruminando cada informação que encontrava no site *Bem-Casados*, minha decisão estava tomada.

Preenchi o formulário inicial e enviei meu pré-cadastro à agência. Minha única angústia no momento era se eu seria aceita, e logo. Minha esperança era que Jordan estivesse certa. Talvez eu não encontrasse o homem da minha vida, mas se o homem que eu encontrasse fosse bom, decente e desejasse criar laços como eu ansiava, já me sentiria uma pessoa de sorte.

Talvez não fosse tanta loucura como imaginei. Casais reais e felizes tinham se formado. O amor não tinha que ser uma paixão fulminante ao primeiro olhar. E eu continuaria em High Mountain. Teria o carinho e apoio dos Pisani caso algo, como um divórcio, acontecesse.

— Talvez eu possa escolher um dos filhotinhos da Sra. Delp — murmurei quando me recolhi na minha cama — E parar de falar sozinha neste apartamento solitário também.

E após dias chorando sempre que ia para a cama, eu tinha um esperançoso e tranquilo sorriso no rosto.

Talvez muito em breve, em vez de me preocupar em fazer as malas, eu tivesse um lindo casamento para planejar.

^[1] É parecido com um bule, mas tem uma torneira que mantém o chá quente por horas.

^[2] Bolos Kartochka: eram uma das sobremesas soviéticas mais famosas. Eram originalmente preparados no lendário restaurante Praga. A receita leva restos de bolos esponjas, biscoitos quebrados e torradas velhas. Também era bem comum acrescentar farelos de pão de gengibre.

^[3] Aria é uma das mais antigas e bem-sucedidas bandas do Metal russo. O primeiro show da banda foi em 1986.

Table of Contents

[Disclaimer](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Nota da Autora](#)

[Sinopse](#)

[Nota](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Nota](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)